Fake friends. Real benefits.



If Only You

A BERGMAN ~~BROTHERS~~ *sister* NOVEL



CHLOE LIESE



Sinopse

Prepare-se para saudades, risos e um slowburn de te fazer suspirar neste romance esportivo com o melhor amigo do irmão sobre fazer um gol no amor de sua vida quando você menos espera.

Ziggy

Sou a jogadora mais jovem da seleção nacional de futebol, o bebê da minha família e estou farta de ser subestimada, então decidi resolver o problema com minhas próprias mãos. É aí que entra o melhor amigo e companheiro de equipe do meu irmão, o infame Sebastian Gauthier.

Seb precisa recuperar sua reputação. Eu quero melhorar a minha. Então, proponho uma amizade falsa com benefícios reais: passar um tempo sob os olhos do público, minha imagem de boa menina e sua notoriedade de menino mau passando uma para a outra. Ele é minha fantasia tortuosa de cabelos escuros ganhando vida, mas seus modos destrutivos tornam mais fácil mantê-lo na (falsa) zona de amizade. Ou foi assim que pensei, até começar a ver o coração de ouro que ele esconde sob aquela superfície sinistra...

Sebastian

Como qualquer depravado que se preze, estive em uma espiral descendente e, finalmente, cheguei ao fundo do poço. Minha carreira no hóquei e patrocínios estão em risco e, embora não

esteja realmente pronto para mudar meus hábitos, fico feliz em fingir que sim, para garantir a vida que estou prestes a perder.

Então, quando a irmã do meu melhor amigo, Ziggy Bergman, propõe uma "amizade" pública para renovar nossa reputação, é uma oferta que não posso recusar. Até agora, fiquei longe da doce e tímida irmãzinha de Ren para evitar qualquer risco de arruinar minha única boa amizade. Mas garanto a mim mesmo que não há risco em nosso esquema. Vou fingir uma amizade com Ziggy, consertar minha reputação e voltar ao hóquei, a única coisa que amo. Pelo menos era, até que o que começou como um acordo transacional se tornou o relacionamento mais amoroso que já conheci.

If Only You é um romance com o melhor amigo do irmão, com amigos (falsos) com benefícios, de amigos para amantes, um romance sobre uma estrela do futebol de grande coração, silenciosamente feroz e que está no espectro autista, e um jogador de hóquei completamente sem princípios, quase irremediável, que tem doença celíaca. Repleto de um nível absurdo de desejo mútuo, família e amigos intrometidos e um slowburn lento picante, este standalone é o sexto de uma série de romances sobre uma família sueco-americana de cinco irmãos, duas irmãs e suas aventuras selvagens enquanto cada um encontra o seu felizes para sempre.

Nota de Conteúdo

Inclui Spoilers

Este é um romance explícito que retrata em suas páginas uma intimidade sexual e consensual. Esta história inclui uma personagem no espectro autista e um personagem com doença celíaca. Também inclui o tópico a respeito de automedicação com uso de álcool e substâncias, tendo também experiências passadas de um padrasto verbalmente abusivo e abandono parental. Com a orientação de minha própria experiência, além do uso da minha autenticidade e da ajuda de leitores beta, espero ter dado a esses assuntos o cuidado e o respeito que merecem.

Nota da Playlist

No início de cada capítulo, uma música e um artista são fornecidos como um outro meio opcional de se conectar emocionalmente com a história. Não é uma exigência – para alguns pode ser uma distração ou, para outros, inacessível – nem as letras são literalmente sobre o capítulo. Ouça antes ou durante a leitura para uma experiência com trilha sonora. Se você gosta de playlists, em vez de pesquisar individualmente cada música enquanto lê, pode acessar diretamente essas músicas em uma Playlist do Spotify fazendo login na sua conta do Spotify e inserindo "If Only You (BB # 6)" no navegador de pesquisa.

Tabela de Conteúdos

Sinopse

Nota de Conteúdo

Nota da Playlist

Tabela de Conteúdos

Aviso — bwc

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33

Para os corações durões que bravamente aprendem a amolecer,
e aos corajosos corações-moles que os amam como amam.

“Corações partidos, amor não correspondido e uma miséria inconsolável são assuntos que, felizmente, só li em livros.”

— Jane Austen, *Sanditon*.

Aviso - bwc

Essa presente tradução é de autoria de um grupo de tradução. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de possibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

• Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tuíte dizendo que tem esse livro traduzido);

• Não comente com o autor que leu este livro traduzido;

• Não distribua este livro como se fosse autoria sua;

• Não faça montagens do livro com trechos em português;

• Se necessário, finja que leu em inglês;

• Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos excluí-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.

1

ZIGGY

Música da Playlist: "Shame", Elle King

Esse talvez seja um dia perfeito. Exceto por uma pequena coisa:

Minha calcinha.

De pé ao lado dos meus irmãos, sorrio para outra foto de casamento e tento me concentrar em como esse dia tem sido mágico, ao invés do quão rápido minha calcinha está se enterrando na minha bunda. Penso nesse lindo casamento à beira-mar que ocorreu sem problemas para meu irmão Ren e sua agora esposa, Frankie, que tem sido como uma irmã para mim há anos. Penso no glorioso sol cor de tangerina brilhando no horizonte, na deliciosa brisa do mar que me refresca nesta tarde, apesar do calor que envolve toda a nossa caótica ninhada dos Bergman – meus pais, meus seis irmãos, seus parceiros, minha sobrinha e meu sobrinho.

A câmera faz um click quando minha pequena demonstração de apreço chega ao fim, infelizmente não me deixando menos ciente da calcinha infernal enfiada na bunda. Eu mexo minha bunda para tentar tirá-la de lá e forço minha careta em um sorriso enquanto o fotógrafo pede mais uma foto.

— Ok — diz Frankie após o próximo click da câmera, afastando uma mecha de cabelo escuro de seu rosto. — Já foram registradas memórias o suficiente. Esta noiva precisa de uma cadeira, cinco minutos de silêncio e uma taça bem grande de vinho tinto.

— Já está chegando — diz o organizador do casamento, entrando em ação.

A pose em que o fotógrafo forçou nossa família a se agrupar para uma foto se dissolve em uma interação fácil – repleta de risadas breves e conversas constantes. Antes que alguém possa me segurar, eu corro pela areia, as sandálias enganchadas em meus dedos, indo direto para o local elegante que possui grandes portas abertas para a visão da praia e seus sons, a luz minguante se misturando com velas de marfim e centros de mesa florais.

Tentando ser cautelosa, vou até o canto do recinto, vasculhando na memória onde era o banheiro mais próximo, embora, neste momento, eu aceite um armário, um cantinho, qualquer primeiro espaço privado disponível, para tirar essa calcinha horrível, porque eu estou prestes a enlouquecer.

Nem todo mundo fica tão aborrecido com uma calcinha ficando no meio da bunda; no entanto, eu sou autista e tenho muitas questões sensoriais. Costuras que pinicam, tecido amontoado onde não deveria estar, me deixam em um espiral se eu não resolver o problema no mesmo segundo. Preciso en-

contrar um lugar para lidar com minha miséria sensorial *imediatamente*.

Quando finalmente localizo o banheiro e acabo por acaso na área do lounge – onde há uma namoradeira pétala em veludo de cor rosa-coral e com detalhes em bronze – paro abruptamente, encontrando a única coisa que poderia me distrair da calcinha infernal:

Pessoas falando sobre mim.

— Não me entenda mal, a Ziggy é uma querida. Ela realmente é. — Não consigo vê-la, mas reconheço aquela voz. É a Bridget, uma das jogadoras de meio-campo recém-aposentada da Seleção, cujo lugar eu ocupei em nosso time titular. — Ela é apenas tão...

— Jovem — oferece uma voz que também reconheço. Martina, outra jogadora recém-aposentada e ex-zagueira titular.

— Exatamente — diz Bridget. — Francamente, fiquei surpresa por ela *sequer* ter entrado na equipe. Quando Mal perguntou o que eu pensava sobre o lugar dela na equipe, eu disse a ele que ela é talentosa, mas não tem confiança, o... *porte* para ser titular, para a exposição e a pressão que isso coloca em você.

— Ela realmente não tem — Martina concorda. — Quero dizer, assim que a câmera aponta para ela, ela fica em silêncio e seu rosto fica tão vermelho quanto o seu cabelo.

Minha mão vai para o meu cabelo. E minhas bochechas esquentam. Minha visão está começando a ficar embaçada.

— Bem, em breve Mal perceberá o erro que cometeu.

Lágrimas semelhantes escorrem pelo meu rosto. Minhas mãos estão em punhos cerrados, tremendo enquanto a raiva ferve dentro de mim. O que Bridget e Martina disseram é tão injusto. Mas também não é algo novo. Estou dolorosamente familiarizada com essa atitude, essa percepção de que sou jovem e ingênua, uma pessoa inocente e delicada que não consegue lidar com o mundo real.

Minha família me mima. Minhas colegas me subestimam. Estou cansada disso e estou enjoada, pensando sobre o que essa percepção, se persistir, poderá me custar – o que quase me custou, mas que não aconteceu pelo fato do treinador Mal ignorar os avisos de Bridget e ter me colocado no time de qualquer maneira.

Estou brava por ter que lidar com essa bobagem hoje. Eu entendo por que meu irmão Ren convidou Bridget e Martina para o casamento dele. Elas são atletas profissionais locais de alto nível que colaboram generosamente com sua instituição de caridade. Mas ainda assim, neste exato momento, eu realmente gostaria que ele não tivesse as chamado.

— Tudo bem — diz Martina, sua voz ficando mais alta do lado do lounge onde é o banheiro. — Já chega de se arrumar. Quero pôr as mãos naqueles aperitivos. Eles parecem muito bons e não vão durar para sempre. Este lugar está cheio de

atletas profissionais, você certamente sabe quanta comida eles podem engolir.

Bridget bufa.

— Sim. Eu já vi você comer.

A risada ecoante de Martina se aproxima. Elas estão prestes a me ver e saberão que eu as ouvi. Desesperada para evitar isso, eu giro e corro para fora do ambiente, esbarrando direto na minha irmã.

— Opa! — Minha irmã mais velha, Freya, me segura pelos ombros quando eu esbarro nela.

Eu abaixo minha cabeça, rapidamente enxugando o meu rosto, mas Freya percebe.

— Zigs, o que há de errado? Alguém te chateou? — Ela passa o braço em volta de mim e me puxa pelo corredor. — Ei, fala comigo. Não posso ajudá-la se você não falar comigo.

— Eu não preciso da sua ajuda! — Eu me afasto quando viramos a esquina do corredor, felizmente nos escondendo de Bridget e Martina. — Eu não preciso que você cuide de tudo ou qualquer coisa desse tipo, e eu não preciso que você me defenda.

Freya pisca, seus olhos azul-acinzentados claros, assim como os de nossa mãe, arregalados em surpresa. Lentamente, ela levanta as mãos em sinal de rendição.

— Ok. Desculpe. Eu entro no modo mamãe ursa, você sabe disso. Eu só quero cuidar de você. Você é minha irmãzinha.

Balanço a cabeça, fechando os olhos com força.

— Sou a caçula da família, mas não sou mais um bebê, Freya. Sou uma mulher de vinte e dois anos. — Bufando, olho para o teto e tento me acalmar. — Eu já posso votar. Já tirei minha carteira de motorista. Tenho um emprego e um apartamento. Eu pago meu aluguel. Eu cuido de mim, ok?

Freya abaixa as mãos, sua voz calma e hesitante.

— Tudo bem, Ziggy. Desculpe.

A culpa se revira em meu estômago. Eu feri os sentimentos de Freya, e não foi a minha intenção. Eu queria ser honesta, dizer a verdade, mas não disse isso de uma forma que a tranquilizasse.

Muitas vezes, sinto que quando sou verdadeira e honesta, é como se não conseguisse fazer nada certo.

— Está bem. Sinto muito também, eu só... — rosnando em frustração, aperto minhas sandálias com força. A localização da minha calcinha na minha bunda está se transformando na minha história de origem como vilã. — Eu só preciso de um lugar para tirar essa maldita calcinha!

Caminhando pelo corredor e deixando minha irmã para trás, avisto as portas de vidro que se abrem para um terraço escuro, com um telhado íngreme protegendo-o das últimas vinhas da planta mal-me-quer à luz do crepúsculo. Plantas tropicais altas cobrem os ladrilhos de cor terracota e formam um oásis pequeno e exuberante, proporcionando-me muita privacidade para o que preciso fazer.

Eu largo minhas sandálias e subo meu vestido para alcançar o cós da minha calcinha. Com um suspiro de profundo alívio, coloco meus dedos no cós, em seguida, arrasto o tecido irritante pelas minhas coxas. Quando atinge meus tornozelos, comemoro jogando a calcinha horrível com meus pés pelo ar sobre a minha cabeça. Então eu me viro, preparada para pegá-la.

Exceto que quando me viro, vejo que alguém chegou antes de mim.

Alguém descansando nas sombras, suas longas pernas estendidas...

Uma mão familiar e tatuada, segurando minha calcinha.

Eu retiro o que disse. Não era a calcinha infernal, ou as fofocas de Bridget e Martina, ou minha família bem-intencionada, mas sufocante, que vai arruinar este dia perfeito. É a visão da minha calcinha pendurada no dedo indicador bastante tatuado de Sebastian Gauthier.

O calor sobe pela minha garganta e inunda minhas bochechas enquanto o melhor amigo do meu irmão me encara através das sombras. Lentamente, ele se senta e se inclina para a frente, com os cotovelos nos joelhos.

Então ele dá um pequeno giro com minha calcinha em torno de seu dedo.

De alguma forma, minhas bochechas esquentam mais. Eu vou morrer de mortificação.

— Perdeu alguma coisa? — Ele pergunta.

É o maior tempo que ele já olhou em minha direção, o maior número de palavras que ele já falou para mim. (Nós nos encontramos algumas vezes na casa de meu irmão Ren ou depois de seus jogos, que é quando eu só recebo um aceno de cabeça conciso seguido de um "olá" frio.) Em qualquer outro dia, eu provavelmente ficaria aqui, calada, atordoada por Sebastian ter reconhecido a minha existência.

Mas hoje estou no meu limite. Lidei com uma multidão barulhenta, uma calcinha irritante, colegas de time mesquinhas, uma família superenvolvida e estou *farta*.

Com as bochechas queimando e o fogo correndo em minhas veias, dou dois passos no espaço entre nós e estendo a mão para pegar a minha calcinha enquanto ele a balança preguiçosamente em seu dedo.

No último segundo, Sebastian se afasta e faz alguns truques confusos que fazem a calcinha desaparecer. Um suave *tsc* estremece no ar enquanto ele me olha com uma sobrancelha escura levantada.

— Não tão rápido.

Eu olho para ele.

— Me dê minha calcinha.

Com o olhar fixo no meu, ele abre um sorriso perigosamente lento e sensual. E, naquele momento, entendo exata-

mente como Sebastian Gauthier conseguiu se safar de ser um humano tão desprezível: ele é desprezivelmente lindo.

Eu encaro aqueles raros olhos de cor mercúrio, frios e afiados enquanto eles me encaram de volta. Seu cabelo escuro balança na brisa do mar, algumas ondas soltas acariciam sua têmpora antes de serem jogadas para trás, revelando a beleza plena e injusta de seu rosto. Olhos cinzentos e frios emoldurados por cílios grossos e escuros. Um nariz longo e definido. Aquela boca excessivamente exuberante, duas covinhas gêmeas em cada bochecha.

Desleixado em sua cadeira novamente, as pernas longas esticadas, ele usa uma bota ortopédica em seu pé direito que eu só posso imaginar ser uma droga de usar na areia, embora eu não esteja inclinada a sentir muita coisa em termos parecido com simpatia em relação a ele agora. Dedos tatuados e com anéis de prata tamborilam nos braços da cadeira. Ele está vestido com um terno de cor carvão tão escuro que é quase preto, uma camiseta branca de botão aberta demais, revelando um pedaço grande de pele bronzeada e correntes de prata. Da clavícula para baixo, cada centímetro exposto dele está *coberto* de tatuagens.

Em outro mundo – no qual ele não é um idiota sem remorso – eu poderia confundi-lo com um daqueles vilões moralmente questionáveis que estrelam os romances de fantasia que leio desde a adolescência. Perigoso e de cabelos escuros, tatuado e zangado. Vilões que acabam se redimindo, revelan-

do sua verdadeira natureza quando provam ser heróis profundamente bons, feministas e que se sacrificariam.

Eu sei. É chamado de *fantasia* com romance por um motivo.

Enquanto ele me inspeciona com aquele olhar frio e afiado, coloco minhas mãos nos quadris e o encaro, profundamente irritada.

Ele é literalmente *a* pessoa mais bonita que eu já vi.

Mas, embora pareça que ele possa abrir asas impressionantes tipo de um rei Feérico e me levar pelo céu noturno até seu palácio, ele *não* é um dos meus heróis de fantasia com romance. Ele é alguém que – de acordo com muitas manchetes de notícias profundamente condenatórias e corroboradas – quebra não apenas promessas e propriedades, mas esperanças e corações. É por isso que seus encantos diabólicos não funcionaram e certamente não funcionarão comigo.

E também, porque continuo perplexa que meu segundo irmão mais velho, Ren, o homem mais doce e bondoso, possa estar ligado a ele tão profundamente.

Sebastian e Ren são companheiros de time – ambos são estrelas do time de hóquei LA Kings – mas, além disso, o que os torna tão próximos é um mistério para mim. Ren diz que há algo bom em Sebastian, que ele apenas luta para demonstrá-lo de maneiras notáveis. Agora que estou experimentando em primeira mão o idiota que Sebastian pode ser, estou me per-

guntando se Ren vê em Sebastian o que ele *quer* mais do que o que realmente existe.

— Sebastian Gauthier — eu digo severamente —, me dê minha calcinha.

Seus olhos frios e cinzentos parecem virar árticos quando ele olha para mim. Ele levanta uma sobrancelha.

— Que calcinha? Eu não vejo nenhuma calcinha, você vê?

Eu o encaro duramente, minha raiva aumentando.

— Eu não a vejo, mas sei que você a tem. Eu observei você fazer... algo com ela.

Seu sorriso é voraz e irritante.

— Melhor se aproximar para procurá-la, então.

Mais uma vez, em qualquer outro dia, eu provavelmente jogaria minhas mãos para o alto e iria embora, aproveitando para estourar a bolha paradisíaca de Ren ao dizer a ele que eu apreciaria se ele pedisse ao seu *melhor amigo* para devolver minha calcinha na próxima vez que o visse. Mas hoje não é esse dia. Hoje passei do meu limite, e meu temperamento raro é como se fosse um potro selvagem livre de suas rédeas.

Sem preâmbulos, passo entre as pernas de Sebastian, envolvo a mão em seu pulso e puxo seu braço para cima, deslizando minha outra mão dentro da manga de seu paletó. Espero que a calcinha esteja lá, já que é a mão que a estava segurando.

Ele ri, e o som é tão presunçoso, tão arrogante, que mal resisto à vontade de gritar de frustração.

— Tente novamente.

Com raiva, solto seu pulso.

— Onde ela *está*?

Se não estava na manga, não faço ideia de onde mais minha calcinha poderia estar. A este ponto, a única maneira que eu poderia descobrir seria revistando-o.

Quando eu olho para cima novamente e encontro aquele sorriso sarcástico em sua boca, tenho uma das minhas pequenas iluminações autistas: isso é exatamente o que ele quer que eu faça.

Como se ele tivesse assistido a lâmpada se *acendendo* sobre minha cabeça, Sebastian estica sua estrutura impressionante, alargando o sorriso.

— Acho que você vai ter que me revistar.

Reviro os olhos. Mas antes que eu possa pensar em alguma resposta espirituosa, a voz de meu irmão Viggo vem de algum lugar lá dentro:

— Ziggy! Vem cá! A fonte de chocolate está funcionando!

Sebastian estremece em seu assento como se tivesse sido eletrocutado e se levanta, de repente, parando ao meu lado.

Bem perto de mim.

Ele me pega pelo ombro e me gira um pouco, até que a luz de dentro se espalha pelo meu rosto. Seus olhos se arregalam.

— Puta merda. *Ziggy?*

2

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Broken Boy", Cage The Elephant

Eu tenho uma longa história de pecados verdadeiramente terríveis, mas cobiçar mentalmente a irmãzinha do meu melhor amigo enquanto a vejo tirar a calcinha apenas ganha de lavada.

Em minha defesa, não reconheci Ziggy a princípio. Minha visão está confusa, graças à minha embriaguez, e ela estava contra a luz quando saiu para o terraço, nada além de uma silhueta deslumbrante cujos traços específicos estavam ocultos. Então, quando ela se aproximou e eu tive a chance de vê-la, seu cabelo estava solto – algo que nunca esteve antes – e na pouca luz do pôr do sol, formava em seu rosto uma cortina no tom de bronze derretido, nada como o tom vermelho ardente que Ren e sua irmãzinha compartilham.

Eu não percebi que era Ziggy quem eu estava despindo mentalmente até que ouvi alguém lá dentro gritar seu nome e observei a sua resposta. Agora eu estou de pé, segurando seu braço, absorvendo sua imagem enquanto ela se ilumina no forte brilho das luzes do local. Meu estômago revira. A bebida que tenho ingerido desde antes do início da cerimônia sobe pela minha garganta.

Ela só se parece um pouco com Ren – o mesmo nariz longo e reto e maçãs do rosto delineadas e salientes, e (agora que estamos em uma iluminação adequada) o mesmo cabelo ruivo vibrante –, mas principalmente ela não se parece nada com ele. Ao contrário das írises dele da cor azul-gelo, as dela são de um tom esmeralda profundo. E, embora eu tenha notado algumas em Ren, a pele dela está repleta de sardas, como uma chuva de canela salpicadas em seu nariz e bochechas, em seu braço que ainda estou segurando. Que eu não consigo parar de segurar.

Acho que posso estar em choque.

Eu observei a quieta e tímida Ziggy Bergman tirar ferozmente a calcinha.

E eu gostei muito disso.

Eu mais do que gostei. Eu fiquei muito, *muito* excitado, observando-a levantar o vestido, parecendo uma deusa do mar – com seus cabelos longos e selvagens voando na brisa, o tecido da cor verde-espuma dançando sobre coxas pálidas e sardentas que continuavam se movendo, levando a quadris largos e as duas curvas redondinhas de sua bunda...

Merda. *Merda.*

Estou cobiçando-a mentalmente de novo.

— Sebastian. — Aí está meu nome completo de novo, em um tom repreensivo e autoritário. Ziggy soa como uma professora repreendendo um garotinho travesso, uma fantasia que eu apreciaria muito mais se: a) não envolvesse a irmãzinha

do meu melhor amigo, e b) ela não tivesse usado meu nome completo. Eu odeio quando as pessoas usam meu nome completo.

— É *Seb* — eu digo a ela friamente.

Ela pisca lentamente, com curiosidade, como se fosse imune ao aviso rude em minha voz. Como se ela não estivesse nem um pouco intimidada por mim, mesmo quando estou em toda a minha altura, me elevando com os cinco centímetros que tenho a mais que ela. Ela levanta o queixo e me encara de volta.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam. Do jeito que sempre fazem quando meu sexto sentido entra em ação. Um aviso.

Eu deveria estar correndo para o outro lado, colocando uma distância entre nós, como fiz nos últimos dois anos.

Desde que me juntei aos Kings e me vi intrinsecamente ligado ao irmão dela, mantive meus olhos, pensamentos, mãos e atenção completamente longe de Ziggy Bergman. Porque Ren – o capitão gentil, bondoso e sempre sorridente do meu time, um homem que é verdadeiramente minha antítese – é a única pessoa que eu não consegui afastar, que não apenas se recusou a se deixar intimidar por minha reputação horrível e minha tendência implacável de repetir maus comportamentos, mas que entrou em minha vida a ponto de nos tornarmos profundamente próximos, e o cacete que eu vou arriscar essa amizade.

Isso significa ficar longe das pessoas que ele ama. Que por acaso são muitas. Seis irmãos. *Seis*.

Não foi um grande desafio, já que a maioria deles estão comprometidos, não que – vamos ser bem claros sobre a qualidade do meu caráter – isso tenha me impedido de seduzir alguém antes. Os outros dois que não são comprometidos, eu jurei a mim mesmo que evitaria totalmente, não importa o quão atraentes fossem.

Um foi mais fácil que o outro.

Viggo, seu irmão mais novo, não foi difícil de descartar. Embora fosse muito bonito, ele está sempre acenando com um romance em mãos, gritando sobre masculinidade tóxica e finais felizes. Eu não mexo com pessoas românticas, uma lição que aprendi da maneira mais difícil depois que alguns casos se recusaram a acreditar que sou tão desinteressado em compromisso quanto lhes disse.

Ziggy, por outro lado, tem sido mais difícil. De altura e aparência impressionantes, mas tão recatada e quieta, uma deliciosa mistura de contradições que eu tinha que me lembrar repetidamente de que não exploraria. Ela, eu tive que *decidir* ignorar. E tenho me saído muito bem seguindo essa decisão nos últimos anos.

Até agora.

— Já estou indo! — Ela grita em direção ao local, antes de se virar para mim. Capturo um sopro de um perfume suave e

limpo, tão leve, que só poderia ser o cheiro de sua pele, do sabonete que ela usa para se banhar.

Cristo. Agora estou pensando nela no banho. Bolhas espumando ao longo daquelas pernas longas e sardentas, dissolvendo-se na curva de seus seios...

— O que foi isso? — Ela exige, me tirando de pensamentos mais libertinos.

— Eu não sabia que era você.

Seus olhos se estreitam.

— Você... não sabia que era eu.

Eu me viro e olho para o mar, evitando olhar para ela. Deus, estou bêbado. O mundo está girando como se eu estivesse em um navio enfrentando ondas gigantes.

— Sim — eu digo em uma expiração nauseada.

Ela cruza os braços.

— Nós nos vimos várias vezes, praticamente. Eu pareço com o seu melhor amigo...

— Isso evidentemente é uma mentira — murmuro, massageando minhas têmporas doloridas. Meu cérebro parece lama. E, como acontece com frequência, meu estômago lateja com uma dor aguda e familiar.

Ela bufa.

— Você realmente espera que eu acredite que você não me reconheceu.

— Sim — eu retruco, me virando para ela, fazendo-a dar um passo rápido para trás enquanto seus olhos se arregalam

em surpresa. — Está ficando escuro. Você estava contra a luz, e eu estou bêbado. Seu cabelo estava solto e nunca está solto. Eu não reconheci você.

Agora suas sobrancelhas se erguem, curvas idênticas arqueadas, da cor de canela, sobre aqueles grandes olhos verdes da cor de folhas molhadas e lustrosas como as que nos cercam.

— Como você sabe que meu cabelo nunca está solto?

— Eu não vou fingir que sei ou me importo com a aparência dele — eu digo a ela bruscamente, esperando que isso a assuste. — Quero dizer, quando eu *vejo* você, nunca está solto.

Ela inclina a cabeça, os braços cruzados sobre o peito.

— Eu não sabia que você sequer tinha me visto quando nós nos *cruzamos*. Você parecia ignorar que eu existia.

— Sim, bem, é fácil ignorar alguém que obviamente *quer* ser ignorada. Se você esperava uma resposta diferente, sugiro revisar essa sua atitude.

De repente, seu rosto fica inexpressivo. Quando ela pisca, um brilho de umidade deixa seus olhos lacrimejantes.

É quando percebo que fiz algo ainda mais imperdoável do que cobiçar mentalmente da irmãzinha do meu melhor amigo:

Eu a fiz chorar.

As últimas três semanas desde que vi Ziggy correr de mim à beira das lágrimas começaram como uma típica farra de auto aversão, mas resultaram em atingir um novo e sombrio ponto baixo. Com meu pé machucado (novamente) apoiado, eu me sento no sofá de Ren, sendo alvo de uma carranca formidável.

De Frankie.

Minha agente super descontente está sentada em uma poltrona à minha frente, vestida de preto da cabeça aos pés como de costume, seus cabelos longos e escuros cobrindo os intensos olhos castanhos. Isso, combinado com sua expressão severa e sua mão flexionando ameaçadoramente em torno de sua bengala de acrílico cinza, a faz parecer uma bruxa irritada, pronta para me lançar uma maldição. Eu acho que mais um movimento errado da minha parte, e ela talvez lance.

— Você — ela diz categoricamente —, é um idiota de proporções inimagináveis.

— Isso não é novidade. — Fechando os olhos, jogo a cabeça no braço do sofá.

Frankie bate em minha coxa com a ponta da bengala. Com força.

— Ai! — Eu reclamo. — Ren, Frankie me bateu.

— Não fale com ele — ela fala. — Ele não faz parte dessa conversa.

— Então por que mesmo estamos tendo essa reunião em sua casa enquanto Ren faz o almoço para nós?

— Para então eu não matar você — ela me diz sombriamente.

Eu engulo em seco. A ira de Frankie é praticamente a única coisa de que tenho medo. Isso e perder minha carreira no hóquei.

Eu também posso estar com um pouquinho de medo de ter finalmente feito algo que poderia me custar a amizade de Ren também. Não que eu fosse admitir isso para ninguém, especialmente Ren.

Eu olho para o homem em questão, que ainda não mostra sinais de ter me descartado, considerando que ele me levou e me trouxe da minha consulta médica mais cedo em sua minivan e agora está me preparando uma refeição. Ainda assim, ele me deixa nervoso, parado de costas para mim, focado no que quer que esteja cozinhando no fogão enquanto ele usa seu avental de nerd de teatro coberto de rabiscos de William Shakespeare.

— Ren — eu meio que sussurro e meio que suplico.

Ele me dá um olhar de desculpas por cima do ombro.

— É melhor ouvi-la. Você sabe que eu me colocaria entre você e qualquer coisa, Seb, exceto minha esposa.

Enquanto ele diz isso, a expressão de Frankie se transforma de uma carranca em um sorriso, direcionado a ele. Ele sorri de volta.

A troca de olhares deles é repugnantemente afetuosa.

— Parem de fazer isso na minha frente. Está me deixando enjoado.

Frankie me dá outro olhar mordaz e me bate no quadril desta vez, me fazendo gritar.

— Tem certeza de que a náusea não é uma resposta ao seu mais recente erro de autossabotagem finalmente voltando para morder sua bunda?

— Eu sei que fiz merda. Eu te disse, eu sei, ok? Agora é seu trabalho me ajudar a consertar isso. É por isso que lhe pago muito dinheiro.

Frankie bufa, recostando-se na cadeira e, graças a Deus, largando a bengala ao lado dela.

— Seb, sou brilhante no meu trabalho. Eu sou uma ótima agente esportiva. Mas isso está ultrapassando os limites até mesmo das *minhas* habilidades. Se fosse simplesmente gerenciar sua imagem, isso seria uma coisa...

— Gerenciar minha imagem é exatamente o que preciso que você faça.

— Não — diz ela categoricamente. — Não é. Sua imagem não precisa de "gerenciamento". Precisa de um maldito milagre.

Eu franzo a testa.

— Não está *tão* ruim assim, não é?

Frankie pisca para mim lentamente, enquanto o silêncio sombrio pesa o ar. Ren morde o lábio e mantém os olhos no fogão, mexendo constantemente.

— Sim, Gauthier — ela finalmente retruca. — É "tão ruim assim".

Ah, porra. Ela usou o sobrenome. Estou em apuros.

— Então, eu bati meu carro — eu admito diplomaticamente. — Mas não bati em ninguém.

— Não — Frankie murmura entre os dentes cerrados. — Apenas no local em que fica um programa voltado para atividades infantis após as aulas escolares.

Ren estremece.

— Pelo menos eram duas da manhã? Ninguém se machucou?

— Oh, as pessoas se machucaram sim — diz ela. — Essas crianças não têm um espaço para o programa até que isso seja consertado; isso as machuca. Eu tenho que descobrir como contar essa história justificando sua direção de forma imprudente na estrada e as dezenas de milhares de dólares em danos materiais causados por bater com um carro esportivo de luxo enquanto dirigia com um pé quebrado, para que isso não acabe com sua carreira e faça você parecer um idiota egoísta e irresponsável.

— Que tal enfatizar que eu não estava dirigindo bêbado? Eu nunca bebo e dirijo. Eu sinto que deveria ganhar um brownie de recompensa por isso.

— Não há brownie como recompensa! — Ela grita, com os olhos arregalados. — Não há nada de redentor em seu comportamento, Gauthier. Você com certeza está pagando por

todos os danos, mas a instalação está inutilizável até que os reparos sejam feitos. Mesmo jogando dinheiro neles, isso levará tempo para consertar e a história vai se estender. Se este fosse seu primeiro erro, seria uma coisa, mas não é. Você já quebrou o pé na briga de bar mais sem sentido do mundo...

— Ele deu um soco em mim. Eu tinha que me defender.

— Você não precisava deixar que isso se transformasse em uma briga por completo que envolve alguém usando botas com biqueira de aço, uma perseguição no estilo James Bond pelo bar e você pulando da varanda da cobertura do bar em uma lixeira! Eu *pensei* que não poderia piorar — ela diz bruscamente. — Mas agora, você, um dos artilheiros do time e jogador mais importante, teve que ir e bater seu carro em um prédio de serviços comunitários e machucar novamente seu pé quase totalmente curado porque você dirigiu quando não deveria. Você estava prestes a começar os treinos da pré-temporada e dar início a uma grande coletiva de imprensa.

— De qualquer forma, quase não preciso dos treinos de pré-temporada — digo a ela, arrancando um pedaço de fiapo do meu jeans escuro. — Vou continuar exatamente de onde parei. E eu estarei bem para fazer a coletiva de imprensa com o pé. Irei me curar logo.

— Não consigo. — Frankie se levanta devagar da cadeira, como sempre. Ela tem artrite reumatoide, e observei que a transição de ficar de pé para sentada leva um pouco mais de tempo para ela do que para a maioria. — Eu não consigo lidar

com você. Eu nunca estrangulei um cliente, mas estou muito perto disso agora. Pazza!

Ao ser chamada, sua Alusky de pelagem branca e preta, Pazza, salta pelo corredor, direto em minha direção, e pula no meu pé latejante.

Eu resmungo de dor enquanto empurro a cachorra para longe. Ela se vira para trás, me lambe do queixo à testa, o que é *nojento*, depois gira, perseguindo o rabo algumas vezes. Finalmente, ela estaciona a bunda na frente do meu rosto e solta um peido extremamente alto e fedorento.

— Boa menina. — Frankie estala os dedos, abrindo a porta de correr para o pátio dos fundos, onde Pazza salta, e então a fecha com uma força surpreendente.

Um silêncio doloroso e ecoante se segue. Ren pigarreia, mexe o que quer que esteja na panela mais uma vez, então pousa a colher que estava segurando.

Depois de cruzar o espaço de conceito aberto de sua cozinha para o sofá, Ren cai na cadeira que Frankie desocupou e se inclina para frente, com os cotovelos nos joelhos.

— Seb, você sabe que eu te amo como um irmão.

Eu fechei meus olhos.

— Ren...

— E você me ama como um irmão.

— A única coisa que eu amo — eu o lembro incisivamente —, é...

— O hóquei — diz ele, com um sorriso em sua voz. — Sim, eu sei. Mesmo que você tenha esse jeito engraçado de fazer coisas amorosas que me protegem e sempre cuida de mim, como aquela defesa no final da temporada que te deixou com uma concussão, na qual você se jogou para que eu não fosse atingido...

— Eu tropecei — eu digo de improviso.

— Aham. O patinador mais rápido e ágil da liga "tropeçou" direto em um golpe concussivo. Claro. Meu ponto é este: embora você claramente não suporte admitir isso, você é capaz de coisas boas. Você não está além da redenção.

Uma dor quente e aguda corta meu peito quando encontro seus olhos.

— É aí que você está errado. Até Frankie pensa assim.

— Não. — Ren se levanta e aperta gentilmente meu ombro. — Ela não disse que você é incorrigível. Frankie disse que consertar isso vai ser difícil, que vai levar tempo. Coisas boas, coisas curativas, que levam ao crescimento, muitas vezes são assim. As vitórias são conquistadas com paciência, resistência e pequenos passos de formiguinha. Você já sabe disso, Seb. Você viveu isso. Sim, você é talentoso, mas também profundamente dedicado – veja o quanto você trabalhou, dia após dia, por duas *décadas*, para se tornar o jogador de hóquei de elite que você é, para chegar onde está profissionalmente. Você está me dizendo que não acha que é capaz disso também em sua vida pessoal?

Essa dor aguda fica mais quente e profunda, enterrando-se perigosamente perto do órgão enrugado em meu peito que é melhor eu ignorar.

— Existe uma razão para este discurso motivacional?

Quando Ren fala, sua voz é excepcionalmente sombria.

— O que quero dizer é que Frankie pode ajudá-lo tanto quanto for possível, mas, no fim das contas, isso depende de você, de sua motivação, de sua crença em si. Você tem que se dedicar a tomar as atitudes que vão mudar essa situação, Seb.

Eu gemo e passo as duas mãos pelo meu cabelo.

— Sim, eu sei.

— Acho que você precisa dar uma pausa na bebida — adverte Ren. — Ou, de preferência, parar completamente.

Eu faço uma careta.

— Isso parece um pouco exagerado.

— E nada de festanças.

— Festanças? — Eu bufo. — O que é isso, o século XIX? — Levo um travesseiro na cara. — Tudo bem — eu resmungo. — Sem "festanças".

Ren está de pé, com os braços cruzados sobre o peito.

— Se você se mantiver em linha reta por um tempo, curar seu pé, dar a Frankie algum tempo para descobrir uma maneira de arrumar sua imagem, você estará de volta às boas graças da equipe em pouco tempo...

— E de meus patrocinadores — eu o lembro. — Não vamos esquecer dos patrocinadores.

Ele revira os olhos.

— Você ficará bem em termos de dinheiro, mesmo que perca alguns patrocinadores.

— Ah, sim, mas então como eu conseguiria bater outro carro de cem mil dólares?

Os olhos de Ren endurecem.

— Estou brincando — eu digo a ele, sentando-me. — Isso foi uma piada.

— Muito cedo para isso — ele murmura, voltando-se para a cozinha. — Você poderia ter se ferido gravemente ou ferido outra pessoa.

Eu caio de volta no sofá e olho para o teto. Ren está certo. Para ficar nas boas graças da equipe e de meus patrocinadores, tenho que parecer me comportar por um tempo, virar uma nova página. E eu quero dizer *parecer*. Eu não vou mudar de verdade, claro.

Se eu não der um bom show de limpeza de imagem, posso realmente perder as únicas coisas que importam para mim. Hóquei. A rara amizade que se fincou em minha existência. O estilo de vida que me traz os prazeres indulgentes de que tanto gosto.

Deitado no sofá de Ren, eu vasculho em meu cérebro, me perguntando pela primeira vez na minha vida adulta como eu posso conseguir a artimanha de fingir ser um ser humano decente.

Não tenho a menor ideia de por onde começar.

3

ZIGGY

Música da Playlist: "Body of Mine", Liz Brasher

O jantar em família de todo domingo costumava ser minha parte favorita da semana. Todos os Bergmans da cidade e, quando estão visitando, os irmãos que moram no estado de Washington com seus parceiros, se reúnem sentados ao redor da longa e gasta mesa de madeira na casa dos meus pais. Às luzes de velas, eram ouvidos os nossos risos e conversas durante o preparo das receitas da minha mãe, vindas do lado sueco da família.

Mas agora o jantar em família aos domingos é apenas mais um momento em que me sinto presa a desempenhar um papel que se encaixa como roupas velhas após um surto de crescimento – muito pequenas e irritantemente apertadas. E eu não sei exatamente como mudar isso. Eu sei que superei os rótulos que costumava usar, mas não consigo descobrir como quero me mostrar agora, o que parecerá certo.

Acho que gostaria que minha família, de todas as pessoas, pudesse abrir um pouco de espaço para mim, até mesmo fingir estarem um *pouco* abertos à possibilidade de eu estar crescendo e mudando, enquanto eu me descubro.

Estou sentada com minha sobrinha na ponta da mesa das crianças, cercada por livros para colorir e pequenas pelúcias, para dar uma ideia de como esse desejo está longe de se tornar realidade.

Não me entenda mal, minha sobrinha, Linnea – Linnie, como a chamamos – é adorável. Três anos e meio, super falante, ela é tão ligeira que me preocupa se ela vai colocar meus irmãos travessos, Viggo e Oliver, no chinelo.

No entanto, enquanto comemos uma refeição deliciosa, com as velas na outra ponta da mesa, para que fiquem fora do alcance de Linnie, tenho plena consciência de que tenho ouvido suas piadas sobre cocô e peido (embora muito inteligentes), nos últimos vinte minutos, enquanto meus pais se sentam do outro lado da mesa, conversando profundamente com o resto dos meus irmãos que moram na cidade e seus parceiros. Os pais de Linnie, minha irmã, Freya, e o marido dela, Aiden, que coloca seu filho pequeno, Theo, em seu ombro para arrotar, sentam-se de frente aos meus irmãos Viggo, Oliver e do parceiro de Ollie, Gavin. Ao lado deles estão minha cunhada, Frankie, e meu irmão Ren. Todos eles se inclinam, com os cotovelos sobre a mesa, cabeças próximas, copos de vinho e cerveja na mão enquanto a luz dançante das velas ilumina seus rostos.

Enquanto eu me sento aqui, com um copo de plástico com tampa e canudo, porque aparentemente mamãe ainda pensa que eu tenho nove anos e sou propensa a derramar minha be-

bida. Suspirando, tiro um pequeno bichinho de pelúcia do livro de colorir do Pokémon da minha sobrinha e começo a sombrear a grande orelha pontuda do Pikachu.

Linnie se inclina, aqueles olhos da cor azul-gelo, característico dos Bergmans, fixos em mim. Seu cabelo escuro e ondulado, como o de Aiden, está metade para fora do coque, que balança quando ela mexe as sobrancelhas.

— Eu tenho outra piada, tia Ziggy.

Forço um sorriso e limpo uma mancha de molho de sua bochecha.

— Sou toda ouvidos.

— Como são os peidos de um palhaço?

Solto um suspiro.

— Não sei. Como eles são?

Ela mexe as sobrancelhas novamente e diz:

— Eles têm um cheiro engraçado.

Eu enrugo meu nariz dramaticamente, sabendo que vai agradar essa garotinha que adora enojar as pessoas.

— Ecaaa.

Ela solta uma risada boba e dá uma mordida na almôndega cortada em seu prato.

— Essa é a minha nova piada favorita.

Enquanto Linnie enfia a almôndega na boca, capturo o final da frase de Ren:

— Felizmente, ele só machucou o pé, mas ainda vai ficar fora por pelo menos mais duas semanas.

— O mesmo que ele quebrou no verão? — Freya, que é fisioterapeuta e está familiarizada com lesões como a dele, com o trabalho de recuperação, faz uma careta ao aceno de cabeça de Ren. Ela pega um agitado Theo do colo de Aiden e levanta uma aba secreta em sua camisa, então o aconchega em seu braço para colocá-lo para mamar novamente. — Isso é complicado.

— Um pé machucado é o menor dos problemas dele — murmura Frankie. — Sua imagem pública está muito pior. Ele bateu a po... desculpe, a droga — ela corrige para o bem de Linnie —, do carro direto em um local em que fica um programa voltado para atividades infantis após aulas escolares. Tudo isso enquanto dirigia imprudentemente com um pé quebrado. A imagem é terrível.

Gavin franze a testa pensativo. Como Ollie, ele é um jogador de futebol profissional, embora agora esteja aposentado.

— Os patrocinadores o abandonaram?

— Como se fosse uma batata quente. — Frankie toma um gole profundo de seu vinho. — E ele está, desculpe pelo trocadilho, em um gelo *incrivelmente* fino no que diz respeito à gestão dos Kings.

— Estou preocupado com ele — Ren admite. — Seb sempre teve uma tendência de ser imprudente, mas este último deslize parece mais sério do que os anteriores.

— *É* mais sério do que um deslize — diz Frankie. — É o fundo do poço.

Meu estômago dá um nó. Eu não deveria me importar nem um pouco com Sebastian Gauthier. Mas ouvir que ele bateu com o carro em um prédio e se machucou ainda mais, saber que ele saiu das boas graças de seus patrocinadores e está em apuros com o time, me deixa inexplicavelmente triste.

Eu vi Sebastian quando fui aos jogos de Ren, voando sobre o gelo. O homem ganha *vida* quando joga. Se ele sente pelo hóquei quase o mesmo que eu sinto pelo futebol, deve estar infeliz consigo mesmo por colocar sua carreira em risco.

Eu tento levar meus pensamentos adiante, para além de ter empatia por alguém que conseguiu destruir de forma tão arrogante o que tão poucos sonham sequer alcançar, alguém que é realmente desprezível. Mas a verdade é que meus pensamentos têm estado muito em Sebastian Gauthier nas últimas semanas.

Porque ele me tratou diferente, como ninguém mais tratou. Não apenas no começo, quando ele não me reconheceu, brincou comigo e me provocou, mas quando ele me reconheceu também. Mesmo depois, ele me tratou como uma mulher adulta que poderia lidar com ele sendo um cuzão, não como uma coisa frágil e delicada para tratar com cuidado. Ele não pegou leve. Ele foi além. Ele disse algo cortante que se enterrou profundamente em mim:

É fácil ignorar alguém que obviamente quer ser ignorada. Se você esperava uma resposta diferente, sugiro revisar essa sua atitude.

Eu quase disse a ele: *"Eu sei, pelo amor de Deus – eu sei que, se quero ser vista de maneira diferente, tenho que fazer as coisas de maneira diferente. Eu só não sei como fazer isso".* Só que lágrimas frustrantes apertaram minha garganta, e as palavras não vieram.

É assim que tenho me sentido com tanta frequência ultimamente, como se estivesse prestes a contar muitas coisas a tantas pessoas que já deveriam ter sido ditas há muito tempo, mas a verdade é como um nó na garganta que não consigo desemaranhar, requer uma força para puxá-lo e soltá-lo que ainda não consigo encontrar dentro de mim.

Quero encontrar essa coragem e essas palavras. Quero me defender e dizer que mereço a chance de me tornar quem eu sou capaz de ser – dentro e fora do campo. Quero ser reconhecida como uma mulher bissexual adulta e desejável, um conceito que parece totalmente estranho para meu círculo social e para meus irmãos, apesar de muitos deles terem amigos solteiros interessados em namorar. Quero uma garrafa e uma taça de vinho para tomar no jantar. Quero ser vista, não como a criancinha na ponta da mesa, mas como alguém com uma mente e uma voz em nossa família.

Eu quero me esforçar, crescer, alcançar as coisas e brilhar um pouco. E quero que minha família acredite em mim, que sejam as primeiras pessoas a ver essa possibilidade.

Isso é pedir muito?

— Absolutamente não. — A voz do meu pai interrompe meus pensamentos. É extraordinariamente séria e baixa, como um trovão retumbando no ar.

Olho para o outro lado da mesa, onde Ren e papai se encaram em silêncio. É de nosso pai que Ren e eu herdamos nosso cabelo ruivo, embora o do meu pai agora esteja ganhando tons de grisalho nas laterais, com mechas brancas. Seus olhos verdes, que ele me deu, estão estreitados na direção de meu irmão.

O rosto de Ren possui a estrutura óssea do rosto da mamãe, mas ele tem a estrutura corporal do papai, sendo largo, forte e alto. Também como papai, Ren é um homem gigante que parece um ursinho de pelúcia, e é por isso que é muito estranho que eles estejam olhando um para o outro enquanto a tensão irradia entre eles.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto.

Mamãe olha para mim, hesitando antes de dizer:

— Não se preocupe, *älskling*[1]. Trata-se apenas de uma conversinha constante sobre família... sobre decisões.

— Constante? — Eu franzo a testa. — Por que eu não sei sobre isso?

Oliver, o irmão mais próximo de mim em idade e emocionalmente também, me dá um olhar culpado que me faz sentir

[1] Apelido carinhoso de origem sueca que significa "Querida".

como se tivesse levado um chute no estômago. Ele sabe sobre o que quer que seja, e nem mesmo *ele* me contou.

— Não é nada com que você precise se preocupar — papai diz, recostando-se em seu assento enquanto envolve a mão em torno de sua cerveja. — Por isso.

Minhas bochechas esquentam, e o primeiro aviso de lágrimas arde em meus olhos.

— É sobre nossa família e não preciso me preocupar com isso?

Ninguém parece processar o quão doloroso isso é para mim. Mamãe coloca a mão sobre a de papai e acaricia suavemente. Freya parece quase uma gêmea da mamãe ao lado dela, com o cabelo louro-claro na altura dos ombros, os olhos azul-claros fixos no papai com preocupação. Theo se afasta do peito e começa a chorar. Aiden gentilmente o pega de Freya, então se levanta, balançando Theo em seus braços, mas não antes de apertar suavemente o ombro de Freya, seu polegar roçando carinhosamente ao longo de seu pescoço.

Frankie coloca a mão nas costas de Ren e esfrega.

O braço de Gavin se estica protetoramente sobre a cadeira de Ollie.

Viggo está estranhamente quieto, mexendo no rótulo de sua garrafa de cerveja.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto com minha voz afiada. — Por que todo mundo está agindo de forma estranha?

Linnie para de colorir e olha para mim.

— Quem sabe. Adultos *sempre* agem de forma estranha.

— Eu *sou* uma adulta!

Linnie franze a testa e inclina a cabeça.

— Você é?

Deus, até as crianças.

Lágrimas escapam dos meus olhos. Eu sei que sou sensível. Sei que posso estar exagerando, mas estou tão cansada de me sentir assim. Estou magoada porque, mais uma vez, estou sendo tratada como menos do que uma real integrante desta família. Tenho certeza de que meus pais e irmãos têm boas intenções. E imagino que o que está acontecendo deve ser tão difícil que eles querem me proteger disso.

Esse último pensamento é a única coisa que me impede de explodir, depois de reprimir essa frustração por muito tempo.

Pisco para afastar as lágrimas quase derramadas e forço um sorriso para minha sobrinha. Com o apetite arruinado, deixo de lado meu prato de comida pela metade e aproximo o livro de colorir do Pokémon.

— De que cor são as bochechas do Pikachu, Linnie?

Enquanto ela me responde e eu preencho aqueles círculos de vermelho cereja brilhante, a sala se acomoda ao meu redor, a ordem previsível do mundo de nossa família restaurada.

Pelo menos, imagino, é assim que minha família vê.

Eu, por outro lado, prometo a mim mesma que, de alguma forma, vou me certificar de que em breve, finalmente, a minha

família, o meu time – e todos – *verão* o quanto realmente mudei.

Acontece que essa decisão foi mais fácil falar do que fazer. Nos últimos cinco dias desde o desastroso jantar em família, entre treinos, condicionamento físico e ficar presa na releitura reconfortante da minha série de romances de fantasia favorita, tenho tentado – e falhado – descobrir o que vem a seguir.

Quero que as pessoas me vejam de maneira diferente, mas como faço para que elas façam isso? Eu sei que *por dentro*, eu mudei. Mas quando olho para o meu reflexo no vidro da vitrine de uma loja não muito longe do meu apartamento, sou confrontada com o fato de que, por fora, realmente não pareço ter mudado.

O que é muito frustrante, considerando o quanto cresci em apenas alguns anos. Desde que me formei na UCLA na primavera passada, depois de adiantar três anos de formação acadêmica, graças às minhas notas e à minha bolsa de estudos de atleta, tenho sido mais independente do que nunca. Eu vasculhei listas de imóveis meticulosamente e – por conta própria –, garanti um apartamento ensolarado que fica a uma curta caminhada da praia. Escolhi a minha agente sem a opinião de ninguém além de Frankie, mas ela está no ramo, então eu estava apenas fazendo minha devida consultoria com al-

guém que sabe do assunto. Fui titular na seleção feminina de futebol, depois assinei com o Angel City de Los Angeles. Eu até mesmo finalmente consegui minha carteira de motorista, depois de horas de prática na amada lata-velha de Viggo, Ashbury.

E, no entanto, ainda pareço aquela adolescente quieta e desajeitada que trocou o pesadelo social do ensino médio por uma faculdade com ênfase no mundo cibernético e nunca olhou para trás. A garota que se sentava na última carteira de cada palestra, não querendo ser vista ou chamada porque falar articuladamente na hora não é o meu forte, e quando sinto olhos em mim em qualquer momento, com exceção de quando estou no campo, eu fico vermelha de vergonha.

Eu observo meu reflexo quando solto um forte suspiro, antes que o som de uma multidão aplaudindo chame minha atenção. Me virando para o barulho, localizo um restaurante com pátio aberto com TVs transmitindo os destaques esportivos e assisto ao Dodger Stadium entrar em erupção ao ver um *home run* antes que a filmagem volte para os locutores esportivos ao vivo. A brisa da noite de final de agosto aumenta e, com ela, vem o cheiro sedutor de batatas fritas quentes e salgadas.

Meu estômago ronca, me lembrando que não como desde antes do treino de hoje. Talvez um pouco de comida em meu estômago faça minha criatividade fluir, me ajude a descobrir

qual será o meu primeiro passo no que decidi chamar de Projeto Ziggy Bergman 2.0.

Há uma pequena mesa para dois em um dos cantos do pátio do restaurante que recebe o sol da tarde, e peço ao garçom por ela. Assim que me sento, vasculho o cardápio antes de decidir por um sanduíche de frango grelhado e um prato de batatas fritas. No último segundo, peço um milkshake de morango com licor.

Na metade do milkshake com licor, com meu sanduíche de frango comido há muito tempo, eu arrasto uma batata frita em um pouco de ketchup e olho para a TV. Não estou nem perto de saber meu primeiro passo no Projeto Ziggy Bergman 2.0.

Estou, no entanto, um pouco embriagada.

O que é a única explicação para o fato de que ver Sebastian Gauthier aparecer na TV em seu uniforme de hóquei, voando sobre o gelo, está me fazendo corar, rapidamente fazendo minhas bochechas queimarem.

O álcool sempre me deixa com as bochechas rosadas. É uma coincidência que o calor da bebida no meu milkshake tenha encontrado meu rosto agora, quando este programa de notícias esportivas começou a cobrir a queda do fenômeno do hóquei, Sebastian Gauthier.

Com os olhos grudados na tela, levo a batata frita à boca, mas paro, observando Sebastian passar por seus oponentes, o disco tão próximo em seu taco que eu poderia jurar que estava

colado ali. Eu o vejo passar para Ren, que finge dar uma tacada, vê seu companheiro de equipe Tyler Johnson cortando em direção ao gol, passa para ele, e então comemora quando eles marcam. Mesmo sabendo que isso é um replay, mesmo sabendo que eu me lembraria se Ren tivesse se machucado por causa disso, então só posso concluir que o golpe não vai acontecer, não consigo deixar de me preparar para o que vem em seguida, quando vejo um brutamontes do outro time pronto para dar o que parece ser um golpe brutal no rosto do meu irmão, apenas para ver Sebastian patinar, assustadoramente rápido, e empurrar o cara para trás, embora não rápido o suficiente para evitar o golpe. O taco bate no rosto de Sebastian, fazendo sua cabeça cair para trás.

A batata frita cai da minha mão, pousando com um *respingo* no ketchup no meu prato. Observo o sangue escorrendo do nariz de Sebastian enquanto ele empurra o cara com força, então murmura algo através de seu protetor bucal que desencadeia algo no brutamontes que faz com que ele comece a golpear Sebastian. Uma multidão de jogadores se forma de ambos os lados, se acumulando em uma briga épica da qual Sebastian escapa apenas porque meu irmão o agarra pelo colarinho e o puxa de volta.

Meu estômago revira ao ver o sangue espesso escorrendo pelo rosto de Sebastian. Eu afasto meu prato de batatas fritas e ketchup e engulo uma onda de náusea enquanto os apresentadores falam sobre o jogador brutamontes, que tem fama de

cometer esse tipo de falta. Eles falam sobre ele ao mesmo tempo em que falam sobre Sebastian, apontando que Sebastian também está sempre no meio dessas brigas.

E ainda sim. Eles não viram o que eu vi? Alguém que interveio e protegeu alguém que é importante para ele? Não parece, enquanto eles falam sobre seu recente acidente de carro e sobre seu pé quebrado. Eles o chamam de nomes que são a espinha dorsal de sua terrível reputação: imprudente, encrenqueiro, bad boy.

Bad boy.

A inspiração se acende em mim, como uma lâmpada acesa em uma eletricidade de megawatt.

Meu estômago revira ainda mais forte agora, mas desta vez não é de náusea, é de excitação. Com o coração batendo forte, coloco dinheiro suficiente na mesa para pagar minha refeição duas vezes e me levanto antes de sair correndo do restaurante.

Não é difícil encontrar o endereço de Sebastian com uma rápida pesquisa na internet. Como o resto da equipe, ele mora em Manhattan Beach e se tornou notícia o suficiente para que a localização de sua propriedade não fosse segredo. Eu coloco no meu GPS, me certifico de que estou indo na direção certa, então começo a descer a calçada, a caminho do último lugar que eu esperaria aparecer, quanto mais sem avisar.

Esta pode ser a coisa mais tola e ridícula que já fiz. Ou pode ser algo genial. Mas eu me recuso a deixar que a incerteza me

impeça de tentar. *Finalmente* eu tenho uma ideia para o Projeto Ziggy Bergman 2.0.

Envolve uma certa estrela de hóquei que está em desgraça, que tem exatamente o que eu preciso e que precisa exatamente do que tenho a oferecer:

Uma ressuscitação da imagem pública.

4

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Shine A Little Light", The Black Keys

Até Frankie descobrir como me fazer cair nas boas graças de todos novamente, estou sob ordens estritas de ficar em casa e longe de problemas.

Pela primeira vez, estou fazendo o que me mandam.

Tudo bem que se Frankie me visse agora – e estou muito feliz por ela não estar me vendo – ela provavelmente discordaria.

Me sento na varanda do segundo andar com vista para o Oceano Pacífico, com os cabelos bagunçados e vestindo nada além de uma cueca boxer preta, meu pé machucado livre da bota, mas apoiado em uma espreguiçadeira acolchoada. Meu estômago dói, a dor um pouco entorpecida pelo baseado de maconha do qual dou outra longa tragada, soltando uma fumaça sufocante ondulando no ar. Eu olho para o horizonte, me ressentindo com a luz fraca e irritante que atinge meus olhos e apunhala meu cérebro que lateja de dor. Bebi muito uísque ontem à noite.

Não, definitivamente Frankie não concordaria que eu estou fazendo o que me disseram. Mas, tecnicamente, eu estou. Me mantive dentro de casa e longe de problemas ao me com-

portar mal em particular, graças a um sistema de segurança altamente sofisticado.

Relaxado e confiante nisso, fecho os olhos e prendo a fumaça do meu baseado, sentindo seu sabor agridoce queimar meus pulmões. E então eu rapidamente me engasgo ao som de pés pousando na minha varanda.

Espero sinceramente estar tendo alucinações.

— Você não está — Ziggy fala.

Ou ela lê mentes ou eu disse isso em voz alta. De qualquer maneira, ela não é uma alucinação.

A irmã mais nova de Ren está na varanda do meu segundo andar, com a brisa do mar puxando os fios soltos de seu cabelo preso em uma trança, como fios de fogo dançando no azul do crepúsculo. Suas bochechas estão coradas, assumindo um tom rosa-brilhante como o pôr-do-sol. Se meu coração não estivesse prestes a sair pela minha boca por ter sido pego tão chocantemente desprevenido, eu estaria obcecado por aquele rubor que me recordo do nosso pequeno encontro no terraço durante o casamento de Ren e Frankie.

Não que eu tenha pensado naquela noite no casamento de Ren e Frankie desde então. Ou pensado no rubor de Ziggy.

De forma alguma.

Ela fica de pé, me encarando com as mãos nos quadris – cujas curvas suaves que eu absolutamente *não* noto, muito obrigado, mas não. Ela está com roupas de ginástica diferentes: shorts de futebol da cor azul-escuro, tênis de cano alto

combinando, uma camisa larga esportiva da cor verde-escura que faz com que seus olhos esmeralda se sobressaiam contra a cor de pêssego de sua pele, salientando as sardas flamejantes salpicadas em seu nariz.

Nunca tive uma queda por outros atletas, mas agora, hipoteticamente falando, posso apreciar como o visual esportivo pode ser atraente.

Atrativo para alguém que não seja eu. Porque eu definitivamente nem mesmo estou *pensando* em estar atraído pela irmã de Ren, que está na minha varanda enquanto eu estou sentado aqui, de cueca, com dor de estômago, fedido que nem um cadáver apodrecido e tendo uma relação duvidosa com o álcool.

Simplesmente fantástico.

Não é que eu dê a mínima para o que Ziggy (ou qualquer um, aliás) pensa sobre minhas escolhas de estilo de vida – eu desisti disso há muito tempo –, mas eu tenho uma vaidade de milhões. Ninguém me viu de forma tão vergonhosa desde que nasci.

Prendendo o baseado entre os dentes, alcanço a manta de caxemira preta que está próxima e a coloco no colo, depois passo os dedos pelo cabelo, alisando as mechas bagunçadas até conseguir prender a metade superior delas com o elástico de cabelo que tenho preso no pulso.

Então eu caio para trás na minha cadeira, dando uma longa tragada no baseado.

— Já ouviu falar em bater na porta da frente, querida Ziggy?

— Eu tinha uma leve suspeita de que, se fizesse isso, não seria respondida. — Ela se encosta na grade da varanda e quase me causa um ataque cardíaco. Eu me inclino para frente, envolvo a mão em seu pulso e a puxo na minha direção.

Seus olhos estão arregalados como faróis enquanto ela tropeça em minha direção, parando aos meus pés.

— Por que fez isso?

— Você se infiltrou em minha propriedade e escalou minha casa. Você não pode fazer perguntas agora.

Percebo que continuo segurando seu pulso. Que é macio e quente, e possui um leve aroma de morango que se agarra à sua pele. Eu a solto.

Ziggy cruza os braços sobre o peito e olha para mim enquanto tento me acalmar com outra tragada dessa maconha muito cara e muito boa, e diz:

— Você deveria estar fazendo isso?

Eu levanto minhas sobrancelhas, segurando a fumaça, então expiro lentamente. Ziggy me observa, sua expressão é uma mistura deliciosamente atraente de fascínio e de uma sincera desaprovação.

— A Frankie apoia isso. — Sorrindo, eu me acomodo mais na minha cadeira. — Maconha é praticamente a única coisa em que ela e eu concordamos.

— Frankie usa a maconha para controlar a dor — ressalta Ziggy.

Não vou admitir que meu estômago está doendo. Faço um gesto com as mãos para o meu pé machucado.

— Aí. Estou com dor.

Ela revira os olhos.

— Então... — Levo o baseado aos lábios novamente, aborrecido por ver Ziggy se sentindo em casa.

Ela se joga na cadeira à minha frente e estica as longas pernas, os braços cruzados sobre o peito.

— Então... — Ela oferece.

Eu gesticulo em torno do meu pátio, exalando a fumaça.

— A que devo o prazer de ter minha privacidade invadida?

Seu rubor se intensifica.

Essa visão me lembra do momento em que ela levantou aquele vestido no terraço, tirou a calcinha e olhou por cima do ombro...

Uma memória que causa uma reação muito inconveniente em meu corpo. Graças a Deus pela manta, que puxo com mais força sobre o colo. Eu levanto minha perna ilesa para esconder o que começou a acontecer.

É a isso que me reduzo quando tenho que desistir das "festanças". Estou tão tenso que estou com uma semi ereção com a visão de um rubor.

Fechando os olhos, revisito a última vez que vi minha mãe e meu padrasto. Isso rapidamente põe fim ao problema que começou a crescer em minha cueca.

— Estou aqui... — Ziggy continua, então faz uma pausa.

Droga, de alguma forma é ainda mais excitante quando meus olhos estão fechados, ouvindo a rouquidão no timbre de sua voz, o aumento em seu tom no final de cada frase.

Eu abro um olho e a encaro, completamente irritado com isso.

— Você está aqui e...? Desembuche logo.

Sua mandíbula aperta. Ela se endireita, os braços apertados sobre o peito.

— Estou aqui porque... — Ela respira fundo, e agora me sinto um completo idiota. Sua boca funciona, mas as palavras não saem, como se estivessem presas em algum lugar entre o cérebro e a língua. Ela fecha os olhos com força e se vira, até ficar de lado na cadeira, a brisa do mar soltando mais fios de sua trança. Observo aqueles fios voarem e dançarem ao vento como chamas, antes de envolverem sua cabeça, escondendo seu rosto.

Seus ombros levantam e depois caem. Uma respiração profunda, como se estivesse tomando coragem.

— Eu tenho uma ideia. Um plano, quero dizer. Isso vai nos ajudar a sair de nossas... situações atuais.

Minhas sobrancelhas se levantam em surpresa. De todas as pessoas que teriam um plano para me ajudar a sair da confu-

são em que me meti, a irmã mais nova de Ren era a última pessoa que eu teria considerado.

— Por que você quer me ajudar? Da última vez que te vi, te atormentei, te insultei e te fiz chorar.

E eu me odiei por isso.

— Você não me fez chorar — diz ela uniformemente. — Quero dizer, você meio que fez. Eram mais lágrimas de raiva, no entanto. Você me irritou. Mas... — O silêncio se estende entre nós, antes que ela diga — só porque você foi um idiota sobre isso não significa que você estava errado. Se eu quero ser vista, preciso me mostrar mais. E é aí onde você entra.

Eu a encaro, curioso.

— Prossiga.

Ela inclina a cabeça enquanto o vento prende seu cabelo contra o rosto, escondendo-a de mim. Seus dedos se enroscam em seu colo.

— Você precisa reparar sua imagem pública.

— "Ressuscitar" é o termo que acredito que Frankie usou.

Uma risada suave seguida de uma bufada de ar sai de Ziggy. Involuntariamente eu sorrio com aquele som.

Ela dá de ombros.

— Mesma coisa.

— Definitivamente não é, mas vou te dar ouvidos.

Outro silêncio se estende entre nós enquanto ela alisa as mãos nas coxas e se senta mais ereta.

— Eu quero minha imagem... um pouco manchada. Mais madura, se você me entende.

Uma carranca puxa minha boca.

— Eu não entendo.

— Cada um de nós tem o que o outro quer. Eu tenho uma reputação de boa menina. Você tem a notoriedade de um bad boy. Se fôssemos vistos juntos, essas imagens públicas poderiam passar de uma para a outra. Eu seria levada mais a sério. Você pareceria como se tivesse mudado de atitude.

Eu pisco para ela, atordoado com a implicação do que ela está dizendo.

— Você está sugerindo fingirmos um namoro, porque não há nenhuma chance de que eu...

— Não! — Ela balança a cabeça. O vento muda, puxando seu cabelo para trás em finas mechas acobreadas. — Não fingir que estamos *namorando*. Apenas fingir sermos... amigos.

A palavra cai como uma pedra no poço parado e congelado em que fica os poucos sentimentos que tenho e se espalha, em forma de uma perturbação indesejável. Não consigo deixar de me concentrar em como ela disse a palavra "amigos" – como se fosse uma palavra tão estranha para ela quanto é para mim.

Embora alguém como eu não mereça ou deseje amizade, por que diabos ela não mereceria?

Uma dor entorpecente ecoa por mim. Essa dor é um caminho longo demais. Trago o baseado e seguro a fumaça, me acalmando, dizendo a mim mesmo que aquela dor só existe

porque ela é irmã de Ren. Porque a única pessoa boa em minha vida, de quem não consegui afugentar, a ama feroz e protetoramente.

— Amigos — repito enquanto solto uma expiração.

O vento joga seu cabelo para trás, revelando seu perfil – aquele nariz longo e reto, uma cascata de sardas da cor de canela. Ela dá de ombros.

— Sim. Amigos.

— O que você diria ao seu irmão? Ele não vai suspeitar que de repente eu sou seu amigo também?

Ziggy morde o lábio.

— Eu vou pensar em algo. Isso seria recente, obviamente. Talvez tenha começado quando você e eu conversamos no casamento, o que não é mentira. Nós conversamos.

Não estou pensando no fato de termos *conversado* naquele terraço. Estou pensando em quando a vi erguer o vestido como um sonho ganhando vida, afundando as mãos no tecido...

Não pense nela tirando a calcinha. Não pense nela tirando a calcinha.

Eu rosno em minha garganta e massageio a ponta do meu nariz.

— Nós nos aproximamos por... alguma coisa — ela continua, alheia ao meu sofrimento. Uma carranca enruga seu nariz. — Vou descobrir o que dizer a ele, ele vai acreditar em mim porque é o Ren, e pronto. Amigos. Totalmente plausível.

Um suspiro me deixa.

— Ziggy, eu não me relaciono exatamente com as pessoas. Não sou do tipo "amigável". Não tenho certeza de quão "plausível" isso seria.

Eu observo sua carranca se aprofundar em seu perfil, visto que ela ainda não olha para mim. Seus olhos permanecem em suas mãos entrelaçadas.

— Você é amigo de Ren.

— Sim, mas é porque seu irmão é um santo com complexo de salvador.

— Então não será tão improvável que eu possa vê-lo da mesma maneira. Além disso, você não é alguém sem salvação — diz ela com naturalidade. — Não existe alguém sem salvação.

Aquela dor me atinge de novo. Uma junta de ansiedade aperta meus pulmões.

— Você está muito errada, Ziggy, querida.

— Não estou. Mas também não estou tentando te salvar. Só estou tentando aproveitar o que há de vantajoso em sua terrível reputação e estou disposta a negociar com a minha que é impecável.

O pânico apertando minhas costelas se afrouxa. Sei que decepcionei Ren, embora ele esconda bem. Eu sei que ele ainda espera que eu me redima dessa situação de merda em que me enfiei. E embora eu aprecie que isso o faça ficar ao meu lado, a

verdade é que: saber que vou falhar com ele um dia, como falhei com todos os outros, é um fardo.

Mas com Ziggy, não há esse risco.

Ziggy Bergman tem nos ombros uma cabeça surpreendentemente no lugar. Em duas frases, ela comunicou que me vê de forma muito mais realista do que seu irmão.

E já que esse é o caso, já que não há perigo de eu desapontar – e ferir – a irmãzinha de Ren, quem sou eu para dizer não a ela quando ela me oferece a solução perfeita para meu problema urgente?

Lentamente, eu me sento e alivio o peso do meu pé machucado, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Então... nós fingiremos sermos amigos?

Ela dá de ombros.

— Em poucas palavras, sim.

— Você gostaria que fôssemos vistos. Por aí.

— Exatamente. Fazemos algumas coisas que limpem a sua imagem, algumas coisas que prejudicam a minha. Quando ambos estivermos satisfeitos com os resultados, vamos parar de fingir e apenas agir com cordialidade.

Cordialidade. É como uma das palavras de Ren, como *festanças*. Sorrio, mas escondo atrás da mão, arrastando os nós dos dedos pela boca.

— Bem, então, estou dentro.

— Você está falando sério, certo? — Ela pergunta.

Não sou alguém cuja palavra signifique alguma coisa. Eu já fiz promessas e as quebrei. Eu já menti e jurei que estava dizendo a verdade. Mas aqui, não há promessa que eu não possa cumprir. Não estou prometendo mudar, sabendo que vou me desviar. Estou prometendo apenas *parecer* que mudei, fingir ter experimentado uma transformação positiva enquanto ela busca a sua.

Ainda assim, terei que ter cuidado. Me colocar regularmente na companhia de Ziggy Bergman, concordando em sujar deliberadamente o nome dela enquanto a deixo limpar o meu, vai exigir uma quantidade considerável de cuidado e esforço de minha parte, para que eu não cause nenhum dano duradouro a ela.

Não tenho o hábito de me importar ou me esforçar em nada, exceto no hóquei. E no sexo. E, ocasionalmente, em beber excessivamente. Mas o que mais eu tenho que fazer nas próximas semanas enquanto meu pé se cura? Ficar sentado de cueca, esperando que minha crise de imagem pública se resolva magicamente?

Fingir uma amizade parece bom. Não tenho amigos de verdade, além de Ren, e não pretendo me tornar um para Ziggy. Não deixo os outros entrarem, só para eles perceberem o quanto os desapontarei. Não me permito me importar com as pessoas, porque é muito fácil elas desaparecerem quando eu mais preciso delas.

Ziggy não ameaça nada disso. Ela não será minha amiga de verdade. Não vou deixá-la entrar. E certamente não vou me importar com ela. Vai ser fácil, uma vez que tenhamos nosso plano em prática – um golpe publicitário transacional e mutuamente benéfico, nada mais.

Portanto, é com suprema confiança, recostando-me na cadeira, que digo a ela:

— Estou falando sério.

Nunca vou esquecer isso – o longo e silencioso momento em que ela absorve minhas palavras, como se esperasse que eu as retirasse, antes de se virar e, finalmente, olhar completamente para mim.

Os últimos raios dourados do pôr-do-sol caem sobre ela, como ouro líquido transformando seu cabelo em um tom de chamas, seus olhos em esmeraldas ardentes, cada sarda em brasas de cor âmbar iluminando sua pele.

O ar sai dos meus pulmões com mais violência do que qualquer empurrão que ganhei nos rinques. Nesse momento, eu entendo. Eu *sinto* isso. A centelha do que é forjado dentro dela – uma espinha de aço, uma intensidade incandescente, fervendo sob aquela superfície aparentemente doce e serena.

Sua sobrancelha se arqueia quando ela olha para mim, e um sorriso lento e incipiente aquece seu rosto. Sua mão se estende para a minha.

— Então você tem um acordo, Sebastian Gauthier.

5

ZIGGY

Música da Playlist: “bad guy”, Billie Eilish

Acho que posso ter cometido um grande erro.

Sebastian aperta minha mão e o calor se infiltra em minha pele. Sinto meu coração disparar no peito.

Eu tinha certeza de que poderia fazer isso, de que poderíamos fazer isso. Mas talvez fosse o milkshake de morango com licor falando.

Eu encaro Sebastian, seu rosto todo delineado, com ângulos finos, olhos frios de cor prateada e uma pele quente e bronzeada – o estranho que eu pensei que tinha algum controle sobre, cujo desespero eu poderia alavancar para contrabalançar o meu próprio.

Mas agora estou sentada aqui, sentindo o cheiro da maconha e do uísque saindo de seu sistema. Estou vendo manchas roxas sob seus olhos e uma cicatriz pálida e fina em sua sobrancelha esquerda. Vejo também uma sarda na base da garganta.

Agora ele parece... humano. Formidável e terrivelmente humano. Humanos são difíceis para mim. Difíceis de ler, aprender, compreender. Olhando para ele, me pergunto se estou pegando mais do que posso aguentar.

E também estou sentindo o quão forte ele é.

Seu aperto é *muito* forte.

Olho para sua mão coberta por um complicado emaranhado de tatuagens, com números, sinais e palavras fragmentadas distorcidas em torno de seus dedos, enroladas por seu punho até seu braço.

Sinto o calor inundar as minhas bochechas. É melhor olhar para a mão dele, considerando que as tatuagens em suas mãos não têm nada a haver com o que está estirado em seu peito nu, sob aquelas correntes de prata. Sempre fui de encarar por mais tempo do que deveria quando estou curiosa. E estou muito curiosa sobre o que está tatuado em seu torso. Eu não quero olhar para Sebastian Gauthier – seu torso, ou qualquer outra parte sua. De forma alguma.

Uma crescente sensação de pavor se infiltra em mim. Eu não teria como ser mais o seu oposto. Como diabos vou me passar por uma amiga desse cara? Como vamos convencer alguém de que somos pessoas que compartilham o mesmo mundo?

— Ziggy. — A voz de Sebastian é áspera no fim da pronúncia, irregular pelo que imagino ser uma combinação de fumaça, insônia e muito álcool. Ele parece perigoso e assustador.

E mesmo assim, eu ainda olho para cima, encontrando aqueles olhos prateados que possuem um olhar cortante, dizendo a mim mesma para ser corajosa.

— Sim, Sebastian?

Ele afasta a mão e cruza os braços sobre o peito.

— *Pare* de me chamar assim.

— Por quê?

Seus olhos se estreitam.

— Eu já te disse. Você invadiu minha propriedade. Você não pode fazer perguntas.

— Mas nós somos amigos agora — eu o lembro, sorrindo docemente. — Amigos contam essas coisas uns aos outros.

— Somos amigos de *mentira*. Então finja que eu te contei o porquê.

— Hum. — Eu bato o dedo indicador no meu queixo. — Talvez seja nossa coisa de "amigos". Eu te chamo de Sebastian. Ninguém mais te chama assim. É, eu gosto disso.

Suas mãos vão ao rosto, esfregando-o.

— Eu preciso de uma bebida.

— Tenho certeza de que você ainda tem um pouco de álcool correndo pela sua corrente sanguínea.

Suas mãos caem e ele me lança um olhar exasperado, seguido por um sorriso cínico.

— Isso nunca me parou antes.

— Mas agora que você está no caminho do desenvolvimento pessoal, isso irá te fazer parar.

Os olhos de Sebastian percorrem meu rosto, antes que ele se incline, me fazendo sentir o cheiro azedo de maconha e uísque. Eu torço meu nariz.

— Vamos deixar algo bem claro aqui... — Ele inclina a cabeça. — Qual é *o seu* nome completo? Não é só Ziggy, é?

Meu estômago dá um nó.

— Eu não uso meu nome completo.

— Nem eu — ressalta. — Mas isso não a impediu de usá-lo.

Suspiro, irritada.

— Tudo bem. Mas você não pode contar a mais *ninguém*. — Estendendo meu mindinho, eu o levanto em direção a ele. — Prometa.

Seus olhos enrugam nos cantos. Sua língua cutuca sua bochecha.

— Uma promessa de mindinho? É nisso que estou sendo preso?

Implacável, eu ofereço meu mindinho.

— Estou falando sério, *Sebastian*.

Sua expressão fica estoica.

— Vamos lá, então. — Seu dedo engancha o meu, forte, me dando um choque.

— É Sigrid — eu deixo escapar. — Sigrid Marta Bergman.

Como Ren, cujo nome completo é Søren, em homenagem ao amado filósofo de papai, Søren Kierkegaard, eu costumava ser alvo de zombarias por causa do meu nome completo na escola. O abandonei no ensino fundamental e adotei o nome que Viggo me deu na pré-escola, quando ele não conseguia

pronunciar Sigrid. Começou como Siggy, depois se tornou Ziggy, até que toda a família me chamava assim.

Tenho muitas lembranças ruins ligadas ao nome Sigrid. Eu deveria ser a primeira pessoa a honrar o pedido de Sebastian de não o chamar pelo nome completo. Talvez ele também tenha más lembranças ligadas ao seu nome completo. Mas, mesquinhamente, eu queria algo deste homem que, mesmo em seu estado desgrenhado e abatido, exibe um tipo de postura indiferente e uma confiança que francamente invejo.

— Sigrid — ele diz baixinho, seus olhos dançando pelo meu rosto novamente. — É... incomum. Mas doce. Tipo alguém... vestindo um cardigã, uma espécie de bibliotecária certinha...

Eu o empurro, porque com tantos irmãos que eu tenho, a retaliação física após ser provocada é um reflexo.

Ele sorri, satisfeito consigo mesmo, e se joga para trás na cadeira.

— Eu não tinha terminado de falar, você sabe.

— Eu não ligo. — De pé, eu me afasto dele e encaro o oceano, já me chutando por amarrar minha vida a esse idiota pelos próximos... não importa por quanto tempo, será até que ambos consigamos o que queremos um do outro.

Olhando para o oceano, sentindo o resto do efeito do meu milkshake se dissolver como o sol no horizonte, suspiro pesadamente.

E então eu o sinto, quente e perto de mim.

— Eu ia dizer... — Sua voz sussurra em meu pescoço, como o som da fumaça em plena meia-noite e como as luzes das estrelas dançando em becos escuros. — Esta bibliotecária... durante o dia, ela é muito bem-comportada. Apropriada, quieta, doce... — Sua respiração roça minha orelha, e eu estremeço. — Mas à noite, ela é uma leoa, um animal selvagem finalmente solto de sua jaula.

Meus olhos se arregalam e o calor inunda minhas bochechas.

E então ele se foi, a varanda ficando entre nós enquanto ele afunda de volta em sua cadeira.

— É divertido te escandalizar.

Eu me viro, olhando para ele.

— E você é um idiota incorrigível.

— Culpado, Sigrid. Culpado.

Meus dentes apertam.

Sebastian pega o baseado que deixou apagar e o leva aos lábios, procurando o isqueiro.

— Agora, se você me der licença, o esquecimento me espera. Avisarei quando estiver pronto para começar essa falcatrua de relacionamento falso...

— Começaremos *agora*. — Minha voz é forte. Dura.

Quase não me reconheço.

Mas esse é o ponto disso, não é? Há uma voz forte dentro de mim. Passei muito tempo sem ouvi-la, sem acreditar nela. Desde que fui para a faculdade e assumi totalmente minha in-

dependência, jurei a mim mesma que nutriria aquela voz, daria ouvidos a ela, pouco a pouco, mais e mais.

Não há como voltar atrás agora.

Não sou uma leoa, como ele disse para me provocar, mas caramba, há *algo* feroz e selvagem dentro de mim, agarrando sua jaula. Hora de começar a agir assim.

— Começaremos agora? — Sebastian abaixa o baseado, olhando para mim de forma avaliadora. — Quem disse isso?

Propositalmente, eu ando em direção a ele, de pé com meus 1,80m. Arranco o baseado de sua mão, esmago-o em seu copo vazio e que fede a uísque e digo a ele:

— Eu.

6

ZIGGY

Música da Playlist: "Love Myself", Olivia O'Brien

— Se eu me meter em problemas com Frankie por sair de casa — Sebastian murmura, usando o sistema digital de segurança para trancar a porta que leva de sua casa à sua garagem —, vou jogar a culpa em você.

Puxo as chaves penduradas no bolso de trás de seu jeans preto e as jogo no ar, pegando-as com um encolher de ombros.

— Se ela te repreender, me avise. Direi a ela que você estava desejando algo nutritivo enquanto estava morrendo de fome, e eu obedeci.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Você vai mentir para Frankie?

— Não é uma mentira. Apenas... não é bem uma verdade.

Um bufo o deixa.

— Eu *não* estou morrendo de fome.

— Você vai precisar pelo menos parecer que está. — Eu começo a andar pelo interior de sua enorme garagem, passando por carros esportivos e mais carros esportivos. Finalmente, encontro o que quero, aquele que combina com a chave em seu chaveiro.

— Nem *fodendo* — ele diz, enquanto as luzes de seu Bugatti piscam para nós.

Eu sorrio, apertando o botão novamente para trancá-lo.

— Brincadeirinha.

Eu nunca poderia, nem em um milhão de anos, estar ao volante de um carro que valia tanto, não quando minha direção, na melhor das hipóteses, é aceitável, e minha ansiedade me torna uma motorista insegura.

Ele olha para mim.

— Engraçadinha você, hein?

— Engraçadinha? — Passando pelo Bugatti, decido pelo veículo menos intimidador, que ainda é um lustroso Porsche Cayenne vermelho. — Eu nunca pensei em mim dessa maneira. Em comparação a meus irmãos, Viggo e Oliver, pareço muito inofensiva.

— Esse é um pensamento perturbador, já que você passou pelo meu sistema de segurança e escalou minha casa. A propósito, você ainda não disse como fez isso.

— Como? Ah, com facilidade. — Abro a porta do motorista do Cayenne. Sebastian a fecha. Eu abro novamente. — Eu tenho cinco irmãos irritantes e uma irmã muito teimosa, Sebastian, eu poderia fazer isso a noite toda.

— Seb — ele corrige, fechando a porta mais uma vez. — Me diga como você entrou na minha casa.

— Me diga por que você não gosta quando eu te chamo de Sebastian.

Resmungando para si mesmo, ele se vira e começa a dar a volta no capô do carro. Quando ele vê seu reflexo, ele para, faz uma careta e depois se agita mexendo suas mechas de cabelo escuras e molhadas.

Sabiamente, ele decidiu tomar banho antes de sairmos, considerando que cheirava que nem a morte. Quando eu estava prestes a segui-lo depois que ele se levantou com o cobertor preto enrolado na cintura e fez aquele anúncio, Seb parou, pressionou um dedo no meu ombro até que eu dei um passo para trás e me trancou na varanda. Então ele me disse através do vidro que, se eu consegui subir até ali, certamente saberia descer.

Babaca.

Estremecendo com a contusão na minha bunda que adquiri ao cair em seu quintal – escalar até aquela varanda foi definitivamente mais fácil do que descer dela –, eu deslizo para dentro do carro, sentando no lado do motorista, e o ligo.

— Tudo bem. — Seb pressiona um botão em seu telefone que faz a porta da garagem se abrir automaticamente. — Para qual estabelecimento dolorosamente saudável estou sendo arrastado?

— Para o Betty's Diner — eu digo a ele, saindo com o carro.

Eu posso fazer isso. Eu posso dirigir este SUV muito caro e não bater com ele. Sou uma motorista confiante e capaz.

— Betty's Diner? — Ele franze a testa. — Por que isso soa familiar?

— Ren provavelmente mencionou em algum momento.

— Ah, é isso. Ele e Frankie vão muito lá, não é?

Sorrio enquanto ligo a seta do carro e sigo para a estrada.

— Sim. É o lugar deles agora. Costumava ser onde Ren me levava quando...

Minha voz morre quando memórias difíceis daquele tempo na minha vida me atingem. No ensino médio, o autismo não diagnosticado significava dificuldade intensa com interações sociais e problemas sensoriais que me levaram a um burnout colossal. Minha ansiedade era um vórtice, me levando a pensamentos sombrios, e eu fiquei profundamente deprimida. Embora eu seja grata que reconhecer essas dificuldades me levou a um diagnóstico que mudou minha vida, assim como me levou a aprender a me conhecer e a cuidar de mim mesma, aquela época não foi feliz. Foi difícil. E solitária.

— Quando...? — Ele repete.

— Quando eu estava no ensino médio.

— Por que tenho a sensação de que há algo a mais nessa história?

— Porque há.

— Bem. — Ele se abaixa mais em seu assento, abrindo o espelho para inspecionar seu cabelo novamente. — Eu tenho tempo.

— Eu também. Não significa que vou compartilhar.

O espelho é fechado.

— Eu pensei que estávamos criando um vínculo, Sigrid. Conversando, como fazem os amigos.

— Amigos de *mentirinha*, como você tão prestativamente me lembrou. Então *finja* que eu te contei sobre isso.

Um sopro de ar, a imitação de uma risada, o deixa.

— Touché.

Um silêncio desconfortável se instala entre nós. Eu me mexo, estremecendo por causa da dor novamente, e olho no espelho retrovisor. Preciso entrar na faixa da esquerda para fazer a minha próxima curva. Olhando no espelho mais uma vez enquanto mudo de faixa, percebo minha aparência e sinto um nó no estômago. Meu cabelo parece uma chama soprada pelo vento. Tem uma gota de milk-shake de morango na minha camisa.

De repente, percebo que, depois de tomar banho e trocar de roupa, Sebastian Gauthier agora parece muito melhor do que eu.

Não é exatamente um bom começo para o Projeto Ziggy Bergman 2.0, se formos vistos quando estivermos na rua (que é o foco da questão), comigo aparecendo sem graça e bagunçada usando roupas esportivas e Sebastian aparecendo elegante em jeans preto e uma camisa social de linho macia que ele trocou antes de me deixar entrar em sua casa, e então me conduziu em direção a sua garagem.

Eu me mexo no meu assento novamente, inquieta.

— Talvez devêssemos fazer uma parada primeiro.

Ele olha na minha direção, as sobrancelhas arqueadas.

— Que tipo de parada?

— Na minha casa.

— *Por quê*?

— Preciso vestir algo diferente.

Seu olhar desliza pelo meu corpo como um raio-X.

— E por que isso?

— Porque talvez, agora que você está vestindo mais do que sua cueca e não cheira como um morto-vivo, eu me sinto um pouco malvestida.

— E você vai colocar que roupa? Outro par de shorts de futebol? Uma nova camisa esportiva? Não é como se você usasse qualquer outra coisa diferente.

Eu faço uma careta, odiando que ele esteja certo. Tudo o que uso são roupas de ginástica. Desde que cresci mais um centímetro e engordei um pouco mais quando comecei na UCLA, quando tudo o que fazia era correr entre jogos de futebol, os treinos, os momentos de condicionamento físico e as aulas, substituindo as roupas casuais (nada baratas ou amigáveis à sensibilidade sensorial) que eu me desfiz pois parecia inútil quando eu sabia que mal teria tempo de usá-las.

— Você ao menos *possui* alguma coisa além de roupas esportivas? — Ele está pressionando direto em um dos meus pontos fracos. É difícil vestir um corpo feminino de 1,83m de

altura, pior ainda vestir um com uma tonelada de aversões sensoriais a costuras, etiquetas e inúmeras fibras.

O calor atinge minhas bochechas. Aperto o volante com tanta força que meus dedos doem.

— Sim — eu digo friamente, fazendo a curva que nos levará ao meu apartamento. — Tenho cobertores que uso quando apenas a roupa íntima não serve.

Sua boca se abre.

— Uma piada sarcástica da angelical Sigrid?

— Eu *não* sou um anjo.

— Isso certamente está claro, depois de ficar tão irritadinha. — Sua voz está mais baixa agora, com o tom de algo que não reconheço.

Olho para ele quando paro no sinal vermelho e o pego olhando para mim.

— O quê?

Com os olhos fixos em mim, ele encosta um cotovelo na janela, os nós dos dedos se arrastando pela boca.

— Apenas... estou percebendo o que você tem escondido sob essa superfície doce e tímida esse tempo todo.

— Eu sabia que estava certo sobre aquela coisa de bibliotecária certinha. — Sebastian fecha a porta do meu apartamento atrás dele, olhando para minhas estantes.

Eu lanço um olhar para ele enquanto ele dá a volta na pilha de livros para os quais ainda não tenho espaço, pelo menos até eu montar minha próxima estante.

— Eu diria para se sentir em casa — digo a ele —, mas não estou muito preocupada com o seu conforto agora.

Ele me lança um daqueles sorrisos cínicos, apoiando um quadril contra o único balcão da minha pequena cozinha.

— Estou me sentindo muito em casa aqui.

— Maravilha. — Caminhando em direção à minha cômoda, arrasto a cortina que prendi junto ao teto ao meu redor, dando-me um espaço improvisado e com privacidade para me trocar. — Ok. — Eu tiro minha camisa, depois o meu sutiã esportivo. — Hipoteticamente falando. O que uma garota foda usaria para uma refeição casual?

Está quieto. Quieto demais. Eu me inclino para trás, para além da cortina, até que apenas a minha cabeça está para fora. Sebastian está de costas para mim agora. Ele está olhando para minhas estantes.

— Sebastian?

— O quê? — Sua voz está tensa, e ele não se vira.

— Perguntei o que devo vestir.

— O que diabos você quiser — ele retruca.

— Credo — murmuro.

Ele solta um suspiro pesado.

— Você deveria vestir algo que te faça sentir bem.

— Sim, mas eu quero ter uma *boa* aparência também. Não sei como fazer isso.

Há uma longa pausa. Outro suspiro pesado.

— Você está vestida?

— Uhh... — Eu olho para os meus seios nus. — Não — eu respondo lentamente. — Por quê?

— Coloque alguma coisa. Pelo menos um roupão.

— Você é mandão.

— Estou com *fome.* Alguém interrompeu minha bebedeira, e agora que meu estômago está vazio de bebida, está dolorosamente consciente de que também está vazio de comida. Eu gostaria de comer ainda hoje à noite.

— Coloquei o roupão, seu rabugento.

Eu ouço o baque de sua bota ortopédica contra meu piso de madeira, então a cortina se abre. Ele olha para mim, e sua mandíbula tensiona. Eu aperto mais forte o meu roupão. De repente, o algodão branco e macio que desce até a metade das minhas coxas parece uma quantidade profundamente insuficiente de tecido.

Passando por mim, Sebastian abre minhas gavetas da cômoda, vasculhando-as.

— Não. Não. Não. Jesus, mulher, você tem alguma coisa que não seja noventa e cinco por cento de lycra?

— Você é muito engraçado, Gauthier.

— Devo encontrar algo ousado que você possa usar entre essas opções? É como pedir a Monet para pintar com manteiga de amendoim.

Mordo o lábio para não rir. Isso foi meio engraçado.

— Ah-hah. — Sebastian pega um sutiã esportivo preto de alça dupla e baixo impacto que uso para fazer ioga e o joga na cama.

Ele vasculha a mesma gaveta um pouco mais até encontrar uma regata nadador branca com a qual eu durmo, tão macia e gasta que está semitransparente agora.

— Isso — ele murmura. — E...

Enxotando-me para trás, ele cai na beira da minha cama para que possa alcançar as gavetas inferiores e vasculhar nelas também. Ele encontra um par de jeans desbotados (o único par que já tive e realmente gostei da sensação) do qual infelizmente tive que parar de usar após meu último surto de crescimento. Eles ainda cabem em meus quadris, embora estejam mais apertados do que eram originalmente, mas estão muito curtos agora, um comprimento estranho que incomoda nos meus tornozelos.

Segurando o jeans, ele o inspeciona.

— Esse.

— Ele fica estranho.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Então por que está na sua gaveta?

— Porque é nostálgico.

— Nostálgico. Que diabos há de nostálgico quando se trata de jeans?

— Apenas me dê isso. — Eu tento arrancá-lo dele, mas Sebastian puxa de volta, fazendo-me cair sobre ele, nós dois desabando sobre a minha cama.

Eu o encaro com os olhos arregalados, congelada. Minhas pernas estão em seus quadris. Minha pélvis pressiona diretamente na dele.

Sebastian é muito... rígido. Em todos os lugares. Eu sinto seus músculos magros. Os ossos em seus quadris. Eu não prestei muita atenção em seu corpo quando estava em sua varanda porque, bem, eu estava tentando muito *não* fazer isso, mas agora não consigo evitar sentir a prova de que ele está claramente mais magro do que normalmente é, não magro de uma maneira saudável como Ren fica quando eles intensificam o condicionamento físico antes da temporada, mas do tipo nocivo. Do tipo "eu-bebo-e-não-como".

É como no momento em que vi as manchas sob seus olhos, como aquele em que vi seu cabelo espetado para cima de um jeito engraçado antes de alisá-lo para trás. Eu sinto o quão humano ele é. E eu sinto uma vontade inexplicável de abraçá-lo. De arrastá-lo até a casa de meus pais e enfiar um prato enorme de comida caseira sueca na frente dele.

— Ziggy. — Sua voz está tensa enquanto ele puxa seus quadris para trás. Por conta da gravidade, o meu segue o exemplo, me movendo em conjunto com o dele. É assim que

eu me moveria se estivesse por cima por um motivo totalmente diferente, se não houvesse nada entre nós, um movimento longo e preguiçoso de meus quadris. Infelizmente, porque estou apenas de calcinha (e essa é realmente confortável) sinto muito mais do que gostaria, o comprimento grosso dele, enfiado dentro de sua calça jeans, esfregando contra mim.

Eu me afasto freneticamente, quase caindo de bunda.

— Desculpa. Eu... desculpa. — Eu limpo minha garganta.

Seb se acomoda na cama, ainda segurando meu jeans. Então ele se levanta, seu olhar fixo no meu. Com o quão pequena é a área do meu "quarto", ficamos de pé quase peito a peito.

Ele solta um suspiro lento e olha para o meu jeans em suas mãos.

— Por que ele fica estranho?

Eu não quero contar a ele. Não quero confessar minhas necessidades sensoriais a alguém que até agora provou ser totalmente indigno de minha confiança.

Mas algo em sua expressão quando ele me olha sob aqueles cílios grossos e escuros faz com que as palavras se desfaçam para fora de mim e se espalhem no ar.

— Ele pinica em meus tornozelos. Ele costumava caber, mas depois tive um surto de crescimento, pouco antes da faculdade, e agora ele está muito curto. Mas ficava tão bem em mim. É o único jeans que já ficou bem em mim.

Ele estuda o meu rosto, quieto, movendo meu jeans em suas mãos. Então ele olha para baixo, novamente, examinando o interior, as costuras, a etiqueta estampada no tecido.

— E se ele fosse um short?

Eu franzo a testa.

— Short?

— Está *vinte e seis* graus lá fora, Sigrid. A estação em que estamos agora se chama verão, já ouviu falar?

— Diz o homem usando calça. — Eu cutuco sua axila, um ponto clássico de cócegas que parece funcionar, porque ele xinga e se afasta.

— Calma lá, ratinha de academia.

Por conta desse pequeno apelido, faço cócegas em sua outra axila, mas desta vez ele pega minha mão, apertando-a com força. Eu olho para ele, o coração batendo forte no meu peito. Seu polegar está deslizando pela parte interna da palma da minha mão, em círculos firmes e relaxantes. Círculos que eu gostaria muito de sentir em outras partes do meu corpo. Meus mamilos endurecem. Sinto um calor me preencher, indo em direção ao meu baixo ventre, se instalando em uma dor suave e pulsante.

Eu sabia que estava perdendo a cabeça em relação a ele. Sugando uma respiração profunda, pressiono minhas coxas juntas e essa dor vai embora.

— Como você faria ele virar um short? — Estou extremamente orgulhosa do quão firme minha voz sai.

Sebastian levanta uma sobrancelha.

— Tem uma tesoura?

Eu puxo minha mão, e desta vez ele me solta. Eu levo meu precioso tempo procurando a tesoura na minha gaveta da cozinha para abaixar minha temperatura corporal, então a ofereço a ele, que a pega de imediato. Sebastian coloca a tesoura no balcão e se aproxima de mim.

Olhando para ele, digo ao meu coração para parar de acelerar.

— Posso ajudar?

— Sim. Ficando parada.

E então ele se ajoelha. Meu estômago revira com a visão.

— Coloque — diz ele, segurando o jeans aberto para mim.

— Colocar?

Ele olha para cima.

— Coloque a calça enquanto faço isso. A menos que isso vá te incomodar muito. Vestir a calça vai me ajudar a descobrir onde cortá-la, mas posso segurá-la contra você e descobrir dessa forma também. É menos preciso, no entanto.

Eu só preciso que ele não fique mais de joelhos na minha frente, com a cabeça bem na minha pélvis. Eu suportaria uma dúzia de jeans que cause uma sensação estranha nos tornozelos para acabar com isso antes que minha libido sequestre meu cérebro novamente e faça meus pensamentos se transformarem em uma fantasia completa sobre como seria Sebastian

Gauthier ajoelhado na minha frente por um motivo muito diferente, um muito mais prazeroso.

— Eu posso fazer isso. — Agarrando o balcão, coloco o jeans rapidamente, então fico parada quando ele o levanta acima dos meus joelhos. Nossos dedos se roçam e eu estremeço. Sebastian deixa as mãos caírem bruscamente, pressionando-as contra as coxas enquanto senta-se sobre os calcanhares. Ele desvia o olhar, olhando para minhas estantes.

Esperando por algum comentário sarcástico sobre minhas preferências de leitura, puxo o jeans mais para cima, sob o roupão, antes de fechá-lo e abotoá-lo.

— Ok — eu digo a ele.

Ele levanta os olhos, afiados e de um tom acinzentado. Sua garganta solta um pigarro.

— Você pode subir seu roupão sobre o jeans, para que eu possa ver onde cortar...

Levanto o roupão, juntando-o no meu estômago.

Ele limpa a garganta.

— Caneta?

Passando por ele, abro a pequena gaveta da minha cozinha onde guardo canetas e lápis.

— Caneta.

Ele não diz nada, apenas pega e começa a traçar uma linha na minha coxa. Solto um gritinho, o que faz com a caneta ziguezaguear pelo tecido. Ele me dá um olhar exasperado.

— Está ficando ótimo, com você se mexendo.

— Faz cócegas!

Suspirando, ele agarra minha coxa com *força*. O calor de sua mão atravessa meu jeans.

— Fique quietinha e eu serei rápido.

Eu mordo minha bochecha enquanto ele arrasta a caneta em volta da minha perna, sua mão me segurando com força, antes de se mover e ir para a outra.

— Tudo bem. — Seu olhar dança até o meu de onde ele está ajoelhado. Ele pigarreia novamente, então desvia o olhar. — Tire o jeans.

Começo a tirar o jeans, mas ele gruda quando o abaixo. Sebastian afasta meus dedos, envolve sua mão em volta do meu tornozelo, então puxa uma perna do jeans, depois a outra, em dois puxões rápidos e eficientes.

Jesus. Ele é muito bom em tirar roupas.

Fecho os olhos com força e digo ao meu cérebro vigoroso para parar.

Sebastian se levanta com os meus jeans, segurando-os na frente dele, mas esta cozinha é pequena e, mais uma vez, estamos próximos. Muito perto um do outro.

Me sinto dolorida e corada

— Eu só vou, uh... — Limpando minha garganta, eu aponto para trás. — Pentear meu cabelo.

Sebastian emite um grunhido evasivo, focado nos meus jeans. Ele se vira para ficar bem encostado no balcão da cozinha e os estende, antes de fazer o primeiro corte com a tesoura.

No banheiro, em uma distância segura dele, eu desembaraço meu cabelo, xingando em sueco enquanto penteio cada nó formado pelo vento. No momento em que meu cabelo está macio, limpo com shampoo a seco e preso em um rabo de cavalo alto e elegante, há uma batida na porta do banheiro.

Eu abro com facilidade. Um par de shorts me acerta no rosto.

— Obrigada?

Ele nem mesmo me responde enquanto puxa a porta para fechá-la.

— Alguém está mal-humorado.

— Com fome! — Ele grita. — Se apresse.

Murmurando para mim mesma em sueco, apenas no caso de Sebastian conseguir me ouvir reclamando dele, eu coloco o short, em seguida, abro a porta, passando por ele para pegar o sutiã e a blusa que ele escolheu e deixou na minha cama. Puxo a cortina ao meu redor, visto o sutiã e a camisa, calço as meias e os tênis preto e branco da Nike que ele também deve ter separado para mim antes de abrir a cortina.

— Isso foi rápido o suficiente para você?

Sebastian se vira de onde estava de costas para mim, os braços cruzados sobre o peito. O menor puxão no canto da boca, um lampejo de luz naqueles olhos frios e cinzentos, é toda a mudança em sua expressão. Mas é alguma coisa. E isso faz eu me sentir bem.

Tomando seu precioso tempo para alguém que acabou de me irritar para me apressar, ele caminha em minha direção, de alguma forma ainda gracioso, mesmo com aquela bota ortopédica batendo no chão.

— E aí? — Eu pergunto. — Como estou?

Ele fica quieto por um momento, seu olhar percorrendo meu rosto, descendo pelo meu corpo. Então ele diz:

— Vire-se.

— Por quê?

— Sigrid. Basta virar.

Suspirando, faço o que me diz e encaro meu reflexo no espelho montado na parede. Eu pareço... exatamente como eu queria. Eu, mas com um toque de ousadia.

A regata está gasta, mas não muito transparente, a sombra do meu sutiã preto aparece por baixo dela. Sebastian não apenas cortou os jeans em shorts, mas também conseguiu estragá-lo levemente, fazendo um corte ocasional no tecido, mas não cortando completamente, as bordas inferiores desfiadas, de modo que são macias, mas não provocam cócegas. Eles são curtos, mas não *muito* curtos, o suficiente para mostrar minhas pernas sem me fazer sentir que minha bunda vai pular para fora quando eu sentar. Meus tênis de cano alto brancos com detalhes e cadarços em preto combinam com meu sutiã e top. Está perfeito.

— Agora — diz ele, sua voz quente no meu pescoço. — Me diz você como está.

Eu mordo meu lábio reprimindo um sorriso, encontrando o olhar do meu reflexo.

— Eu pareço foda.

Os olhos de Sebastian se fixam nos meus no espelho enquanto ele está atrás de mim. Sua expressão é vazia, mas seu olhar é afiado, penetrante.

— Vamos, então, fodona. Hora de comer.

Sebastian parece comicamente deslocado no Betty's Diner quando nos sentamos em uma cabine de vinil retrô brilhante, enquanto músicas antigas tocam no jukebox. Este Adonis de 1,90m, com cabelos escuros, tatuagens, correntes e anéis de prata, vestindo suas roupas de aparência cara e uma expressão severa, lê o cardápio cercado por famílias com bebês batendo nas mesas e idosos comendo torta de maçã.

Eu cutuco seu joelho debaixo da mesa. Ele abaixa o cardápio apenas o suficiente para revelar aqueles olhos frios que parecem mercúrio, uma sobrancelha escura arqueada.

— O quê?

Colocando meus cotovelos na mesa, eu me inclino falando com a voz baixa.

— Deveríamos estar parecendo que somos amigos. Não dois estranhos presos em uma mesa em um restaurante que você gostaria que fosse um clube.

Ele suspira, abaixando o cardápio completamente, em seguida me imita, apoiando os cotovelos na mesa e entrelaçando as mãos. As luzes piscam contra seus anéis de prata, chamando minha atenção para seus dedos e a tatuagem coberta sobre eles.

— Não é educado olhar fixamente, querida Ziggy.

— Dói quando você as tatua? — Eu aponto para suas mãos. Estou muito fascinada para reconhecer o quão irritante e condescendente esse "*querida Ziggy*" soou.

— Sim — ele diz simplesmente.

Eu olho para cima, procurando seus olhos. Ele toma um gole de água.

— É uma dor boa?

Sebastian engasga com a água, depois limpa a boca, franzindo a testa para mim.

— O que diabos alguém como você sabe sobre uma "dor boa"?

— "Alguém como eu" seria uma mulher bissexual de 22 anos que sabe mais do que você pensa. — Eu o encaro. Nós nos envolvemos em uma pequena disputa de olhares. — Eu não sou uma freira, Sebastian. Pare de me tratar assim.

— Você... — Ele se inclina, falando em voz baixa: — É a irmãzinha do meu melhor amigo. É *exatamente* dessa forma que vou te tratar. Você entende?

Eu me inclino ainda mais perto, então sussurro:

— Não.

— O que vão querer pedir? — Nosso garçom, Stevie, interrompe o momento. Nos separando, nós intencionalmente não olhamos um para o outro. Quando faço meu pedido, Stevie, que me conhece de meus jantares com Ren ao longo dos anos, dá a Sebastian um olhar obviamente apreciativo, depois pisca para mim e murmura: *Uau.*

Depois que ele sai, Sebastian diz:

— Isso pode ser um problema.

— O quê?

Ele se agacha na cabine, uma mão cheia de dedos tatuados tamborilando sobre a mesa.

— As pessoas vão presumir que estamos fodendo.

Meus olhos quase saltam das órbitas.

— Você não pode dizer essa palavra no Betty's Diner. Além disso, *por quê*?

Ele sorri.

— Porque é isso que eu faço de melhor, querida Ziggy. Além do hóquei. E quando sou visto com alguém que não seja da equipe, é isso que os tabloides – com certa razão, devo acrescentar –, presumem.

Resolvo estudar o cardápio para não ter que olhar para Sebastian enquanto ele fala sobre isso. Estou ficando em um tom de vermelho brilhante.

— Bem, então... será apenas outra maneira de você mostrar que mudou. Você fez amizade com alguém que você não está tentando...

Ele se inclina, um cotovelo na mesa, o rosto apoiado na mão.

— Vá em frente. Diga.

— Dormir — eu termino timidamente.

Ele bufa.

— Sinceramente, Sigrid. Você poderia falar isso. *Foder*.

— É um estabelecimento familiar. Você não pode continuar dizendo isso aqui.

Revirando os olhos, ele se encosta na cabine novamente. Eu olho ao redor, esperando que não tenhamos falado alto o suficiente para as pessoas se ofenderem com a boca suja de Sebastian.

É quando percebo que, embora não tenha ninguém olhando para nós parecendo escandalizado, definitivamente há muitos clientes olhando em nossa direção. Alguns deles não tão sutilmente pegam seus telefones para filmar ou tirar uma foto.

Há muitos *olhos* sobre nós.

Minha pulsação começa a martelar em meus ouvidos. Minhas pernas começam a balançar sob a mesa. Pego o cardápio novamente, apesar de já ter feito o pedido.

Memórias do ensino médio, a ansiedade ao entrar nas salas de aula, no refeitório, no vestiário, me faz fechar os olhos e respirar fundo.

É por isso que fiz o possível para passar despercebida por tanto tempo. Porque da última vez que me senti vista, eu era

uma garota desajeitada com uma ansiedade paralisante, uma total incapacidade de fazer amigos e um medo perpétuo de dizer a coisa errada – de dizer qualquer coisa, *aliás*.

— Merda — eu sussurro, exalando trêmula.

— *Sigrid.* — Sebastian parece fascinado. — Isso que eu finalmente ouvi foi um palavrão?

Eu o encaro, ou tento, mas o mundo parece um pouco confuso. Estou tendo dificuldade em respirar fundo.

O sorriso malicioso de Sebastian se dissolve em seu rosto enquanto ele me observa.

— O que diabos há de errado?

Um gole em seco desce pela minha garganta enquanto eu agarro o cardápio como se minha vida dependesse disso.

— Eu acho que isso pode ter sido um erro épico.

7

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Don't Let It Get You Down", Johnnyswim

Eu deveria estar feliz que Ziggy está repensando esse absurdo. Considerando como as coisas aconteceram no apartamento dela, eu deveria aproveitar a chance de acabar com essa façanha ridícula antes mesmo dela começar.

Porque o que eu senti, observando sua silhueta nua através da cortina que nos separava antes de me virar e fechar os olhos; em seguida, ajoelhado aos seus pés; e então, parado atrás dela enquanto ela se olhava no espelho, não é um bom sinal.

Estou dolorosamente atraído por ela. A esta deliciosa contradição de quietude tímida e pura coragem, oscilação de ternura e um fogo persistente. Ela é deslumbrante para caralho, e ela não faz nem ideia disso. Ela não sabe que aquele top branco transparente cobrindo sua pele lisa é uma tortura a ponto de me fazer cerrar o maxilar, que seus quadris balançam quando ela está se sentindo confiante e que as sardas em suas pernas dançam enquanto ela caminha.

Ela *nunca* saberá sobre isso através de mim. Porque esse tipo de conversa nunca irá acontecer com a irmã do meu melhor amigo.

A qual só quer *fingir* ser minha amiga.

E a qual está, obviamente, à beira de perder a cabeça neste restaurante cheio de guloseimas.

Suas pernas se mexem freneticamente sob a mesa. Eu coloco um joelho em torno de cada uma delas e as prendo juntas, fazendo-as ficarem imóveis. Ela olha para cima e respira fundo e lentamente, algo parecido com alívio aquece seus olhos. Seus ombros, que estavam erguidos até às orelhas, se alinham.

Uma satisfação rara e profunda flui através de mim, muito melhor do que a melhor droga, mais potente do que o uísque mais suave. Eu causei isso. Eu a fiz sentir melhor. Porra, eu poderia ficar viciado na energia que isso me dá.

Ainda mais motivos para concordar com Ziggy que essa ideia foi um erro épico. Eu deveria deixar algum dinheiro na mesa, arrastá-la para fora e acabar com isso.

Mas, em vez disso, inexplicavelmente, eu digo:

— Por quê?

Ziggy desliza os dedos pela borda do cardápio. Suas mãos estão tremendo.

— A ideia real disso era ser olhada, ser vista. No entanto, não estou acostumada com isso, com ser notada. Isso me assusta.

— Você tem 1,85m e cabelos ruivos. Como é que até agora você não se acostumou a ser "notada"?

Ela morde o lábio e abaixa a cabeça, então seu rabo de cavalo se torna uma cortina de cabelo que a protege dos olhos curiosos voltados para nós.

— Você mesmo disse, eu sou boa em me esconder dos olhares alheios.

Meu peito dói. Aperto minha mandíbula com tanta força que chega a ranger. Quem diabos a fez se sentir assim? O que a fez decidir que era melhor se esconder e diminuir a sua chama?

Ela olha por cima do cabelo, inspecionando o ambiente, então estremece.

— Eu não posso fazer isso.

— Uma porra que você não pode.

— Olha a boca suja — ela sussurra, olhando para mim. — Você está cagando um pouco com a mudança de imagem pública que estamos tentando promover, lançando todos esses palavrões com "p" em um restaurante familiar.

Eu me inclino e digo a ela:

— Se eu tenho que parecer que mudei e estou falando como um bom menino, você pode se sentar e deixar que as pessoas te vejam.

Ela fecha os olhos.

— É difícil. A mudança leva... um tempo para mim. Não posso simplesmente estalar os dedos e ficar subitamente confortável com isso.

Eu a encaro com um nó apertado se formando em meu peito.

— Então vamos dar um passo para trás. Facilitar as coisas para você.

Seus olhos encontram os meus, curiosos e cautelosos.

— Facilitar para mim?

Levanto a mão para chamar a atenção do nosso garçom, mantendo o olhar fixo no de Ziggy. Stevie, como ele se apresentou, aparece em nossa cabine rapidamente, como se estivesse esperando por este momento.

— Precisam de algo? — Ele pergunta.

— Decidimos que vamos levar nossa comida para viagem — digo a ele. Quando Ziggy arregala os olhos para mim, eu lanço a Steven um sorriso que já me garantiu exatamente o que eu queria mais vezes do que posso contar. — *Por favor.*

Ziggy observa Stevie piscar os olhos para mim e ficar corado.

— C-claro — diz ele, colocando uma mecha de cabelo castanho atrás da orelha. Ele empurra os óculos no nariz, de onde eles escorregaram. — Com certeza. Sem problemas.

As sobrancelhas de Ziggy se erguem quando Stevie se vira, caminha até uma mesa e depois contorna-a lentamente, mexendo no cabelo de novo, lançando-me um sorriso atordoado por cima do ombro.

— Esse charme, Gauthier... — ela murmura desoladamente —, é uma coisa perigosa.

Eu sorrio enquanto me recosto na cabine.

— Acha que não sei?

— Cara, isso é bom — Ziggy geme enquanto come a sua comida. — Eu nem pensei que estaria com tanta fome, porque eu já jantei, mas há algo sobre os sanduíches da Betty. — Outro gemido feliz escapa dela enquanto ela mastiga, depois engole.

O ketchup escorre do sanduíche, caindo em sua coxa.

— Opa — ela murmura.

Observo-a deslizar o dedo indicador pela pele para limpar o ketchup, depois levá-lo à boca, lambendo o ketchup da ponta do dedo com um movimento rápido da sua língua.

Eu mordo o canudo preso no meu milk-shake com tanta força que ele racha.

Já é ruim o suficiente ter que sentar ao lado de Ziggy, ouvindo cada gemido de satisfação enquanto ela dá uma mordida no sanduíche. Agora eu tenho que vê-la lamber os dedos.

Eu preciso transar.

Mas isso é praticamente impossível quando estou em prisão domiciliar e sob instruções estritas de Frankie para não ficar com ninguém. Minha mão está trabalhando duro e mal consigo me aliviar. Tem sido assim mesmo antes de eu me meter neste último problema. Tenho estado inquieto, irritado, frustrado. Ninguém me agrada, ninguém me atrai. Não há uma única pessoa que eu tenha gostado de dar em cima nas últimas semanas.

Agora, sexualmente frustrado, preso no mais longo período de abstinência da minha vida adulta, tenho que ouvir

Ziggy gemer por causa de comida de restaurante no capô do meu carro.

Que inferno.

— Vucênãocostaduseu? — Ela diz com a boca cheia.

Eu levanto uma sobrancelha, tomando um gole do meu milkshake de chocolate que Ziggy se serviu de pelo menos metade.

— Acredite ou não, eu não entendi direito.

Ela engole em seco e diz:

— Desculpe. Você não gosta do seu? — Ela acena com a cabeça em direção ao meu sanduíche com bacon, alface e tomate que mal foi tocado.

Eu olho para o sanduíche, meu estômago apertando. Antes deste, eu não tinha comido um desses desde o dia em que meu pai foi embora. Ele os amava. Tenho poucas lembranças dele antes de ele abandonar minha mãe e eu – ele era um jogador profissional de hóquei, passava muito tempo na estrada para os jogos, mas eu me lembro do cheiro de bacon e pão torrado, comendo um queijo grelhado na mesa enquanto ele comia seu amado sanduíche. Eu odeio a visão e o cheiro desses sanduíches desde então. Mas depois que eu, por algum motivo inexplicável, perguntei a Ziggy enquanto caminhávamos para o restaurante o que ela gostava de comer aqui, e ela disse que esse sanduíche feito por eles era o melhor que ela já havia comido, acabei dizendo a Stevie que gostaria de um.

A pior parte é que Ziggy está certa. É bom para caralho. Olho para o sanduíche, o pego e dou outra mordida. Esta mordida é ainda melhor que a anterior, o tomate em fatias grossas amoleceu o pão torrado e crocante; o bacon defumado está misturado com bastante maionese, ainda um pouco crocante devido à alface-romana.

Eu odeio isso. E também amo isso. Merda, eu preciso de uma bebida.

— Está bom — eu admito para ela, colocando o sanduíche de volta na embalagem, limpando minhas mãos. — Eu estou apenas... demorando para encontrar meu apetite.

Ela se vira na minha direção, olhos verdes penetrantes me examinando.

— Meio que dificulta com essa situação de eu sendo vista na lanchonete com você se alimentando, hein?

Eu paro de mastigar, meu peito apertando quando eu me lembro do que ela disse sobre ser vista na lanchonete, sobre estar confortável com isso.

É difícil. A mudança leva... um tempo.

Olhando para o sanduíche, dou de ombros.

— Talvez.

— Quando você está jogando hóquei, fica mais fácil fazer boas escolhas, não é? Mas quando está fora de temporada, você não faz essas boas escolhas, porque acha que não merece coisas boas. Você só as faz porque elas tornam o hóquei uma possibilidade.

Eu lanço um olhar para ela e dando uma mordida digo, exasperado:

— Diga mais, Freud.

— Você pode culpar meu terapeuta, não Freud, por isso. — Ela dá de ombros, olhando para o sanduíche. — É assim comigo e com o futebol. Posso jogar em frente a um estádio lotado e estou bem. Mas me tire do campo e eu não conseguirei. Me sinto digna desse tipo de atenção e respeito quando sou a Ziggy jogadora de futebol. Em qualquer outro lugar, de qualquer outra forma... — Ela suspira, desamparada enquanto encara seu sanduíche. — Não tanto.

Eu a encaro, mordendo meu lábio.

— Olhe para você, tagarelando, Sigrid. Eu não sabia que você tinha isso em você.

— Sim, bem — ela murmura. — Tente ser a última de sete filhos e veja se você cultiva o hábito de tentar obter ser ouvida.

— Fale o quanto quiser perto de mim. Você sabe, se é isso que você faria perto de um... amigo. Posso olhar melancolicamente para o meu sanduíche e fingir que estou ouvindo enquanto você fala.

Eu sinto seu olhar no lado da minha cabeça, um silêncio denso antes de eu levar um pequeno empurrão.

Uma pequena risada gutural escapa dela.

— Seb Gauthier. — Ela balança a cabeça e lambe outra gota de ketchup que caiu em sua mão. — Só você poderia ser doce e um completo idiota ao mesmo tempo.

— Eu não sou doce — eu a advirto. — Eu disse a você, é apenas para os outros.

Ela balança a cabeça, olhando para o sanduíche.

— Huhum, está bem.

Eu a encaro, minha língua pressionada em minha bochecha.

— Você me chamou de Seb.

Ela está prestes a morder seu sanduíche quando olha na minha direção.

— Você não gosta de ser chamado pelo seu nome completo, então pensei em parar de torturá-lo com isso.

Dando de ombros, levo o canudo do milkshake à boca e dou um gole.

— Meio que parece estranho agora, você me chamando de algo além de Sebastian.

Eu brinco com o canudo, evitando seus olhos.

Ziggy está quieta de novo, mas sua mão envolve delicadamente o milkshake e o puxa para ela. Eu não consigo soltar, então deixo seus dedos se enredarem nos meus, deixo sua força me puxar para perto.

Fecho os olhos enquanto me inclino para ela, sentindo seu perfume suave e limpo, sentindo seu cabelo esvoaçar ao vento e sussurrar contra minha pele. Quando abro os olhos, ela está ali, chupando o canudo, olhando para mim.

Ela se recosta e lambe os lábios, olhando para mim pensativa.

— "Sebastian" será, então.

— Ainda tenho o direito de mandar você se foder quando me irritar com a forma como diz isso.

Uma risada bufada a deixa.

— Eu não esperaria nada menos. — Então ela dá outra mordida em seu sanduíche, mastigando enquanto olha pensativa para o estacionamento, os cotovelos apoiados nos joelhos.

Ela parece perfeita para caralho.

Eu pego meu telefone e tiro uma foto. No momento em que ela ouve o som de clique, sua cabeça se vira na minha direção.

— O que foi *isso*? — Ela grita com o sanduíche na boca

Eu reprimo uma risada.

— Se acalme, Sigrid. Estou documentando como você está fodona, só isso.

Ela me encara e, com reflexos surpreendentemente rápidos, arranca o telefone da minha mão, girando-o para poder ver a foto.

Sua mastigação para. Ela engole em seco, um pedaço dolorosamente grande, a julgar pela força com que a sua garganta se move.

— O que foi? — Eu pergunto.

Ela dá de ombros, fungando.

— Eu gostei dela. Muito. Eu realmente pareço fodona. — Ela funga novamente e limpa a garganta.

— Não chore, pelo amor de Deus.

Ela empurra o telefone no meu peito e de brinde me empurra também.

— Eu não estou chorando. As cebolas no sanduíche fazem meus olhos lacrimejarem.

— Essa resposta veio de repente, mas um pouco tarde, visto que você já comeu quase todo seu sanduíche.

— Cale a boca, Gauthier. — Ela puxa meu telefone de volta e com uma mão começa a digitar.

— Sigrid.

— Sebastian.

Inclino-me para trás, descansando o corpo nos cotovelos, observando-a.

— O que você está fazendo com o meu telefone?

O celular dela notifica no bolso de trás.

— Enviando uma mensagem do seu telefone para o meu. Agora você tem meu número e eu tenho o seu.

Minha frequência cardíaca dispara.

— Para que diabos?

— Porque amigos têm os números uns dos outros, gênio. — Ela joga o telefone no meu colo e por pouco não acerta meu pau.

Eu dou a ela um olhar irônico.

— Você não precisava inventar essa desculpa para conseguir meu número, Sigrid. Eu teria dado a você.

— Você é uma figura tão arrogante — ela murmura antes de morder seu sanduíche novamente.

O sorriso de satisfação que dou a ela desaparece um pouco enquanto eu a vejo tendo outro orgasmo causado pelo seu sanduíche.

Quando um carro entra no estacionamento, olho por cima do ombro e xingo baixinho quando vejo quem, de todas as pessoas, acabou de aparecer.

Ziggy cutuca minha coxa com o joelho.

— O que foi?

Ninguém menos que o dono dos Kings sai de um carro esporte antigo, seguido por seus dois netos desengonçados, com sorrisos no rosto.

— É o...

Ela coloca a mão na minha.

— Eu sei quem é. Ele é obcecado pelo Ren.

— Claro que ele é — murmuro. — Ren é o atleta dos sonhos de todos os donos de times – excelente, confiável, sofre poucas lesões, bem-comportado. — Me sento, passando as duas mãos pelo meu cabelo. — É isso. Ele vai nos ver, e se dissermos a ele que somos amigos, Ren e o time saberão... — Eu cerro minha mandíbula, puxando minha mão. — Você não precisa fazer isso, entrar em problemas comigo...

Seu aperto aumenta, me parando. Em seguida, seus dedos se enroscam suavemente nos meus.

— Eu quero.

— Ziggy...

— Sr. Köhler! — Ela chama, deixando seu sanduíche em seu recipiente para acenar alegremente.

Eu xingo baixinho de novo.

— Pare de xingar — diz ela com aquele sorriso largo.

Art Köhler caminha em nossa direção, um braço em volta de cada neto, os quais reconheço de quando ele os trouxe para pegar autógrafos com o time. O sorriso de Art é caloroso quando ele cumprimenta Ziggy, apresentando seus netos. Seu sorriso esfria, mas permanece cortês enquanto olha para mim.

— Gauthier.

— Sr. Köhler. — Eu aceno em direção ao letreiro de néon brilhante do restaurante. — Você escolheu um bom lugar para uma refeição noturna.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Betty's Diner não parece ser o tipo de lugar que você costuma frequentar.

— Para tudo tem uma primeira vez — interrompe Ziggy. — Seb foi até generoso o suficiente me trazendo para sair.

O Sr. Köhler olha para ela, a perplexidade começando a aparecer em seu rosto, como se ele finalmente estivesse entendendo que Ziggy está comigo e eu estou com ela.

— E o que uma garota doce como você está fazendo com um garoto-problema como Seb Gauthier?

Antes que Ziggy pudesse responder, um de seus netos diz:

— Eu acho Seb legal.

O Sr. Köhler me lança um olhar de censura.

— Esse é exatamente o problema.

Arrependimento me corrói. Eu sou uma causa perdida, mas esse garoto não é. Ele tem longos anos pela frente para fazer escolhas melhores do que eu; não quero que ele me imite.

— É legal — eu digo ao seu neto —, trabalhar duro e ir atrás do que você quer. E eu fiz isso. Eu estou onde estou neste esporte porque eu trabalhei para cara... — O joelho de Ziggy bate na minha coxa bruscamente, pouco antes de eu quase xingar. — *bastante*. Mas... — Eu olho para Ziggy, que está me observando atentamente, então de volta para o neto do Sr. Köhler. — Também fiz muitas coisas pelas quais você não deveria me admirar. Elas não são nada legais.

Ziggy me dá um pequeno sorriso de aprovação que eu não deveria ficar tão feliz em receber.

Mas eu estou. Eu enterro meu rosto no meu milkshake para não ter que olhar para ela ou para o Sr. Köhler, que está me olhando com curiosidade.

Então Ziggy diz ao Sr. Köhler:

— Para responder à sua pergunta, Sebastian e eu estamos aqui porque somos amigos.

— Amigos? — O Sr. Köhler franze a testa.

— Sim — diz Ziggy. — Amigos. Ele e eu nos conectamos por meio da prática de ioga raivosa.

Quase engasgo com meu milkshake. *Ioga raivosa*?

— Ioga raivosa? — A voz do Sr. Köhler ecoa minha incredulidade.

— Aham. Quer uma batata frita? — Ela oferece a caixa de batatas fritas que compartilhamos para os netos, que se servem. — Você sabe que elas são boas quando estão saborosas mesmo depois de frias. Mas enfim, sim, ioga raivosa. É a ioga que abre espaço para emoções complexas, muitas vezes com conotação negativa, com o objetivo de usar o movimento consciente para processá-las de forma construtiva com o objetivo final de cura.

— Legal — diz o outro neto.

Ziggy sorri.

— Estou fazendo isso para explorar minha raiva e me permitir sentir as emoções difíceis que digo a mim mesma que não deveria. Seb está indo porque percebeu que precisa de um canal mais saudável para toda a sua angústia existencial. — Ela dá um tapa na minha coxa, e eu mal consigo esconder um olhar feio. Ela está levando isso um *pouco* longe demais.

— Bem. — O Sr. Köhler cruza os braços sobre o peito, me encarando. — Estou muito feliz em ouvir isso. Isso soa...

— Quase inacreditavelmente saudável da minha parte? — Eu ofereço.

Sr. Köhler ri, batendo a mão no meu ombro.

— Espero que seja uma mudança que venha para ficar. Tome cuidado, Gauthier. E, Ziggy, diga oi para o meu jogador favorito.

— Claro! — Ela acena e sorri quando eles começam a se virar em direção ao restaurante.

Assim que a porta da lanchonete se fecha atrás deles, eu me viro para ela.

— *Ioga raivosa*?

Ela abre um sorriso na minha direção.

— Olha só para mim, pensando rápido! Conversando com outros! Eu fui incrível.

Reviro os olhos.

— Ioga raivosa, Sigrid. De todas as coisas.

— O quê? Vai ser divertido. — Ela desbloqueia o telefone e me mostra uma conta no Instagram com vídeos de várias pessoas que se parecem comigo – irritadas, tatuadas, libertando algum poder superior invisível. — Há um estúdio próximo que oferece aulas, e eu queria experimentar há muito tempo, mas nunca senti que me encaixaria. Agora, com você, eu vou totalmente. Tenho que reservar um horário para nós o mais rápido possível, para que tenhamos evidências para corroborar o que acabei de dizer.

— Você quer dizer a *mentira* que acabou de contar?

Ela me silencia, batendo na minha coxa suavemente.

— Não é mentira, é só...

— Não é verdade ainda, eu sei, eu sei. — Carrancudo, me movo para pegar o milkshake, mas percebo que está nas mãos de Ziggy, seu gole alto anunciando que acabou.

— Ooh, eles têm uma aula matinal amanhã — ela diz alegremente.

— Querida Ziggy, não posso simplesmente ir a um estúdio de ioga amanhã de manhã. Será um caos.

Ela revira os olhos.

— Que ego, hein.

— Estou falando sério. Eu não posso simplesmente ir a lugares. Se fizermos ioga raivosa, a ioga raivosa tem que vir até nós.

Ela franze a testa.

— Sério?

Eu pressiono minha língua em minha bochecha, um pouco irritado com o quão inacreditável isso parece para ela.

— Você não sabe como as pessoas reagem a mim em público? Meu apelo sexual amplamente conhecido e todas as minhas façanhas eróticas? Sob que tipo de rocha você vive?

— A rocha onde eu não dou a mínima para seu suposto apelo sexual e todas as suas façanhas eróticas?

— Bem, hora de começar a dar a mínima porque vai impactar você, *amiga.*

Ela solta um grunhido frustrado.

— Como vamos ser vistos juntos como "amigos" se uma suposta multidão de tarados está caindo aos seus pés o tempo todo?

— Não acontece *em todo lugar*. Quer dizer, Betty's Diner era um lugar seguro para vir. Então, novamente, você viu Stevie bater em uma mesa quando eu sorri para ele. Coloque esse belo espécime pansexual de vinte e sete anos em toda glória

sensual dentro de um estúdio de ioga com um monte de gente no ápice, e o que você acha que vai acontecer?

Ela bufa enquanto digita algo em seu telefone.

— Queria ter até mesmo um pedacinho do seu ego. Tudo bem. Mandei uma mensagem para o estúdio, mas duvido que conseguiremos um instrutor para vir até nós em tão pouco tempo, já que são oito da noite...

— Mencione meu nome e você terá uma boa chance.

Isso me rende um olhar entediado e irritado.

— Você é um jogador de hóquei gostoso, Gauthier, não o Justin Bieber.

— Primeiro, bom saber que você me acha gostoso.

Ela suspira cansada.

— Sebastian.

— Segundo, eu me ressinto profundamente da insinuação de que não estou no mesmo nível de Justin Bieber.

— Sinto muitíssimo por ter ofendido — ela diz, não parecendo nem um pouco arrependida. — De volta ao assunto em questão. Aqui está o plano, a menos que esse milagre do instrutor vindo até nós aconteça. Já nos registrei para entrarmos online e participarmos virtualmente, duas vagas na turma das 6h00. Podemos tirar algumas fotos enquanto fazemos isso, postá-las no Instagram, terminar antes do café da manhã e depois posso ir para o treino.

— *Seis* da manhã?

Ziggy me lança um olhar fulminante.

— Sinto muito, Sebastian, você tem algum outro compromisso urgente nesse horário? Ficar se remoendo? Acordar e cozinhar? Experimentar um cobertor de caxemira de cor diferente da sua roupa do dia?

— Tudo bem! Eu farei isso, beleza?

— Excelente. Vamos fazer login para a ioga...

— Na *minha* casa. Se eu tiver que acordar de madrugada para isso, então seu eu alegre e matutino pode vir até *mim.*

— Tudo bem — ela resmunga. — Ioga às 6h00. Em seguida postar algumas fotos no Instagram. Então vamos tomar um smoothie de café da manhã ou algo assim depois, para sermos vistos. Que tal?

— Fazer ioga com um pé dolorido horas antes de eu estar normalmente acordado? Parece terrível. — Gemendo com as pontadas de dor que atingem meu estômago – é por isso que eu não como, porque toda vez que como, dói para caralho –, eu saio do capô do meu carro. — No entanto, já que você nos emaranhou nesta pequena mentira com o Köhler, eu farei isso. — Eu puxo o copo de milkshake de suas mãos e o agito na sua frente. — A propósito, você me deve um desses.

10

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Good Luck", Broken Bells

Ren parece tão surpreso em me ver quanto eu estou surpreso por estar em sua porta. Maldita Ziggy e suas palavras de despedida.

Eu tenho fé em você.

Fiquei do lado de fora do apartamento dela, enquanto uma urgência irritante e frustrante tomava conta de mim. Tentei deixar para lá, esquecer, enquanto ia embora do seu apartamento, esperando que me afastar dela me arrancasse dessa agonia, que me puxasse de volta para o meu antigo eu.

Mas, em vez disso, cheguei à minha casa, tomei banho e caminhei a curta distância até a casa de Ren.

Porque, absurdamente, pareço querer merecer a fé que Ziggy deposita em mim. E aparentemente, isso começa com uma visita e uma confissão à pessoa que me levou até ela.

— Seb? — A expressão de Ren muda de perplexo para satisfeito quando ele abre a porta da frente e dá um passo para trás. — Entre.

— Obrigado. — Fecho a porta atrás de mim e sigo Ren, grato por Pazza não parecer estar por perto para pular em

mim. Aquele cão vive para me torturar. — Desculpe por vir sem avisar.

— Você é sempre bem-vindo, Seb. — Ren sorri por cima do ombro enquanto me leva para a cozinha. — Aceita algo para beber? Água? Chá? Café?

— Não, obrigado. — Tamborilando meus dedos no balcão, cerro os dentes. Eu odeio isso. Me importar. Tentar. Essas coisas me fazem sentir como se estivesse exposto, com tudo que tenho dentro de mim caindo em uma poça de vulnerabilidades aos meus pés, fazendo-me sentir esquisito e terrivelmente frágil. Já passei da fase de fingir que não me importo ou não estou tentando com Ren, mesmo em minha capacidade limitada. Então, faço o possível para respirar em meio ao meu desconforto e procuro as palavras certas. — Eu preciso contar uma coisa — eu finalmente murmuro.

Ren se vira lentamente, sua expressão se tornando pensativa enquanto ele me encara e procura meus olhos.

— Ok. Estou ouvindo.

Limpando minha garganta, eu olho para o chão, então me forço a olhar para cima e encontrar seu olhar. Como posso dizer isso de uma forma honesta, mas sem trair a confiança de Ziggy e revelar seu plano?

— No seu casamento...

Ren inclina a cabeça e o gesto é tão típico da Ziggy que fecho os olhos com força e esfrego o rosto com as mãos.

— Ziggy e eu nós esbarramos... conversamos... de um jeito que... nunca conversamos antes.

Até agora, estou sendo totalmente honesto. Estou deixando de fora detalhes cruciais? Como o fato de que nós conversarmos era algo novo, já que eu intencionalmente evitei mais do que um "*olá*" seco desde que a conheci? Ou que enquanto eu a observava levantar aquele vestido, tudo que eu conseguia pensar era o quanto eu queria cair de joelhos, virá-la e enterrar meu rosto entre suas coxas cheias de pequenas sardas? Ou que quando a arrastei para a luz e seus olhos se encontraram com os meus, houve um momento em que quase a puxei para meus braços e a beijei?

Sim. Estou deixando de fora esses detalhes.

Não porque estou tentando contornar uma confissão verdadeiramente desconfortável – bem, não *principalmente* por causa disso – mas porque esses detalhes minariam nossa farsa de fingirmos sermos amigos e, mais importante, são irrelevantes; eu *nunca* vou ceder a esses impulsos.

Eu nunca vou tê-la de todas as maneiras que eu fantasiei a respeito. Eu nunca vou prová-la e beijá-la até que eu esteja tonto por tirar o fôlego de sua boca macia e exuberante. Vou exaurir essas verdades não ditas dentro de mim até que elas murchem e morram. Não há necessidade de Ren saber algo que um dia será obsoleto.

Ren está quieto, me observando, esperando, gentil, paciente, firme, como sempre, enquanto procuro as palavras para me explicar melhor.

— Desde então, nós... meio que nos demos bem.

A terrível verdade é que isso também não é mentira. Passei apenas uma noite e uma manhã com ela – encurralado na varanda da cobertura, comendo ao lado dela no capô do meu carro, inegavelmente criando um vínculo com ela de alguma forma na ioga, sentado à mesa do restaurante no café da manhã –, mas *temos* nos aproximado. Eu gosto dela, caramba. Pior, acho que ela também gosta de mim. Pelo menos, a versão de mim que está tentando parecer comportada.

— Apenas da forma que amigos se dariam bem — acrescento, muito deliberado em como digo isso. Isso implica que somos amigos sem dizer explicitamente que somos amigos. Eu não menti para ele.

Ren inclina o quadril contra o balcão da cozinha, os braços cruzados frouxamente sobre o peito e sorri.

— Seb, isso é ótimo.

Meu estômago dá um nó.

— Eu não tinha certeza se você pensaria isso.

Um sulco se instala entre suas sobrancelhas.

— Por que eu não pensaria isso?

— Porque eu sou um idiota com uma reputação horrível e Ziggy é... o oposto. Ela é gentil. Boa. Angelical.

Ren bufa uma risada, afastando-se do balcão antes de ir até a geladeira, pegar uma água com gás e me oferecer uma. Eu balanço minha cabeça.

— Minha irmãzinha — ele abre a água com gás —, é a mais gentil de todas. E certamente boa. Mas dizer que ela é *angelical* é piada. Ela é capaz de algumas pegadinhas formidáveis, tem cócegas terrivelmente precisas e não apenas pode ultrapassar cada um de nós em uma corrida, mas também não tem nenhum problema em se vangloriar disso.

Eu sinto um sorriso levantar minha boca e deixo meu queixo cair, olhando para o chão para que ele não o veja.

— Eu experimentei as cócegas dela. É brutal.

Ren ri novamente.

— Não é!?

Forçando meu rosto em uma indiferença fria, eu olho para cima e sustento seu olhar.

— Eu quero que você saiba... que eu respeito o quanto ela significa para você, o quão protetor você é com ela. Não vou esquecer isso.

O sorriso de Ren se aprofunda. Seus olhos enrugam nos cantos.

— Eu sei que você não vai, Seb.

Eu odeio o quanto isso significa, ter sua confiança nisso. E também não posso negar o quanto isso significa.

— Obrigado.

— Então — diz ele —, as fotos de vocês dois no Betty's Diner, depois no café da manhã de hoje e a história de ioga raivosa online estão fazendo muito mais sentido.

Eu o encaro, com os olhos arregalados.

— Já tem alguma coisa na internet?

Ren acena com a cabeça.

— Tenho alertas do Google definidos para menções da minha família. Apareceu cerca de meia hora atrás.

— Eles identificaram a Ziggy?

Ele balança a cabeça.

— Não. Eles identificaram você.

— Eu não sou... — Minha voz morre. — Eu não sou da sua família.

— Para mim você é — ele diz, procurando no telefone, como se ele não tivesse acabado de jogar uma granada existencial aos meus pés.

Não posso arriscar o impacto paralisante dessa declaração, então não aprofundo. Em vez disso, pego meu telefone e vasculho o primeiro artigo que encontro.

— "Yuval Burns — eu leio —, fundador da ioga raivosa, foi visto saindo da casa de Seb Gauthier, sendo seguido não muito tempo depois pelo próprio Seb e uma ruiva misteriosa dirigindo seu carro, provavelmente devido ao pé machucado, o que proibiria uma condução segura. Seb e sua companheira foram vistos no Café du Monde, rindo e saboreando um farto

café da manhã. Ela é sua segurança? Amiga? Algo mais? Informaremos quando tivermos detalhes."

Gemendo, deixo cair meu telefone no balcão.

— "Uma ruiva misteriosa". Ela vai adorar isso.

Ren franze a testa.

— Ziggy nunca se sentiu confortável em ser o centro das atenções. Duvido que ela se importe de ter passado despercebida.

Um aperto estranho no meu peito me impede de dizer mais. É estranho e irracionalmente satisfatório saber algo sobre sua irmã que ele não sabe. Os Bergman claramente não reconhecem o quanto Ziggy *quer* ser vista. Em algum lugar ao longo do caminho, as pessoas que mais a amavam perderam de vista o fato de que só porque você viveu de uma maneira por um tempo não significa que você quer viver dessa maneira para sempre, que sua dificuldade em se desenvolver não é um indicador de uma falta de *vontade* de se desenvolver. Significa apenas que... é difícil. E poderia ser muito mais fácil se as pessoas ao seu redor vissem essa possibilidade.

Um orgulho feroz e penetrante me inunda. *Eu* sou essa pessoa para Ziggy. Pelo menos, eu posso ser. Não apenas alguém cuja imagem ruim pode tornar a dela a de alguém mais durona. Mas alguém que mostra a ela que reconhece suas possibilidades.

— Talvez isso esteja mudando — eu me esquivo do assunto, me levantando da cadeira do balcão e guardando meu telefone no bolso. — Vou indo.

— Tem certeza? — Ele pergunta. — Quer ficar para almoçar? Frankie estará de volta em breve.

Ah, Cristo, a Frankie não. Ela deve ter sentido o cheiro daquela história de ioga, visto as fotos minhas e de Ziggy e, embora eu esteja confiante de que posso navegar nessa dinâmica com Ren, Frankie tem uma habilidade terrível de farejar minhas mentiras e me assombrar bastante por isso.

— Tudo bem — eu digo a ele. — Ainda estou de barriga cheia do café da manhã.

Ele franze a testa.

— Bem, tudo bem. Me avise quando pudermos fazer algo juntos, talvez possamos... — Ele encolhe os ombros. — Eu não sei, atualizar um ao outro um pouco. Você está se escondendo porque está se recuperando e Frankie está... tentando descobrir como consertar as coisas para você, mas sinto falta de vê-lo.

Quando conheci Ren, essa comunicação incrivelmente honesta, a abertura emocional, me deixou profundamente desconfortável. Não é assim que minha família funciona, não é assim que fui criado. Mas desde que me aproximei dele nos últimos anos, passei a admirar a bravura que isso requer. Que ele possa olhar para mim e dizer que sente minha falta, que ele

possa admitir suas necessidades e desejos, tão livremente, sem medo.

— Eu... — Eu limpo minha garganta. — Também quero. Na verdade, uh... — Eu limpo minha garganta novamente. — Na verdade, eu estava me perguntando se talvez... Quer dizer, eu estava pensando...

O sorriso de Ren é fraco e divertido. Ele ergue as sobrancelhas, esperando.

— Eu estava pensando... talvez eu pudesse me juntar ao seu Clube de Shakespeare.

O sorriso em seu rosto não deveria ser humanamente possível; é tão brilhante.

— Sério?

Eu dou de ombros.

— Sério. Ziggy não admitiu que existe um clube, mas ela disse que, *hipoteticamente*, se houvesse um Clube de Shakespeare, seria divertido para caramba. E eu poderia precisar disso. Um pouco de diversão que não é... vazia.

Ren me dá um tapinha forte nas costas.

— Eu adoraria, Seb! Você também vai adorar. Tudo o que tem a fazer é...

— Memorizar e recitar alguns dos meus trechos de Shakespeare favoritos para pelo menos dois membros do clube. Se eles concordarem que eu recitei genuinamente, estou convidado a fazer parte disso.

Ele acena enquanto se afasta do nosso abraço, ainda sorrindo.

— Ela disse a você, então, ótimo. Ok. Legal. Bem, para sua sorte, nosso próximo encontro é daqui a duas semanas. Sábado, às seis em ponto, na minha casa, então comece a memorizar.

Merda. Isso se intensificou rapidamente.

— Uh. Tão cedo?

— Vai ser ótimo — diz ele. — Você vai se sair bem. — Sou abraçado mais uma vez quando estou prestes a argumentar e inventar alguma desculpa para ganhar um pouco mais de tempo, mas o olhar que Ren me dá, sua empolgação e felicidade, me impede.

Depois de prometer estar lá, eu me vejo fora de sua casa. Ando devagar enquanto saio, observando o sol subir mais alto no céu, sentindo a brisa do mar atravessando meu cabelo, jogando-o para trás.

Quando chego à minha casa, ando de um lado para o outro, até que minhas mãos encontram o caminho para as estantes que revestem o pequeno cômodo dos fundos que mantenho escondido, privado, só para mim. Deslizando meus dedos ao longo das lombadas dos livros, encontro o volume que quero, puxo-o para fora da prateleira e me afundo na minha cadeira.

A dor aguda e dolorosa que se tornou mais frequente ultimamente, quase depois de cada vez que eu como, arranha meu

estômago. Prendo a respiração e dobro minhas pernas, ganhando algum alívio na pressão ao colocar um travesseiro contra meu estômago, apertado entre meu peito e minhas coxas.

A dor é ruim. Ruim o suficiente para eu estar começando a pensar que isso não é algo que eu deveria continuar ignorando mais do que tenho ignorado as dores latejantes no corpo inteiro, assim como a névoa espessa envolvendo meu cérebro, tornando meus pensamentos lamacentos e lentos.

Eu deveria fazer exames, investigar isso. Especialmente agora que estou tão perto de voltar ao hóquei. A ideia de tentar patinar, de jogar em plena capacidade; quando me sinto assim, parece impossível.

E, no entanto, estou tão tentado a continuar evitando isso. Não quero saber o que pode estar errado, o que pode estar entre mim e minha identidade como uma pessoa saudável e ativa, muito menos alguém que depende disso para minha carreira e a única coisa que amo: hóquei.

Cerrando os dentes com dor, deixo meus olhos se fixarem nas palavras e penso em dizê-las na frente de Ziggy. A dor não diminui, mas estou distraído, mesmo que apenas brevemente, por uma calma sensação de propósito realizado.

É estranho. E meio adorável.

Olhando para cima, vendo meu reflexo em minhas janelas, o qual se parece tanto com meu pai de merda, sou lembrado

de forma rápida e brutal, o que esta pequena incursão em supostamente mudar quem sou, tudo o que pode ser é...

Uma performance que terá que chegar ao fim.

8

ZIGGY

Música da Playlist: "Angry Too", Lola Blanc

O olhar presunçoso nos olhos de Sebastian quando ele abre a porta quase me faz virar e ir embora. Antes de vir, mandei uma mensagem para ele dizendo que o instrutor respondeu, no fim das contas; Yuval estará aqui às 6h00 em ponto. Eu esperava que, quando chegasse à casa dele, ele já tivesse passado do ponto de se vangloriar.

Eu estava errada.

— Eu te disse — diz ele, fechando a porta atrás de mim.

Reviro os olhos e passo por ele com meu tapete de ioga embaixo do braço, indo direto pelo corredor em direção ao cheiro de café.

— Você é irritante.

Um som satisfeito ressoa em sua garganta enquanto ele me segue, embora morra abruptamente quando eu arranco meu moletom com capuz. Olho por cima do ombro, confusa.

Enquanto ele pisa em sua bota pela cozinha, Sebastian faz uma careta para a cafeteira como se ela o tivesse insultado pessoalmente.

— Qual é o seu problema? — Eu pergunto.

Ele resmunga, servindo duas xícaras de café, deslizando uma na minha direção sobre o balcão.

— Sebastian.

— Sigrid. Beba seu café.

— Ouça, *amigo.* — Eu despejo uma generosa quantidade de leite em minha xícara, que ele foi surpreendentemente atencioso o suficiente para deixar do lado de fora. — Yuval estará aqui em cinco minutos, e elu não vai comprar nossa amizade se você estiver grunhindo e olhando assim para mim.

Sebastian dá um gole em seu café e transforma sua expressão em um olhar suave e frio.

— Eu não estou olhando.

— Você estava. E você estava grunhindo.

Ele afasta a xícara do rosto e mostra aquele sorriso afiado.

— Quem? Eu?

— Você é impossível de lidar.

A campainha toca. Sebastian e eu inclinamos nossas cabeças para trás, bebendo nossos cafés juntos.

— Bem, querida Ziggy — diz ele, gesticulando para que eu caminhe em sua frente. — Damas primeiro.

Yuval está claramente aqui para uma pessoa e somente uma pessoa. Para o crédito de Sebastian, ele foi educado com elu,

mas firmemente profissional, nem um pouco paquerador. Quem imaginaria que ele tinha essa força nele?

Uma música alta e raivosa toca em sua sala de exercícios e, após uma sequência de aquecimento suave, Yuval aumenta o volume. O som vibra em meu peito, o que me deixa surpresa por gostar. Sempre tive dificuldade com ruídos complexos e presumi que o heavy metal também me incomodaria. Quem diria que eu adoraria?

Depois de ficar de pé, saio do tapete e pego minha água. Tomo um longo gole, me chutando mentalmente por beber tanto café esta manhã, mas dormi terrivelmente, então era isso ou ser um zumbi para a aula de ioga raivosa.

Quando a voz de Sebastian desaparece de sua conversa com Yuval, eu olho para ele, encontrando seu olhar em mim. Ele levanta as sobrancelhas com um sorriso malicioso na boca.

Ele é tão irritante, sentado ali em seus tênis pretos e uma camisa verde-sálvia prateada que abraça seus os músculos e destaca seus olhos. Seu cabelo escuro está puxado para trás, apenas as mechas alinhadas, o resto caindo sobre sua mandíbula e pescoço já suados.

Estou frustrada comigo mesma, com o quanto estou ciente da sua presença. Ele é meu amigo *de mentirinha*, impiedosamente egoísta, egocêntrico, e ele só me vê como a irmãzinha do seu melhor amigo, que só vale seu tempo porque eu provei ser útil para este momento em sua vida. Isso é tudo. Só preciso que meu corpo entenda o recado.

— Certo — diz Yuval, esticando as pernas no tapete. — Prontos para seguirem em frente?

Sebastian assente.

Eu forço um sorriso quando eu caio de volta no meu tapete.

— Sim.

— Vamos manter a aula com baixo impacto, já que Seb está curando o pé, e, Ziggy, você vai se exercitar bastante mais tarde. — Droga de Yuval, sendo legal, tornando mais difícil ressentir-se delu por flertar com Sebastian.

Não que eu me importe com quem flerta com meu amigo de mentirinha.

Quando Yuval nos instrui a começar com exercícios respiratórios que envolvem deitar, eu caio de costas e olho para o teto.

— Não era você quem estava *me* dando um sermão por grunhir e te lançar olhares? — Ele murmura com o canto da boca.

— Eu só estou cansada — eu meio sibilo e meio sussurro.

— Você está irritada, é isso que você está.

Eu olho para ele.

Sebastian aponta um dedo para mim.

— Viu? Irritada.

— Estou *bem.*

— Uma porra que você está. — Ele rola para o lado, ficando de frente para mim. — O objetivo disso tudo é que você

encontre sua coragem e seja mais durona, então que tal você fazer isso pelo menos uma vez?

— Tudo certo? — Yuval pergunta, os olhos intercalando entre nós.

— Não tanto, Yuval — Sebastian diz. — Se conseguíssemos fazer alguns desses exercícios de liberação de raiva, acho que estaríamos em melhor forma, no entanto.

Graciosamente, apesar de seu pé machucado, ele se levanta e estende a mão para mim.

Yuval sorri para ele. Óbvio que sim.

— Claro. Por mim, tudo bem. Então, vocês podem se encarar, e isso pode ser um exercício de apoio e presenças mútuas enquanto vocês processam o que precisam, ou vocês podem virar os rostos em direção oposta...

— Vamos nos encarar — diz Sebastian, seus olhos fixos nos meus.

Minha garganta está travada. Eu não sei por quê. Não sei por que isso parece com um aperto no coração e com um abraço perfeito – forte, apertado, firme. Porque, quando pego a mão de Sebastian e ele me puxa para cima, sinto uma onda de algo reconfortante e seguro.

— Respirem fundo — diz Yuval. — Faremos uma saudação ao sol, usando a respiração ujjayi. Vocês estão familiarizados com a saudação ao sol?

Nós dois acenamos com a cabeça.

Yuval diz a Seb:

— Vou modelar uma alteração de cada pose para que possa esticar seu pé à medida em que avançamos, ok?

Seb balança a cabeça.

— Vou ficar bem fazendo a sequência tradicional. Eu preciso movimentar meu tornozelo. Está rígido demais.

Yuval parece nervoso com isso, mas sob o feitiço do sorriso encantador de Seb, elu se contenta em dizer:

— Bem, por favor, apenas tome cuidado. — Primeiramente elu leva as mãos ao peito, depois levanta os braços acima da cabeça. — Lembrem-se, inspirem pelo nariz, expirem pelo nariz. Se a respiração se tornar um gemido, um grunhido, um suspiro, um xingamento, deixem-o sair. Apenas deixem tudo sair.

Levanto meus braços, sentindo meu peito aberto, uma dor aguda em meu coração. Meus olhos ardem, lacrimejando. Eu pisco para afastar as lágrimas, então me curvo, meu nariz tocando meus joelhos. Minha respiração fica presa quando levanto o corpo até a metade. A respiração tornando-se um gemido quando eu relaxo de volta para baixo.

Subindo o corpo até a metade novamente, abro os olhos, tentando conter as lágrimas, e me encontro cara a cara com Sebastian, algo feroz endurecendo sua expressão.

Eu pisco meus olhos enquanto as lágrimas brotam neles e se derramam.

— Porra — ele murmura, cerrando os dentes enquanto abaixamos em nosso exercício de prancha.

Yuval diz:

— É isso. Deixem sair. Agora, posição da cobra.

Nós dois levantamos com os braços estendidos, os peitos estufados, rostos muito próximos enquanto inspiramos, enchendo nossos pulmões.

O olhar de Sebastian me percorre, sua respiração ofegante quando nos movemos de volta para uma prancha, depois fazendo a posição do cachorro olhando para baixo, e então uma elevação parando na metade do caminho. Minha respiração está ficando mais ofegante, o nó mais apertado na minha garganta enquanto eu levanto minha coluna, ficando de pé em toda a minha altura.

Quando me endireito, estou tentando tanto não chorar que é quase impossível respirar. O que, eu percebo, é contra todo o objetivo da ioga raivosa, mas como eu disse a Seb, a mudança é mais fácil falar do que fazer. Eu odeio chorar. Eu odeio sentir a represa quebrar dentro de mim, aquela perda de controle que era tão familiar quando adolescente, a enxurrada de emoções tão intensas que eu tinha medo de me afogar nelas.

Não aprendi a me sentir do jeito que preciso sem ter medo de que isso me engula por inteira. Mas agora, a menos que eu queira desmaiar por falta de oxigênio, não tenho escolha.

Na minha próxima inspiração, eu levanto meus braços sobre minha cabeça e deixo escapar um único gemido:

— Porraaaaa.

Os braços de Sebastian também estão erguidos, seu próprio "Porraaaa" saindo não muito depois. Seus sons – ao contrário do meu choro cheio de raiva – são dolorosos, exaustos, esgotados. E, no entanto, saber que ele está aqui, que esse homem frio e distante também está sentindo algo, confessando isso com um cansaço cru em sua voz, me faz sentir muito menos sozinha, com muito menos medo de grunhir soltando outro palavrão profundo enquanto eu me curvo.

Yuval aumenta o volume da música, e seu ritmo aumenta. Meu batimento cardíaco martela em meus ouvidos. Sinto como se uma década de dor tivesse se instalado sob minhas costelas e, a menos que eu grite, ela irá me esmagar.

— Respirem fundo — elu nos lembra.

Eu ouço a inspiração forte de Sebastian, sua expiração saindo como um gemido quando erguemos nossos corpos até o meio do caminho e nossos olhos se encontram, rostos próximos novamente.

Seu olhar procura o meu com uma intensidade que pode ser preocupante, gravada em suas feições perfeitas. Eu sinto que ele vê cada coisa que estou prestes a gritar quando respiro fundo e endireito o meu corpo, balançando meus braços para cima.

Um barulho que eu nunca fiz antes, um uivo quebrado e animalesco me deixa quando meu peito se estufa. A pressão em meu peito, o nó em minha garganta, se dissolvem quando

eu grito, enquanto a música forte ecoa na sala e engole meus sons.

Quando o último fôlego me deixa, eu suspiro, sugando a respiração. Sugando a respiração novamente.

Estou chorando. *Muito.*

Então, estou caindo no chão.

Bem, eu estava. Mas agora, estou caindo nos braços de alguém. Braços magros e suados me envolvem, me esmagando contra um peito magro e suado.

Deus, ele cheira bem. Como ele cheirava ontem à noite depois do banho, só que *melhor*. Um aroma fresco e limpo – como cheiro de galhos de pinheiro cobertos de neve, folhas de sálvia congeladas esfregadas entre meus dedos. Eu enterro meu nariz em seu pescoço enquanto outro soluço sai de mim e agarro sua camisa, o tecido úmido cerrado em meus punhos.

A música é tão alta, pulsando em meu corpo, mas tudo que posso ouvir é a pulsação de Sebastian em seu pescoço contra minha orelha, o constante subir e descer de seu peito enquanto ele me pressiona contra ele.

Eu aperto meus olhos fechados, sentindo tanto, aquela inundação familiar de emoções intensas, uma corrente de pensamentos. Mas eles não estão me afogando, não estão presos na minha garganta ou enchendo meus pulmões como cimento. Em vez disso, cada respiração é um pouco mais fácil, cada soluço se torna mais suave.

Não sei quanto tempo ficamos assim, só sei que em algum momento, por algum acordo mútuo, nossos apertos se afrouxam e nos separamos.

Lentamente, eu olho para Sebastian e encontro seus olhos. Estou vermelha e suada, e tenho certeza de que meu rosto está manchado de tanto chorar. Eu não dou a mínima. Ele me viu gritar, chorar e desmoronar. Ele me segurou enquanto eu me recompunha. Minha pele corada do exercício e a cara de choro são os menores dos meus problemas agora.

— Sinceramente, Sigrid — ele sussurra, com os olhos arregalados. — Você não precisava vender *tanto* o conceito da ioga raivosa.

Eu pisco para ele, mordendo meu lábio.

Sua boca se inclina para o lado em um sorriso fraco e incerto.

— Só estou brincando — ele diz, seus olhos se estreitando de preocupação. — Ziggy, eu não quis dizer isso, eu só estava tentando fazer você...

Uma risada irrompe de mim, forte e gutural. Eu me curvo, uma mão segurando seu braço enquanto eu rio ainda mais forte, uma alegre leveza borbulhando pelo meu corpo.

— Você é um idiota — eu gargalho, enxugando os olhos.

— Bem, agora você está entendendo — ele murmura, pegando meu cotovelo e me puxando de volta para seus braços. Ele segura minha nuca suada com a mão e aperta suavemente. — Eu sei que chorar é bom, que você precisava. Eu apenas,

egoisticamente... — Ele exala pesadamente. — Eu simplesmente não aguentava ver isso mais. Então eu tentei – muito mal, evidentemente – fazer você rir em vez disso.

Outra gargalhada me deixa quando deixo cair minha cabeça em seu ombro.

— Foi muito choro para alguém como eu. Rir... rir faz bem.

Ele não diz nada por um momento. Sua mão ainda segurando meu pescoço, massageando-o suavemente.

— Bem... ótimo.

Eu olho além dele, meu queixo apoiado em seu ombro, e percebo que a música desapareceu; Yuval não está mais aqui.

— Onde elu foi? — pergunto, me afastando, enxugando os olhos com as palmas das mãos.

Sebastian fica quieto a princípio, enquanto passa os dedos suavemente pelo meu cabelo, afastando cada mecha que está grudada no meu rosto encharcado de lágrimas e suor.

— Eu lhe dei um aceno de cabeça e elu saiu.

Eu encaro seu rosto, confusa.

Ele lê minha expressão, aqueles olhos prateados e frios que se tornaram mais quentes, como mercúrio líquido: brilhantes e vivos.

— Algumas coisas não são para qualquer um testemunhar, Sigrid. Essa foi uma delas. — Ele aperta meus ombros suavemente, então dá um passo para trás. — Venha, vamos levá-la para casa.

— Mas nosso passeio, nosso plano de sermos vistos...

— Não precisamos sair enquanto você se sentir assim.

Balanço a cabeça, limpando o nariz novamente.

— Sebastian, eu estou bem. Quero dizer... estou bem para fazer isso. Eu *quero*.

Ele parece cético, talvez até... preocupado.

— Ziggy...

— Prometo. Eu não estou apenas dizendo isso por falar. — Eu expiro lentamente, pacificamente. Parece que um peso saiu do meu peito. Sinto-me cansada e energizada ao mesmo tempo, como se pudesse me enrolar em uma bola tanto quanto pudesse correr em uma maratona. — Eu preciso de algo no estômago além de café de qualquer maneira – estou nervosa. E preciso fazer mercado. Não tenho nada em casa para comer além de barras de granola, e preciso de muito mais do que isso se for descontar meus sentimentos na comida, o que pretendo fazer.

Ele parece pensar antes de finalmente pegar a bota, abrir o velcro e colocá-la.

— Então vamos comprar seu café da manhã.

9

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Mountain To Move", Nick Mulvey

Ziggy ficou quieta no caminho até o café, um daqueles lugares onde as pessoas vão para verem outras e serem vistas. Há uma longa varanda cheia de mesas bem visíveis. É o lugar perfeito para ser fotografado, que é o que Ziggy insistiu que queria, mesmo depois do que aconteceu na ioga.

Ela e eu nos sentamos à mesa, ainda com roupas de ginástica, embora eu tenha trocado de camisa, já que estava encharcado de suor, e Ziggy está usando seu moletom agora – um verde-claro, cobrindo até abaixo dos quadris, o qual ela usava quando chegou na minha casa. É da mesma cor do vestido que ela usou no casamento de Ren e Frankie.

Quando eu o vi nesta manhã, memórias tentadoras dela naquele dia inundaram meus pensamentos, memórias que eu tentei muito apagar da minha mente, mas observá-la tirando o moletom na minha cozinha foi o que me levou ao limite, caindo em queda livre em uma terrível fantasia erótica. Aquele cabelo longo e ruivo flutuando entre meus dedos. Minha boca saboreando cada sarda enquanto eu fazia um caminho de beijos pelas suas costas...

Eu cerro os dentes, me odiando por parecer tão incapaz de parar de pensar nisso – de pensar nela, de desejá-la. Eu não tenho nenhum direito de querer Ziggy, não apenas por causa de quem ela é para Ren, ao menos não principalmente por causa disso, mas porque ela é *boa*.

E eu não sou. Não há um universo em que eu seria digno dela.

Não que minhas fantasias envolvam algo... sério. Se eu tivesse Ziggy, seria por uma vez – não, por uma *noite* – uma noite deliciosamente longa em que não iríamos dormir. E então, como qualquer outra pessoa por quem já me atrai sexualmente, ela estaria fora da minha cabeça.

Seria algo simples. Como coçar uma coceira que te atormenta.

Exceto que, quando Ziggy pigarreia, abrindo o cardápio, com os olhos ainda um pouco inchados de tanto chorar, sinto uma pontada forte no peito. Nunca me senti assim enquanto olhava para alguém que era como uma "coceira".

Nunca me senti assim olhando para *ninguém*. E certamente não tentei fazer ninguém rir.

Evitando a tentação de olhar para ela, eu me concentro nas opções de sabores de smoothie, determinado a superar essa sensação desconfortável em meu peito e o impulso em minhas mãos de querer tocá-la do jeito que toquei na minha sala de exercícios.

— Sebastian.

Eu estremeço, ouvindo meu nome em sua voz, aquele tom de rouquidão no fim da pronúncia, do jeito que eu só consigo imaginar como fica a sua voz depois que ela grita até atingir o orgasmo, sem fôlego e rouca.

Fecho meu punho com uma das mãos por baixo da mesa, para que meus anéis apertem meus dedos. Um pouco de dor para me punir por deixar minha mente vagar novamente.

Forçando minha expressão em uma neutralidade fria, eu olho para cima do meu cardápio.

Mas porra, não há nada de neutro no que sinto quando olho para ela e para aqueles olhos verdes profundos fixos em mim, com seu semblante sério.

— Sigrid? — Eu digo baixinho.

Ela morde o lábio, segurando o guardanapo entre os dedos enquanto me encara.

— Obrigada.

Meu coração pula em meu peito. Mas eu mantenho minha expressão neutra.

— Você não precisa me agradecer.

— Preciso — ela sussurra, mordendo o lábio com mais força.

— Para. — Eu aponto com meu queixo em direção ao seu lábio preso entre os dentes. — Você vai se machucar.

Ela solta o lábio, mas arqueia uma sobrancelha, plantando os cotovelos na mesa e se inclinando.

— Diz o cara que está em um festival de autoflagelação há... quanto tempo?

Eu arqueio uma sobrancelha de volta com meu coração batendo forte. Quem diabos ela pensa que é, me dando uma lição de moral assim?

— Cuidado.

— Com o quê? — Ela pergunta, inclinando a cabeça. — Com botar o dedo na sua ferida? Com dizer na sua cara algo que todo mundo está com muito medo de dizer?

— Eles não estão com medo de dizer — digo a ela, me inclinando também, minha expressão ainda fria e suave, embora haja algo quente e irregular borbulhando em mim. — Eles estão resignados. Eles desistiram.

Seus olhos estão fixos nos meus. Ela se inclina um pouco mais perto.

— Então você precisa encontrar algumas pessoas novas, Sebastian Gauthier. Todo mundo merece ter alguém ao seu lado que acredite no melhor deles, mesmo quando eles estão no seu pior momento.

— Eu poderia encontrar cem pessoas se quisesse, Ziggy, mas todo mundo desiste eventualmente. Como deveriam fazer. Tenho muitos vícios, muitos erros, muitos pecados imperdoáveis.

Ela está quieta, vasculhando meus olhos por algo.

— O que você fez de tão terrível?

— Por que eu deveria te contar?

— Porque, *amigo* — ela diz sem perder o ritmo —, eu simplesmente perdi o controle na sua frente durante a ioga raivosa e fiquei vulnerável. Um favor paga-se com outro.

Eu largo meu cardápio, então cruzo minhas mãos sobre a mesa, guerreando comigo mesmo. Parte de mim quer dizer a ela para ir se foder, que eu não devo nada a ela.

Mas outra parte de mim quer contar tudo a ela, tanto das dores quanto dos medos de desabafar, apenas para ver a decepção contrair seu rosto, para vê-la perceber, como todo mundo, que uma vez que você conhece o meu verdadeiro "eu", eu me torno alguém que você não quer saber mais.

Eu *deveria* dizer a ela, sabendo que é assim que vai ser, para assustá-la e me livrar dessa situação ridícula, passar tanto tempo com alguém que jurei que nunca me permitiria desejar, que, a cada minuto que passo com ela, eu só desejo mais.

— Eu roubei — digo a ela.

— Roubou o quê? — Ela pergunta calmamente.

— Dinheiro.

Ela franze a testa.

— Mas você tem toneladas disso.

— Nem sempre, não quando era adolescente.

Minha mãe e meu padrasto não confiavam em mim com mais dinheiro do que eu poderia ganhar sozinho, e com o hóquei dominando minha vida a cada minuto fora da escola, nunca havia tempo para trabalhar. Então, é claro, para irritá-

los, e cumprindo a profecia do que era esperado de mim, fiz merda com minhas próprias mãos imprudentes.

— Merdas de adolescente. — Ela acena com a mão. — Você devolveu, no entanto, uma vez que você se tornou um adulto.

Eu olho para ela. O que ela é, uma leitora de mentes?

— Não importa. Peguei dinheiro de pessoas que contavam com minha honestidade. Traí a confiança deles. Traí a confiança de muita gente. — Cerro os dentes – por que isso é tão difícil? Nunca pensei duas vezes ao declarar claramente quem sou e o que fiz –, digo a ela: — Eu também fiz mais do que isso. Já dormi com pessoas que estavam com outras pessoas. Eu arruinei relacionamentos.

— Para isso foi preciso uma decisão de duas pessoas; você não arruinou esses relacionamentos por conta própria.

— Ainda agi errado.

— Sim — ela diz simplesmente. — Agiu. Você só não pode assumir toda a responsabilidade.

— Eu puni aqueles com quem tive inimizade, fodi com as pessoas que eram importantes para eles, os enganei, os seduzi e depois sumi de suas vidas. Eu menti, enganei...

— Sebastian.

Eu a encaro com mandíbula rígida, estou furioso. Por que ela ainda está aqui? Por que ela ainda está olhando para mim, aquele rosto lindo e marcante ainda sereno, ainda... gentil?

— O quê? — Eu pergunto, tentando ser rude, para fazê-la recuar, para que ela finalmente veja o que é bom para ela e me afaste.

Mas ela não faz isso. Em vez disso, ela olha para mim com sua expressão séria.

— Você pediu desculpas?

— Apenas pelo bem do hóquei, e sob pena de morte ameaçada por Frankie, fiz reparações tangíveis, quando possível. Paguei pelo que roubei e trapaceei, esclareci minhas mentiras. Me distanciei de relacionamentos dos quais estava prejudicando e que estavam tentando se recuperar. Esse foi o meu pedido de desculpas.

— Isso é bom — diz Ziggy. — A ação reparadora é importante. Mas ainda acho que você precisa realmente *pedir* desculpas.

— É um pouco tarde para pedir desculpas.

— Mas essa é a beleza de pedir desculpas – você sempre pode pedir. Nunca é tarde demais.

— As pessoas com quem cruzei não querem minhas desculpas, Ziggy. Ao contrário dos seus, os meus erros não são pequenos erros humanos, que as pessoas não se importam em perdoar e esquecer porque na verdade não lhes custaram nada. Eles não estão interessados em perdoar coisas realmente terríveis.

Ela olha para mim, tão intensamente.

— Isso... não pode ser bom. Mas também está tudo bem. Suas desculpas são tanto para você quanto para eles. É escolha deles aceitar ou não suas desculpas e perdoá-lo. Sua escolha de se arrepender genuinamente o ajuda, quer você tenha o perdão deles ou não.

— Me ajuda como, querida Ziggy?

Seu olhar mantém contato com o meu.

— Isso ajuda você a *se* perdoar.

Minha mandíbula aperta.

— Você está dando uma de Freud para cima de mim de novo.

— Se chama terapia, Gauthier. Você deveria tentar.

— Porra, de jeito nenhum... *Jesus*. — Eu estremeço, esfregando minha canela após o chute de Ziggy.

— Cuidado com essa boca — ela diz entre os dentes enquanto força um sorriso. — Você está mudando, lembra?

Eu finjo um sorriso também.

— Bem, com o quanto você tem me batido, pelo menos um de nós está avançando com nossa mudança de imagem pública.

Um sorriso genuíno aparece em sua boca enquanto ela toma um gole de água.

— Desculpa. É um hábito. Meus irmãos são muito de toque físico. Apenas existir na casa dos Bergman é um esporte de contato.

— Sim, bem, eu não sou um Bergman.

— Você tem razão. Desculpe. Não vou mais bater em você. Mas precisamos de algum tipo de sinal para impedir que você seja um boca suja. Que tal uma palavra?

— Uma palavra?

Ela dá de ombros.

— Como uma palavra de código. Algo que você normalmente não diria. — Franzindo a testa, ela olha pensativa. — *Zounds*? Que tal?

— *Zounds*? Essa é uma das palavras do Ren. — Meus olhos se arregalam. — Espere, você está no pequeno clube de teatro nerd dele...

Eu sou chutado *novamente*.

Um gemido escapa de mim enquanto eu esfrego minha canela.

— Sigrid, *acabamos* de conversar sobre isso. Você não pode me bater...

— *Você* — ela diz incisivamente, sua voz abafada —, não pode falar sobre isso. É um segredo.

— Então é o segredo menos secreto que já conheci.

Ela suspira, exasperada comigo.

— Se *houvesse* um Clube de Shakespeare, e se, hipoteticamente, eu *fosse* uma integrante dele, eu ainda não admitiria isso para você, depois que você o chamou de "clube de teatro nerd".

— Eu estava brincando.

— Humph.

Eu a encaro, esfregando os nós dos dedos na boca.

— Com toda a sinceridade...

— Eu não sabia que você era capaz disso — ela diz alegremente.

— Rude, mas merecido. Com toda a sinceridade, acho que esse clube é uma coisa boa para o Ren. É importante que ele tenha um lugar e amigos para ser ele mesmo, para ser nerd e relaxar, livre das pressões do time, da sua imagem pública.

Ziggy me encara, seu olhar penetrante.

— Também seria interessante para você por esses motivos?

Apenas alguns dias atrás, eu teria rido disso, feito algum comentário idiota.

Mas algo na maneira como Ziggy olha para mim quando ela pergunta isso, com o suave sol da manhã iluminando aqueles olhos verdes vívidos, me faz parar e pensar no assunto. Estranhamente, um grupo que não é apenas uma casca brilhante com interações vazias soa quase... atraente.

Especialmente se Ziggy estiver lá. Ela deixa minhas canelas com hematomas pretos e azuis, tem uma tendência irritante de me psicanalisar, mas ela também... Como posso descrever o que é compartilhar espaço e tempo, mesmo que apenas algo um pouco similar a uma amizade com alguém tão superior a mim, alguém que não me faz sentir um merda por isso?

É como... água para uma garganta seca no deserto, como ar depois de mergulhar muito fundo – um golpe de graça que desafia os sentidos.

E eu não posso dizer não a isso.

Além disso, os amigos compartilham esse tipo de coisa, convidam uns aos outros para uma atividade de que gostam, não é?

— Talvez — eu finalmente respondo a ela. — Pode ajudar de alguma forma a melhorar minha imagem, pelo menos.

Ziggy inclina a cabeça de um lado para o outro.

— Talvez. Mas não é como se pudéssemos tornar público. Lembre-se: este é um clube secreto.

— O clube secreto nada secreto — eu a lembro. — Independente disso, minha imagem precisa de toda a ajuda possível, mesmo que seja apenas por meio de rumores. Pela primeira vez, ao menos serão rumores positivos.

— Bem, então você deveria vir. É muito divertido. Mas, primeiro, você deve memorizar algumas de suas citações de Shakespeare favoritas e depois recitá-las para pelo menos dois membros. Se você fizer isso genuinamente e provar que tem boas intenções com o grupo, você é iniciado.

Eu batuco meus dedos na mesa.

— Isso não é difícil.

Ela parece surpresa.

— Sério?

— Você está olhando para o galã principal da leitura dramática de *Romeu e Julieta* da turma de inglês do primeiro ano.

— Uau, estou na presença da realeza teatral do ensino médio.

Eu ergo minha água em reverência, então tomo um gole.

Ziggy descansa o queixo na palma da mão, os olhos enrugados nos cantos, em um olhar brincalhão.

— Aposto que você se saiu bem. Afinal, você tem talento para o drama.

— Ah, vai se fo...

— Zounds! — Ela sibila, os olhos arregalados em advertência. — Sebastian, você e essa sua boca!

Uma risada profunda escapa de mim. Não tenho ideia de porque isso me encanta – seja a doçura de sua bronca ou o absurdo de um xingamento elisabetano sendo lançado em minha direção, talvez ambos. Eu enterro meu rosto em minhas mãos enquanto rio, meus ombros tremendo.

A risada de Ziggy fica presa na garganta, como se ela estivesse tentando segurá-la.

— Não é engraçado. Você tem um problema muito sério com palavrões, Gauthier.

Um chiado me deixa enquanto eu rio mais forte. A risada de Ziggy escapa dela como fogos de artifício, cheia de brilho e sons.

Então nosso garçom se aproxima da mesa e põe fim ao momento. Instantaneamente, seu olhar se fixa em Ziggy. Aborrecimento me preenche, observando-o apreciar o sorriso brilhante dela e o tom de rosa em suas bochechas que floresceu enquanto ela ria.

Eu pigarreio alto, assustando-o. Seus olhos vêm na minha direção, mas apenas por um momento antes de se voltarem para Ziggy novamente, contando a ela os especiais do dia e respondendo suas perguntas.

Ziggy morde o lábio, ponderando enquanto olha de volta para o cardápio.

— Acho que vou querer o smoothie de morango e banana e também... uma omelete de presunto e queijo. Ah, e pode colocar queijo extra, por favor? Obrigada. Espere! Desculpe. E um muffin de mirtilo. Parece ótimo. Obrigada. — Ela lhe entrega o cardápio e se vira para mim, sorrindo.

Em algum lugar entre nossas risadas, aquele puxão em meu peito por vê-la chorar se dissolveu. Olhando para ela agora, sinto algo novo, algo para o qual apenas há lugar depois que coloquei tudo para fora ao lado dela enquanto fazíamos ioga raivosa em um espaço que parecia grande e real o suficiente para conter a minha confusão. Desde que eu lhe contei coisas que tinha tanta certeza de que me custariam até essa farsa de amizade. Desde que eu ri de uma maneira que não faço desde que me lembro.

Essa novidade, intensa e quente, se espalha por mim, uma fome de... Como ela chamou ontem à noite? Nutrição. De algo que preencha, sustente.

Algo bom.

Lentamente, levanto meu cardápio, examinando-o com novos olhos.

Com total satisfação, observo a expressão surpresa de Ziggy enquanto digo ao garçom:

— Eu vou querer o que ela pediu, mas o smoothie e o muffin de chocolate, ao invés das frutas.

Desta vez, Ziggy não precisa me lembrar. Enquanto entrego meu cardápio ao garçom, acrescento com um sorriso:

— Por favor.

— Você não vai me acompanhar de volta para minha casa — diz Ziggy, o som do motor do carro zumbindo na minha garagem enquanto esfria.

— Por que diabos não?

Ela ergue as sobrancelhas.

— Eu apenas disse "diabos", *Sigrid*, na privacidade da minha própria casa. Relaxa.

— Mas é um hábito, *Sebastian*, e você está tentando quebrá-lo.

— "Aparentando" estar quebrando-o — eu a lembro.

Ela suspira cansada.

Isso me faz pensar quanto tempo levará até que minha teimosa intratabilidade a afaste, fazendo-a perceber que não valho nem mesmo uma amizade falsa.

— Estamos em plena luz do dia — diz ela, abrindo a porta. — Nada vai acontecer comigo.

— Como você sabe?

— Eu caminhei até sua casa ontem à noite e esta manhã, e vivi para contar a história.

Agora é minha vez de suspirar. Eu vasculho meu cérebro, procurando por alguma justificativa para a necessidade gritante de vê-la em casa e segura. Eu não deveria precisar vê-la em casa e segura. Mas eu preciso.

É porque ela é irmã do Ren. Porque, enquanto ela estiver comigo, eu serei atormentado se ela não estiver segura – por mim, pelo mundo, com qualquer coisa que possa machucá-la. Pela primeira vez na minha vida, estou determinado a ver esta situação com um bom ato, para ser capaz de olhar Ren nos olhos e dizer ao meu melhor, meu *único*, amigo, que eu não tinha nada além de boas intenções com sua irmã e nada de desagradável aconteceu.

— Sebastian. — A voz de Ziggy me tira dos meus pensamentos. Eu olho para ela onde ela está com o braço sobre a porta do lado do motorista. Seu cabelo está quase todo solto da trança com mechas de fogo emoldurando seu rosto. Ela parece tão adorável que é obsceno.

Engulo em seco.

— Eu deveria acompanhá-la até em casa — digo a ela. — Porque... o Seb reformado faria.

— Mas seu pé...

— Meu pé que se fo..., quero dizer, esqueça meu pé. Ele está bem. Dificilmente dói.

Isso é uma mentira. Dói um pouco com o como eu o movimentei na ioga. Mas isso não é nada comparado ao desconforto que vou sentir, se ficar com minha bunda sentada aqui, com um nó no estômago, esperando como um garoto ansioso e de mãos atadas, que ela mande uma mensagem dizendo que chegou em segurança.

Ziggy arqueia uma sobrancelha, cética. Mas, de forma surpreendente, finalmente, ela diz:

— Tudo bem.

— Bem, Senhor Seb, obrigada por sua escolta.

Eu franzo a testa para Ziggy.

— *Senhor Seb*? O que diabos eu fiz para merecer esse nome?

Ela sorri, de forma rápida e brilhante. Seu sorriso me atinge como um soco no estômago, é tão adorável.

Não olhe para ela assim, uma voz de advertência sibila em meus pensamentos. *Você nem merece os sorrisos dela, muito menos a amizade dela – de mentira ou não.*

Olho para baixo e limpo os fiapos da minha calça de corrida.

— Soava bem, "Senhor Seb" — ela diz. — Você estava sendo um cavalheiro.

— Cavalheiro. — Reviro os olhos. — Ok. Entre e beba um pouco de água. Você está desidratada e delirando.

Ziggy fica quieta por tanto tempo que não consigo mais manter o olhar baixo. Quando eu olho para ela, meu coração pula uma batida. Sua cabeça está inclinada, aqueles olhos verdes penetrantes fixos em mim. Tenho a sensação incômoda de estar sendo visto até minha medula óssea.

— Estou começando a me perguntar — ela diz —, se Ren não estava totalmente errado. Se você é mais gentil do que gostaria de admitir, Sebastian Gauthier.

— Ziggy...

— Abraço — diz ela, envolvendo os braços em volta de mim.

Deus. O sorriso dela foi um soco no estômago, mas esse abraço é um golpe que me tira o fôlego. Eu estou enraizado na calçada do lado de fora de seu prédio enquanto ela me segura, sem uma gota de ar em meus pulmões.

— Ei. — Ela aperta mais forte. — Cadê o meu abraço? Você me abraçou na ioga, por que não pode me abraçar agora?

— Aquilo não foi um abraço — murmuro contra seu cabelo, porque o vento bateu em meu rosto, e porra, o cheiro é bom, como água doce e limpa, uma dose purificadora de bondade que eu não mereço. — Foi um... toque... solidário.

— Um toque solidário. — Ela bufa, um som adorável no fundo de sua garganta, seguido por uma risada brilhante e ale-

gre. — Ok, claro. Bem, não te matou antes, e não vai te matar agora. Além disso, amigos se abraçam.

— Não este amigo aqui.

— Vamos lá. Me abrace. Não me deixe esperando.

Suspirando, resignado, eu envolvo meus braços em volta de sua cintura. Ela é tão forte... e ainda assim tão suave. Sinto os músculos longos e duros em suas costas e tronco, a curva suave de seus quadris. Minha mandíbula aperta.

— Obrigada — ela sussurra em meu ouvido.

Um arrepio que mal reprimo percorre meu corpo, mas se Ziggy percebe, ela não deixa transparecer. Ela apenas se afasta, abrindo outro daqueles sorrisos que arrancam o ar que acabei de inspirar.

— Sua vez — diz ela, tirando as chaves do bolso de suas leggings.

— Minha vez?

— De inventar algo amigável para fazer.

Eu franzo a testa.

— O que eu saberia sobre isso?

Quando ela abre a porta, Ziggy sorri mais ainda.

— Você vai pensar em algo. Eu tenho fé em você.

11

ZIGGY

Música da Playlist: "Sheets of Green", Cat Clyde

— "Uma ruiva misteriosa"?! — Eu rosno para a minha tela, apertando meu telefone com tanta força que a capa igual um fidget toy, feita para imitar plástico bolha, faz uma série de estalos sinistros.

— Vai com calma aí. — Charlie, minha melhor amiga e companheira de equipe, arranca o telefone da minha mão e o coloca de volta na minha bolsa que está enfiada no fundo do meu armário. — Vamos descontar nossa raiva em uma bola de futebol e deixar seu telefone viver mais um dia.

— "Uma ruiva misteriosa"!

Ela me agarra pelo cotovelo e me arrasta para a saída do nosso vestiário.

— Sim, eu te escutei. Apenas respire. Entre em campo e nós cuidaremos disso.

Minha frequência cardíaca está batendo em meus ouvidos. Mal registrei nossa caminhada até o campo, onde Charlie cumprimenta Karla, nossa treinadora do Angel City, e então começa a correr pelo campo. Parando no aglomerado de bolas que fica no centro, ela dá um toque na bola, enviando-a em minha direção, me forçando a focar no treino.

É como se ela me conhecesse ou algo do tipo, como se soubesse que apenas uma bola de futebol voando na minha cara poderia me arrancar dos meus pensamentos bagunçados. Eu toco de volta para ela, chutando a bola com força.

Um grunhido audível escapa de Charlie quando ela pega meu passe – ou mais precisamente, o chute direto que dei – no peito e deixa a bola cair no chão, então a envia voando pelo campo para mim. Eu corro para receber a bola, e então driblo indo em sua direção. Parando aos pés de Charlie, coloco meu pé na bola e encontro seus olhos, com as mãos nos quadris.

— Desculpe.

— Está tudo bem. — Ela puxa seu cabelo curto e escuro em um rabo de cavalo no topo de sua cabeça. — Meus seios não ficam roxos há um tempo. Eles estavam pegando poeira.

Eu bufo uma risada, esfregando meu rosto.

— Eu estou irritada.

— É compreensível. — Charlie afasta a bola dos meus pés e começa a fazer embaixadinhas. — Você não é uma "ruiva misteriosa". Você é a fodástica Ziggy Bergman, e já estava na hora do mundo saber disso.

— Estou tentando, Char.

Charlie levanta sua mãozinha (ela cabe em um bolso e é toda pequenina), franzindo a testa para mim com os olhos castanhos estreitados.

— Você está indo bem. Eu não estou culpando você. Estou culpando essa máquina de notícias sexista que se fixa em atle-

tas masculinos e em esportes tradicionalmente masculinizados. Você é uma das meio-campistas mais promissoras, talentosas e com o melhor desempenho que o futebol já viu. Você foi uma artilheira durante toda a sua carreira na UCLA e está começando tanto aqui quanto na Seleção Nacional. Os tabloides *deveriam* saber quem você é, e você não deveria ter que fazer esse ridículo teatro publicitário com aquele imprestável do Seb Gau...

— Shhh — eu sussurro, olhando ao redor. — Charlotte, não me faça me arrepender de ter te contado isso.

— Relaxa. Eu falei baixinho.

— Charlie, estou falando sério, se a verdade for revelada, vai minar e arruinar tudo o que nós...

— *Nós*? — Ela diz enfatizando. — Vocês são um "*nós*" agora?

Eu pigarreio.

— Tudo o que *eu* estou tentando fazer.

— Aham. — Charlie cruza os braços sobre o peito. — Você não vai conseguir reformular essa frase para se safar dessa. Desde quando você e aquele moleque são um "nós"?

— Não somos um "nós", foi apenas linguisticamente mais eficiente falar assim.

Charlie ergue as sobrancelhas.

Suspirando, faço um gesto para a bola de futebol aos pés dela.

— Podemos jogar, por favor? Antes que gritem conosco?

Charlie franze a testa, mas cede, jogando a bola para cima e fazendo embaixadinhas entre os pés, depois passando-a para mim. Eu faço algumas embaixadinhas com minhas pernas e pés, antes de deixar a bola cair no campo e driblá-la para longe o bastante da vocação que Charlie tem em ler mentes.

Adoro ter uma amiga que me conhece tão bem – exceto quando estou tentando manter alguns sentimentos um pouco nebulosos sobre um certo amigo falso muito complicado e malcomportado que fica me surpreendendo com pequenos momentos de bondade que me ameaçam a realmente *gostar* dele. E dada a atração que sinto por Sebastian Gauthier, é uma péssima ideia.

Irei cuidar disso. Estou trabalhando no meu controle. Até lá, Charlie *não* pode saber que estou dividida em relação a Sebastian. E se eu ficar muito perto, permitir que ela leia minha mente com sua magia de melhor amiga, ela com certeza descobrirá tudo.

Charlie é minha amiga mais antiga, minha única amiga de quando eu era criança e ainda morávamos no estado de Washington. Mandamos cartas e desenhos uma para a outra por anos depois que minha família se mudou para LA devido ao trabalho de papai como oncologista no Hospital Ronald Reagan Medical, mas quando comecei a ter dificuldades de socialização no ensino médio e minha saúde mental piorou, tive muita dificuldade para manter contato. Charlie e eu nunca

paramos de conversar, mas nos separamos por anos, até que ela me procurou e disse que estava indo para a USC.

Nossas faculdades podem ter sido rivais, mas isso não foi um empecilho para nos afastar – daí começamos a nos reconectar, a construir uma proximidade. Desde que ambas assinamos com o Angel City, nosso vínculo está mais forte do que nunca, e sou muito grata por isso. Nunca fui realmente boa em fazer amizades – sempre tive muita ansiedade social ao tentar conhecer novas pessoas, parentes demais para preencher meu tempo e me manter ocupada, então nunca fiquei muito sozinha ou ávida por mais do que isso. Charlie é o meio-termo – alguém com quem eu tinha uma base sólida e que não tinha que superar uma ansiedade profunda ao me aproximar, alguém que me conhece há quase tanto tempo e tão bem quanto minha família, mas existe fora desse caos para que eu possa recorrer a ela quando eles me enlouquecem.

Charlie é a minha pessoa – posso contar com ela para qualquer coisa. Exceto com ajuda para o Projeto Ziggy Bergman 2.0.

Porque Charlie *odeia* publicidade e adora ser alguém desconhecida. Por outro lado, se eu tivesse crescido como filha de duas das maiores celebridades de Hollywood da época e tivesse sido arrastada para os tabloides por quase uma década durante o relacionamento tempestuoso e ioiô de meus pais (e realmente quero dizer tempestuoso – os pais dela já se casaram e se di-

vorciaram três vezes), eu também gostaria de ser uma ninguém.

Charlie ama sua vida privada e pacífica e sua parceira, Gigi, que ela conheceu no primeiro ano da USC. Gigi é uma ex-estrela mirim da rede televisiva que se tornou estilista de celebridades e que adora ficar fora dos holofotes, vivendo nos bastidores agora, também. Gigi e eu estávamos lá quando Charlie estava pensando em se profissionalizar no futebol, sabendo que isso levaria a uma maior visibilidade. Mas seu amor pelo esporte venceu, e o trabalho de anos em terapia a fez se sentir preparada para lidar com a exposição que o contrato com o Angel City poderia causar. Mesmo assim, não tem sido fácil para ela.

Além de sua antipatia por estar no centro das atenções, ela seria a última pessoa a saber como me ajudar a fortalecer minha imagem – Charlie é infinitamente mais doce e mais certinha do que eu. Ela sempre foi assim.

Quando nos conhecemos no estado de Washington, onde ela morou com a mãe durante o primeiro divórcio acirrado de seus pais, Charlie era a criança mais gentil e amigável e se viu no meio do furacão que foi a separação, ao contrário de seu irmão e de sua irmã mais velhos, que processaram o trauma de suas infâncias ao se tornarem terrores absolutos. Harry era imprevisível – resmungão e irritado, constantemente se metia em problemas e atacava os outros. Então havia Tallulah – ilu-

soriamente quieta e profundamente irritante, como o silêncio antes de uma tempestade de proporções épicas.

Então há Charlie – sempre gentil e amigável; ela sorria muito, dava abraços fortes e adorava passear pela floresta. Charlie tinha a minha idade e entendia como era ser a bebê em uma esfera social onde todos eram mais velhos do que você. Ela estava feliz por desaparecer em mundos imaginativos e ser rainhas das fadas ou corajosas donzelas guerreiras; fazer sopa com flores, folhas e lama, fazer amizade com passarinhos e adotar a família de coelhos que demoliu a horta da minha mãe no Chalé em forma de A, a casa de fuga de nossa família que se tornou um refúgio para Charlie também.

Charlie sempre foi tão boa para mim. Sabendo o que ela passou, como ela aprendeu a enfrentar os problemas e viver de uma maneira que a deixa feliz, eu nunca poderia pedir a ela para passar por algo que a deixasse infeliz como ela era quando era o centro das atenções quando criança.

Acho que Charlie sabe disso, que não pedi a ajuda dela, nem mesmo da maneira que ela poderia ajudar, porque estou tentando protegê-la da maneira que isso a deixaria exposta. Quando contei a ela o que estava fazendo, ela não desaprovou meu plano de me expor um pouco mais, ser notada e aproveitar para mudar minha imagem. Mas ela *definitivamente* desaprovou meu plano de envolver o Sebastian.

— Ouça — diz ela, correndo até mim, respirando pesadamente. Minha mente está girando, mas Charlie e eu estamos

correndo, enviando passes longos e difíceis uma para a outra pelo campo. — O fato é que eu não confio naquele cara. Isso é tudo. Ele é...

— Desprezível — eu termino a sentença para ela. — Sim, eu sei. Você já me disse, Charlie, e eu lhe disse que conheço a reputação dele. É por *isso* que estou fazendo isso junto com ele.

Sua carranca retorna quando ela aperta os olhos para mim.

— Eu sei que você está se apoiando nele porque não sente que pode se apoiar em mim, e eu odeio isso...

— Charlie...

— Não, escute. De forma egoísta, eu também aprecio isso. Não estou pronta para me colocar nos espaços em que você deseja estar agora, e você e eu estamos seguras o suficiente em nossa amizade para que possamos reconhecer nossos limites e respeitar os limites uma da outra. Eu sei que você não se ressente de mim por não ser capaz de fazer isso por você. Você apenas delegou à outra pessoa

Eu mordo meu lábio.

— Eu realmente acho que ele é um bom substituto.

— Oh, no papel, sim. Mas o que você tem que tomar cuidado é em não contar com ele para *nada* além disso. Pessoas como o Seb Gauthier não mudam, Ziggy. Me pergunte como eu sei disso. — Ela arqueia as sobrancelhas. — Meus pais são egocêntricos, autodestrutivos e somente confiáveis por uma

coisa: pela falta de confiabilidade. Sebastian é farinha do mesmo saco.

Engulo a pergunta que está queimando em minha garganta – como ela sabe disso? Como e quando alguém pode decidir que sabe tudo sobre o caráter de uma pessoa, ainda mais ter certeza de que esse caráter é imutável?

Não faço essas perguntas a Charlie, porque é um território no qual não nos aventuramos. Chegaria perigosamente perto de soar como se eu questionasse sua visão sobre partes incrivelmente difíceis de seu passado. Eu não posso fazer isso. Então fico quieta, esperando o que vem a seguir.

— Eu não posso estampar as manchetes com você — diz Charlie, enxugando o suor da testa, os olhos estreitados contra o sol. — Mas certamente posso ajudar a garantir que você não seja "uma ruiva misteriosa" por muito mais tempo.

Eu franzo a testa para ela.

— Como?

Charlie sorri, um sorriso lento e quase tão perverso de um jeito que eu acho que ela jamais será.

— Venha para casa comigo depois do treino. Vamos deixar Gigi fazer sua mágica.

Charlie me arrumou bem, mas quase não me cobriu, se formos considerar o vestido que ela me arranjou. Eu encaro meu

reflexo no espelho, especificamente a bainha do vestido, que está perigosamente perto de revelar *tudo.*

— Se eu espirrar — digo a ela e a Gigi —, vou mostrar tudo

Gigi ri enquanto tira um alfinete de entre os dentes e o desliza ao longo da bainha do vestido verde-escuro que ela retirou de seu armário.

— Um escândalo por um acidente com a roupa é uma ótima matéria.

Eu torço meu nariz.

— Como?

Charlie está atrás de mim, os braços cruzados sobre o peito enquanto observa o trabalho de Gigi.

— Você sabe o que dizem. Não existe matéria ruim.

— Não sou especialista, mas acho que há sim matéria absolutamente ruim, e definitivamente seria uma matéria ruim se a primeira manchete com o meu nome em um grande veículo de notícias fosse expondo meu corpo.

Gigi se senta sobre os calcanhares, a cabeça inclinada enquanto examina a bainha e sua localização precária bem próxima das minhas nádegas.

— Ok, talvez você esteja certa. Isso está um pouco curto. Vou aumentar a bainha.

Um suspiro de alívio me deixa quando ela começa a tirar os alfinetes e aumentar a bainha.

— Então — Charlie diz, dando uma volta para me encarar. — Vamos recapitular e conversar sobre estratégia.

Eu aceno com a cabeça concordando.

— Ok.

— Em primeiro lugar, esta é a sua jogada, o seu momento. Lembre-se disso. *Você* assumiu o comando e esta sexta-feira é a *sua* noite. O *after* do evento de caridade é o lugar ideal para ser um pouco travessa, mas ainda assim, elegante.

— Parabéns ao Seb por arranjar essa festa em tão pouco tempo — diz Gigi.

Charlie olha para Gigi, mas é um olhar cheio de afeto e que carece de paixão.

— É claro que ele arranjou. Festas como essa estão cheias de hipócritas como ele e uma dúzia de outros iguais. Pessoas ricas vestindo roupas caras, fingindo que se importam com pessoas que não são ricas e não podem comprar roupas caras, depois de doar uma quantia insignificante de sua riqueza para uma causa, quando, se todos esses tolos simplesmente doassem o dinheiro que eles gastaram em suas roupas para esses eventos e os *afters*, os próprios problemas para os quais arrecadam dinheiro seriam erradicados.

— Isso é... sombrio — murmuro.

Gigi bufa.

— Bem-vinda à vida dos ricos e famosos.

Eu fiquei *surpresa* que Seb apareceu tão rapidamente depois que mandei uma mensagem para ele, surgindo com a notícia de que ele tinha um evento que aconteceria na próxima sexta-feira. Mas agora parece que talvez ficar surpresa fosse

bobagem da minha parte, dado o quão frequente Charlie e Gigi disseram que esse tipo de coisa acontece.

— Vamos pensar na logística do evento — minha melhor amiga me diz. — Tanto no evento quanto no *after*, vocês dois não devem ficar sozinhos, nem em um canto, nem no sofá, nem na pista de dança. Isso é muito coisa de casal. Junte-se a um grupo e fique com eles, ou entre no modo dividir e conquistar, misture-se com os outros, entendeu?

Eu concordo.

— Próximo passo. Tenha muito cuidado com o que você diz ou como se comporta e como isso pode ser tirado de contexto. Você tem que pensar sobre a pior maneira possível de ser percebida e, em seguida, trabalhar de trás para frente para evitar. Você quer que sua imagem tenha uma ascensão, mas não que caia do penhasco da decência.

Eu bufo.

— O penhasco da... — Eu me calo, vendo o quão séria Charlie está olhando para mim. — Desculpe. Continue.

— Ela parece uma dama de companhia em um romance da Jane Austen — Gigi diz enquanto tira outro alfinete da boca e o desliza ao longo da bainha —, mas ela está certa. É uma linha tênue para andar. Nossa narrativa cultural pinta as mulheres, especialmente as que estão sob os olhos do público, com um dos dois cenários: pecadora ou santa, nada entre os dois.

— Exatamente. — Charlie encontra meus olhos no espelho. — O que você está tentando fazer é existir em um espaço

que os tabloides, que dirá a sociedade, geralmente não reconhecem, então apenas... tome cuidado.

Coloco a mão sobre meu coração acelerado e o esfrego, tentando me acalmar.

— Eu vou tomar.

— Além disso, se aquele idiota sequer *olhar* para sua bunda neste vestido — rosna Charlie —, vou quebrar os olhos dele.

Sentindo minhas bochechas esquentarem, olho por cima do ombro para minha bunda, que, como meus quadris, cresceu na faculdade, transformando meu corpo de tábua em uma pêra.

— O vestido está... está muito apertado na minha bunda?

— Dificilmente — Gigi diz, rindo. — Está perfeito. Agora estou apenas me certificando de que todos verão isso.

Engolindo em seco nervosamente, olho de volta para o meu reflexo, o tecido verde-escuro, macio e elástico, abraçando cada curva do meu corpo.

— Ok.

— Vá tirar o vestido — diz Gigi, recostando-se.

Eu entro em seu closet e tiro o vestido, maravilhada com o grande volume de roupas ao meu redor. Gigi diz que tem mais amostras de estilistas e figurinos do que ela sabe o que fazer com eles, e com certeza dá para ver, mesmo depois que ela e Charlie me emprestaram algumas peças. Depois de experimentar as opções e decidir o que me agradava, tenho um ma-

cação preto elegante para o evento de sexta-feira, alguns vestidos de verão coloridos para usar no futuro e essa peça verde-escura para o *after* do evento, que, com algumas pequenas alterações, deve ficar perfeita.

— Não se vista — grita Gigi de seu quarto, onde já ouço o zumbido da máquina de costura. — Apenas pegue um robe aí. Consertar esta bainha não vai demorar mais do que alguns minutos, e vou pedir para você experimentar de novo assim que eu terminar.

Eu olho ao redor, encontrando um robe de seda da cor pêssego claro coberto com rosas escarlates e trepadeiras verde-escuras, e o visto. Não há faixa para amarrá-lo, então eu o puxo apertado em volta de mim, em seguida, saio, prendendo o robe com meus braços.

Gigi ergue o olhar e me checa de cima a baixo enquanto trabalha em sua máquina de costura.

— Oooh, eu gosto dele em você! Leve também.

— Eu... não, obrigada. — Olhando para o tecido, balanço a cabeça. — Não posso aceitar isso de você.

— Por favor, leve — diz Charlie. — O armário dela está prestes a estourar, ela tem tanta coisa.

Gigi lança uma carranca brincalhona para Charlie antes de sorrir para mim novamente.

— Nunca vou usar isso. Essas cores não combinam comigo, e definitivamente combinam com você. Leve. Mas primei-

ro... — Ela se levanta, segurando o vestido. — Experimenta isso de novo.

Vestida outra vez, eu fico na frente do espelho. Gigi é apenas alguns centímetros mais baixa do que eu e tem pés do mesmo tamanho, então estou usando um par de saltos altos dela que milagrosamente não apertam meus dedos. Eu encaro meu reflexo e faço uma careta.

— É muita pele exposta.

— Uma pele bonita — diz Gigi. — As sardas estão muito na moda agora.

Charlie inclina a cabeça, me examinando.

— Você parece desconfortável. E não é isso que queremos.

— Espere! — Gigi pega o robe de seda de cor pêssego de sua cama e o desliza pelos meus braços.

— Mas é um robe — digo a ela.

Gigi sorri.

— Não é um robe, docinho. É o toque final. E é perfeito para isso. Você pode tirá-lo se eventualmente se sentir confortável e mostrar mais pele, ou pode usá-lo a noite toda. Você ficará sexy e ousada de qualquer maneira.

Eu olho para o meu reflexo, me aquecendo com o que estou vendo. O decote canoa do vestido é baixo, mas não tenho muitos seios, então fica justo no meu peito, revelando apenas uma sombra do colo, o que me faz bem. Com o robe de seda sobre meus ombros e meus braços, fico mais à vontade – um pouco fora da minha zona de conforto, mas não muito.

Percebo a carranca de Charlie no reflexo do espelho e a encaro, intrigada.

— Você está incrível — Gigi me diz. — E agora você se sente assim, não é?

Eu aceno com a cabeça, um sorriso vencendo.

— Sim.

Gigi dá um tapa no ombro de Charlie.

— Olá, Pequena Miss Sunshine. Fique feliz por ela.

A carranca de Charlie se aprofunda. É perturbador ver minha amiga que sempre está feliz parecendo tão séria.

— Você parece estar vestindo um milhão de dólares — diz ela, encontrando meus olhos. — E eu estou feliz por você.

— Então por que você está carrancuda? — Gigi pergunta.

Charlie dá um passo para trás e cruza os braços sobre o peito novamente.

— Ela está prestes a ir dançar com o diabo. Com *isso*, não consigo ficar nem um pouco feliz.

Estou nervosa quando entro na casa de Ren e Frankie na manhã seguinte. Estou atrasada para esta conversa com meu irmão, e isso é porque eu tenho evitado. Porque o irmão em quem confiei algumas das minhas verdades mais duras é quem estou prestes a mentir.

Vou tentar o meu melhor para ser o mais honesta possível.

Frankie ainda deve estar dormindo, porque vejo apenas o topo da cabeça de Ren através das portas de vidro deslizantes que dão passagem para o terraço. Depois de preparar uma xícara de café com leite, saio para o terraço e encontro meu irmão sentado em uma espreguiçadeira, com os pés no corrimão enquanto olha para o oceano e para Pazza, que corre pela areia, perseguindo sua bola. Ele olha por cima do ombro e sorri, então se levanta para me dar um abraço.

— Ei, Zigs.

— Ei, Ren. — Depois do nosso abraço de cumprimento, eu me sento em uma cadeira ao lado dele e cruzo as pernas.

Pazza sobe os degraus vindo em minha direção, molhada de água salgada enquanto joga a bola aos meus pés e arfa feliz. Lhe faço um bom carinho atrás das orelhas e, depois que ela pega a bola novamente, tiro-a de sua boca e a jogo de volta na areia.

— Então...

Ele olha para mim e sorri.

— Então...

— Eu, uh... posso ter roubado seu amigo.

Os olhos de Ren enrugam enquanto seu sorriso se aprofunda.

— Eu fiquei sabendo.

Graças a Deus estou com minha caneca de café na frente da boca, porque não há outra maneira de esconder minha expressão chocada e de queixo caído. Enterrando o rosto na caneca,

finalmente tomo um gole de café. No momento em que engulo e olho para cima, tenho certeza de que meu rosto está relaxado.

Sebastian falou com ele sobre nós?

— O que ele disse?

Ren bebe seu café, olhando de volta para o oceano, monitorando Pazza enquanto ela persegue seu rabo, então cai na areia e rola nele.

— Ah, não muito. Só que vocês dois se deram bem no casamento, como amigos. Que ele sabia o quanto você significa para mim e queria que eu soubesse que você está segura com ele.

Minha mandíbula aperta. *Segura*. Como se eu fosse uma coisa frágil para lidar com cuidado.

— Segura, hein? — Eu murmuro em meu café, antes de engolir um pouco mais.

A testa de Ren franze. Ele se inclina em minha direção, com a cabeça inclinada.

— Você está chateada com isso?

Expirando lentamente, coloco minha caneca no braço da minha espreguiçadeira.

— Estou um pouco cansada de falarem sobre mim de forma tão... protetora, como se me colocassem em uma bolha. Não sou mais uma garotinha inocente, nem uma adolescente que sofre socialmente. Sou forte e capaz, e posso lidar com a

amizade de Sebastian Gauthier sem que vocês dois precisem ter uma conversa patriarcal sobre minha "segurança".

Ren pisca os olhos para mim, franzindo a testa ainda mais.

— Eu... entendi o seu ponto. Não tinha considerado isso dessa forma. Eu vi isso como Seb reconhecendo que ele é francamente muito descuidado com a maioria das coisas em sua vida, e querendo que eu saiba, como alguém que ama você, que você não seria uma das coisas que ele seria descuidado. O conteúdo do que ele disse foi reconfortante, sim, mas muito mais, foi o fato de ele fazer questão de dizer isso.

Eu inclino minha cabeça.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que conheço Seb bem o suficiente para ter ficado um pouco ansioso quando a conversa começou e seu nome estava na mistura, porque eu vi o tipo de problema e dor em que ele se envolve. Embora eu nunca esperaria que ele *intencionalmente* envolvesse você nisso também, a verdade é que o passado dele dita que você poderia se machucar por descuido ao longo do caminho. Então eu apreciei ele me dizendo que ele está intencionalmente tentando mantê-la a salvo *disso.* Mesmo assim, meu maior alívio foi que ele veio até mim e falou tão abertamente sobre se tornar seu amigo. Se comunicar assim é difícil para Seb, mas ele fez um esforço enorme para falar de qualquer maneira. Isso significa muito.

Eu tomo um gole da minha xícara, refletindo sobre isso, um calor se espalhando por mim que não tem nada a ver com

o café fresco e quente que acabei de engolir. Vendo por esse lado, acho que talvez o que Sebastian fez signifique muito para mim também.

Segurando minha xícara com as mãos, digo ao meu irmão:

— Obrigada por explicar. Isso... me ajuda.

Ren olha para mim, procurando meu rosto.

— Sinto muito se alguma vez fiz você se sentir superprotegida, Ziggy. Eu só quero estar lá por você.

— Eu sei, Ren. Estou muito grata por todas as maneiras que você esteve lá por mim quando eu precisei. Eu só... quero que você esteja aqui por mim pela versão de mim que está aqui *agora*, não para a versão que eu *era*. Faz sentido?

Ele balança a cabeça lentamente.

— Sim, faz.

Eu olho para o oceano, um sorriso aparecendo em minha boca enquanto Pazza late sem parar, assustando uma gaivota. Depois que ela salta em minha direção com a bola novamente e eu a jogo na direção das ondas, Ren e eu nos sentamos lado a lado em um silêncio agradável, bebendo nosso café. Enquanto eu penso sobre essa pequena informação sobre Sebastian.

Estou me esforçando para não deixar um calor envolver meu coração como um cobertor aquecido pelo fogo, mas é difícil. É difícil não se sentir bem, sabendo que mesmo apenas *fingindo* sermos amigos, Sebastian se importava o suficiente para falar com Ren abertamente e de forma saudável, sabendo que ele fez uma promessa ao seu melhor amigo de que eu não

vou ser envolvida em coisas que poderiam machucar nós dois. Ele não mentiria para Ren – ele o ama demais, isso é óbvio, mesmo que ele tente esconder –, o que significa que Sebastian Gauthier, apesar de todas as suas juras sobre realmente não ser capaz de mudança, pode estar mudando um pouco, afinal.

O latido de Pazza me assusta e me tira dos meus pensamentos. Eu pego Ren me observando com curiosidade, um pequeno sorriso no rosto, antes de assobiar baixinho e chamar Pazza de volta quando ela começa a ir muito longe na areia.

— Então... — Eu limpo minha garganta. — Parte do motivo pelo qual eu queria contar a você sobre mim e Seb, você sabe, sermos amigos, é que eu vou para a arrecadação de fundos da Corrida de Patinação na sexta à noite. Com ele. Como sua convidada.

Ren pisca rapidamente, claramente confuso.

— Mas vai ser um caos, Ziggy. Você odeia eventos como esse... — Sua voz morre quando ele olha para mim, procurando minha expressão. — Você... *não* odeia eventos como esse?

Eu dou de ombros.

— Não é o meu ambiente favorito, mas parte do que venho resolvendo desde que comecei a faculdade é como posso aproveitar esses tipos de ambientes caóticos às vezes. Eu gosto de seus companheiros de equipe. Eu amo crianças. Acho uma iniciativa incrível. Então, descobri como torná-lo acessível para mim. Eu tenho tudo sob controle.

Meu irmão espia em sua caneca de café, franzindo a testa, pensativo.

— Eu nunca convidei você para isso antes porque pensei que você se sentiria pressionada a vir, ou sentiria que eu não sabia como é difícil para você...

— Eu sei. — Eu coloco minha mão em seu braço e aperto suavemente. — Eu sei que você teve boas intenções.

Ele suspira, esfregando os olhos fechados.

— Eu me sinto como um irmão muito ruim agora.

— Ren, não. — Eu coloco minha xícara de café de lado e passo um braço ao redor dele, descansando minha cabeça em seu ombro. — Você é um irmão maravilhoso. Anos atrás, eu teria me sentido assim se você tivesse me convidado.

— Mas as pessoas mudam — diz ele calmamente. — E é importante lembrar disso. — Ele olha na minha direção, então descansa a cabeça na minha enquanto nós dois olhamos para o oceano, embalados por seu rugido constante. — Me desculpe, eu esqueci disso.

Engulo o nó na garganta e aperto seu ombro com mais força.

— Sinto muito por não ter falado por mim. Eu estou aprendendo. Estou tentando fazer melhor.

— Eu também vou me sair melhor nisso — ele diz baixinho, então depois de um momento: — Estou feliz que você está indo. Frankie ficará *radiante*.

Eu sorrio.

— Seremos gêmeas de protetores de ouvido — Como eu, Frankie é autista e luta contra ambientes extremamente ruidosos; foi ela quem me induziu a usar protetores de ouvido por esse mesmo motivo, anos atrás.

Ele ri baixinho.

— Sim. Vocês serão.

Depois de um último aperto em seu ombro, eu me recosto e me acomodo em minha cadeira, segurando meu café com as duas mãos novamente. Um músculo em minhas costas lateja quando me mexo e estremeço.

— O que houve? — Ele pergunta, atento como sempre.

— Ah, apenas dei mau jeito em uma coisinha nas minhas costas durante a ioga raivosa. Sebastian e eu nos arrebentamos fazendo aqueles exercícios "*chaturangas*".

Ren quase deixa cair sua caneca de café, mas a pega.

— Ufa. Muita cafeína. — Ele coloca a caneca no chão ao lado dele. — Então, uh, essa ioga raivosa. Como foi? Quero dizer, como está sendo?

Eu encontro seu olhar, procurando em seu rosto alguma pista sobre se Sebastian disse ou não a ele o quanto eu fiquei vulnerável, mas não há nada que eu possa ler na expressão de Ren, apenas uma espécie de curiosidade estranha.

— Eu disse muitos palavrões e extraí alguns sentimentos reprimidos. Eu realmente não processei tudo o que senti, mas sei que foi bom colocar isso para fora.

Ren acena com a cabeça lentamente.

— Certo. Então... foi, tipo, uma coisa de dupla? Você sabe, onde vocês fazem ioga juntos?

— Sim. Bem, quase isso. Fizemos o mesmo fluxo, de frente um para o outro. Era uma "prática de apoio", como Yuval chamou.

Um zumbido baixo sai de Ren quando ele morde o lábio, como costumo fazer quando estou pensando em algo, e olha para a areia, com os olhos em Pazza.

— Vocês dois... planejam fazer isso de novo?

Eu aceno antes de tomar meu café.

— Sim, nesta quarta-feira, na verdade. Por que você pergunta?

Um momento de silêncio se estende entre nós, exceto pelos dedos de Ren batendo nos braços de sua espreguiçadeira. Uma ruga de expressão se forma em sua testa.

— Apenas por perguntar.

12

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Outnumbered", Dermot Kennedy

Meu estômago dói para cacete, e eu estou dizendo a mim mesmo que é nervosismo. Porque pela primeira vez na minha carreira, estou participando de uma das arrecadações de fundos piegas e cafonas do meu time, e estou sóbrio como um santo.

Não é que eu não goste dos meus colegas de equipe ou que não apoie a arrecadação de fundos para pesquisas sobre câncer infantil. Eu gosto e apoio. Não, eu não fico todo carinhoso e socializo com eles, mas nos damos bem; e, em particular, eu me certifico de que boa parte da minha renda seja doada para vários fins filantrópicos – apenas me certifico de que essa merda nunca vaze.

Porque se eu aparecesse regularmente nesses eventos, se divulgasse para onde meu dinheiro ia, isso empurraria minha imagem pública de um cara mau para um território precariamente positivo. E eu não posso ter isso, não quando todas as minhas polêmicas mostram ao meu padrasto que eu não dou a mínima para sua desaprovação, e não quando humilham meu pai, que abandonou eu e minha mãe e quem tem seu próprio legado no hóquei profissional; legado esse que eu estou de-

terminado a manchar tanto quanto for possível o associando ao seu filho inútil.

Este tem sido o meu plano há anos, e eu me apeguei a ele. Bem, até recentemente, quando percebi que isso estava prestes a me custar o hóquei. E agora estou nesta mudança de rota bizarra, cavando um pouco para sair do buraco que me enfiei de propósito, apenas o suficiente para garantir meu lugar no time novamente, para manter meu espaço no hóquei seguro e protegido.

Eu sendo visto neste evento de caridade proporcionado pelo time, nossa Corrida de Patinação Anual para arrecadar fundos para a pesquisa de câncer infantil, ajudará muito a reparar minha imagem com a administração dos Kings, e Ziggy terá seu momento de destaque no evento, então depois terá um lugar para ser um pouco ousada, no *after* na casa de Tyler. É o ideal para ambas as nossas agendas. E, no entanto, tenho esse sentimento engraçadinho de que tudo vai dar errado.

Quando termino de abotoar minha camisa, examino minha aparência, me certificando de que tudo está no lugar – as correntes de prata que sempre uso, sem botões soltos em minha camisa social, as mangas dobradas até os cotovelos.

Diante do espelho, eu mexo mais uma vez no cabelo e ajeito de novo a gola da camisa. Verifico a linha reta em minha nuca, do meu novo corte de cabelo, que raspei para deixar elegante.

Um som baixo e alegre de "You're So Vain" de repente ecoa no meu banheiro, e eu me assusto. Graças a Deus não estou mais com a navalha no pescoço, porque se tivesse, arriscaria cortar minha garganta.

Eu me viro, o coração batendo forte com a surpresa.

E então, meu coração começa a bater forte por uma razão totalmente diferente.

Ziggy está parada no batente da porta. Vestindo um macacão de alcinha preto, longas pernas expostas e um par de tênis de cano alto de arco-íris da Nike nos pés. Ela usa brincos coloridos que caem em um efeito cascata e tilintam suavemente quando ela se aproxima.

Jesus Cristo, ela é linda.

— Você já ouviu falar em bater? — As palavras me deixam, em um tom rouco e fraco.

Ziggy me encara, suas bochechas ficando cada vez mais rosadas quando ela morde o lábio e dá de ombros.

— Por que bater quando eu sei como entrar?

Afasto meu olhar, porque não aguento olhar para ela nem mais um segundo.

— Um respeito básico pela casa dos outros. Vamos lá. Vamos nos atrasar se não sairmos logo.

Eu passo por ela, deixando-a em meu rastro enquanto ando pelo meu quarto em direção a cômoda, pegando minha carteira, a chave do Cayenne, que separei para ela dirigir, já que ela parecia confortável dirigindo da última vez.

Mesmo depois de ter certeza de que tenho tudo de que preciso, ela fica quieta. Quieta demais. Me virando eu a vejo de pé no meu banheiro, olhando para seu reflexo no espelho, com os olhos arregalados.

Preocupado, sigo em sua direção, até parar logo atrás dela.

Nossos olhos se encontram no espelho. Uma respiração lenta e profunda faz seu peito levantar, como se ela estivesse tentando se acalmar. Ela engole em seco. Então eu sinto... ela está tremendo.

É como aquele momento na lanchonete, quando a vi mexendo no cardápio e percebi que algo estava muito errado. Só que isso é muito pior. Agora eu sei o que a assusta, o que a deixa com a respiração apertada, e o que a faz congelar de medo.

Acontece antes que eu consiga processar, meu corpo se aproxima. Minhas mãos se acomodam em seus ombros, e o calor se infiltra em minhas palmas. Eu aperto suavemente e sinto seus ombros caírem, a tensão deixando sua postura.

Uma onda de alívio me atinge, sabendo que ajudou. Como um viciado, vou em busca da minha próxima dose: deslizo minhas mãos por seus braços, sobre a pele quente e macia como seda, e aperto seus antebraços também. Suas mãos desmancham os punhos apertados e seus dedos ficam frouxos.

Outra onda de alívio me atinge, vendo como isso a acalma, me assegurando de que posso continuar. Mesmo que eu não deva. Eu *sei* que não devo. Não mereço tocá-la, confortá-la,

lhe oferecer algo de mim. Mas sou egoísta e ganancioso, e quero neste momento saber que, mesmo não merecendo, posso dar-lhe isso.

Nossos olhares se encontram enquanto pressiono minhas mãos mais para baixo, até que nossas palmas se cruzem e nossos dedos se unam. Seus olhos se fecham. Sua cabeça cai para trás contra a minha mandíbula.

Eu a encaro porque é seguro fazer enquanto seus olhos estão fechados, absorvendo seus mínimos detalhes, as sardas em seu nariz, em suas bochechas e pescoço, as suaves mechas de cabelo, vermelhas como morango, em suas têmporas e enroladas em torno de suas orelhas. As raízes ruivas escuras de seus cílios, polidas com pontas douradas.

Nunca estive tão perto de algo tão indescritivelmente bom. Eu nunca quis tanto ser digno disso.

E eu nunca serei. Eu nem mesmo tentaria, arriscar fracassar com alguém como Ziggy, que, em apenas uma semana, me mostrou o quão profundo são seus sentimentos, o quão profundamente eu a decepcionaria. E eu *iria* decepcioná-la.

Não sou capaz de ser tudo que ela merece. Mas talvez eu seja capaz de oferecer uma... uma migalha. Talvez eu possa ganhar meu lugar como seu amigo de *verdade*, alguém sortudo o suficiente para existir em sua órbita, sem nunca chegar perto demais de forma destrutiva.

Enquanto suas mãos apertam as minhas e um sorriso suave surge em sua boca, tenho uma fraca e desesperada esperança

de que esse sonho que me permiti sonhar pudesse se tornar real. Que, pela primeira vez, eu poderia ter algo um pouco bom, ser capaz de ser um pouco bom também. Apenas pela chance de ter um pedacinho dela.

— Obrigada — ela sussurra.

Eu aperto seus dedos de volta e depois me forço a soltá-los.

— Não me agradeça.

Seus olhos se abrem. Ela levanta a cabeça de onde está encostada na minha e a inclina com curiosidade.

— Por que não?

Meus dedos encontram os dela novamente, numa dança – um último e rápido deleite.

— Eu não quero que me agradeça, como se eu tivesse feito algum favor a você.

Ela franze o nariz.

— Mas você fez. Você me ajudou a ficar mais calma.

Solto uma mecha de cabelo que está presa sob a alça do macacão e evito seus olhos.

— Apenas me permitir fazer essas coisas, sabendo que eu quero ajudar, que fiz muitas coisas ruins na minha vida, e também algumas boas, bem, são o mínimo que posso fazer, especialmente quando são para você.

Sua expressão confusa se intensifica.

— Seb...

— Sigrid. — Eu aperto a mão dela, puxando-a gentilmente pelo meu quarto. Eu fico de costas para a cama, fazendo tudo

o que posso para bloquear meus pensamentos. Não vou pensar em como me senti quando caímos na cama *dela* na noite em que paramos em sua casa e eu a senti, quente e confortável contra mim. Não vou ceder à fantasia de cair com ela na minha cama, puxando-a sobre mim até que ela caia com os quadris cheios nos meus, seus cabelos longos e grossos, como uma cortina ruiva nos fechando para o mundo, até que sejam apenas as mãos dela e as minhas, bocas se encontrando, línguas se tocando, nossos corpos se movendo devagar, depois rápido, ansiosos e famintos.

Ziggy não ajuda em nada. Ela olha para a minha cama e cora. Seus olhos se arregalam quando ela vê o vibrador de próstata que deixei sem querer na minha mesa de cabeceira depois de tentar me aliviar desse sentimento que não consigo me livrar.

— *O que* é isso...

— Nada. — Eu coloco a mão sobre seus olhos e a arrasto para fora do quarto.

— Isso definitivamente era algo! — Ziggy diz enquanto começamos a descer as escadas.

— Não era da sua conta, isso sim, Sigrid.

Uma risada salta dela.

— Nem mesmo se eu jogar a carta "amigos contam coisas uns aos outros"?

Eu luto contra um sorriso, andando na frente dela.

— Especialmente se você fizer isso.

No final da escada, Ziggy se vira para o meu armário de casacos, onde há um cabide com um conjunto de roupa dentro de um saco com zíper. Com cuidado, ela abre o zíper.

— Antes de irmos, e já que você tem um bom gosto, Sr. Super Estiloso, eu queria sua aprovação formal para a roupa do *after*. Que tal? — Ela inclina a cabeça, dando um passo para trás, ombro a ombro comigo enquanto ela olha para a roupa. — Ah, e imagine isso com saltos beges, não meus tênis de cano alto. Obviamente.

Eu pisco, olhando para um vestido verde-escuro que me dá água na boca só de imaginá-lo abraçando suas curvas. Sobre ele, um robe de seda que possui um reflexo um pouco laranja em um momento e um pouco rosado no outro, o suave rosa-pêssego ao pôr do sol derramado sobre a pele nua e os lençóis amarrotados. O tecido é coberto de rosas do mesmo vermelho forte de seu cabelo, videiras sinuosas que combinam com seus olhos. Eu consigo imaginá-la nele, consigo imaginar como ela ficará – dolorosamente bonita.

Eu olho da roupa para ela, maravilhado com a visão de seu perfil adorável enquanto ela franze a testa pensando em sua roupa.

— Absolutamente perfeita — digo a ela.

Ela vira a cabeça na minha direção, radiante.

— É?

Não olhe para ela, aquela voz dentro de mim fala rápido. *Não a absorva. Não a queira.*

Não posso evitar isso, assim como não posso evitar a necessidade de respirar. Estou completamente fodido.

Engolindo em seco, eu olho para longe, de volta para a roupa.

— Sim.

Satisfeita, ela volta para o armário e fecha o zíper do saco, depois desengancha o cabide da porta e joga o conjunto por cima do ombro, com um largo sorriso aquecendo seu rosto.

— Bem, se o Sr. Estilosinho aprova, então posso ficar tranquila.

— Eu não sou "estilosinho" — murmuro, abrindo a porta que leva à minha garagem. — Eu só tenho padrões altos com alfaiataria.

— Ooh, *alfaiataria*. — Ela para bem na soleira, presa sob meu braço, tão perto que posso ver cada sarda salpicada em seu nariz. — Que palavra ótima.

Seu olhar dança pelo meu corpo, depois volta para cima, um rubor em suas bochechas.

— Falando em padrões altos com alfaiataria — diz ela baixinho, ajustando o saco pendurado no ombro —, você está lindo, Sebastian.

Maldita seja ela. É tão sincera. E doce. Tão... ela. Ela faz minha pulsação bater como um som de tambor, do jeito que apenas palavras obscenas e os sussurros mais depravados deveriam ser ditos no escuro.

Pego o saco em seu ombro e a empurro para o outro lado da soleira.

— E você parece a porra de uma deusa. Agora vamos.

Ziggy sorri enquanto dirige, mas conforme nos aproximamos cada vez mais do rinque, seu sorriso se torna mais uma careta.

— Então, uh... — Ela limpa a garganta. — Como vamos encenar dessa vez?

— Seja você mesma. Brigue comigo quando eu merecer, dê a eles seu sorriso fantástico, e eu estarei lá, tentando o meu melhor para não ser um babaca. Diremos às pessoas que somos amigos e agiremos de maneira amigável. É isso.

Ela suspira.

— É que é a primeira vez que temos um público ao vivo, exceto Köhler. Não quero nos entregar ou cometer um erro. *Eu* sei que não somos amigos de verdade, mas ninguém mais sabe. Temos que garantir que continue assim.

Não somos amigos de verdade.

Essas palavras não deveriam ser como um soco no estômago, mas são. Eu respiro fundo com o impacto delas, girando meus anéis em meus dedos.

— De onde vem isso? — Eu pergunto. — Nós nos saímos bem até agora. Ficaremos bem esta noite também.

— Estar em ambientes em grupos é algo diferente para mim, Sebastian. É caótico, desafiam os padrões e a previsibilidade, e eu tendo a confiar fortemente em padrões e previsibilidade quando se trata de interação humana.

— O que você quer dizer?

Ziggy olha para o espelho retrovisor antes de mudar de faixa.

— Ren disse a você... alguma coisa sobre mim?

— O que você quer dizer? — Eu franzo a testa. — Tipo coisas pessoais? Não. Apenas coisas engraçadas de família.

— Certo. — Ela acena com a cabeça. — Porque eu, uh... não sabia se ele havia mencionado que eu sou autista.

Eu pisco para ela com as sobrancelhas franzidas. Não sei muito sobre autismo, não tenho experiência pessoal com alguém autista em minha vida.

— Não — eu finalmente digo a ela. — Ele não mencionou.

Ziggy aperta os lábios entre os dentes.

— Bem, eu sou.

— Você pode... explicar isto para mim? Para que eu possa entender? Está tudo bem se eu fizer perguntas?

Ela assente, soltando um suspiro longo e lento.

— Sim, está. E eu posso explicar. — Depois de um momento de silêncio, ela diz: — Fico muito ansiosa com interações sociais porque as pessoas... são estranhas para mim, mais do que para alguém como você, a menos que você seja neurodivergente. Eu não deveria tirar conclusões.

Eu balanço minha cabeça.

— Eu não sou, pelo menos até onde eu sei.

Ela acena com a cabeça, os olhos na estrada.

— Então... quando *você* conhece alguém, é mais fácil para você ler sua comunicação não-verbal, entender o tom da pessoa, ler nas entrelinhas do que eles dizem, interagir e entendê-las. Na verdade, alguém como você provavelmente é incrível nisso. Você é muito... carismático com as pessoas.

— Manipulador, você quer dizer.

Ela dá de ombros.

— Eu não te conheço bem o suficiente para dizer isso, Sebastian. Não pretendo usar contra você o que o mundo disse a seu respeito.

Meu coração bate forte no meu peito.

— Por que não?

Ela fica quieta novamente por um momento, puxando o lábio com os dentes, antes de finalmente dizer:

— Porque acredito que todos nós merecemos a chance de sermos vistos por quem somos no presente, não por quem fomos no passado. Porque acredito que, embora você não possa reescrever os capítulos anteriores da sua vida, você tem todo o presente para fazer algo novo, algo melhor, e espero que qualquer um que queira, consiga transformar sua vida em uma história da qual se orgulhe.

Eu a encaro, os nós dos dedos roçando minha boca, em pânico.

Nunca quis tanto acreditar na crença de alguém. Eu nunca quis tanto beijar alguém. Quero dizer a ela para encostar o carro, arrastá-la e esmagá-la no meu colo e conhecer cada canto daquela boca macia e doce. Eu quero absorver e respirar o que há dentro dessa mulher que carrega o ar e faz meu coração atrofiado e congelado querer crescer, se aquecer, se curar e se encher de coisas que há muito tempo não quis.

Mas não devo. Isso não é o que ela quer ou merece, e eu fiz uma promessa – para mim mesmo, para o irmão dela e, do meu jeito, para ela também – que não vou machucá-la, que vou mantê-la segura.

E caramba, pela primeira vez, eu vou manter minha palavra. Eu vou fazer a coisa certa.

Mesmo que isso possa me matar.

13

ZIGGY

Música da Playlist: "Over The Rainbow", Ingrid Michaelson

— Bem. — Sebastian pigarreia, os nós dos dedos roçando a boca enquanto olha pela janela. — Espero que você não acredite nisso apenas para demonstrar para outras pessoas.

Eu olho para ele rapidamente, antes de me forçar a olhar para frente, enquanto faço a curva para a área de estacionamento destinada aos jogadores e seus convidados.

— O que você quer dizer com isso?

Ele dá de ombros, o polegar girando um anel de prata no dedo indicador, os olhos fixos na janela.

— Esse seu... projeto, é tudo sobre como você é vista, certo? Pois quer assumir o controle disso. Mas deixe-me lhe dizer uma coisa, que aprendi com a experiência: não há muito o que você pode fazer sobre como os outros te enxergam. Você não pode controlar isso. Você só pode ser você mesma e ser fiel a isso. Se eles não podem ver como é incrível... — Ele pigarreia, erguendo o ombro. — Se eles não conseguem ver você como você realmente é, não é culpa sua. Eles podem ir para a puta que pariu logo.

Eu mordo meu lábio enquanto entro em uma vaga de estacionamento e estaciono o carro.

— Você não acha... Quero dizer, relações sociais não são mais complicadas do que isso? São escalas de cinza bem confusas, não preto e branco.

Ele solta um grunhido evasivo. Aparentemente, ele discorda? Eu não sei sobre nenhum relacionamento dele além de sua amizade com Ren, ou se ele sequer tem algum outro. Estou começando a me perguntar se isso é algo a ser comentado. Se não é apenas porque estamos fazendo essa coisa de amizade de mentirinha há pouco tempo, mas se tem mais a ver com a forma como ele enxerga os relacionamentos.

— É mais simples nos meus times — digo a ele. — A Seleção Nacional e o clube daqui. Não é culpa deles não enxergarem alguém que não lhes mostrei. Agora é minha chance de parar de agir como a garota que eu fui e me defender como a mulher que me tornei. Com minha família, é complexo – eles conheceram a antiga eu, assim como amaram e protegeram a antiga eu. Não quero fazê-los se ressentirem por se apegarem à ideia de uma pessoa que conheceram, valorizaram e cuidaram quando eu realmente precisei. Eu só... quero mostrar a eles quem eu sou, e quero que eles aceitem isso. Se eles não puderem... — Balanço a cabeça, incapaz de processar a possibilidade de que minha família não receba de braços abertos o que estou mostrando a eles. — Então lidarei com isso, mas não vou deixar que isso me impeça de descobrir como ser e de mostrar às pessoas que são importantes para mim quem eu me tornei.

Ele apenas olha para mim por um segundo, mas eu sinto o impacto do que disse como uma lufada de ar revigorante – do tipo que atinge alguém durante um inverno em Washington: que acerta o seu rosto e te faz ofegar, enchendo seus pulmões com uma paz fria e pura, enquanto você encara a imensidão ao seu redor.

Ele olha para trás pela janela e simplesmente diz baixinho:

— Ótimo.

Eu sorrio para ele.

— Foi legal da sua parte dizer isso. Olhe para você, expandindo seu repertório além de piadas engraçadinhas e sarcasmo insensível.

Ele engole em seco enquanto olha para trás na minha direção. Seus olhos dançam entre os meus.

— É sua culpa. Você está me passando isso.

Meu sorriso aumenta.

— Desculpe, eu sou uma influência tão terrível.

— Não desculpo — ele murmura, voltando a olhar pela janela, seu olhar viajando pelo rinque. — Desviamos a conversa novamente. Você estava... explicando o que significa para você ser autista.

Pego suas chaves de onde estão no console e as viro em minhas mãos. Alguns jogadores e seus convidados estão deixando seus carros, juntando-se uns aos outros. Conversando, se abraçando, rindo. Acho que podemos nos juntar a eles também, mas não quero sair ainda. Eu quero contar a Sebastian.

Quero que ele saiba disso sobre mim, porque não posso mais fazer isso – julgá-lo do jeito que o mundo faz e usar esse julgamento para mantê-lo à distância. Tenho que decidir por mim mesma, com base no que ele *me* mostra, como vou enxergá-lo. E confiar nele com essa parte de mim certamente será o fator decisivo. Ele pode ser um idiota sobre isso, ou ele pode ser... do jeito que eu espero que ele seja, do jeito que ele me mostrou que *pode* ser. Curioso. Gentil. Cuidadoso.

Do jeito que ele foi quando me confortou enquanto eu desmoronava na ioga no sábado passado, quando comecei a surtar esta noite, sem falar nada, sem colocar pressão para fazer qualquer coisa, exceto ficar lá e deixá-lo me oferecer um espaço para ficar, um toque terno, uma presença segura e constante.

Talvez tudo isso que ele e eu estamos fazendo seja apenas fingimento. Mas só porque algo é fingimento não significa que não possa conter um núcleo de verdade dentro de sua casca enganosa. É por isso que amo o Clube de Shakespeare, por isso que leio livros: porque esses mundos inventados contêm algumas das mais ternas, assustadoras e belas verdades humanas, navegadas na segurança da imaginação, cuja sabedoria e esperanças levo comigo corajosamente para minha própria vida.

Talvez, quando isso acabar, Sebastian pense a respeito duas vezes, não me veja como nada além da irmãzinha de seu melhor amigo, que serviu a um propósito por um tempo, que o

fez sofrer por ter que fazer ioga raivosa, que chutou suas canelas por falar palavrão e monopolizou seu milkshake de chocolate. Talvez eu faça o mesmo e olhe para trás com boas lembranças do homem desbocado e sarcástico obcecado por seu cabelo, que tem uma tendência a me surpreender com gestos de gentileza, mas, que no final das contas, nunca deveria ser uma parte duradoura em minha vida.

Mas agora, enquanto fazemos isso, eu quero a verdade. Eu quero a confiança. Quero que seja real, enquanto estivermos aqui, compartilhando espaço e vida, por mais breve que seja.

Então respiro fundo e digo a ele:

— Expliquei que tenho muita ansiedade social, que não acho intuitivo ou... particularmente direto e fácil aprender e entender as pessoas. Isso significa que não faço amigos facilmente. Consegui descobrir como me dar bem com minhas colegas de time e tenho minha melhor amiga, Charlie. Mas na maioria das vezes, eu apenas me concentro na minha família e no futebol, e é isso. Além disso, eventos movimentados podem me sobrecarregar sensorialmente e socialmente. Então, esta noite, terei que me controlar. Pode ser que eu fique um pouco desajeitada, um pouco quieta; pode ser que eu desapareça brevemente para poder respirar um pouco antes de poder voltar à ação.

Ele está me observando com aquele jeito que ele tem – os nós dos dedos roçando sua boca, olhos prateados fixos em mim, sua expressão inescrutável.

— É... difícil? Espaços como este? É por isso que você normalmente não comparece a eles?

Meu coração está disparado no meu peito. Não consigo lê-lo, não consigo dizer se há julgamento escondido sob a superfície de sua curiosidade.

— Sim. Eles são difíceis. Eu tenho muitos problemas sensoriais que tenho que contornar em ambientes movimentados. Sons diferentes se sobrepondo – um ruído complexo – machucam meu cérebro. Luzes fortes ou piscando me deixam enjoada. Se as pessoas me tocam quando não estou esperando ou de maneiras que não gosto, começo a sentir que minha pele está formigando e queimando e não consigo respirar direito. Com estranhos, fico nervosa com medo de dizer a coisa errada – e, honestamente, acabo dizendo –, então fico tão quieta que é desconfortável para os outros. Resumindo, sou péssima com esse tipo de coisa.

Sua mandíbula aperta. Ele abaixa a mão.

— Então por que caralhos estamos fazendo isso?

— Zounds! — Eu falo alto. — Sem falar palavrões esta noite, você me ouviu?

Ele nem pisca, não me dá ouvidos.

— Não estamos fazendo isso. Não vou levar você lá para dentro, não para um lugar que te perturba dessa maneira.

— Sebastian, eu concordei com este evento por uma razão. Eu dou conta disso. Eu conheço o time, então não vou falar com estranhos. Eu amo crianças e posso me concentrar em in-

teragir com elas. Vou deixar você fazer o trabalho pesado da conversa fiada e ser charmoso. E eu tenho... — Pego minha bolsa e tiro meu herói da noite. — Protetores de ouvido. — Gentilmente, eu os coloco em meus ouvidos. — Eles vão ajudar com os estímulos auditivos. E não importa que eu fale um pouco baixinho e depois um pouco alto demais, já que não consigo me ouvir bem, porque de qualquer maneira vai ser caótico lá dentro. Todo mundo vai ficar falando por cima da música e das conversas dos outros, tendo que se repetir de qualquer jeito, não é?

Sua boca levanta no canto, um indício de um sorriso. Seus olhos percorrem meu rosto.

— Isso mesmo. Portanto, temos uma solução para a questão da comunicação e do som avassalador. Agora, o toque indesejado?

Tiro meus tampões de ouvido.

— Normalmente, apenas mantenho meu espaço longe das pessoas.

— Não em uma corrida de patins, você não conseguirá — diz ele, ajustando os anéis nos dedos. — Bem, pelo menos, não será fácil. Mas eu consigo. Ninguém vai tocar em você se você não quiser. Isso pode fazer com que... eu fique por perto, no entanto. Tudo bem para você?

Um gole em seco desce pela minha garganta enquanto eu olho para ele e ele olha para mim, girando aquele anel em seu dedo anelar sem parar.

— Sim. — Minha voz é fraca, rachada. — Tudo bem para mim.

— Bem, então... — Ele se inclina, afastando meu cabelo de onde ele caiu em volta do meu rosto em uma cortina, meu esconderijo familiar. Cuidadosamente, ele o alisa até que esteja atrás dos meus ombros, em minhas costas. — Sem se esconder esta noite, Sigrid. É hora de você brilhar.

14

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Too Late To Say Goodbye", Cage The Elephant

— Olha só quem está aqui! — Tyler, meu companheiro de time, envolve Ziggy em um abraço e a aperta.

Minhas mãos estão fechadas em meus bolsos enquanto a observo em busca de qualquer sinal de que esse abraço não é bem-vindo, mas caramba, para meu aborrecimento, ela o abraça de volta, sorrindo para mim por cima do ombro e murmurando um: *"estou bem"*.

Eu aceno secamente.

— Seb! — Outro companheiro de time, Kris, me dá um tapa nas costas. Olho para ele e ofereço a mão, que ele aceita. — Você realmente veio.

— Chocado?

Ele sorri e franze o nariz.

— Mais ou menos, sim. Mas não estou bravo com isso.

Eu olho em volta para o rinque de patinação que garantimos para o evento, decorado para ser colorido e brilhante, claramente pensando nas crianças. A música não está muito alta e as luzes não são tão brilhantes, o que é bom para Ziggy. O barulho da multidão é baixo enquanto os jogadores se mistu-

ram com seus convidados, a equipe e as crianças que são as nossas convidadas de honra.

Troco olhares com Frankie, cujo olhar vai de Ziggy para mim. Ela me dá um olhar intenso e assustador. Lembrete para mim mesmo: evitar Frankie esta noite.

— Você vai entrar no rinque? — Kris pergunta. — Patinar pela causa?

Eu balanço minha cabeça.

— Meu pé ainda está mais ou menos. O doutor disse que nada de rinques por mais uma semana.

Ele olha para a minha bota, a qual agora tenho permissão médica para retirar por um tempo. Hoje à noite, com um bando de homens desordeiros e grandes pisoteando, não parecia o momento de expor meu pé finalmente quase curado, então continuei com a bota.

— Que merda, cara.

— Foi culpa minha — eu admito. — Eu fui um idiota imprudente. Tenho sorte de não ter me machucado mais.

Kris franze a testa pensativamente.

— Bem, estou feliz que você estará melhor a tempo para a temporada. Nós precisamos de você. O mais cedo possível. O treino do Dryland é miserável sem você para dar a Lars aqueles olhares frios e murmurar ofensas quando ele nos diz que temos outro set para fazer porque "não estamos nos esforçando o suficiente".

— Deus, eu detesto esse homem. Ele é doente.

— Definitivamente um sádico — Kris concorda, olhando para onde Ziggy ri de algo que Tyler diz. — Então, uh... você e a irmã mais nova do Bergman, hein?

— Apenas amigos — digo a ele, olhando para Ziggy.

Apenas amigos. É isso. Ela não é minha. Nem mesmo minha amiga de verdade, muito menos algo a mais. Mesmo que, enquanto eu assisto Tyler encostar seu ombro no dela e rir com ela quando faz isso, eu queira quebrar alguma coisa.

— Seb! — Ren joga um braço em volta do meu ombro, apertando com força. — Estou tão feliz que você está aqui.

— Sim, eu também. — Eu coloco a mão em suas costas em saudação, antes de nos separarmos. — Então, posso apenas pedir um favor?

Ren se vira e me encara completamente, sua expressão séria.

— Claro, Seb. Qualquer coisa.

— Mantenha sua esposa longe de mim esta noite. Ela parece querer encontrar o objeto pontiagudo mais próximo e me empalar com ele.

Ren faz uma careta, esfregando a nuca.

— Ela talvez não tenha recebido bem a notícia de que você e Ziggy estavam se aproximando, embora eu tenha enfatizado que era apenas como amigos.

— Sim, isso não é surpreendente. Ela não confia em mim para me manter comportado, muito menos com alguém de

quem ela gosta. Eu não a culpo. Eu não dei a ela nenhuma razão para confiar.

Ele franze a testa.

— Seb, não é...

Alguém chama o nome de Ren, fazendo-o virar rapidamente. É um garoto que é seu fã, esperando por seu autógrafo, e como o molenga que é, Ren imediatamente pega seu marcador e se agacha para que fiquem olho no olho, iniciando uma conversa. Outra criança puxa a manga de Kris e chama sua atenção também. Esses dois são jogadores veteranos do time e muito amados, por um bom motivo.

— Seb! — Tyler grita, me fazendo girar em sua direção. — Você tem que patinar.

Aponto para a bota.

— Não posso.

Ele suspira, balançando a cabeça.

— Vamos lá, cara. Isso seria o puro suco do entretenimento: o bad boy frio como gelo patinando com todo o seu coração, mole, enquanto está tocando músicas dos anos oitenta.

— No ano que vem — digo a ele, chocando não apenas a mim mesmo por ter feito essa promessa, mas também por perceber que realmente quis me comprometer.

— Tudo bem — ele suspira, antes de se virar para Ziggy. — Zigs. Você vai participar?

Zigs? Minha mandíbula aperta.

Ela sorri e dá de ombros.

— Sim, claro. — Sem preâmbulos, ela se vira e se afasta. Thierry Arneaux, que percebe-a passando, se vira e a segue em uma corrida até alcançá-la, apontando para o outro lado do rinque. Presumivelmente para ajudá-la a conseguir um par de patins.

É melhor ser somente com isso que ele está ajudando-a.

Eu fico olhando para ela. Arneaux mantém as mãos para si mesmo e Ziggy puxa para baixo a bainha do short de seu macacão. Eu não olho para a bunda dela enquanto ela anda.

Pelo menos não por tempo demais.

— Então. — Tyler me envolve com o braço. — Zigs. Ela não é a melhor?

Eu me forço a entrar no modo frio e familiar em que costumo ficar quando quero manter tudo sob controle e estou prestes a perder as estribeiras.

— Sim. Ela é. Vocês dois parecem...

— Próximos? — Ele oferece.

— Eu ia dizer "conhecidos".

Ele sorri.

— Oh, nós somos muito mais do que conhecidos.

Porra, vou estrangulá-lo. Ziggy teria me contado se estivesse com Tyler Palhaço-Filha-da-Puta Johnson, não teria?

Não, merda, ela não teria. Ela não deve nada a você sobre quem namorou ou ficou. Por que ela diria isso a você? Vocês não estão namorando. Vocês nem são amigos de verdade.

— Nos conhecemos de tempos atrás — explica Tyler, acenando para alguém que passa e apertando sua mão, antes de se virar para mim. — Estou tentando pensar em quando eu conheci Zigs, acho que desde que ela se juntou... *Ai*! — Ele olha para nosso companheiro de time Andy, que está atrás dele e lhe deu algum tipo de aviso doloroso, considerando como Tyler esfrega seu braço.

— Vai com calminha, Johnson — Andy murmura, levantando as sobrancelhas significativamente em minha direção. — Ele não está no...

— No Clube de Shakespeare menos secreto que já existiu? — Eu ofereço.

— Shhh! — Ambos sussurram.

— Oops — eu digo inexpressivamente. — Eu disse isso em voz alta.

Andy e Tyler olham para mim com cautela, estranhamente quietos, já que aqueles idiotas nunca se calam.

— Você... sabe sobre o clube? — Andy finalmente pergunta.

— Eu tenho que ser honesto, se vocês realmente estão tentando manter isso em segredo, vocês estão fazendo um trabalho de merda.

Tyler geme, levantando os punhos dramaticamente.

— "Mas, como somos loucos! Que vantagem nos vem de falar tanto? Quem é que há de ser fiel para nós outras, se conosco a tal ponto indiscretas nos mostramos?"

— *Troilo e Créssida*? — Eu faço uma careta. — Essa peça é tão deprimente.

Suas bocas se abrem em conjunto, choque estampando seus rostos.

— Você realmente *conhece* o seu Shakespeare interior? — Tyler pergunta.

Eu não deveria estar ofendido. Eu certamente não fiz questão de compartilhar muito sobre mim com esses caras. Eles não têm motivos para saber que estou mais familiarizado com o poeta do que jamais quis estar. Mas com um padrasto opressor obcecado em quebrar minha "vontade obstinada", passei os sábados sob seu olhar autoritário, lendo clássicos da filosofia antiga a Shakespeare, ensaios do Iluminismo, romances góticos, escritores do século XX, como Whitman, Capote, e Hemingway, que se levavam muito a sério. Fui incumbido de lê-los, escrever sobre eles e, em seguida, ser totalmente repreendido quando, de alguma forma, sempre conseguia errar. Nada nunca foi bom o suficiente para Edward. Segundo ele, eu era burro, analfabeto, preguiçoso, insubordinado.

Por fora, e na perspectiva da minha mãe, Edward estava apenas tentando me criar para ser um homem culto, digno de seu antigo nome de família de sangue azul que ele tão "gracio-

samente" me deu a pedido da minha mãe. Nos bastidores, era um inferno. Enquanto ele me castigava, me envergonhava, me despedaçava verbalmente, aprendi a entrar naquele lugar frio e entorpecido e me deixar ficar. Edward sabia exatamente como me machucar para que minha mãe não visse. E minha mãe nunca fez perguntas sobre por que eu estava mal-humorado antes e depois daquelas aulas, porque ela não enxergava – tudo o que ela enxergava era um menino rabugento e zangado com problemas com o pai e que resistia ter um vínculo com o homem que ela escolheu para entrar na minha vida no lugar do pai ausente.

Digo a mim mesmo que foi assim, porque foi preciso. A alternativa, de que ela viu como ele me machucou, como ele era um fodido, e não fez nada de qualquer maneira, é algo que nem eu sou capaz de me entorpecer o suficiente para não sentir algo.

Percebendo que estive quieto por muito tempo, limpo minha garganta e dou de ombros quando respondo.

— Estou familiarizado, sim.

— Prove — diz Andy, cruzando os braços sobre o peito.

Ren para de conversar com seu pequeno fã e se vira, voltando à nossa conversa.

— Provar o quê?

— Que esse Gauthier aqui não apenas acertou na cagada — Tyler diz a Ren. — Ele reconheceu uma citação de *Troilo e Créssida*.

Ren franze a testa, olhando entre nós e parecendo completamente confuso.

— O quê?

Enquanto Andy e Tyler conversam com Ren sobre o que ele perdeu, observo uma pequena multidão de pessoas se afastarem. Ziggy passa por eles, sorrindo, segurando os patins presos pelos cadarços em uma das mãos. Seus brincos de arco-íris balançam enquanto ela caminha, e ela estremece um pouco quando a nova música começa a tocar mais alto que a anterior. Sutilmente, ela desliza o dedo na orelha sob o cabelo e aperta o protetor com mais força.

Algo estala dentro de mim, como uma faixa que é esticada demais. Eu quero abraçá-la. Pressionar a mão em seu ouvido e segurá-la em meu peito e calar o mundo, até que tudo esteja tão quieto e calmo quanto ela precisa, tão pacífico e perfeito quanto ela merece.

— Tyler citou a peça — Andy diz a Ren. — Então eu disse a Seb para provar que ele não está puxando nosso saco e realmente conhece...

— "Ótimo, peça para eu segurar minha língua" — eu recito, alto o suficiente para eles ouvirem, meu olhar fixo em Ziggy. — "Pois neste arrebatamento certamente falarei do que me arrependerei."

Andy fica boquiaberto. Tyler solta um suspiro pesado e diz:

— Pobre Créssida. Ela estava deprimida por Troilo.

Ren sorri, batendo a mão no meu ombro.

— Seb! Você conseguiu! Você está dentro.

— Conseguiu o quê? — Ziggy pergunta, sua voz tão baixa que todos se inclinam, sugerindo que ela repita. Desta vez ela fala um pouco mais alto do que normalmente faria. Com o volume da música e o som da conversa de outras pessoas para enfrentar, ninguém reage a isso.

Eu apenas fico lá, lutando contra um sorriso.

Porque, enquanto a encaro, vejo novamente aquele momento em meu carro ao chegarmos, aqueles protetores de ouvido presos no lugar enquanto ela explicava seu propósito com este meio sussurro adorável, e aquele lugar duro e frio dentro de mim se derreteu, doeu e desejou de uma forma que não fazia há muito tempo.

— Seb acabou de recitar Shakespeare — Ren diz a ela, não alto o suficiente, já que ela está com protetores de ouvido, mas ela parece contente em ler seus lábios e se inclinar, os olhos estreitados enquanto ela se concentra.

Seus olhos se arregalam, então ela se vira para mim, com a boca entreaberta.

— Você recitou sem mim? Eu perdi! — Ela agarra meu braço e o sacode um pouco. — Seu fedorento.

Eu luto contra outro sorriso, excessivamente satisfeito por ela se importar. Que ela está me tocando, mesmo que, *merda*, seu aperto seja duro, quase doloroso.

— Vou recitar para você em algum momento — digo a ela. — Prometo.

Ela me olha com os olhos estreitados.

— Hmph.

Engancho meu dedo nos cadarços de seus patins e os levanto de suas mãos.

— Vamos. Vamos prepará-la para a corrida.

15

ZIGGY

Música da Playlist: "Meadows", Wild Child

Sebastian está sumido há um tempo. Eu examino a linda sala de três andares de Tyler, com suas janelas do chão ao teto com vista para o Oceano Pacífico, e franzo a testa. Eu ainda não o encontro.

— Mais uma selfie. — A namorada de Tyler, Sofie, tira nossa foto e, com minha permissão, posta no Instagram. Também atleta profissional, ela joga no time de futebol feminino de Nova York. Passamos todo o *after* conversando sobre fazer disso sua carreira, sobre o relacionamento de longa distância dela e de Tyler, sobre a minha esperança de construir algumas parcerias com marcas, tudo enquanto estamos afastadas em um canto tranquilo e longe do grupo mais turbulento do outro lado do grande cômodo. Acho que posso ter feito uma nova amiga.

— Ziggy. — Sebastian se aproxima de mim e cumprimenta Sofia com um aceno. — Oi, Sof.

Ela sorri.

— E aí, Seb.

Ele passa a mão pelo cabelo.

— É melhor nós irmos.

Eu franzo a testa, confusa.

— Tudo bem?

Ele dá de ombros.

— Está tarde.

Eu olho para o meu telefone. Ele não está errado.

— Ok. — Virando-me para Sofie, dou-lhe um abraço de boa noite e trocamos telefones, então deixo Sebastian meio que me arrastar para fora da sala, mal me deixando acenar para alguém.

— Eu não posso dirigir — digo a ele enquanto viramos a esquina para o corredor. — Não estou bêbada, mas bebi um coquetel rapidinho agora pouco, e também não estou sóbria.

— Eu posso dirigir — diz ele. — Eu não bebi a noite inteira.

— Mas seu pé...

— Está bem.

Aponto para a bota.

— Definitivamente não está bem.

— Está. Vou tirar a bota... só a coloquei para proteger o pé da multidão. Está mais do que bem o suficiente para dirigir.

— Então por que eu tenho conduzido você por aí, Margarida?

Ele me pega pela mão e me puxa com ele pelo corredor.

— Porque Frankie iria me castrar por estar ao volante mais do que o estritamente necessário, mas principalmente porque você parecia gostar de dirigir o Cayenne.

— Bem, você interpretou mal essa, amigão. Sou o tipo de motorista que fica com os dedos brancos de tanto apertar o volante.

Sebastian franze a testa para mim enquanto caminhamos para o carro.

— É por isso que você dirige tão devagar?

— Eu não dirijo devagar. Eu dirijo com *cuidado.*

— Desculpe. Eu... eu deveria ter perguntado.

Eu paro ao lado do passageiro, virando-me para encará-lo.

— Eu gostei que você não perguntou. Não, você não é a pessoa mais... comunicativa e atenciosa que já conheci, Sebastian, mas isso me dá a chance de falar por mim mesma de uma forma que eu sou péssima em fazer. Você não precisa se sentir mal por isso. Eu poderia ter sugerido que chegássemos aonde precisávamos de outra maneira, mas queria tentar dirigir. Isso tudo faz parte do plano. Estou tentando ser corajosa.

Sebastian olha para o chão, a testa franzida enquanto abre o porta-malas, e se senta no canto, trocando a bota pelo sapato. Ele parece distraído quando abre a porta do passageiro para mim, então a fecha depois que me acomodo.

O caminho é silencioso quando ele arranca e acelera gradualmente pela estrada.

Estou tentando montar um quebra-cabeça cuja figura desconheço. Sebastian está chateado? Por que ele saiu assim da festa? Enquanto ele dirige, quase pergunto uma dúzia de vezes, mas continuo me lembrando o que isso é – uma amizade

de mentirinha. Não tenho o direito, nem razão, de pedir que ele se abra comigo, não quando nada disso é real.

E, no entanto, quando vejo-o fazendo a curva para nos levar para minha casa, o pânico se instala. Não quero deixá-lo sozinho assim. Também não quero ficar sozinha assim.

— Eu não quero ir para casa — eu deixo escapar.

Ele franze a testa para a estrada.

— Por que não?

Eu o encaro, mordendo meu lábio.

Porque acabei de fazer algo selvagem e corajoso esta noite. Porque, embora eu tenha amado o quão poderosa isso me fez sentir, acho que adorei os minutos com você que me fizeram mais selvagem. Porque acho que você está triste e não quero deixá-lo sozinho assim.

Porque ainda estou me recuperando do que acabou de acontecer, e também não quero ficar sozinha nisso.

Eu não digo nada disso. Minha bravura tem seus limites e este momento é um deles. Em vez disso, eu me inclino sobre o console, meus dedos deslizando sobre seus anéis, brincando com eles enquanto brilham com as luzes do poste acima.

— Eu só... preciso de um tempo para processar esta noite. Não quero ficar sozinha enquanto faço isso.

Sebastian desacelera o carro, como se estivesse deliberando, antes de acelerar e virar de volta para Manhattan Beach e sua casa. Eu caio em meu assento, suspirando de alívio.

— O que você precisa processar? — Ele pergunta. — Aconteceu alguma coisa com Sofie?

Eu olho em sua direção, minha cabeça girando contra o encosto de cabeça.

— Nada de ruim. Apenas... foi muito para processar. E você, para onde você desapareceu?

Ele suspira pesadamente.

— Um esqueleto caiu do meu armário. E eu tive que lidar com isso.

— Isso... soa super sinistro.

— E foi. Ou, pelo menos, começou assim. Esbarrei em alguém que magoei no passado. Ele ficou chateado comigo. Nós conversamos sobre isso. Eu me desculpei. Ele realmente me perdoou. — Ele suspira mal-humorado. — Foi péssimo.

Eu me viro em meu assento, de frente para ele.

— Sebastian, parece que tudo acabou bem.

Ele balança a cabeça.

— Isto é minha vida. Onde quer que eu vá, há alguém que fodi ou com quem eu fodi. Este é quem eu sou, o que eu fiz. Não me importei com outras pessoas ou com o impacto de minhas ações sobre elas.

— Sebastian, você me disse isso. Eu entendo.

— Não, você não sabe! — Seus olhos estão arregalados, as mãos apertadas no volante. — Porque eu mesmo mal entendo.

— Entender o quê? Estou tão confusa.

— Somos dois — ele murmura, ligando a seta. — Eu juro para você, Sigrid, até agora, eu poderia ter dito a você sem pestanejar que não dou a mínima para o meu passado. — Ele faz a curva em sua rua, apertando o botão dentro do carro para abrir sua garagem.

— *Não*? Isso quer dizer... que você dá a mínima agora?

— Cristo — ele resmunga. — Sim. Me sinto mal do estômago. Eu... — Ele balança a cabeça, como se estivesse em estado de choque. — Eu gostaria de poder desfazer isso. Eu me importo para *caralho* com o fato de que eu não posso desfazer isso. Eu me *importo.*

— Você parece zangado com isso.

— Claro que estou!

Eu o encaro, com o coração batendo forte.

— Por quê?

Sebastian está em silêncio, sua mandíbula apertada enquanto ele estaciona na garagem. Ele desliga o motor, depois se recosta no assento, esfregando o rosto. Por um longo momento de silêncio, eu aguardo, esperando por uma resposta.

Mas em vez disso, tudo o que ele diz com as mãos caindo do rosto é:

— Vamos. Vamos entrar, acomodá-la até que esteja pronta para eu levá-la para casa.

— Sebastian...

Sou interrompida quando ele abre a porta e a fecha.

Circulando o carro, em seguida abrindo minha porta, ele está quieto, sua expressão fria, de volta ao estranho que costumava me afastar silenciosamente, que mal me notava.

Bem, isso não está mais acontecendo.

Eu saio de seu carro, minha cabeça erguida enquanto ando na direção de sua porta, que ele destranca com o código, antes de me deixar entrar. A porta se fecha atrás de mim, e eu ando até a cozinha, caindo no assento na ilha. Sebastian passa por mim em direção à cozinha, claramente sem olhar na minha direção.

Eu me sento lá e espero. Porque eu sei algo sobre precisar de tempo para encontrar as palavras certas. Tempo para se sentir seguro para dizê-las.

Sento-me ali, de mãos cruzadas, observando-o abrir a porta de sua varanda, recebendo a brisa do mar. Ele fica de costas para mim na cozinha e começa a abrir os armários, depois fecha-os com força quando não vê o que parece estar procurando.

— Chá? — Ele pergunta. Outro armário abre e fecha. — Leite quente? — Abre e fecha a porta da geladeira desta vez. — De que bebidas noturnas saudáveis as pessoas gostam?

— Sebastian...

Ele passa correndo por mim, indo para a sacada.

— Sebastian! — Não grito o nome dele, mas também não fico quieta. Eu espero até que ele chegue até a grade de sua va-

randa, então vira a cabeça na minha direção, com os olhos baixos.

— Não faça isso — eu digo a ele, tentando manter minha voz firme. — Não faça o que você costumava fazer, o que todo mundo faz, e me ignore, olhando além de mim, me tratando como alguém que você pode dispensar...

Ele se afasta do corrimão, virando-se para mim.

— Ziggy...

— Estou falando! — Eu ando em direção a ele até que estejamos peito a peito. Sebastian está em silêncio enquanto eu espero por ele, até que ele olha para cima.

Quando seus olhos encontram os meus, meu coração cai aos meus pés. Ele parece... apavorado. Ele se parece com como eu fiquei em frente ao espelho mais cedo, antes de sairmos hoje à noite, congelado de medo.

Então, como ele fez comigo, eu passo meus dedos devagar e gentilmente contra os dele, até que nossas palmas se toquem. Eu aperto com força.

— Sebastian, eu quero que você responda a minha pergunta. Não quero ser protegida ou mimada. Quero que faça o que fez na semana passada e não se segure comigo. Eu quero sua honestidade.

Seus olhos procuram os meus.

— Não — ele sussurra —, você não quer.

A raiva pulsa pelo meu corpo, aquece minhas bochechas. Eu me aproximo, meu peito roçando o dele.

— Não faça isso. Você não me diz o que eu quero ou não quero. Você... você deveria ser... — Minha voz morre. — Você deveria ser diferente. Você *era* diferente.

— Oh, eu sou diferente, tudo bem — diz ele com a voz rouca. — Eu sou um pedaço de merda, é o que eu sou, Ziggy. Eu não sou seu irmão íntegro Ren ou seus outros irmãos íntegros, ou sua irmã íntegra casada com seu namorado de faculdade íntegro com seus filhos perfeitos, ou seus preciosos pais que ainda estão loucamente apaixonados. Eu sou um maldito *desastre.* Eu limitei minha vida em torno de vingança e rancor a ponto de estar tão contorcido que nem sei como é viver sem ferir a mim mesmo e aos outros para ferir outra pessoa. E então você... — Ele aperta meu rosto, seus polegares varrendo minhas bochechas. — Você só... teve que entrar na minha vida, literalmente. De pé na minha varanda enquanto eu estava no meu ponto mais baixo, enxergando... *algo* em mim, uma pequena chance de que eu pudesse fazer algo bom, algo bom para você...

— Para você também — eu sussurro. — Algo bom para você também.

Ele balança a cabeça.

— Não, Ziggy, eu sou não sou...

— ... "alguém a ser salvo". Eu sei o que você pensa de si mesmo. — Eu envolvo minhas mãos em torno de seus pulsos, meu polegar varrendo seu pulso acelerado. — E você sabe o que eu te disse.

Ele olha para mim, sua mandíbula contraída.

— Ninguém é impossível de ser salvo.

Eu sorrio.

— E eu acredito nisso. Eu quis dizer o que eu disse. E eu quis dizer isso quando disse que também não estou aqui para te salvar. Mas estou pedindo a você, por mais que pareça acreditar em mim e nas minhas possibilidades, acredite em si mesmo também. — Eu acaricio seu pulso com meus polegares, procurando seus olhos. — Não desista de nós, não quando mal começamos.

— Eu quero — ele murmura com os dentes cerrados. — Mas por alguma razão fodida e irritante, eu não posso. Eu *não* posso. — Seus olhos procuram os meus. Eu seguro seus pulsos para me firmar enquanto seus polegares varrem minha mandíbula.

Ele se inclina, sua boca um sussurro contra o meu ouvido.

— Passei tanto tempo sendo insensível a tudo, que esqueci como era sentir. Mas agora há você, fazendo um estardalhaço por aí, mesmo assustada, sendo corajosa, determinada e curiosa bem na minha cara, me fazendo sentir toda essa merda que eu não queria sentir. Faz uma semana que estou *fingindo* ser alguém importante para você, e é isso que acontece? Ainda bem que você não pediu uma amizade de verdade. Quem sabe o quão na merda eu estaria.

Eu me inclino para o calor de sua respiração em meu ouvido. Sua nuca roça minha bochecha, me fazendo tremer.

— Os efeitos de sermos amigos de verdade seriam tão ruins assim?

Ele solta um som firme e alto, seu nariz à deriva no meu cabelo.

— Ziggy, eles seriam *devastadores*. Então não se atreva...

— Seja meu amigo — eu sussurro, me aninhando nele, encorajada pela esperança e por uma brisa quente do mar, e os restos de champanhe fresco borbulhando em meu sistema. — Sinta alguns sentimentos. Deixe as coisas complicadas comigo. Seja meu amigo, Sebastian.

Suas mãos deslizam suavemente em meu cabelo, massageando meu couro cabeludo. Um calor efervescente melhor que os melhores espumantes, que a brisa do mar mais suave, se derrama por mim. Estou em um território muito perigoso. Mas, pela primeira vez, eu não me importo – não, eu *gosto*. Porque esta é quem eu sou, quem estou me tornando. A Ziggy que é corajosa. A Ziggy que arrisca. A Ziggy que busca o que deseja, em vez de se conter, sem ficar paralisada pelo medo da rejeição, do fracasso, de errar.

Porque, se aprendi alguma coisa na semana passada enquanto fui selvagem, correndo riscos e tentando coisas novas, é que errar, tropeçar e desmoronar ao longo do caminho não é o fim do mundo. É apenas... parte da vida. E eu sou forte o suficiente para enfrentar esses momentos difíceis, de me reerguer, de sacudir a poeira e seguir em frente.

Sebastian se afasta o suficiente para olhar para mim, olhos cinzentos penetrantes procurando os meus, seus polegares ásperos e com calos roçando carinhosamente ao longo do meu pescoço.

— Amiga? Minha? Você não pode realmente querer isso.

Eu agarro sua camisa em seus quadris e o sacudo.

— Não me diga o que posso ou não posso querer. — Eu procuro seus olhos, minha voz mais suave enquanto eu o abraço apertado. — Estou lhe dizendo que quero ser sua amiga. Acredite em mim.

Por um momento, não há nada além do silêncio da noite, do rugido do oceano além de nós, da brisa soprando para longe do meu corpo. Sebastian suspira. Seu olhar percorre meu rosto.

— Contanto que você prometa continuar gritando palavras de Shakespeare para mim quando eu xingar — ele diz, com um tom rouco e quebrado em sua voz. — E roubar meus milkshakes de chocolate, e me levar por aí dirigindo cerca de dezesseis quilômetros abaixo do limite de velocidade... — Eu belisco o lado de seu corpo, fazendo-o grunhir, seu aperto em meu cabelo fica mais forte. — Eu suponho... — Ele diz mais baixo, seus olhos fixos nos meus — nós poderíamos ser amigos de *verdade.*

Eu sorrio largamente, jogando meus braços ao redor de seu pescoço de felicidade, fazendo-nos tropeçar de lado. Ele ri, de

forma rouca e profunda. Suas mãos se acomodam em meus quadris, me firmando.

Lentamente, ficamos quietos.

E, de repente, a coragem que tive de encontrar para pedir a ele que fosse um amigo parece a menor e mais inconsequente gota no balde do que vou precisar para o que quero fazer agora. O que estou *prestes* a fazer agora.

Minhas mãos deslizam por seu peito. Seus músculos ficam tensos sob meu toque, e eu paro minhas mãos, descansando-as sobre seu coração acelerado.

— Você quer que eu pare de te tocar? — Eu sussurro.

O aperto de Sebastian aumenta em meus quadris. Ele olha para mim, olhos brilhantes e reluzentes.

— Não.

Meus dedos roçam seu esterno, a dura saliência de sua clavícula, as correntes de prata quentes contra sua pele.

— Você quer que eu pare com isso? — Eu pergunto, me inclinando, minha boca a um sussurro de distância da dele.

O ar sai dele enquanto minhas mãos sobem por seu pescoço, em seu cabelo, fios grossos e sedosos frescos no ar da noite.

— Não deveríamos, Ziggy...

— Não foi isso que eu perguntei — eu sussurro, acariciando seu nariz. Não acredito que estou fazendo isso. Não acredito que aguentei tanto tempo *sem* fazer isso.

— Você sabe que eu não quero que você pare — ele sussurra de volta, seus polegares passando pelos meus quadris. — Eu só... eu prometi a mim mesmo que não iria fazer isso.

— Então *eu* vou fazer isso — eu digo a ele. — Vou assumir total responsabilidade pelo que está prestes a acontecer.

— "O que está prestes a acontecer"? — Ele pergunta asperamente. Eu traço sua boca com a ponta dos meus dedos e encaro seus lábios se abrindo para mim.

— Você realmente não sabe o que é isso? Acho difícil acreditar que você, Sebastian Gauthier, não reconheça um beijo quando está prestes a acontecer.

Sebastian exala asperamente enquanto eu roço meus lábios em sua bochecha, no canto de sua boca.

— Não sou especialista em amizades, Sigrid — diz ele, trêmulo, me puxando para mais perto —, mas não acho que amigos façam isso.

Eu sorrio contra sua nuca, pressionando um beijo leve como pluma em sua mandíbula.

— Claro que sim. Chama-se "amigos com benefícios".

— Ziggy — ele sussurra, virando a cabeça.

Nossas bocas se roçam enquanto meu nome ainda está em seus lábios.

— Sebastian. — Lentamente, suavemente, eu pressiono meus lábios nos dele, e Deus, é perfeito. Ele é caloroso e delicado, curioso e cuidadoso, antes de abrir a boca e depois soprar em mim um gemido rouco e dolorido.

O calor inunda meu corpo enquanto afundo meus dedos profundamente em seu cabelo, enquanto me inclino para o nosso beijo.

Sebastian respira fundo, envolvendo seus braços em volta de mim, esmagando nossos corpos juntos. Suas mãos se espalham pelas minhas costas, viajando pelas minhas costelas. Seus polegares roçam meus seios. Eu suspiro e pressiono meu corpo contra o dele enquanto sua língua encontra a minha, com carícias quentes e sedosas que me fazem me inclinar e ansiar por mais.

Um suspiro necessitado me deixa quando ele inclina minha cabeça com ternura, então aprofunda nosso beijo. Eu o beijo de volta, desesperada por seu gosto, para descobrir cada canto dele, para fazê-lo desmoronar do jeito que ele está me fazendo desmoronar, apenas para perceber que isso de alguma forma conseguiu nos montar novamente.

Abro minha boca contra a dele e chupo sua língua. Sebastian tomba de lado, como se eu o tivesse atordoado. Ele cai de lado em uma cadeira e eu passo por cima dele, sorrindo enquanto ele me puxa para baixo, até que estou grudada em seus quadris, minhas pernas de cada lado dele, exatamente onde eu quero estar.

Suas mãos afundam em meus quadris e me puxam para perto. Eu jogo meus braços ao redor de seu pescoço e o beijo como nunca beijei alguém antes – selvagem, desinibida, meu corpo se movendo com o dele.

Eu nunca quero que isso acabe.

Mas, é claro, assim que penso nisso, Sebastian arranca sua boca da minha.

16

SEBASTIAN

Música da Playlist: "She's so High", Paratone

Com um ar ofegante em meus pulmões, eu pressiono minha testa na de Ziggy, desejando me arrepender do que acabei de fazer. Mas a cada segundo que passa, com o eco de seus suspiros suaves frescos em minha memória, o sabor doce e quente dela permanecendo em minha língua, eu não consigo. Não consigo me arrepender do que fiz.

E essa é toda a prova da qual preciso de que sou tão indigno dela como sempre. Eu não merecia o que ela acabou de me dar. Eu não posso ter isso nunca mais. Não posso me permitir ser tão egoísta, tão ganancioso, não quando isso só iria machucá-la no final.

Posso ser um *pouco* egoísta, um *pouco* ganancioso. Eu posso ser amigo dela. Eu posso rir com ela, fazer ioga com ela, compartilhar milkshakes e vê-la se tornar tudo o que ela quer se tornar. E terei sorte de simplesmente testemunhar isso.

O que não posso fazer é arrastá-la para a cadeira e parecer um animal no cio, o que acabei de chegar perigosamente perto de fazer.

— Foi ruim? — Ela pergunta baixinho, olhando para mim. — É por isso que você parou?

Um sorriso que não consigo evitar levanta o canto da minha boca. Deixei minha cabeça cair para trás na espreguiçadeira e afastei aqueles cabelos finos e ardentes de seu rosto.

— Foi *bom*. Por isso parei.

Um rápido rubor rosa aquece suas bochechas enquanto ela sorri, e um arrepio percorre seu corpo.

— Isso não faz o menor sentido.

— Faz sim, Sigrid. — Me sento reto e dou um tapinha em seu quadril, tentando sinalizar que quero que nós – não, *preciso* que nós – fiquemos de pé, colocando uma distância vital entre nossos corpos. — Deixe-me levá-la para dentro. Você está tremendo.

Outro arrepio percorre-a enquanto ela balança a cabeça. Ela não se mexe.

— Não estou tremendo.

— Sim, você está, agora...

Ela se inclina para trás, tira o robe que segurou firme em torno de si a noite toda e o joga ao vento. Antes que eu possa finalmente processar a realidade de seu corpo apenas naquele vestido verde-escuro apertado, ela se inclina, agarra meu pescoço e traz minha boca até a dela.

Oh, Deus, eu tento. Deus, eu tento resistir. Mas eu não consigo. Eu não consigo resistir a ela. Mesmo que eu precise. Eu *preciso* fazer isso.

— Beije-me — ela sussurra contra a minha boca enquanto a minha se abre, uma rajada de ar me deixando. — Se você quer me beijar, me beije. Não se convença do contrário.

Isso é exatamente o que eu deveria estar fazendo – me convencendo do contrário. Mas porra, eu não quero. Eu quero tocá-la, prová-la, satisfazê-la. Só essa última vez. Apenas mais uma vez.

Eu libero tudo que segurei da última vez, arrastando-a para perto até que ela esteja bem aqui, calorosa e confortável, abrigada contra mim, onde estou duro, tão malditamente duro por ela. Ela suspira e seus olhos se fecham com o tipo de prazer que, em meus momentos de fraqueza, sonhei em dar a ela. Apertando sua mandíbula, inclino sua cabeça até que nosso beijo possa se aprofundar e sua língua encontre a minha, molhada, quente, deslizando e buscando carícias que fazem meus quadris se arquearem contra os dela.

— Nunca mais — eu prometo a ela. — Esta é a última vez. Nunca mais depois disso, juro.

— Não se eu tiver algo a dizer sobre isso — ela ofega contra a minha boca. Um doce gemido a deixa enquanto eu arrasto a mão até sua coxa, até seu quadril e a puxo contra mim, sentindo seus quadris começarem a se mover. Porra, ela é perfeita, forte e macia, seu corpo abrigado contra o meu, cada parte de nós alinhada como se fôssemos feitos para isso.

Ela parece ser como tudo que eu nunca soube que poderia esperar, muito menos ter. Uma oração antiga respondida, um sonho esquecido que ganhou vida, inacreditavelmente *bom.*

Seus dedos mergulham em meu cabelo, então desce raspando pelos meus ombros, enquanto minhas mãos deslizam por suas costas, viajando pelo calor suave de seus ombros, nus ao ar da noite. Ela envolve seus braços em volta do meu pescoço, me puxando apertado contra ela, e eu gemo quando nossos quadris começam a se mover juntos, tão perfeitos, tão perfeitos para caralho.

— Sebastian — ela murmura contra o nosso beijo. — Eu quero... *humph*! — É um som curto e agudo, mas é mais do que suficiente para me fazer me afastar.

Não posso deixar de pensar no que causou esse som de soluço: o coquetel que a vi beber na festa do Tyler.

Ela está bêbada, influenciada pelo álcool, e eu tirei vantagem disso. O pavor se infiltra em mim. Jesus Cristo.

Ziggy franze a testa. Ela soluça de novo.

— O que... *humph!* O que há de errado?

— Você está embriagada, é isso que há de errado.

Ela ri. Ri!

— Sebastian, bebi mais em um jantar familiar de domingo do que esta noite. Eu estava embriagada antes de voltarmos, mas só porque bebi rápido. Estou bem agora. Eu estava bem antes. Eu estou segura.

Não, ela não está. Ela não tem estado nada segura. Nós nos beijamos. Começamos a fazer mais do que beijar também. À luz do dia e com a mente clara, ela vai se arrepender disso.

Eu tenho que salvar isso. Eu tenho que mostrar a ela que posso ser seu amigo, não um idiota depravado e insensível.

Uma carranca se forma em seu rosto.

— O que há de errado?

Ela se inclina para frente. Eu me inclino para trás. Seus olhos se arregalam, cheios de mágoa. Lentamente, ela se afasta de meus quadris e desliza para a espreguiçadeira. Eu puxo meu pé bom para trás rapidamente, girando para que eu me sente de lado na cadeira, meu rosto enterrado em minhas mãos.

— Sebastian, fale comigo. Eu não posso... eu não posso dizer o que está acontecendo, o que você está pensando. É difícil ler você, e isso me deixa tão ansiosa. Por favor, apenas diga, seja lá o que for, se você está com raiva de mim ou se está arrependido, apenas...

— Ei. — Me virando, eu a puxo em meus braços e a seguro com força enquanto coloco sua cabeça em meu ombro, do jeito que eu queria quando a vi no rinque de patinação. Ziggy passa os braços em volta da minha cintura e se vira para mim também. Lentamente, eu sinto-a relaxar contra mim.

— Por que você se afastou? — Ela sussurra.

— Porque isso não deveria ter acontecido. E eu precisava ter certeza de que isso não aconteceria novamente. Foi por isso que me afastei.

Ziggy se afasta o suficiente para olhar para mim, com a cabeça inclinada, a mágoa apertando seus olhos.

— Por que não deveria ter acontecido?

Aliso seu cabelo para trás enquanto o vento o arrasta em seu rosto, para que seus olhos encontrem os meus enquanto lhe digo a verdade pela primeira vez:

— Porque você me pediu para ser seu amigo, Ziggy, e dificilmente sou digno disso, mas eu gostaria de ser. Não peça mais de mim, por favor, não quando... não quando eu nunca poderia...

Nunca poderia ser o suficiente, nunca poderia merecer mais de você, nunca poderia ser digno de mais do que isso.

Ela olha para mim, confusão tingindo sua expressão. Não consigo terminar essa frase, não consigo falar essa maldita admissão no ar entre nós. Mesmo que seja verdade. Mesmo que eu saiba que, embora esta noite tenha me abalado, e que eu sei que quero encontrar um caminho diferente para seguir em frente, para me concentrar mais na parte boa da minha vida, estou tão marcado pelo meu passado, tão inexperiente em tentar ser menos egoísta e rancoroso, há tantas maneiras de falhar com ela se eu tentasse ser algo a mais do que isso para ela.

— Então... — Ziggy engole, mordendo o lábio. — Amigos?

Eu dou de ombros, afastando outra mecha de cabelo de sua têmpora.

— Apesar do grande pé no saco que você pode ser...

Ela cutuca minha axila, tentando fazer cócegas, e o alívio me percorre. Há aquela jovialidade ardente, um leve e doce sorriso aquecendo sua boca.

— Sim — eu digo a ela. — Amigos.

— Tipo como nós começamos? — Ela pergunta baixinho. — Tipo... quando era só fingimento?

— Não. Não como nós começamos. Como acabamos nos tornando. De verdade. Amigos... — São necessárias duas tentativas para superar esse nó repentino e agudo na minha garganta, para contar a ela a mentira em que ambos estamos melhor acreditando. — De verdade. Se você ainda quer isso de mim, depois de tudo isso.

Ziggy me encara daquele jeito penetrante e incisivo, seu corpo totalmente imóvel, exceto pelo vento batendo em seus cabelos. Finalmente, ela se levanta da cadeira e enfia aqueles longos fios de cobre atrás das orelhas, olhando ao redor da sacada até encontrar seu robe. Ela se inclina e o pega, vira-o nas mãos, mas não o veste. Deus, eu gostaria que ela fizesse. Agora que a vi com esse vestido, fico muito grato por ela tê-lo mantido escondido durante a noite toda. Eu não teria conseguido manter uma conversa coerente na festa. Cada pessoa lá saberia exatamente o que eu sinto por ela.

Lentamente, Ziggy olha na minha direção e me oferece a mão.

— Bem, amigo... — Ela diz a palavra gentilmente, amável. Um sorriso aparece em sua boca enquanto envolvo minha

mão na dela e aperto, do jeito que ela gosta, do jeito que sei que ela vai apertar de volta. — Tem um conjunto de moletom para me emprestar?

— Então. — Ziggy enfia outra colherada de sorvete de morango na boca e do seu canto do sofá olha para mim com os olhos semicerrados.

Ela está vestindo uma das minhas blusas de moletom preta dos Kings, um par de minhas calças de moletom cinza e seu cabelo está trançado abaixo do ombro. Eu quero fazer coisas deliciosas e depravadas com ela.

É por isso que estou sentado a dois metros de distância, na outra ponta do sofá com uma almofada no colo.

Comendo pretzel após pretzel, pedaço por pedaço, em meio a dureza que estou sentindo, tenho tentado acalmar minha ereção lembrando a última vez que Kris – de quem eu *não* acho atraente – atravessou o vestiário cantando "Believe" de Cher horrivelmente fora de sintonia bem alto.

Não está funcionando.

— Então... — Eu começo.

— Nós — diz Ziggy depois de engolir seu pedaço —, precisamos falar sobre o fato de você ter ido falar com Ren como se isso entre nós fosse algum romance da Regência e ter assegurado a ele que minha virtude estava segura.

Quase engasgo com a boca cheia de sorvete e pretzels.

— Eu não disse absolutamente nada sobre sua virtude.

Ela enfia a colher de volta no sorvete e dá outra mordida.

— Está implícito no que você disse. Você disse a ele que eu estava "segura".

— Porque eu quero que você esteja segura comigo. Seu corpo. Suas emoções. Você toda. E, devido a quão imprudente costumo ser, era importante para ele saber que eu estava comprometido com isso.

Ziggy faz uma pausa, a colher cheia de sorvete pairando em sua boca. Ela dá uma lambida e me encara.

— Entendo por que você quis contar a ele, para garantir que sua amizade com ele não seja prejudicada enquanto fazemos isso.

— Exatamente.

— Bem, eu só queria que o foco não fosse tanto sobre me proteger, sabe?

Faço uma pausa, o pretzel dentro do meu sorvete, os olhos fixos nos dela.

— Entendo. Eu poderia ter dito de uma forma diferente. Eu me apoiei na ideia de protegê-la em vez de enfatizar o que eu deveria fazer, me comprometer em ser uma pessoa decente para você estar por perto.

Ela sorri.

— Obrigada. E quero dizer que acho ótimo você ter conversado diretamente com Ren. Apenas uma semana neste nos-

so pequeno projeto, e olhe para você, usando as palavras para falar de sentimentos com seu melhor amigo. Isso é evolução, Sebastian.

Meus olhos se estreitam em aborrecimento, mas minha boca levanta no canto, uma batalha perdida contra um sorriso que não consigo dominar totalmente.

— Não aja como se este fosse um momento decisivo na minha jornada, Sigrid.

— Eu nunca sonharia com isso. — Ela enfia a colher na boca e a puxa para fora fazendo um barulho de *estalo*. Eu aperto o travesseiro com mais força no meu colo e tento não vê-la lamber o sorvete no canto da boca. — Só estou dizendo... talvez, *talvez* nossa amizade não seja a única coisa que passou de mentira para verdade em tão pouco tempo. — Ela se inclina e rouba uma colherada da minha rocky road[2], com um sorriso largo. — Talvez criar bons hábitos esteja acabando não sendo tão de mentira também.

— Mesmo que esteja, eu não poderia mudar *muito*, não quando tenho que ajudar a sua imagem a ficar mais suja. — Inclino-me para roubar uma bola de seu sorvete de morango, mas quando coloco minha colher em seu recipiente, Ziggy a usa para me puxar para ela, me mandando direto para seu espaço.

---

[2] É uma sobremesa australiana feita de chocolate, fruta desidratada, biscoito crocante, castanha e marshmallows. Seu nome se deve à aparência semelhante a estradas rochosas.

Nossas bocas estão a um suspiro de distância. Ziggy inclina a cabeça e sorri.

— Que generoso da sua parte, *amigo.*

Pego minha colher e me recosto, carrancudo. Para alguém tão doce, ela é uma ótima paqueradora quando quer.

— Falando em ser amigos, quando é o seu próximo jogo?

Os olhos de Ziggy se arregalam.

— Meu o quê?

— Seu próximo jogo — repito lentamente.

— Oh. Uh. — Ela mexe na orelha e limpa a garganta. — Por quê?

— Porque eu gostaria de vê-la jogar.

Ziggy morde o lábio e abaixa a cabeça. Eu observo suas bochechas ficarem tão rosadas quanto o sorvete que ela está tomando.

— Você quer me ver jogar?

— Eu acabei de dizer isso, não disse?

— Bem, tudo bem. — Ela dá de ombros. — Então, uh... tem um jogo meu pelo Angel City. Neste domingo é fora da cidade, mas no próximo domingo é em casa. Você poderia vir.

— Perfeito. — Coloco a tampa de volta no meu sorvete e empurro os pretzels para o lado. Me inclinando para trás, cerro a mandíbula e levanto os joelhos. As dores agudas e persistentes começaram no meu estômago novamente. Eu realmente preciso ser examinado. Eu sou um especialista em evitar, mas mesmo isso é demais para eu ignorar.

Eu pego Ziggy franzindo a testa para mim.

— Algo errado? — Ela pergunta.

— Só preciso deitar para que eu possa ganhar meus pontos.

Ela bufa.

— Que pontos são esses?

— Quantos pontos em forma de brownie pela melhora na imagem que eu vou ganhar por mostrar meu rosto em um jogo de futebol feminino.

Ziggy pega uma almofada do sofá e bate na minha cara com ela.

— Você é um idiota. O futebol feminino merece mais cobertura, e eu realmente não suporto que você esteja cem por cento correto. Você será visto como uma divindade benevolente nos abençoando com sua presença, em vez de alguém sortudo o suficiente por ter assentos na primeira fila quando chutarmos o traseiro do time de Chicago.

Eu puxo o travesseiro para longe, penteando meu cabelo para trás, que ficou embaraçado devido aos amassos.

— Quem disse que vou conseguir assentos na primeira fila?

Recostando-se em seu canto do sofá, Ziggy revira os olhos.

— Por favor, Sebastian. Conheço você há uma semana e já sei exatamente onde você estará sentado naquele jogo – na frente e no centro, para todo mundo ver.

17

ZIGGY

Música da Playlist: "Gold", Sister Sparrow

— Entrega em domicílio. — Estaciono o carro de Sebastian bem na frente do meu prédio e desligo o motor.

Virando-me para onde ele está sentado, segurando minhas roupas de festa em seus braços, eu olho em seus olhos.

— Obrigada por esta noite.

Ele bufa uma risada vazia e olha pela janela.

— Não me agradeça por isso. Foi difícil, na melhor das hipóteses.

— Não foi. Eu sei... as coisas ficaram complicadas para você na festa, e eu sinto muito. Mas a corrida de patins foi divertida. Eu me diverti. Acho que talvez até você também.

Sebastian dá de ombros.

— Assistir você participar, isso *sim* é divertido. Você patina tão devagar quanto dirige.

Eu empurro seu ombro.

— Eu estava patinando com *crianças*. Claro que estava sendo devagar! Deixei as corridas de patins para os caras que são profissionais nisso. Às vezes, saber como permanecer graciosamente nos bastidores é um *poder,* Gauthier.

Um sorriso suave aparece em sua boca. Finalmente ele olha na minha direção.

— Justo.

Um momento de silêncio paira entre nós. Aquele pequeno sorriso desaparece quando Sebastian olha para minhas roupas em suas mãos.

— Ziggy, eu só... quero que você saiba que pode desistir quando quiser. Eu me sinto um idiota por não ter considerado isso quando concordei com nosso esquema de publicidade, pois é assim que funciona para mim. Estando em público, eu acabo esbarrando em pessoas com quem eu ferrei. — Ele respira fundo, remexendo em seus anéis, girando um deles. — Eu só quero que você saiba que em qualquer momento eu irei entender se você não quiser mais lidar com isso; se o impacto de ter os esqueletos do meu passado caindo a todo tempo do meu armário superar o que você esperava conseguir nesse acordo...

— Sebastian...

Ele abre a porta antes que eu possa dizer mais. Então ele se vira para o meu lado, abrindo minha porta assim que eu começo a abri-la.

Suspirando, saio do carro. Sebastian fecha minha porta e caminhamos lado a lado até a frente do meu prédio, então paramos e nos viramos, um de frente para o outro.

Eu me aproximo e pego minhas roupas de suas mãos, então as coloco debaixo do braço. Com meu braço livre, encontro sua mão e a aperto com força na minha.

— Você fica saindo do carro, muito determinado a não me dar ouvidos, mas eu me fiz ser ouvida antes, e vou me fazer ser ouvida agora: isso vale a pena para mim.

Ele olha para mim, o rosto franzido.

— Isso o quê?

— Sermos amigos. Vale a pena, seja lá o que for que você acha que vai me fazer desistir disso ou me impedir de ficar com você. *Você* vale a pena. E não vou me assustar com alguns esqueletos.

— Sim, bem, eu tenho um monte deles — ele murmura, massageando a ponta do nariz.

— Eu sei. — Soltando sua mão, enfio a chave na porta do meu prédio e olho por cima do ombro. — E eu gosto de você de qualquer maneira. Boa noite, Sebastian.

Ele me espia da calçada, olhos cinzas claros e brilhantes na escuridão.

— Boa noite, Sigrid.

Com as pernas mortas e o corpo gasto, eu ando até a porta do meu apartamento, grata que as últimas 48 horas desde o evento de arrecadação de fundos e a pós-festa tenham sido um borrão. Acordei cedo ontem para viajar para nosso jogo fora de casa. Treino, reunião de time, refeição junto com o time, conversar com Charlie em nosso quarto de hotel sobre o evento e

a pós-festa – omitindo cuidadosamente aqueles beijos que Sebastian e eu trocamos. Em seguida, o jogo exaustivo, mas vitorioso, de domingo e a corrida para pegar nosso voo para casa. Felizmente tudo tem estado tão corrido, que não tive muito tempo livre para minha mente reproduzir sem parar aqueles beijos.

Porque quando eu *tenho* tempo livre, é exatamente isso que minha mente faz: repete cada momento, cada beijo, cada toque, várias e várias vezes.

Nunca pensei tanto em beijar alguém. Ou sobre o resultado daqueles beijos: Sebastian perguntando se poderíamos ser apenas amigos.

Ai.

Agora, sem a correria de um jogo fora de casa para ocupar meu cérebro, preciso encontrar outra coisa para manter minha mente ocupada até a partida para os amistosos internacionais da Seleção, depois de amanhã. Pretendo me afundar em um livro esta noite; é sempre uma maneira segura de me distrair das complicações da vida real. Então terei que descobrir alguma outra estratégia para lidar com isso, uma que ocupe minha mente até que eu esteja focada no futebol novamente, e eu possa apagar a memória desses beijos da minha cabeça. Para sempre.

Momentos calmos como os que tenho agora, em que estou procurando minhas chaves, são os mais perigosos. Minha mente vazia vagueia, e tudo que posso ver, pensar ou sentir é

Sebastian afastando meu cabelo do meu rosto enquanto me olhava daquela cadeira, o jeito que ele me olhou quando me trouxe em casa e dissemos boa noite...

É quando me meto em problemas.

Pelo menos, até abrir a porta do meu apartamento, confrontada com um novo tipo de problema e um desenvolvimento muito desconcertante:

Minha fortaleza foi invadida.

De pé na soleira, observo as longas pernas de meu irmão Viggo, vestindo calças jeans, esticadas na minha cadeira de leitura; seu rosto escondido atrás de um dos meus romances de fantasia favoritos. Olho para a direita, onde fica minha pequena cozinha, e lá está meu irmão Oliver, descascando um queijo.

— Bem. — Fecho a porta atrás de mim. — Eu acho que deveria ser grata por ter sobrevivido tanto tempo a vocês.

— É verdadeiramente impressionante — Oliver concorda, deixando cair um pouco de queijo em sua boca. — Definitivamente o maior tempo que qualquer um dos irmãos conseguiu nos impedir de arrombar e invadir.

Viggo larga o livro apenas o suficiente para espiar por cima dele.

— Uau. A putaria com fadas é boa.

— Eu te disse. — Eu largo minhas chaves no balcão da cozinha e deixo minha mochila cair no chão também. — Então... — Apoiando o quadril no balcão, abro bem os braços.

— A que devo a honra de ter minha casa invadida por vocês, os Lordes da Malvadeza?

Viggo olha para Oliver. Oliver olha para Viggo. Uma das conversas telepáticas deles parecem estar acontecendo.

Eu os observo com uma crescente sensação de aborrecimento. É difícil não ficar com ciúmes às vezes, do quão profundo é o vínculo deles, do jeito que isso me faz me sentir um pouco excluída. Na ordem de nascimento de nossa família, Viggo e Oliver são os mais novos depois de mim, nascidos com idades tão próximas que agem como gêmeos e também parecem ser. Ambos são uma mistura semelhante de mamãe e papai, favorecendo ligeiramente a estrutura óssea de mamãe e seus pálidos olhos azul-acinzentados. Oliver tem o cabelo loiro da mamãe assim como Freya e meu irmão Ryder, e mantém sua barba loira sempre por fazer. O cabelo castanho chocolate de Viggo é como o de nosso irmão mais velho, Axel, com sua barba espessa e escura, tingida de ruivo.

Enquanto crianças brincávamos muito juntos, ele e Oliver sempre tiveram esse hábito frustrante de se juntarem e permanecerem unidos, só os dois, quando estavam se metendo em confusão.

Assim como eles definitivamente estão fazendo agora, fazendo esta visita, mesmo que eu não tenha certeza de qual seja a travessura da vez. Ainda.

Concluída a conversa silenciosa com Oliver, Viggo fecha o livro e salta da minha cadeira de leitura, alto e esguio, um boné puxado para baixo sobre seu cabelo loiro escuro bagunçado.

— Que tipo de recepção é essa? — Ele pergunta. — Não podemos fazer uma simples visita de cortesia à nossa irmãzinha?

Eu olho para o relógio.

— Às oito da noite? Em um domingo? Vocês não têm coisas melhores para fazer com as horas finais de seus fins de semana do que virem para meu apartamento com um ar-condicionado precário no fim de agosto, em que o ar é sufocante, e esperar por mim?

Viggo puxa ritmicamente sua camisa que, de fato, está grudada em seu peito suado, abanando-se.

— Não há nenhuma outra maneira que eu prefira passar minha noite de domingo. E você, Ollie?

— Nenhuma outra maneira — Oliver diz, descascando seu queijo palito. — Mesmo se eu estivesse prestes a relaxar com meu namorado em sua nova banheira de hidromassagem, cuidando da minha maldita vida quando você me encurralou... Ai! — Viggo se aproxima de Oliver com uma cotovelada não tão sutil em suas costelas e arranca metade do queijo palito de Ollie.

— Ei! — Oliver o empurra. — Esse é o meu queijo palito.

— Tecnicamente, é o *meu* queijo palito — eu falo.

— Tem toda razão, Zigs — diz Viggo. — E vamos ser honestos, Oliver, estou fazendo um favor a você, cortando sua ingestão de laticínios pela metade.

Oliver olha para Viggo.

— Acredite ou não, eu posso lidar com minha ingestão de laticínios sem sua ajuda, Viggo. Além disso, Gavin me deu suplementos que me ajudam a digerir melhor os laticínios.

— Claro que sim, melzinho.

Oliver pega o queijo palito novamente. Viggo o puxa para longe. E, como é típico de quando eles não concordam, eles se transformam em uma briga que eu provavelmente acharia divertida – meus dois irmãos gigantes se batendo dentro da minha pequena cozinha, brigando por meio pedaço de queijo – se eu não estivesse já tão irritada.

— Ei! — Eu grito. Abruptamente, eles se separam. — Eu amo vocês dois. Vocês sabem que eu amo. E tenho certeza de que, de alguma forma distorcida, estranha e fraternal, vocês têm boas intenções. Mas vocês precisam dizer por que estão aqui ou dar o fora do meu apartamento. Estou cansada. Estou com calor. E estou com fome. Além disso — acrescento —, há uma razão para vocês não terem mais as chaves da minha casa. Depois que vocês abusaram desse privilégio, seus acessos à chave foram revogados.

— Ah, vamos lá — Oliver diz. — Foi uma pegadinha muito boa. E ficamos devendo a você depois da pegadinha com marshmallow que você armou em nossa festa de aniversário.

— Nossa festa de *aniversário* — Viggo me lembra, como se eu devesse me sentir mal por isso ou algo do tipo.

Eu suspiro.

— Pessoal, não é minha culpa que vocês me ensinaram basicamente todas as coisas tortuosas que eu sei e o feitiço virou contra o feiticeiro. Meu ponto permanece – vocês perderam suas chaves e não deveriam invadir meu espaço. Eu realmente não gosto de ter meu apartamento invadido.

— Vindo de uma mulher que é conhecida por fazer alguns arrombamentos bem furtivos e invadir casas — Viggo diz, jogando o queijo palito pela metade em sua boca. Observando-o, Oliver solta um ruído estrangulado e enfurecido que vem do fundo da garganta.

Minhas bochechas estão quentes quando pisco para Viggo. Ele está me espionando? De jeito nenhum ele me viu entrar na casa de Sebastian.

Ele sorri presunçosamente.

— Isso é um olhar culpado em seu rosto, Zigs. Importa-se de compartilhar o que você tem feito ultimamente?

Agora *eu* estou soltando um barulho estrangulado e enfurecido também.

— Meu Deus, Viggo, pare de ser tão...

— Brilhante? Atento? Ardiloso? — Ele abre a porta da minha geladeira, como se fosse, honestamente, se servir de outra coisa lá dentro. Eu a fecho.

— Irritante, é o que eu queria dizer. Vai cuidar da sua vida.

Ele se move para o armário de lanches em seguida e chega antes de mim quando eu tento detê-lo, furtando uma barra de granola com gotas de chocolate e deslizando para fora do meu alcance.

— Nós dois sabemos que cuidar da minha vida não é uma das muitas habilidades que cultivei...

— Bem, você realmente deveria — eu retruco, olhando entre ele e Oliver. — Além disso, vocês dois têm muita coragem de entrar em minha casa, agindo como amigos, quando a última vez que estivemos juntos como uma família, ficou muito claro que vocês sabiam de algo que eu fui excluída.

— Merda — Oliver murmura.

Viggo tem a graça de parecer um pouco envergonhado enquanto mastiga um pedaço enorme de barra de granola, esfregando a nuca.

— Sim — diz ele com a boca cheia. — Sobre isso...

— Sentimos muito — Oliver acrescenta. — Mamãe e papai, eles estavam preocupados que isso fosse aborrecê-la, então eles nos pediram para não dizer nada, mas então papai fez aquela coisa que ele faz a cada dois anos, onde ele realmente perde a paciência um pouco, e ele gritou com Ren porque Ren estava atípico naquela noite também, pressionando o assunto, então a ideia de manter o assunto em segredo foi uma merda.

— Bota merda nisso — concordo, cruzando os braços sobre o peito. — Agora. Que tal vocês me contarem o que está acontecendo?

Viggo e Oliver se entreolham, tendo outra conversa silenciosa.

— É dinheiro — Oliver finalmente explica. — Nossos empréstimos universitários, especificamente.

— Que papai insiste em pagar — conta Viggo. — Com as economias de aposentadoria dele e de mamãe...

— Então Ren pediu para pagá-los. Bem, ele pediu em nome dos irmãos, se cada um de nós pudesse ajudar.

Eu respiro fundo, meu peito de repente apertando.

— Por que vocês esconderiam isso de mim?

— Primeiro, porque, como uma alma ansiosa, sei que você se preocupa — diz Oliver —, e se preocuparia com a aposentadoria de mamãe e papai.

Estou realmente preocupada com a aposentadoria de mamãe e papai.

— Segundo — acrescenta Viggo —, você não tem nenhuma dívida de empréstimo estudantil, porque você é uma prodígio que conseguiu uma bolsa integral.

— Eu ainda mereço ser incluída. Além disso, eu sou boa em lidar com o papai. Ele me escuta. Você já me viu pedir algo ao papai e o ouviu dizer não?

Viggo coça a mandíbula.

— Pensando bem, não. Mas você não pede muito.

— Essa é a chave — digo a ambos.

— Uau. — Oliver suspira. — Somos loucos por manter você fora disso.

— Eu sei. E adivinha? Eu poderia ter me metido e ajudado, apesar de seus melhores esforços para me manter na ignorância, se eu não estivesse presa na ponta da mesa das crianças com meu copo com canudinho e meu livro de colorir do Pokémon.

Viggo morde o lábio.

— Eu pensei que você gostasse de ficar sentada lá.

Oliver me olha com aqueles grandes olhos tristes de cachorrinho.

— Sim, eu também.

— Bem, eu não gosto. Sou uma mulher adulta e gostaria de ser tratada como tal em nossa família, ok?

Viggo cai contra o balcão da cozinha, esfregando a barba.

— Desculpe, Zigs. Faremos melhor nas próximas vezes.

— Sinto muito também, e prometo que farei melhor — Oliver diz.

— Confesso que eu mesma poderia ter me defendido. Eu poderia ter dito: "Amo você, Linnie, mas tia Ziggy vai se juntar aos adultos nessa". Vou fazer isso de agora em diante, então apenas... sim, não fiquem estranhos quando eu fizer isso.

— Ziggy. — Oliver parece genuinamente magoado. — Nós nunca faríamos isso.

— Sério, Zigs. — Viggo se aproxima, seus olhos fixos nos meus. — Estamos sempre do seu lado. Os três amigos, certo?

Eu sorrio e engulo para afastar o nó que está na minha garganta.

— Sim. Três amigos.

— Abraço de biscoito recheado? — Ollie abre os braços.

— Abraço de biscoito recheado — Viggo concorda.

Suspirando, eu passo entre eles e os deixo me esmagarem como o recheio de um biscoito, como sempre fizeram. Finjo que odeio, mas secretamente amo isso – a pressão deles, o conforto de seus aromas e vozes familiares. Eu amo minha família, mesmo quando eles estão me irritando. E neste momento, sinto um pouco de uma raiva fria, que venho guardando desde aquele jantar de domingo, se derreter dentro de mim.

— Por melhor que isso seja — murmuro. — Saiam de cima de mim e saiam do meu apartamento.

— Tudo bem — Viggo suspira. — Mas primeiro, que tal você explicar por que você e o melhor amigo bad boy de Ren foram fotografados lado a lado na semana passada?

— Quero dizer, só se você quiser explicar — Oliver diz diplomaticamente. — Sem pressão. Conte-nos quando quiser...

Viggo o golpeia onde alcança em meio a nosso abraço em grupo.

— Oliver, sobre o que conversamos?

Oliver o golpeia de volta.

— E por "sobre o que conversamos?" você quer dizer: "o que você me disse que iria fazer que eu discordei firmemente"?

— Meus camaradas, eu estou bem aqui.

Eu sou ignorada.

— Você tem uma ideia melhor para investigar isso? — Viggo sibila.

Eu os empurro para sair do meio da animosidade física crescente e estendo a mão para a porta.

— Vocês dois, fora!

Eles se voltam para mim, paralisados em um quadro de membros emaranhados e hostis.

— Ziggy — Viggo diz docemente —, só queremos ter certeza de que você está bem.

Oliver empurra Viggo para longe e se aproxima de mim.

— Nós amamos você, Zigs, e respeitamos sua privacidade. É só... estranho não sabermos o que está acontecendo, muito menos quando você começa a sair com alguém realmente... diferente de você.

Cerro os dentes e forço um sorriso.

— Sebastian é um amigo. É isso. Ele pode parecer muito diferente de mim na superfície, mas há partes dele...

Eu penso sobre as pequenas maneiras que Sebastian me mostrou que há uma bondade profundamente carinhosa sob seu exterior duro na semana passada, que – embora eu não saiba exatamente por que ou o que causou isso – ele é alguém

que não se conecta com muita gente e tem dificuldades para saber como ser melhor.

— Existem partes dele que são mais parecidas comigo do que vocês pensam — eu termino a fala. — Agora saiam daqui. Vá relaxar com seu namorado — digo a Oliver. — E você — digo a Viggo —, volte para quaisquer travessuras não tão furtivas que você está tentando manter em segredo em Escondido.

Viggo me olha boquiaberto.

— Sim — eu digo com um sorriso, reunindo meus dois irmãos em direção à porta. — Eu não sou tão alheia quanto você pensa. Adeus, vocês dois. Amo vocês.

Oliver corre para a porta da minha geladeira, então pega um novo queijo palito ao sair.

Viggo franze a testa enquanto eu o empurro para trás.

— Mas...

Eu pego o romance de fantasia que ele estava lendo de onde ele o abandonou no balcão da minha cozinha, então o enfio em seu peito, empurrando-o para a entrada.

— E da próxima vez que você quiser "fazer uma visita", bata na porta primeiro.

18

ZIGGY

Música da Playlist: "Somewhere in Between", Morningsiders

Há uma batida – pelo menos, *acho* que há – na minha porta enquanto me sento, enrolada na minha cadeira de leitura com um livro abandonado no meu colo. Eu franzo a testa para a porta, esperando para ver se ouço de novo, mas não escuto, então volto a falar ao telefone com Charlie, que faltou ao treino hoje, doente por causa de um resfriado.

Ela e eu não nos falamos desde que voltamos do jogo fora de casa no fim de semana passado e eu tive que pegar a estrada – bem, de avião – com a Seleção Nacional para alguns amistosos internacionais. Acabei de voltar ontem à noite, então arrastei minha bunda para fora da cama para ir ao treino do Angel City esta manhã, mas Charlie estava doente, então estamos atualizando uma à outra agora.

— Então — diz ela. — Você chutou algumas bundas durante os amistosos internacionais e teve uma ótima cobertura da imprensa, o que é incrível. Suas notícias e estatísticas de mídia social ainda estão subindo, o que significa mais visibilidade e influência na imagem pública – isso também é bom. A especulação sobre você e aquela peste, no entanto, não é o que deveria, mas inevitável, suponho.

Ela está falando sobre o último burburinho da mídia social pelas fotos de Sebastian e eu depois da nossa manhã de ioga raivosa mais recente. Antes de eu viajar para os meus amistosos, Sebastian me surpreendeu iniciando planos para outra sessão de ioga de manhã cedo, antes de eu pegar meu voo: uma sessão cheia de rugidos, xingos e muito suor ao som de um punk rock estridente.

Surpreendentemente, fiquei tão absorta na ioga e depois no meu enorme café da manhã (eu estava morrendo de fome) que não pensei *muito* nos beijos. Após nosso rápido café da manhã no mesmo local da última vez, nos separamos, ambos apressados, sem ao menos um abraço platônico de despedida. Não importa, no entanto. Como Sebastian previu naquela primeira noite no restaurante, haverá suposições contínuas de que ele e eu podemos ser mais do que amigos.

Sabendo o quanto Charlie desaprova Sebastian, decido ignorar esse comentário.

— Não posso reclamar — digo a ela. — Rory (minha agente) diz que tenho algumas novas oportunidades promissoras de patrocínio que ela está avaliando, mas o melhor de tudo, estou lhe dizendo, foi diferente quando eu estive com a Seleção Nacional, o tempo todo. Não apenas durante os jogos, com o quão bem eu joguei, mas viajando, treinando – eu até dei uma entrevista e só me embaralhei um pouco nas minhas palavras. Ninguém foi indelicado ou hostil comigo na equipe,

é claro, mas desta vez eu apenas me senti... vista e respeitada de uma forma que nunca me senti antes. Foi *bom*.

Eu ouço o sorriso na voz de Charlie.

— Isso é ótimo, Zigs. Você merece isso. Fico feliz que esteja funcionando como você queria.

— Obrigada, amiga, eu...

Aí está de novo. Definitivamente outra batida. Eu franzo a testa, porque ninguém deveria estar batendo na porta do meu apartamento. Eu não convidei ninguém.

Se isso é Viggo e Oliver tentando ser educados depois do arrombamento que eles fizeram no fim de semana passado, não é fofo. É irritante. É um crime querer uma noite de sábado aconchegante, curtindo ter um bate-papo com minha melhor amiga e a previsibilidade reconfortante de reler um romance favorito?

— Desculpe, Char. — Eu me levanto da minha cadeira, cruzando meu apartamento até a porta. — Alguém acabou de bater aqui. Vou ver quem é.

— Só não abra a porta de vez. Verifique pelo olho mágico antes. Você é uma celebridade agora. Quem sabe quem está lá fora.

Eu dou uma risada.

— Eu não sou uma celebridade.

— Bem, você definitivamente não é mais "uma ruiva misteriosa" também.

Paro perto da porta, encostada na parede. Quem quer que seja, pode esperar um minuto enquanto termino de falar com minha amiga.

— Eu vou tomar cuidado. Prometo.

— Bom. Vou desligar e te liberar. Preciso tomar mais antialérgico e tomar banho de novo para lidar com essa sinusite. Minha cabeça parece que tem alguém martelando.

Eu sorrio. Charlie sempre está cheia de gírias engraçadas como essa.

— Boa ideia. Cuide-se. Lamento que você esteja se sentindo tão mal, Char.

— Ah, tudo bem. Isso é o que acontece quando Gigi e eu tomamos conta de sua sobrinha. Eu sempre pego algum resfriado dela. Mas ela é fofa, então vale a pena.

Eu sorrio, pensando em meus sobrinhos, a pequena Linnea e o bebê Theo, que definitivamente compartilharam alguns resfriados comigo, depois de noites sendo babá deles, repletas de aconchegos e abraços.

— Deite e descanse um pouco — digo a ela.

— Vou fazer isso. Boa sorte amanhã. Desculpe, vou deixá-la sozinha para cuidar do meio-campo.

— Bem, desta vez vou deixar passar, mas depois de amanhã, chega de me abandonar. Sentirei sua falta lá. Nos falamos depois do jogo, ok?

— Ok. — Ela espirra alto e, pelos sons de um *baque* seguido por sua voz distante, deixa cair o telefone. — Tchau, Zigs!

A ligação é desconectada, coloco o telefone no bolso e vou até a porta, espiando pelo olho mágico. Ainda bem que não estou mais segurando meu telefone, porque eu também o deixaria cair.

Sebastian Gauthier está do outro lado da minha porta. Encostado na parede oposta, ele parece estar dormindo – com a cabeça para trás, os olhos fechados e as mãos nos bolsos.

Ele ficou um pouco quieto alguns dias depois da nossa grande noite, minimamente comunicativo ao agendar a ioga raivosa. E então ele voltou a aparecer depois da noite de quarta-feira, quando enviei uma mensagem de texto com o link para um artigo realmente positivo sobre ele. Apresentava fotos de Sebastian com as crianças presentes e seus companheiros de equipe na arrecadação de fundos do rinque de patinação, bem como uma foto de nós dois sorrindo um para o outro durante o café da manhã após a ioga raivosa, dizendo que parece que ele finalmente virou uma nova página – um grande ganho para o pessoal de Relações Públicas.

E o que ele fez?

Ele respondeu com dois pontos de exclamação e não disse uma palavra desde então. Malditas respostas curtas: onde a profundidade por meio de mensagens acaba morrendo.

Então, por que o Sr. Resposta Curta & Caladão está aqui?

Curiosa, destranco a porta e a abro.

— Sebastian?

Seus olhos se abrem de repente quando ele dá um solavanco, então se desencosta da parede. Limpando a garganta, ele passa a mão pelo cabelo, não do jeito que ele faz quando quer arrumá-lo, mas do jeito que eu já aprendi que ele mexe quando está inquieto.

— Ei, Ziggy.

Eu o encaro, enquanto borboletas ganham vida em meu estômago e vibram em meu corpo. Meus dedos das mãos formigam. Meus dedos dos pés se contorcem.

Ele está um pouco amarrotado – jeans desbotados que parecem velhos e adoráveis abraçando suas poderosas pernas de jogador de hóquei, mesmo caídos por sua óbvia perda de peso. Sua camiseta verde-acinzentada clara – aquela que eu amo, aquela que faz seus olhos se destacarem – está amassada e larga demais em seus ombros. Há tanta tatuagem para olhar, mais do que eu já vi, tecendo seus braços e bíceps, espreitando suas clavículas.

Estou corando. Suponho que esteja, sabendo como minhas bochechas estão quentes. Limpando a garganta, abro a porta.

— Você, uh... quer entrar?

Ele parece hesitar, a meio caminho entre a parede e a minha porta.

— Sim. Se estiver tudo bem.

— Claro. Claro. Sim. — Eu me inclino atrás da porta e me escondo por um segundo enquanto a abro para ele, fazendo

uma careta para mim mesma. Eu poderia agir de forma mais estranha?

Entrando no meu apartamento, Sebastian passa por mim, saindo do caminho, para que eu possa fechar a porta. Ele fica parado meio estranho, como um gato pronto para fugir, a tensão envolvendo seu corpo enquanto ele enfia as mãos nos bolsos. Não há nada do homem indiferente e sarcástico que entrou na minha casa apenas algumas semanas atrás, transformou meu jeans em shorts e me criticou por todo o meu guarda-roupa ser formado por roupas esportivas.

— O que há de errado, Sebastian?

As palavras saem da minha boca antes que eu possa contê-las, mas na maioria das vezes é assim que as coisas acontecem comigo. Sou extremamente honesta, não apenas no que compartilho, mas no que pergunto. Frankie diz que é revigorante, mas, pensando bem, ela também é autista – ela aprecia minha franqueza. Nem todo mundo aprecia, no entanto. Eu aprendi isso da maneira mais difícil.

Lentamente, Sebastian olha em minha direção, seu olhar percorrendo meu rosto e meu cabelo. De repente, lembro-me de que meu cabelo molhado está enrolado em minha toalha favorita com estampa de dragão, como um turbante. Minhas mãos reflexivamente tocam minha toalha enquanto Sebastian olha para ela, levantando o canto da boca.

— Dragões, hein?

Eu limpo minha garganta, deixando minhas mãos caírem.

— Eles são meus répteis favoritos.

Seu sorriso se aprofunda, e meu coração martela em meu peito.

— Eu não sabia que criaturas imaginárias eram válidas para serem consideradas favoritas.

— Quem disse que eles são imaginários?

Ele pressiona a língua em sua bochecha.

— A ciência?

— Não há ciência que refute a existência de dragões.

— Exceto o fato de que nunca vimos um.

— Só porque não vimos algo não significa que não exista. — Cruzo os braços sobre o peito e apoio um pé na parede enquanto descanso contra ela. — Algumas das mais belas descobertas vieram por meio da busca persistente em uma possibilidade da qual a maioria das pessoas estava pronta para desistir.

Sebastian inclina o quadril no balcão da cozinha, os olhos dançando pelo meu rosto, até o turbante de toalha novamente.

— Justo.

— Então. — Eu me afasto da parede e passo por ele entrando em minha cozinha, antes de abrir meu armário de vidro. — Quer uma bebida? Você sabe, água ou algo do tipo? Está quente para caralho lá fora. Aposto que você está com sede. Você veio andando?

Ele se vira, me observando, então balança a cabeça.

— Não, estou livre da bota ortopédica. Eu vim dirigindo. E não, obrigado. Estou bem.

Eu abaixo minha mão que estava a caminho do armário.

— Certo. Claro.

— Eu... trouxe as roupas que você deixou na minha casa que usou na pista de patinação. — Ele olha por cima do ombro para minha mochila. — Brincos de arco-íris, macacão preto, tênis cano alto e meias felpudas. Isso era tudo, certo?

— Sim, era. Obrigada.

Sebastian olha para mim, trocando o peso do pé, inclinando-se com mais força contra meu balcão. Por fim, ele diz:

— Sinto muito por ter sumido na semana passada.

Meu coração dá cambalhotas. Não fui a única que notou, então, e nem a única que sentiu que havia um significado no silêncio entre nós. Isso não deveria importar para mim. Mas definitivamente importa.

— Oh. — Eu dou de ombros, virando e encostando no balcão também, esticando minhas pernas. — Está tudo bem. Quero dizer, você sabe. Amigos fazem isso.

Ele olha para suas mãos, girando um de seus anéis.

— Bem, eu não sei nada sobre isso. Talvez alguns saibam. Não sou especialista nisso de amizade. Mas... não acho que esse seja o tipo de amigo que quero ser para você.

Eu mordo meu lábio.

— Está tudo bem, Sebastian...

— Não faça isso — diz ele, olhando para mim. — Não pegue leve comigo. Você nunca pegou leve antes. Você é diferente. *Nós* somos diferentes. Exatamente como você me disse.

Com a menção do que eu disse na semana passada, a memória de nossos beijos parece tão tangível entre nós, é como se, por um momento, fosse uma terceira pessoa na sala, irrompendo, cheia de cor, calor e brilho. Mas então me lembro do que ele disse depois, embora tenha dito que nossos beijos foram bons, embora sua resposta entusiástica parecesse indicar que ele se divertiu tanto quanto eu:

Você me pediu para ser seu amigo, Ziggy, e dificilmente mereço isso, mas gostaria de ser. Não peça mais de mim, por favor.

Eu disse a mim mesma que honraria esse pedido. E pretendo, mesmo que tenha pensado *muito* sobre o que exatamente "mais" poderia significar.

Deixando de lado os pensamentos sobre beijos, pigarreio e encontro o olhar de Sebastian.

— Ok. Bem, nesse caso, eu estava preocupada com você.

Um músculo em sua mandíbula salta. Ele acena com a cabeça.

— E eu... meio que senti falta de conversar com você.

Seus olhos fixam nos meus.

— Sim. Eu... senti falta disso também.

Tento não sorrir ao ouvir isso, mas falho. Torcendo minha boca, eu tento esconder o sorriso.

— É por isso que você está aqui? Ou foi só para deixar as roupas?

Um suspiro pesado o deixa. Sebastian leva as mãos ao rosto e o esfrega com força.

— Eu acho que sim. Quero dizer... não eram apenas as roupas. Sequer foi por causa das roupas. — Suas mãos caem. — Porra, eu não sei, eu não tenho experiência com isso. Estou me debatendo, tentando encontrar meu caminho. Eu quero estar perto de você sem ser um idiota depravado que apenas provoca você ou enfia a língua na sua garganta, mas claramente essa não é uma habilidade que passei muito tempo desenvolvendo.

Eu quase digo a ele que realmente não me importo com a provocação, porque Deus sabe que eu gosto de retrucar. Quase digo a ele que gostaria que ele já tivesse enfiado a língua na minha garganta de novo. Que eu senti muita saudade disso, de *tudo* isso, de tudo o que sinto e experimento quando estou ao lado de Sebastian.

Mas ele me disse seu limite. Ele me disse o que ele quer. *Amizade*. Nada que comprometa sua amizade com Ren. Nada que o faça sentir como se tivesse cruzado a linha comigo em um lugar que o deixa desconfortável.

Eu vou respeitar isso.

Mesmo que eu tenha certeza de que desenvolvi uma paixão muito séria por Sebastian Gauthier. Mesmo que eu sinta a

possibilidade de algo mais crepitar no ar entre nós, uma atração magnética dentro de mim, me puxando para ele.

— Bem... — Eu me afasto do balcão. — Nós nos demos bem na ioga raivosa, antes de eu ir embora. Sem babaquice depravada. Ou... línguas na garganta.

Sebastian solta outra respiração pesada.

— Sim.

— Claro, as coisas ficaram quietas aqui e ali, mas o silêncio foi de ambas as partes. Estamos apenas descobrindo como fazer isso funcionar, Sebastian. É provável que haja percalços no caminho. Agora você está aqui. Eu estou aqui. E nós dois sentimos falta das conversas. Então, vamos sentar e... conversar.

Sebastian olha para minha cadeira de leitura, o único assento que tenho. É superdimensionado, o suficiente para acomodar duas pessoas de tamanho médio. Ele e eu, no entanto, não somos pessoas de tamanho médio. Sebastian limpa a garganta.

— Eu ficarei de pé.

— Não. — Eu começo a passar por ele, pegando sua mão e puxando-o comigo. — Posso sentar no chão, me esticar no tapete. Eu preciso fazer meus alongamentos noturnos de qualquer maneira...

De repente, minha mão é puxada e sou trazida de volta para Sebastian, fazendo-me tropeçar nele.

Ele olha para mim, seu polegar circulando minha palma.

— Desculpe. Eu... — Ele balança a cabeça. — Desculpe. Eu só acho que...

Parada, procuro olhar em seus olhos.

— Você acha que...? — Eu falo gentilmente.

— Eu acho... — Sua mão desliza pelo meu braço, me puxando para mais perto. — Talvez eu precise de... um abraço. Se você estiver, uh, confortável com isso.

Um sorriso levanta minha boca. Isso é tudo que ele precisava? Eu me pergunto por que foi tão difícil pedir isso.

Então me lembro de como ele deu um passo para trás assim que saí de nosso café da manhã no início desta semana, como quase não peguei aquela deixa não-verbal a tempo de esconder o fato de que estava prestes a abrir os braços e dar um abraço de despedida nele. Eu levantei meus braços para esticar sobre minha cabeça, reclamando sobre como Yuval havia chutado nossas bundas.

Ele não queria um abraço na época. E ainda assim ele quer um agora?

Talvez porque a última vez que você colocou as mãos nele, você praticamente se jogou nele? Talvez por que ele não tinha certeza se poderia pedir um simples abraço sem que você tentasse grudar a sua boca na dele de novo?

Certo. Bem. Esta é minha chance de mostrar a ele que posso abraçá-lo, apenas como amigos.

— Claro que você pode ter um abraço — digo a ele. Tendo pensamentos platônicos, envolvo meus braços gentilmente em seu pescoço. Sebastian se aproxima de mim, mas devagar, quase como se estivesse resistindo a isso.

Ele não parece ter muito mais conhecimento sobre abraços platônicos do que sobre amizades. Então eu espero, dando-lhe tempo para sentir. Cuidadosamente e de forma hesitante, ele envolve seus braços em volta das minhas costas e me puxa para perto. Nossos peitos se tocam, corações batendo um contra o outro.

E então, pouco a pouco, sinto seu corpo relaxar, a tensão deixar seus ombros conforme eles abaixam, o ar encher seus pulmões de forma lenta e fácil.

— Pronto — eu digo a ele, raspando meus dedos gentilmente em sua nuca e o cacho de seu cabelo. — Você pegou o jeito.

— Porra — ele murmura contra o meu pescoço. — Abraços são bons.

Eu sorrio em seu ombro.

— Sim, eles são.

Por um tempo, nós apenas ficamos lá, Sebastian com seus braços em volta de mim, os meus em volta dele, queixos nos ombros um do outro.

— Desculpe — ele sussurra.

Eu passo meus dedos pelas pontas de seu cabelo novamente.

— Você não precisa se desculpar por precisar de um abraço, Sebastian.

Ele me aperta um pouco, me puxando para mais perto, e exala pesadamente.

— Bem, eu também sinto muito por ter aparecido sem ser convidado em seu apartamento. Você tem um jogo amanhã. Eu não deveria mantê-la acordada. — Ele começa a se afastar. — Eu devo ir.

— Espere. — Eu travo meus braços em volta do pescoço dele, segurando-o lá. — Apenas... calma.

Ele suspira contra mim e gradualmente aumenta seu aperto novamente. Mas ele não diz nada.

— *Eu* não quero que você vá a menos que você queira ir — digo a ele. — *Você* quer ir?

Ele hesita e, depois de alguns segundos, balança a cabeça.

— Então fique. Converse comigo.

Ele se afasta um pouco, sua mão se demorando no meu quadril, o movimento de seu polegar em minha cintura enviando ondas de calor sob minha pele.

Limpando a garganta, Sebastian dá um passo desajeitado para trás, passando a mão nervosamente pelo cabelo.

— Vamos — eu digo a ele. Desta vez, ele me deixa enfiar meus dedos nos dele e puxá-lo para a sala de estar do meu estúdio. — Senta. — Gentilmente, empurro seus ombros até que ele caia na minha cadeira de leitura.

Eu firmemente afasto as memórias que o movimento evoca, dele caindo em um tipo diferente de cadeira – a espreguiçadeira em seu deck – e de mim sentada em seu colo.

Definitivamente, estamos fazendo a escolha certa, sentados em dois lugares diferentes.

Afundando no chão, eu me sento também e acomodo minhas pernas em uma ampla abertura.

— Você fica sentado e conversa. Eu vou me alongar e ouvir.

Sebastian olha para mim enquanto eu me inclino para frente entre minhas pernas, alcançando os dedos dos pés e puxando-os até sentir um puxão agradável em meus tendões. Ele leva os nós dos dedos à boca e suspira.

— Tenho me sentido uma merda.

Eu congelo, mantendo contato visual, ficando quieta, ouvindo como prometi a ele que faria.

— Então — ele suspira —, eu conversei com a Dra. Amy, ela é a clínica geral da equipe, e fiz alguns testes. É por isso que sumi esta semana – passei por várias consultas e tive diversos diagnósticos para ver.

Minha mente é tomada por medos horríveis. Ele está doente. Há algo de errado com ele. Meu coração se aperta de maneira terrível e sufocante e começa a pesar em meu peito.

— Desde que eu era criança — diz ele, ainda esfregando os nós dos dedos na boca —, minha barriga, sempre... sempre tive esses episódios em que ela doía para caramba. Uma dor aguda e penetrante. Às vezes eram frequentes. Então as dores sumiam por dias, semanas. Eu ficava com essas dores por toda parte, uma dor de cabeça maçante e persistente. Era como se uma névoa se instalasse em meu cérebro, e tudo doía. Eu só queria me enrolar em uma bola e dormir. Meu padrasto dizia

para eu virar homem, parar de choramingar e mentir, dizia que eu estava fingindo para chamar a atenção, o que não era verdade..., mas eu aprendi a passar por isso, ignorar e aceitar.

— Quando eu estava no ensino médio, descobri que a maconha ajudava com a dor. O álcool foi uma boa adição, apenas... me entorpecia. — Ele funga, deixando cair a mão, brincando com seus anéis. — Mas ultimamente tem sido tão ruim que eu sabia que não podia ignorar, então contei tudo isso à Dra. Amy, e ela fez um monte de exames de sangue, alguns outros testes, e descobri que eu tenho, entre todas as merdas, doença celíaca.

O ar sai de mim. Eu deixo cair minha testa no chão.

— Ziggy?

Prendo a respiração e me sento, piscando para afastar as evidências de que estava à beira das lágrimas.

— Eu pensei que você estava prestes a me dizer que estava morrendo.

Ele franze a testa para mim.

— Bem, quero dizer, *posso* morrer de coração partido por nunca mais poder comer o chocolate Milky Way, que é uma das milhares de coisas que não posso mais comer. Não vou mentir, estou um pouco arrasado. Eu amo Milky Way para caralho. Mas não, não estou morrendo.

— Ok — eu expiro, engolindo o nó na minha garganta. — Excelente. Bom. Ótimo. Quero dizer, não é *ótimo* que você

tenha doença celíaca – isso realmente é uma porcaria – mas é, você sabe, bom, que você não está... morrendo.

Sebastian se inclina, colocando os cotovelos sobre os joelhos, a boca inclinada para cima no canto.

— Você está chorando?

— Não — eu digo a ele, alcançando minha perna direita e me curvando sobre ela, o que convenientemente esconde o fato de que eu posso estar prestes a chorar.

Seu pé cutuca o meu. Eu estreito meus olhos para ele. Aquele idiota está sorrindo. Pela primeira vez, ele está sorrindo de verdade, com dentes brancos e brilhantes e covinhas longas e profundas. Isso o *transforma*. Pequenas rugas nos cantos daqueles adoráveis olhos cinzentos, uma leve covinha no queixo.

Claro, logo agora que ele solta aquele sorriso devastador em mim, quando estou em crise.

Uma crise em que eu só conheço esse cara há duas semanas, em que metade delas passamos principalmente brigando enquanto concordávamos que nem éramos amigos de *verdade*, e ainda assim eu estou prestes a perder a cabeça com a hipótese de que algo estava seriamente errado com ele.

— Sigrid — ele diz, cutucando meu dedo do pé com o dele novamente. — Você realmente pensou no pior, não é?

Eu limpo minha garganta, mudando meu alongamento para a outra perna, recusando-me a olhar para ele.

— Talvez.

— Bem, você não pode comemorar ainda.

Eu olho para ele.

— Isso não é engraçado.

Sebastian olha para mim, seu sorriso desaparecendo.

— Você me conhece há duas semanas. O que você teria a perder?

— Muitas coisas irritantes — digo a ele, cutucando seu pé de volta. — Sua obsessão idiota com seu cabelo. Seu hábito de desviar uma comunicação autêntica e sincera com seu humor autodepreciativo e seu sarcasmo. Sua... tendência irritante de me surpreender com uma gentileza quando eu tinha pensado que você era um idiota egocêntrico.

Suas sobrancelhas se erguem. Ele me encara.

— Eu ainda sou um idiota egocêntrico — ele finalmente diz. — Agora sou apenas um idiota egocêntrico com uma doença autoimune que fode meu estômago.

Recosto-me apoiando as palmas das minhas mãos no chão, olhando de volta para ele. Estou aprendendo quem é o Sebastian. Aprendendo que as palavras são sua espada e escudo. Que ele as maneja ferozmente para manter tudo sob controle. Vejo nele o que tenho visto bastante em mim nos últimos anos – um desejo desesperado de mudanças, de se curar e crescer, e um medo ainda mais desesperado do que isso exige, de como será... e todos os jeitos que posso me machucar enquanto eu tento seguir esse desejo.

Portanto, não digo nada em resposta àquele comentário familiar de autocondenação. Não posso vencer esta batalha de palavras com Sebastian Gauthier. Mas talvez um dia eu possa vencer a guerra *mostrando* a ele que não acredito no que ele diz sobre si mesmo, mostrando a ele o bem que vejo nele, através do simples ato de tempo e presença, até que eu só possa esperar que um dia Sebastian veja em si mesmo o que eu também vejo.

— Sinto muito — digo a ele. — Doença celíaca é uma merda. Quero dizer, é bom que você tenha noção disso agora, então você irá lidar de maneiras muito melhores. Mas ter ciência da doença, algo que facilita um pouco, não significa que lidar com isso daqui para frente será fácil ou divertido, ou que você não possa se sentir triste por não poder comer Milky Ways.

— Ou uma pizza decente — ele murmura, caindo para trás na cadeira, pegando o romance que eu deixei lá e folheando as páginas. — Ou rosquinhas. Ou baguete. Ou torta de chocolate. Ou um pão de brioche. — Ele deixa o livro de lado e passa as mãos pelos cabelos. — É ridículo que eu esteja tão infeliz com todas as comidas que não posso mais comer. É só comida.

Eu cutuco seu dedo do pé com o meu.

— Comida não é apenas comida, no entanto. É conforto e lembrança. São as receitas de família e as refeições compartilhadas com amigos. A comida é um ponto de apoio para a so-

cialização e para relacionamentos, e agora você não pode apenas comer qualquer coisa. Você tem que pensar no futuro e dizer às pessoas suas necessidades alimentares e explicar a elas novamente quando forem idiotas sobre isso ou, pior, bem-intencionadas, mas ainda sim não entenderem. Você provavelmente vai acabar comendo acidentalmente algo que te machuca de vez em quando, e ir a um restaurante vai ser uma droga até você encontrar lugares que tenham boas opções sem glúten. É algo grande. É uma doença que interrompe e altera fundamentalmente seu estilo de vida, afeta seus relacionamentos. É muito válido ficar chateado com isso.

Ele olha para mim e suspira.

— Bem, pelo menos a parte do "afeta seus relacionamentos" não está em jogo, já que não tenho nenhum.

— O cacete você não tem — eu digo a ele, levantando-me, colocando minhas mãos em meus quadris. Sebastian olha para mim, os olhos procurando os meus. — O que eu sou, então? E Ren?

Lentamente, ele se senta também e aperta as pontas dos meus dedos.

— Alguém já te disse que você tem toda essa vibe de uma valquíria durona, quando você fica irritada?

— Pare de desviar o assunto, Sebastian Gauthier.

Ele prende o lábio entre os dentes, ainda olhando para mim.

— Mas sou quase tão bom em desviar o assunto quanto sou no hóquei.

Eu arqueio uma sobrancelha.

Ele suspira, seus dedos ainda deslizando ao longo dos meus.

— Você está certa — diz ele em voz baixa. — Eu só não queria falar sobre isso, porque não gosto de me sentir... derrubado, impotente, como se houvesse algo de errado comigo.

Eu viro minha palma, deslizando nossas mãos juntas.

— Sim. Eu te entendo. Tudo bem se sentir assim, sabe? Não sou muito boa nisso, mas estou trabalhando nisso com meu terapeuta. Em me permitir sentir as coisas, mesmo quando são difíceis.

— Eu não sinto que está tudo bem — ele murmura, olhando para nossas mãos emaranhadas, pegando as minhas e traçando meus dedos. — Eu não sei como fazer isso. Ficar bem com o fato de não... estar bem.

Eu o observo enquanto ele examina minha mão, então eu faço algo que meu cérebro de lagarto claramente disse para minha outra mão fazer, porque antes que a parte muito mais sensata e racional do meu cérebro possa dizer que essa é uma má ideia, minha mão livre desliza suavemente pelos seus cabelos.

— Você aprende na prática e mais prática. Como qualquer coisa em que você queira ficar bom. Pouco a pouco. A passos de formiguinha.

Seu polegar desliza ao longo do meu dedo indicador e uma sensação agridoce se instala no meu estômago. Meus dedos sendo tocados não deveriam me excitar assim.

Sebastian se inclina em meu toque enquanto penteio suavemente seu cabelo.

— Como dou esses passos de formiguinha?

— Bem, acho que é diferente para cada um. Para mim, eu me permito reconhecer o meu "não estar bem", meus sentimentos difíceis, que podem ser muito, *muito* intensos. Isso é difícil para mim. Então, se começo a sentir que eles são demais para guardar, e geralmente eles são, eu uso o que meu terapeuta chama de "tolerância ao sofrimento".

— Tolerância ao sofrimento? — Ele vira o rosto apenas o suficiente para que as palavras sejam sussurradas contra a palma da minha mão, quentes e úmidas contra a minha pele.

Um arrepio percorre meu corpo.

— Algo que ajuda você a navegar intensamente por emoções ou situações difíceis. Muitas vezes, elas serão distrações. Distrações prazerosas. Distrações reconfortantes. Distrações *saudáveis*, de preferência.

Ele geme na palma da minha mão e eu arqueio reflexivamente, só um pouco, espero que não o suficiente para que ele perceba.

Acho que ele percebe. E eu penso, que talvez ele esteja um pouco nervoso como eu também, porque ele vira o rosto, até que seus lábios roçam a palma da minha mão.

— Distrações, hein? — Ele respira contra a minha pele. — Distrações agradáveis e reconfortantes?

Engulo em seco, passando meus dedos por seu cabelo, muito tensa simplesmente por sua boca roçar minha mão. Sebastian se inclina mais perto e coloca sua testa contra meu quadril em uma expiração pesada.

— Distrações saudáveis — ele sussurra, pressionando sua testa com mais força em meu quadril, soltando outra respiração. — Certo.

— Distrações felizes — eu sussurro. Minha voz sai rouca e irregular. Em algum lugar nos últimos dez segundos disso... seja lá o que isso for, meus olhos se fecharam, e eles continuam assim. Tudo o que sei é a escuridão suave e doce, o peso de sua cabeça contra o meu estômago, seus dedos emaranhados nos meus.

— Eu acho... — Ele pigarreia asperamente. Sua voz também é rouca e irregular. — As distrações felizes e saudáveis podem ser algo totalmente oposto a mim.

— Isso não é verdade.

Lentamente, ele se afasta. Abro meus olhos gradualmente, atordoada enquanto olho para ele. Eu forço minha mão a deixar seu cabelo, mas não antes de meu polegar roçar sua orelha. Suas pálpebras tremem por um segundo.

— Como assim? — Ele pergunta.

Eu sorrio, colocando minhas mãos em seus ombros.

— Hóquei. Faz você feliz e saudável. E se for como o futebol é para mim, considerando sua agenda exigente e desgastante, eu diria que funciona como uma distração também.

Sua testa se franze.

— Huh. Eu nunca pensei nisso dessa forma.

— Como você pensou nisso?

Ele inclina a cabeça para trás, com um sorriso grande e seus olhos prateados, mas há algo diferente nisso, algo suave na forma como ele olha para mim.

— Como algo em que sou incrível para caralho.

Reviro os olhos, mas uma risada ainda escapa.

— Bem, reformule isso. O hóquei te mantém ocupado, e é algo que claramente te traz alegria, te faz muito bem. Distração feliz e saudável. Em breve, você estará de volta, mas não está disponível para você esta noite, então... quer tentar outra coisa?

Suas mãos se acomodam em meus quadris, me trazendo para mais perto.

— Outra coisa?

Eu o encaro, em guerra comigo mesma. Eu quero tanto empurrá-lo para trás, montar em seu colo, colocar meu quadril contra o dele e beijá-lo até ficar sem fôlego novamente.

Amigos! A voz da razão me lembra. *Ele só quer ser seu amigo!*

Amigos. Certo. Eu posso fazer isso.

— Algo... relativamente saudável — eu explico. — Envolve muito açúcar, mas não vai te deixar doente. E envolve chocolate também, então acho que vai te deixar muito feliz.

Seus olhos se iluminam.

— Estou ouvindo.

19

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Transatlantique", Beirut

— Isso é... doido. — Dou outra mordida no bolo de chocolate sem farinha e o saboreio, o gosto amanteigado e meio amargo, derretendo na minha língua. — É sem glúten. E não tem um gosto horrível.

Ziggy sorri para mim enquanto engole seu pedaço de muffin de frutas vermelhas (sem glúten).

— Muito bom, não é?

Eu a encaro à medida que ela se vira para assistir o pôr-do-sol da minha varanda no segundo andar, apreciando a dramática ironia de estar sentado aqui com ela quando apenas duas semanas atrás ela estava me encarando enquanto eu estava miserável e vestindo só cueca.

— Muito bom — eu concordo.

— Estou feliz que você gostou. — Ziggy dá outra mordida em seu muffin, mastigando-o pensativamente. — Rooney, minha cunhada – aquela que eu enviei uma mensagem mais cedo e que enviou a lista de itens essenciais sem glúten para a cozinha – foi quem recomendou esta padaria. Ela disse que comer dessa maneira é bem administrável, contanto que você

tenha bons substitutos, e isso inclui uma boa padaria substituta.

— Minha barriga agradece e minha cozinha também.

Ziggy sorri.

— Compras de supermercado online são uma coisa linda.

— Normalmente eu concordaria, mas não esperava que fosse linda. Achei que estaria vasculhando cada maldito item para provar que não contém glúten. Você, no entanto, salvou o dia.

Eu uso meu garfo para cortar o bolinho, então estendo minha mão em direção a ela com um bom pedaço com chocolate na ponta do garfo.

— Quer provar?

Ela sorri para mim, os olhos se iluminando.

— Achei que você nunca iria perguntar.

— Bem, com nosso histórico com milkshake de chocolate, era oferecer a você um pedaço ou ser roubado.

Ela ri enquanto se inclina, segurando minha mão para guiar o garfo em sua boca, e então, solta um gemido.

— Uau, isso é bom.

Eu encaro sua boca enquanto ela fecha os olhos, saboreando sua mordida.

Deus, estou me torturando olhando para ela, mas não consigo parar. Querê-la, negar-me de tê-la, é o tipo de dor que me consome no mesmo nível que o treino mais difícil no rinque – me deixa com músculos tremendo, os pulmões queimando, o

suor escorrendo por todo meu corpo. Foi assim que Ziggy nomeou isso naquela primeira noite no restaurante. Uma dor boa.

— Mais um pedaço — ela murmura, guiando minha mão com o garfo, quebrando outro pedaço de bolo de chocolate e levando-o à boca. Deslizo meu polegar pela mão dela, só para sentir sua pele, quente e macia.

— Por que você não pediu um desse também? — Eu pergunto. — Você gosta de chocolate, obviamente.

Ela encolhe os ombros, sentando-se enquanto coloca os pés no corrimão da minha varanda.

— Chocolate é muito bom para eu comer tudo de uma vez. Eu só gosto de comer aos poucos.

— Não é o que parece quando consome todos os meus milkshakes de chocolate e smoothies de café da manhã.

Ela revira os olhos.

— Ah, vamos lá, eu não bebo *muito* deles.

— Sendo-lhe franco, Sigrid, você bebe.

— Sendo-lhe franco! — Ela ri. — Agora, quem está falando como um nerd?

Eu ri também.

— Talvez eu seja um grande nerd e você simplesmente não sabia disso. Sou um homem de muitos mistérios.

Ziggy olha em minha direção, sua expressão mudando para uma feição suave, curiosa. Algo que me faz querer beijá-la. Muito.

— Eu sei que você é.

Eu a encaro, dizendo a mim mesmo para fazer o que me prometi que faria – ficaria forte, manteria minhas mãos para mim. Não vou me permitir puxá-la para o meu colo e beijá-la até que seu cabelo e o céu tenham a mesma cor de fogo de tirar o fôlego, até que tudo que eu conheça seja aquela beleza brilhante em chamas em volta de mim, a brisa do mar misturando-se com seu cheiro doce e limpo e a suavidade acetinada e quente de sua pele sob minhas mãos.

Com isso em mente, expiro lentamente, de forma constante. Mas é difícil fazer isso, quanto mais pensar direito, quando Ziggy também me encara.

Lentamente, ela se inclina. Prendo a respiração, dizendo a mim mesmo que não vou deixá-la me beijar, *se* é que ela vai me beijar. Deus, eu quero que ela me beije. Deus, eu não deveria querer que ela me beije...

Ela passa o polegar pelo canto da minha boca, depois o leva para a sua e o limpa com a língua.

— Viu? — Ela sussurra. — Exatamente como eu gosto. Um pouquinho.

Eu não conseguiria falar nem se quisesse. Eu mal consigo respirar. O pôr-do-sol banha seu rosto com uma luz alaranjada, que faz seus olhos brilharem. Ziggy cora, com a cor de pêssego-rosa estampando suas bochechas enquanto ela olha para mim.

E então ela se inclina novamente. Eu... bem, eu também me inclino.

Porque eu sou fraco. Tão fraco, para caralho, por ela.

Estamos próximos, tão próximos.

E então meu telefone toca, meu aplicativo de segurança emitindo um som que significa que minha campainha tocou.

Xingo baixinho e abaixo a cabeça. Ziggy pula da cadeira tão rápido que quase deixa cair o muffin na varanda, fazendo malabarismos antes de pegá-lo com firmeza.

— As compras chegaram! — Ela fala animada, passando por mim em direção às portas que levam para dentro.

Eu caio de volta na espreguiçadeira e passo minhas mãos pelo meu cabelo.

Geralmente, sou um amante de entregas de supermercado, pelo fato de que tudo o que preciso comer, por uma pequena taxa e gorjeta, pode ser entregue na minha porta sem que eu tenha que sair do conforto de casa ou encarar as pessoas.

No momento, nunca odiei tanto uma entrega de supermercado.

— Bem, Sigrid. — Dobro o último saco de papel da entrega do supermercado e o coloco no balcão da cozinha. — Estou impressionado.

— Impressionado? Por quê? — Ela coloca uma caixa de pão de milho sem glúten na prateleira da minha despensa e pega as caixas de macarrão sem glúten no balcão ao lado dela.

— Apenas... com o quanto você sabe sobre alimentação sem glúten. Quais marcas são boas, quais são ruins. Olhe para tudo isso. Eu tenho tudo que eu poderia imaginar, e mais um pouco.

Ela olha por cima do ombro, sorrindo para mim.

— Eu disse a você, é tudo devido a Rooney. A lista é dela. Ela é a verdadeira especialista em coisas sem glúten. Acrescentei apenas algumas coisas minhas que peguei ao longo do tempo, coisas que notei que atenderam aos padrões culinários do meu irmão.

— Os padrões culinários de *seu irmão*?

— Axel é quem faz as refeições na família deles — explica ela. — Rooney não consegue cozinhar nem se sua vida dependesse disso.

— E quem tem doença celíaca é Rooney?

— Não. — Ela alinha as massas sem glúten por tipo, endireitando as caixas. — Ela tem colite ulcerosa. Eles descobriram que comer coisas sem glúten ajuda com os sintomas dela.

— Verdade. — Abro meu freezer para adicionar as pizzas sem glúten que Ziggy adora.

— Muita gente come assim. É muito mais comum do que costumava ser, então isso é uma fresta de esperança. Opções

mais saborosas para você do que para pessoas que foram diagnosticadas há alguns anos. E você pode pagar por tais opções.

— Sim, isso é um fato. Essa merda é cara.

Ela se vira, procurando por algo no balcão.

— Sebastian, eu não queria me intrometer mais cedo, quando estávamos na padaria pegando nossas guloseimas, e você perguntou se eu sabia alguma coisa sobre mantimentos sem glúten, não apenas assados prontos de padaria, porque eu estava mais do que feliz em ajudar, mas... seu chef pessoal não poderia cuidar disso para você? Seu assistente? Você pode pedir ajuda a eles com isso, você sabe.

Chego tão perto de engolir as palavras, guardando-as para mim, mas caramba, ela tem esse poder irritante de arrancar minha honestidade como se houvesse um anzol que ela enfiou dentro de mim e tudo o que é preciso é um pequeno puxão para fisgar as palavras.

— Eu não gosto de outras pessoas na minha casa. É o meu lugar seguro e não parece seguro quando as pessoas estão andando por aí o tempo todo. Eu não tenho um assistente. Ou um chef pessoal.

Ela pisca para mim, claramente surpresa.

— Oh, tudo bem.

— Surpresa que o Sr. Riquinho não tem um lacaio para todas as necessidades possíveis? Chocada por eu não pagar alguém para limpar minha bunda?

Ela joga um saco de pãezinhos sem glúten na minha cabeça, o que não seria grande coisa se não estivessem congelados.

— Cristo, você tem a mão pesada.

Ela olha para mim, mas é um olhar brincalhão.

— Você tem que admitir que passa essa vibe de atleta profissional que é muito refinado e chique.

— Eu admito — digo a ela, pegando os pães e lendo os ingredientes. Aparentemente, existem doze grãos diferentes que fazem um bom assado sem glúten. E goma xantana[3]. Tudo tem goma xantana.

Ziggy fecha a distância entre nós e pega os pacotes de mim.

— Eu só estava brincando sobre ser refinado, ter um chef e um assistente pessoal. Essas parecem ser necessidades razoáveis para alguém tão ocupado e ativo quanto você. Talvez você devesse procurar um, pelo menos um chef.

Eu dou de ombros, classificando o resto do que está no balcão em itens de despensa, freezer e geladeira.

— Eu gosto de cozinhar às vezes. Eu faço grandes lotes de comida e depois as congelo.

— Bem, eu já pedi a Axel para me enviar suas melhores receitas, então vou encaminhá-las para você quando as receber.

Eu olho para cima.

— Você pediu? Quando?

---

[3] A goma xantana é um aditivo alimentar, formado a partir da fermentação de açúcares convencionais e muito utilizado em alimentos sem glúten.

— Enquanto você nos levava até a padaria.

— Você só... pediu a seu irmão isso... por mim.

Ela me dá um olhar engraçado.

— Sim. Algo de errado com isso? Não disse para quem era, apenas um amigo. Respeito sua privacidade, Sebastian.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Não, eu não estava preocupado com isso, eu só... Isso é gentil da sua parte. Ter feito isso. Obrigado.

— Oh. — Ela dá de ombros. — Sem problemas. — Voltando-se para as prateleiras, ela acrescenta os itens da despensa que alinhou, claramente com algum sistema organizacional em mente.

— Então Rooney, a esposa de Axel, ela se sente melhor? — Eu pergunto. — Comer sem glúten? Tipo, constantemente faz a pessoa se sentir melhor?

Ziggy acena com a cabeça.

— Sim. Espero que você também, em breve. Ei, você tem a farinha sem glúten aí?

Afasto o sorvete de massa de biscoito sem glúten que Ziggy recomendou, depois pego um grande saco de farinha sem glúten que promete ser um substituto fácil da farinha típica.

— Aqui.

— Jogue para mim.

Jogo o saco na direção de Ziggy, depois volto para os itens restantes do freezer no momento em que ouço um *estalo audível*, seguido por seu suspiro.

Quando me viro, Ziggy está coberta de farinha.

Coberta.

— Puta merda. — Dou a volta na ilha, pego uma toalha de mão e a levo para Ziggy, onde ela está de pé, os olhos bem fechados, a boca aberta em surpresa. — Fica parada. Eu te ajudo.

Eu limpo a farinha de seu rosto o melhor que posso, o suficiente para que ela possa abrir os olhos. Ela olha para mim.

— Eu disse para *jogar*, Sebastian, mas não direto na minha cara.

— Eu não joguei direto na sua cara!

Ela começa a rir, o som fumegante e suave em sua garganta.

— Claramente, você não conhece sua própria força.

Eu mordo minha bochecha, tentando não rir também, enquanto tiro a farinha de seu cabelo.

— Você está uma bagunça, Sigrid.

— Graças a *você.* — Ela me cutuca na cintura, olhando para mim.

Eu me esquivo de sua próxima cutucada, dando-lhe um olhar de advertência.

— Como eu ia saber que ia explodir em você?

— Ah, não sei, talvez porque obviamente tinha um buraco? — Ela aponta para a trilha de farinha que segue o arco de como joguei o saco. Então ela levanta o pacote onde ela deixou cair no balcão, apontando para a ruptura nele.

— Eu não vi isso, eu juro.

— Claro que não. — Ela deixa o saco de lado e olha para a farinha em sua mão, depois para mim, um sorriso diabólico iluminando seu rosto. — Eu deveria sujar você em vingança. É justo.

Olho para a farinha em sua mão e depois para ela.

— Ziggy. Nem pense nisso...

Um tapinha suave no meu rosto me silencia. Farinha sopra no ar.

Eu fico boquiaberto.

— Você acabou de me dar um tapa! Com *farinha*!

— Eu bati em você — diz ela, trazendo a outra mão para o outro lado do meu rosto. Outro sopro de farinha surge no ar. — E agora você está simétrico.

— Ooh, mulher, você está em apuros. — Eu finjo pegar a farinha passando por ela, e ela grita, disparando para longe, circulando o balcão. Girando ao redor da ilha, eu a pego pela cintura e a puxo para mim.

— Sebastian! — Ela grita, seguida por uma risada cheia de farinha. — Isso faz cócegas...

— Cócegas, é? — Eu sorrio quando ela solta uma gargalhada e se debate quando meus dedos dançam por sua cintura até seus quadris. — Uma cócega brutal é o mínimo que você merece depois disso...

— Foi você quem jogou farinha na minha cara!

— *Sem querer!*

Ela grita quando eu tento tocar sua axila, então gira em meus braços antes que eu possa mantê-la presa a mim e mergulha os dedos na minha cintura. Eu pego seus pulsos e os seguro, levantando-os para longe da minha cintura.

— Eu vou te falar, Sigrid, você tem pés rápidos, mas quando se trata de coordenação entre mão e olhos... — Balanço minha cabeça, respirando pesadamente. — Nem tente me vencer.

Ela também está respirando pesadamente.

Somos dois atletas profissionais. Não deveríamos soar tão ofegantes depois de uma rápida perseguição e uma luta de cócegas em torno de uma ilha de cozinha.

— Algo que vocês jogadores de hóquei não entendem — ela diz, pressionando em mim até que nossas frentes se toquem e eu caio contra a borda do balcão da ilha —, e que os jogadores de futebol entendem: há mais estratégias para vencer do que golpes *fortes* e velocidade brutal. — Prendo a respiração, mal segurando o impulso de arquear os quadris e me esfregar nela. — É tudo uma questão de tempo e ritmo. Paciência até que aquele momento perfeito apareça e você tenha a chance perfeita. Tipo... essa.

Sou embalado por suas palavras, distraído, meu aperto fica frouxo em seus pulsos. Ela gira os braços, libertando-se habilmente, antes de suas mãos voarem para minhas axilas.

Uma série de palavrões me deixa, e leva cinco segundos, o que é cinco segundos a mais do que o necessário, antes que eu

consiga pegar seus braços novamente e impedi-la de me fazer cócegas.

Curvando-me, jogo-a por cima do ombro, fazendo-a gritar.

— Sebastian! O que você está fazendo?

— Sendo a pessoa madura. Jogando você no chuveiro.

— Eu não preciso de um banho — ela protesta.

— Com todo o respeito, Ziggy, você precisa.

— Sebastian, cuidado com o pé! Eu não sou pequena. Ponha-me no chão... Uau, você é forte.

Dou o primeiro salto rapidamente enquanto subo, segurando-a com força.

— Meu pé está bom. Estou insultado por você estar tão surpresa com a minha força.

— Só estou dizendo que não conheço muitas pessoas que conseguem jogar uma mulher de um metro e oitenta por cima do ombro e subir as escadas, muito menos com um pé que mal se curou.

— Bem, essa pessoa aqui pode, então se acostume.

— Oh, é? Esse hábito de bombeiro de me levar por aí em seus ombros será um novo elemento básico de nossa amizade?

Deus, queria eu. Eu poderia me acostumar a jogar Ziggy por cima do ombro e arrastá-la para cima, jogá-la na minha cama, beijar seu corpo inteirinho...

Eu balanço minha cabeça, banindo esses pensamentos da minha mente. Prometi a mim e a ela que não iríamos por esse

caminho. Eu apenas disse a ela que estava sendo uma pessoa madura e quero ser – o melhor de mim, para ela, *com* ela.

— Se você for tão teimosa assim, no futuro — eu digo a ela —, e se você planeja tentar essa merda de cócegas de novo, então sim, o hábito de bombeiro definitivamente vai permanecer.

Gentilmente, eu me agacho, colocando-a de pé no banheiro de hóspedes.

— Vou trazer uma toalha e algumas roupas para você se trocar, ok?

Ela olha para mim, um pequeno sorriso puxando sua boca.

— O quê?

Seu sorriso se alarga.

— Você parece muito engraçado.

— *Eu* pareço engraçado? Sigrid, você já se viu?

Ela se vira, olhando para seu reflexo no espelho, e imediatamente cai na gargalhada.

— Oh, Deus. Foi pior do que eu pensava.

O cabelo dela está branco como pó, a farinha ainda polvilha as sobrancelhas, os cílios e as roupas.

— Viu? Eu disse que você precisava de um banho. — Eu desvio meu olhar, porque se eu ficar aqui, vou fazer algo que não deveria, como girá-la e pressioná-la contra a pia, então beijá-la até que ela esteja suspirando e implorando, até que estejamos tão fundidos um no outro, com a farinha me cobrindo do jeito que cobre ela.

— Já volto — digo a ela.

Depois de pegar uma toalha, uma calça de moletom, uma toalha de rosto e uma camiseta, volto para o banheiro, congelando enquanto ela tira o moletom e o joga de lado. A camiseta dela escorrega de seu ombro, revelando uma mancha de sardas pintando sua pele. Ela leva as mãos aos cabelos e começa a desamarrar o rabo de cavalo.

— Aqui está. — Jogo tudo ao lado da pia e começo a arrastar a porta para fechá-la.

Quando ouço um ganido, seguido por uma sequência sussurrada de sueco, congelo. Ziggy só parece murmurar em sueco quando está realmente chateada.

— Você está bem? — Eu pergunto.

— Este prendedor de cabelo está apenas... muito atado, e está puxando meu cabelo. Estou bem. Vou tirá-lo.

— Você... — Abro a porta um pouco mais, olhando para ela. — Você precisa de ajuda?

Ela morde o lábio.

— Sim. Talvez. Só por favor, não puxe. Eu sou... muito sensível.

Eu passo atrás dela, gentilmente assumindo onde o elástico de cabelo está emaranhado em seu cabelo.

— Eu vou tomar cuidado.

Nós dois estamos quietos enquanto eu trabalho. Ziggy espana-se mais, tirando a farinha do rosto sobre a pia, sacudindo-a do cabelo à medida que se solta do elástico. Concentro-

me em soltar delicadamente cada mecha, sem pressa, com cuidado para não puxar o cabelo dela enquanto faço.

Finalmente, solto o prendedor do cabelo e o coloco no balcão.

— Aqui está.

Sua mão se estende e encontra a minha, então a segura. Ela me dá um de seus apertos firmes típicos de Ziggy. Lentamente, ela se vira e me encara.

Ela parece quase ela mesma agora, a maior parte da farinha saiu de seu cabelo, sobrancelhas e cílios.

— Obrigada. — Suas mãos vêm para o meu rosto, limpando a farinha do lugar, eriçando os pêlos na minha nuca.

É muito difícil ficar aqui, com nossos corpos quase se tocando e as mãos dela segurando meu rosto.

— Não me agradeça — eu digo baixinho.

— Que pena. Já agradeci. — Ela estende a mão para o meu cabelo, tirando farinha dele também.

Eu limpo minha garganta rudemente, lutando contra a dolorosa vontade de me pressionar contra ela, de empurrá-la contra a pia e provar sua boca novamente. Estou há uma semana sem beijá-la e estou quase enlouquecendo de vontade de fazer isso de novo.

Eu não posso beijá-la novamente. Eu *não* a beijarei.

Eu tento me forçar a recuar, mas sou fraco e desesperado, então, em vez disso, viro meu rosto para a mão dela, como fiz esta noite. Cristo, estou praticamente acariciando-a.

— Você colocou farinha no meu cabelo também?

Seu toque permanece por um momento em meu cabelo antes que ela tire a mão.

— Um pouco. Mas principalmente, ele ficou desgrenhado na luta de cócegas. Eu só estava consertando do jeito que você gosta.

De repente, o banheiro está silencioso, exceto pelo *barulho* fraco e constante da água pingando da torneira. Eu a encaro, sentindo um puxão bem entre minhas costelas, me atraindo. Eu quero segurá-la perto. Eu quero tocá-la e prová-la, conhecê-la e ouvir seus suspiros satisfeitos. Quero sentir a força e a suavidade de seu corpo e beijar cada sarda salpicada em sua pele.

Ziggy se aproxima de mim. Eu me inclino para ela também.

Suas mãos se acomodam em meus cotovelos, as minhas em seus quadris. Nossas cabeças se inclinam, chegando mais perto. Nossos narizes se encostam. Eu cerro minha mandíbula, lutando contra a atração do desejo ardente que pulsa pelo meu corpo.

Você pode fazer isso, Seb. Seja forte. Seja o amigo que você disse a ela que quer ser.

Devagar, com cuidado, solto meus braços de seu aperto, então a envolvo, segurando Ziggy em um abraço de urso no meu peito.

— Obrigado — eu digo a ela.

Eu sinto seu sorriso contra o meu ombro.

— Pelo quê?

— Por me deixar atrapalhar sua noite. Por roubar uma grande mordida do meu bolo de chocolate... Ei! — Eu empurro sua mão para fora da minha cintura, onde ela me cutucou, tentando aquela merda de cócegas novamente. — Por fazer compras online comigo. Por me ajudar. E, uh... pelo abraço, mais cedo. Foi bom.

Virando a cabeça, ela coloca o queixo no meu ombro e aperta os braços em volta da minha cintura.

— Este é um abraço muito bom que você está dando também, sabe.

— Aprendi com a melhor.

Ela sorri contra o meu pescoço, então lentamente se afasta, olhando para mim. Eu também a encaro. Nossos olhos se fixam enquanto minha mão começa a circular suas costas, enquanto a dela desliza ao meu lado. Não sei quem faz isso primeiro, mas nossos quadris roçam, depois nossos peitos. Nossas bocas estão tão próximas.

A garganta de Ziggy engole em seco. A minha também.

Você prometeu que não faria. Pela primeira vez, deixe sua promessa significar algo.

Gentilmente, eu me afasto, embora tudo em mim grite para me inclinar e beijá-la até que ambos desmoronemos no chão, sem sentido, sem fôlego, perdidos um no outro.

— Você é uma boa amiga, Ziggy Bergman.

Ziggy morde o lábio e me dá um sorriso largo que parece como se algo estivesse faltando, uma peça perdida em um quebra-cabeça que não consigo identificar.

— Eu sei que você não acha, mas você também é, Sebastian Gauthier.

Abruptamente, ela sai de meus braços, alisando o cabelo para trás. Ela se vira e se olha no espelho, inspecionando-se.

— Acho que devo ir para casa agora. Vou tomar banho lá.

Eu quero discutir, dizer a ela para tomar banho aqui, relaxar, vestir minhas roupas, deitar e comer todos aqueles salgadinhos sem glúten comigo.

Mas então penso em como os últimos cinco minutos foram difíceis, em quanta tortura ainda vou me submeter, ouvindo seu banho, imaginando toda aquela pele pálida e cheia de sardas, nua e molhada, as bolhas de sabão e gotas de água escorrendo por sua garganta, por seus seios, seu estômago, indo direto para...

Deus, o calor que arde através de mim, só de pensar nessas palavras. Ela *definitivamente* deveria ir para casa e tomar banho lá.

Eu limpo minha garganta, então abro a porta do banheiro.

— Parece... — Minha voz é grave. A situação da *coisa* sob a braguilha de minha calça está dolorosamente apertada. Eu limpo minha garganta, então finalmente consigo dizer a ela — parece uma boa ideia.

20

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Fire and the Flood", Vance Joy

Estou acordando após ter tido somente três míseras horas de sono, depois de ficar rolando na cama a maior parte da noite, logo após ter deixado Ziggy em casa, duro como uma rocha, recusando-me a me masturbar porque sabia que seria pensando nela, e estou determinado a não me deixar ir por esse caminho mais. Não vou deixar minha atração por ela mudar o que está crescendo entre nós, não vou me deixar comprometer a confiança e o conforto que estamos construindo.

Dito isso, acho difícil dormir quando estou muito excitado, e minha mente estava vagando com pensamentos que eu tinha que continuar arrastando de volta para a via platônica, onde eles pertenciam. Então, embora eu tenha vindo ao seu jogo de domingo em casa, como disse que faria, definitivamente estou me sentindo e parecendo pior, as olheiras sob meus olhos escondidas firmemente atrás de óculos escuros, um café gelado na minha mão enquanto me sento sob o sol quente de setembro.

O estádio está enchendo lentamente, mas já estou aqui há algum tempo, tentando me recompor enquanto tomo meu café, aproveitando o sol de domingo.

Minha perna sobe e desce, o nervosismo por Ziggy zunindo por meus membros. Estou sempre tranquilo e imperturbável quando eu jogo, mas a ideia de vê-la suportar aquela pressão e expectativa me deixa com um aperto no peito.

Pego meu telefone, pensando em enviar uma mensagem para ela. Mas eu não deveria.

Eu deveria?

Um amigo enviaria uma mensagem.

Não é?

O que diabos você tem a dizer que ela queira ouvir? Ela não precisa de você desejando boa sorte. Ela não precisa de você para nada.

Certo. Eu coloco meu telefone no bolso, então tomo meu café novamente.

— Gauthier. — A voz de Frankie estala no ar, e eu me assusto tanto que quase derramo café em mim.

Minha agente se senta ao meu lado em seu assento na primeira fila do estádio, porque é claro, uma vez que eu disse a ele que estava vindo, Ren garantiu que tivéssemos assentos próximos.

Frankie parece formidável como sempre, a encarnação da mulher de negócios fodona. Top preto sem mangas com decote em V, shorts de linho preto, seus tênis Nike Cortez pretos de sempre, com o logotipo prateado na lateral. Ela está com o rabo de cavalo escuro enfiado em um boné preto da Angel City com o logotipo de anjo rosa e grandes óculos escu-

ros escondendo os olhos. Sentando-se em seu assento, ela aninha a bengala entre as pernas e flexiona os dedos sobre o cabo, fazendo com que a pedra que ela usa em seu quarto dedo brilhe bem em meus olhos. Como uma pessoa pode ser tão aterrorizante?

— O que... — ela diz baixinho enquanto olha para o campo —, o que *diabos* você está fazendo?

Eu estava esperando por isso. Era apenas uma questão de tempo até que ela me encurralasse e ameaçasse cortar minhas bolas se eu fodesse com tudo – com minha melhora na reputação, com Ziggy, com tudo isso.

Bebendo meu café e me recompondo, me acomodo ainda mais em meu assento, com os olhos no campo.

— Estou assistindo ao jogo de futebol da minha amiga.

Ela bufa, ainda olhando para o campo, em seguida, sorrindo quando o time sai e ela avista Ziggy. Também estou observando Ziggy por trás dos meus óculos de sol. Ela parece incrível em sua camisa branca do time, alta, serena, completamente confiante enquanto corre e começa a se aquecer. Seu cabelo está caindo pelas suas costas em uma trança apertada, e ela sorri quando uma de suas companheiras de time se inclina, dizendo algo para ela.

Meu peito dói só de olhar para ela. Porra, dói.

— Sua "amiga", hein? — Frankie arqueia uma sobrancelha e me lança um olhar incrédulo de soslaio. — Como vocês dois se tornaram "amigos"?

— A ioga tem um jeito de unir as pessoas.

Frankie vira a cabeça na minha direção.

— Você disse *ioga*?

— Sim — eu digo a ela, ainda observando Ziggy, que passa a bola para sua companheira de time, então se vira e faz algumas corridas no lugar com o joelho elevado. Eu pondero minhas palavras, tentando descobrir como evitar a verdade sem dizer uma mentira a Frankie também. — Nós nos encontramos no seu casamento e conversamos. Então nós... nos conectamos por meio de ioga raivosa.

— "Ioga raivosa" — ela repete com ceticismo. — O que é isso?

— Estou surpreso de que você não tenha ouvido falar disso. Considerando o quanto você ama ioga e o quanto está se chateando comigo basicamente desde que começamos a trabalhar juntos, poderia apostar que você tinha descoberto isso anos atrás.

Frankie agarra sua bengala, tamborilando com os dedos nela.

— Eu não tenho estado chateada com você, Seb. — Ela olha de volta para o campo, sua expressão é séria. — Fiquei decepcionada.

Essa palavra me atinge com força. Teria sido menos terrível se ela tivesse me dado um tapa.

Fiquei decepcionada.

Estou tão familiarizado com essa frase, todas as maneiras em como "decepcionei" as pessoas – meu padrasto, minha mãe, meus professores e treinadores – quando estava com raiva, agindo mal, frustrado, desesperado por algum tipo de alívio e pausa de tudo reprimido dentro de mim. Fiquei tão cansado de tentar ser bom, apenas para perder o foco e depois decepcionar as pessoas, que parei de tentar. Então, quando descobri que decepcionar as pessoas – principalmente meu pai e padrasto – me dava poder sobre elas, não havia como voltar atrás.

— Bem — eu suspiro, passando a mão pelo meu cabelo. — Isso é ainda pior.

Sua boca se ergue no canto.

— Eu sei. Mas é verdade. Em boa parte, sim, estou com raiva de você. Mas na maioria das vezes, eu me sinto muito triste por você ter esse dom incrível, um nome e um legado que você está construindo e... é desse jeito que você faz com isso. Se machuca. Machuca outras pessoas. Eu quero o melhor para você. — Ela dá de ombros, ajustando os óculos para que fiquem mais próximos dos olhos. — Porque eu me importo com você.

Eu a encaro, estupefato.

— Você se importa?

— Sim, seu idiota. — Ela cutuca meu dedo gentilmente com a bengala. — De olho no campo. Sua amiga viu você.

Minha cabeça estala em direção ao campo no segundo que eu processo isso, meu coração tropeçando no meu peito. Ziggy está perto da linha lateral, com as mãos nos quadris, sorrindo para mim.

O sol irrompe por entre as nuvens naquele momento, derramando-se sobre ela, transformando seu cabelo em fogo escarlate, lançando um brilho dourado no topo de sua cabeça, como uma auréola.

Eu suspiro pesadamente.

Seu sorriso se intensifica, antes de seu olhar finalmente ir para Frankie, para quem ela acena e manda um beijo com as duas mãos, antes de se virar e correr de volta para o campo, onde suas companheiras de equipe fizeram um círculo.

— Então. — Frankie me lança outro olhar. — Essa... ioga raivosa. Conte-me mais.

Eu limpo minha garganta, desviando meu olhar de Ziggy.

— É uma prática que abre espaço para processar emoções reprimidas e difíceis. Estou usando isso para lidar com minhas merdas de uma maneira mais construtiva do que passatempos estúpidos e comportamento imprudente. Ziggy... ela tem que se permitir sentir essa merda em primeiro lugar, e essa ioga a ajuda a fazer isso. É bom. Para nós dois.

Frankie ergue as sobrancelhas.

— Bem. Isso soa... saudável. E... platônico, suponho.

Esfrego os nós dos dedos na boca, lembrando-me de nossa primeira ioga raivosa, de como era segurar Ziggy, alguém que

percebi naquele momento que eu me importava, sem depender de uma atração em prol de brincar com ela. Não parecia com nada que eu compartilhei com alguém antes, amigo ou não. Parecia novo, raro e... desnorteante. Mas bom. Muito bom.

E então eu penso sobre as duas últimas sessões de ioga raivosa que fizemos, seus palavrões suecos, o jeito que ela me desafiou a fazer mais chaturangas do que ela quando Yuval estava com os olhos fechados e não podia nos repreender por quebrar a sequência de seu fluxo de ioga. Como ela fez uma cara de pateta quando Yuval nos deu uma pose difícil para caramba que fez as costas de Ziggy estalar audivelmente.

Eu sorrio contra meus dedos, meu olhar fixo nela.

— Amigos — Frankie reflete, observando Ziggy no campo, seus dedos tamborilando na bengala.

Ziggy *é* minha amiga. Em apenas algumas semanas, experimentei e compartilhei com ela mais em um nível emocional do que com qualquer pessoa, até mesmo com Ren. Ela me viu péssimo e me sentindo horrível. Ela me ajudou a alcançar com as duas mãos um futuro melhor. Fizemos compras, praticamos ioga, compartilhamos abraços, refeições e milkshakes. Nós brigamos e conversamos. Seja isso uma boa amizade ou simplesmente a bondade de Ziggy impregnando nossa amizade, apenas sei que não é nada que eu já conheci antes. Sei que é bom – não, é melhor que bom – e não trocaria isso por nada.

— É — digo a Frankie. — Nós somos amigos.

Frankie fica calada por um momento, olhando para mim enquanto Ren se acomoda em seu assento do outro lado dela e estende o braço na sua frente, apertando meu ombro em saudação. Eu aceno em sua direção, mas mantenho os olhos em Frankie em um pedido silencioso por debaixo dos óculos.

— Por alguma razão estúpida — ela murmura —, e contra o meu bom senso, eu realmente acho que acredito em você.

Eu fixo meu olhar em seus olhos.

— Se for para você acreditar em alguma coisa, acredite nisso: não tenho nada além de boas intenções com ela, de coração.

Frankie fica em silêncio novamente por um instante, antes de assentir lentamente.

— Bom.

De repente, há um barulho ao nosso redor além do zumbido das pessoas enchendo o estádio em um grau impressionante. Elas têm um público muito bom para o que eu sei ser um esporte em que o país está atrasado em apoiar, especialmente quando se trata da liga feminina. Olho para cima e sinto meu estômago se revirar.

— Ai, Jesus.

Um fluxo de pessoas muito altas, muito parecidas com os Bergmans, caminha em nossa direção.

Frankie sorri.

— Prova de fogo, Gauthier. Se prepare.

— Com licença, com licença, com licença. — Viggo, que eu reconheço quando ele se aproxima, com seus membros esguios, barba castanha espessa e cabelo bagunçado enrolado sob o boné, passa agilmente por cima de Frankie e sua bengala, mas consegue me dar uma joelhada na coxa e pisar direto no meu pé em recuperação.

Eu gemo, fechando os olhos quando ele se joga ao meu lado e oferece a mão.

— Seb, prazer em vê-lo novamente.

Eu ofereço minha mão, sabendo o que está por vir. Um aperto forte e esmagador.

— Também. — Eu aperto de volta para compensar a chance muito real de que ele está prestes a quebrar minha mão dominante.

O sorriso de Viggo muda para uma careta quando ele registra o que estou fazendo.

— Tudo bem? — Eu pergunto.

— Excelente — ele diz, enquanto concordamos mutuamente, de forma silenciosa, em parar de tentar quebrar os dedos um do outro e nos soltar. Um dos outros irmãos de Ziggy, Oliver, e o homem de quem me lembro ser seu parceiro e ícone do futebol, já aposentado, Gavin Hayes, passa por nós em seguida. Oliver sorri educadamente, Gavin me dá um breve aceno de cabeça por trás de um óculos escuros Ray-Ban.

— Hayes.

Ele resmunga um:

— Gauthier.

Eles sentam ao lado de Viggo antes que Oliver se incline, oferecendo sua mão.

— Havia muitos de nós no casamento, então vou apenas me reapresentar. Oliver Bergman.

— Não se preocupe — Frankie murmura do meu outro lado. — Ollie é bom demais para tentar quebrar sua mão.

— Bom ver você de novo, Oliver. — Aperto a mão de Oliver, aliviado ao descobrir que Frankie estava dizendo a verdade.

— Isso não deveria ser um problema em primeiro lugar — Ren entra na conversa, dando a Viggo um olhar significativo. — Ninguém tem motivos para quebrar a mão do meu amigo.

Viggo afunda em seu assento com um semblante malhumorado e puxa seu boné para baixo.

— Exceto que aparentemente ele também é *amigo* de Ziggy agora.

— E? — Eu pergunto.

Viggo me lança um rápido olhar de soslaio.

— Não faz sentido. O que alguém como você iria querer com alguém como ela?

Do outro lado dele, Oliver geme enquanto sua cabeça cai para trás.

— Não tenho certeza do que você quer dizer — digo a ele.

Viggo revira os olhos.

— Vamos. Você é um clássico libertino. E ela é uma clássica *wallflower*. Um libertino *sempre* tem um propósito quando esbarra em uma *wallflower*?

— E eu lá sou um tipo de ferramenta de jardinagem? E o que diabos é um *wallflower*[4]? Algum tipo de planta? Se isso é uma metáfora, é ruim.

Ele suspira cansado.

— Alguém não lê romance de época.

Eu o encaro, um pouco atordoado por ele dizer isso.

— *Obviamente.*

— É absolutamente óbvio. Deixando de lado os hábitos duvidosos de leitura, estou aqui para informar que estou de olho em você. Ela é inocente e gentil, e você é debochado e atormentado, e embora essa trope seja fofa na ficção, não é nada *fofa* na realidade, não quando o coração da minha irmã está em jogo e ela é ingênua demais para ver o que realmente está acontecendo.

Uma raiva feroz e automática pulsa através de mim. Como ele ousa pensar em Ziggy dessa maneira, *falar* dela dessa maneira? É condescendente e infantilizante. É tudo o que ela está tentando tanto superar e deixar para trás. E aqui está ele, apenas... se divertindo com isso.

---

[4] Wallflower é uma planta que costuma ficar em paredes, aos cantos; em romances de época, a expressão é muito utilizada para descrever as mocinhas que ficam aos cantos dos salões de baile, tímidas, nunca escolhidas para dançar.

— O que você acabou de dizer — digo a ele, apoiando os cotovelos nos joelhos e me inclinando, minha voz fria e dura —, a maneira como você a caracterizou, é como se você nem a enxergasse. Na verdade, esse é exatamente o seu problema. Você não acredita que ela seja uma mulher adulta. Ziggy não é "inocente", embora seja gentil. Ela tem uma cabeça no lugar e um grande coração. Ela não é uma otimista bobinha e que vive deslumbrada com tudo. Ela *escolhe* ver o melhor nas pessoas, sabendo muito bem que elas podem desapontá-la ou prová-la que ela se enganou. Mas ela acredita nelas de qualquer maneira; ela dá uma chance a elas. Ela é empática e graciosa com pessoas que francamente não merecem isso, e sim, eu me considero uma dessas pessoas de sorte, mas nem por um maldito minuto deturpe isso como ingenuidade. Ela sabe o que diabos está fazendo. E eu também. Ela é a porra da minha amiga, e é isso, está me ouvindo?

A boca de Oliver cai aberta.

As sobrancelhas de Gavin erguem-se acima dos óculos de sol.

Viggo me encara com os olhos semicerrados. E depois de alguns segundos tensos e silenciosos, a coisa mais estranha acontece. Os cantos de sua boca se levantam lentamente em um sorriso satisfeito. Então ele se recosta, apoiando um pé no joelho.

— Esplêndido.

Esplêndido?

Olho por cima do ombro para Frankie.

— O que diabos acabou de acontecer?

Ela olha curiosa para Viggo. Ele está sentado com um sorriso besta no rosto, as pernas balançando enquanto ele coloca as mãos em concha em volta da boca e aplaude alto, gritando o nome de Ziggy.

— Não tenho certeza — diz ela, ainda olhando para o cunhado. — Mas acho que não gosto.

— Somos dois — murmuro, de costas para o campo.

Acabo de encontrar Ziggy novamente quando recebo um tapinha gentil no ombro. Eu olho para trás e me assusto quando vejo uma pessoinha com cabelos escuros encaracolados, olhos azuis-claros e um sorriso idêntico ao de Ziggy.

— Linnie — diz Ren, com o braço esticado na parte de trás do assento de Frankie. Ele pega sua mãozinha delicadamente e a aperta. — Este é meu melhor amigo, Seb Gauthier. Você se lembra dele do casamento? Seb, você também a conheceu. Ela era a nossa florista. Esta é minha sobrinha, Linnie.

Eu estava bêbado para caralho no casamento dele, embora eu tenha uma vaga lembrança dessa garotinha, agora que penso nisso, usando um vestido amarelo-sol, rodopiando e jogando pétalas de flores na areia. Minhas memórias tarde da noite são mais confusas, exceto por cada momento no terraço com Ziggy. Esses estão gravados em meu cérebro, claros como cristal.

Eu tive *algum* autocontrole e me mantive sem beber muito no início, bebendo apenas um frasco até a cerimônia. Observei Ren ficar com seus irmãos, contando os segundos até que terminasse e eu pudesse engolir o resto do meu frasco, para entorpecer aquela dor oca que se abriu como uma crosta rachada quando não pude deixar de testemunhar Ren absorvendo cada passo que Frankie caminhou em direção a ele com lágrimas enchendo seus olhos, quando eu peguei Frankie sorrindo para Ren como ela sorria para mais ninguém, e percebi que nunca conheci esse sentimento. Que não tenho motivos para acreditar que algum dia conhecerei.

Piscando para deixar esses pensamentos de lado, eu aceno na direção da garotinha.

— Olá, Linnie. Bom ver você de novo.

— Seu nome é Seb? — Linnie inclina a cabeça, o movimento novamente igualzinho a como Ziggy faz. — Pensei que seu nome fosse Encrenca...

Uma mão bate em sua boca enquanto ela é puxada para trás. Olho para cima e vejo uma mulher loira que reconheço ser a irmã mais velha de Ren, Freya, colocando Linnie em seu colo. Um rubor rosa aquece suas bochechas, e *isso* me lembra Ziggy, embora de resto elas não sejam muito parecidas. Talvez um pouco com seus olhos largos, suas maçãs do rosto salientes e acentuadas. Mas é só. Freya tem cabelos ondulados quase loiros até os ombros, uma argola de prata no septo e olhos azul-gelo como os de Ren. Ela sorri um pouco nervosa e diz:

— Desculpe por isso.

— Ela não está errada. — Eu dou de ombros. — Eu não estou ofendido.

— Bem, olhe quem está aqui. — Uma voz calorosa e estrondosa põe fim à nossa conversa. Eu olho para o pai de Ren – Dr. B como todos o chamam –, se juntar a nós. Ele é alto e largo, um cara bonito que é claramente responsável pelo cabelo ruivo de Ren e Ziggy, embora o dele esteja branco e prateado já. Ele tem um daqueles sorrisos impossíveis de não achar charmoso, e me dá um tapinha no ombro, depois aperta, do jeito que Ren sempre faz. — Seb — ele diz, apertando mais uma vez, então soltando. — Bom te ver de novo! Como você está, filho?

Sinto uma pontada estranha no estômago por ser chamado assim. Não é ruim, é só... estranho. Meu pai nos abandonou quando eu tinha seis anos. Minha mãe se casou com meu padrasto, Edward, quando eu tinha sete anos. Apesar dos desejos da minha mãe, eu nunca chamei Edward de "pai" e ele nunca me chamou de "filho". Na verdade, não tenho lembranças de ter sido chamado de filho por alguém.

Eu limpo minha garganta e forço um sorriso, tentando encobrir o fato de que estou quieto há mais tempo do que deveria.

— Estou bem, Dr. B, obrigado por perguntar. Me comportando pela primeira vez.

Ele sorri.

— Bem, isso é bom. Mas espero que não *muito*. Estar no seu melhor comportamento o tempo todo torna as coisas terrivelmente chatas.

— Ei. — Frankie se vira e bate em seu braço gentilmente. — Não o encoraje.

Ele solta uma risada calorosa e estrondosa, então se vira quando sua esposa, Elin, se acomoda em seu assento ao lado dele, segurando um bebê que usa fones de ouvido azuis com cancelamento de ruído sobre cabelos macios tão loiros quanto os dela. O Dr. B pega o bebê, apoiando-o no ombro e dando tapinhas em suas costas.

— Então, Seb, o que te traz aqui?

Elin sorri para mim, e é *daí* que Ziggy o puxou – o sorriso tímido e curioso, um sorriso de Mona Lisa. Ela olha para o campo e avista Ziggy. Seu sorriso se intensifica enquanto ela acena.

Olhando de volta para o Dr. B, eu digo a ele:

— Na verdade, estou aqui por... Bem, por isso é que eu...

— Ele é *amigo* de Ziggy — Viggo fornece por cima do ombro, arqueando as sobrancelhas para o pai de forma significativa.

Dr. B olha para Viggo, uma sobrancelha arqueada em resposta.

— Falando em se comportar, o que você tem a dizer sobre si mesmo ultimamente, Viggo Frederik?

Viggo pisca inocentemente, levando a mão ao peito.

— Quem? Eu?

— Sim, você — diz o Dr. B, deslocando o bebê em seu ombro e balançando-o suavemente quando ele começa a se agitar. — Você não tem estado muito por perto. Há semanas a cozinha da sua mãe e a minha não parece que uma bomba de farinha explodiu.

A imagem de Ziggy, coberta de farinha, piscando para mim, como nossas bocas estavam próximas, inunda minha memória. Eu limpo minha garganta e me mexo na cadeira, me sentindo como um ser humano desprezível por ter pensamentos eróticos sobre Ziggy e farinha quando estou cercado por sua família.

— Oh, você sabe, eu estive ocupado. — Viggo dá de ombros. — Um pouco disso, um pouco daquilo.

— Mhmm. — Dr. B não parece satisfeito, mas se distrai com a entrada de outro membro da família – um homem que reconheço como o marido de Freya, Aiden, que pega sua filha e lhe dá um beijo na bochecha, depois sopra um ar em seu pescoço, o que a faz gritar.

— Papai, esse é o Encrenca! — Ela grita, apontando na minha direção.

Freya afunda em seu assento e enfia as palmas das mãos nos olhos.

— Por que ela ouve *tudo* que eu não quero que ela ouça?

— Oi, Encrenca — diz Aiden. Uma risada me escapa. É inesperado e gentil, um pouco conspiratório, o modo como

ele sorri ao dizer isso e estende a mão, a qual eu aperto. — Bom te ver de novo. Não conversamos no casamento...

Porque eu estava bêbado e de mau-humor no terraço. Deus, eu fui um idiota naquela noite.

— Sou um grande fã — diz ele. — Você e Ren, no gelo juntos, é uma coisa linda.

— Obrigado. Eu aprecio o carinho.

— Então. — Aiden se senta, colocando Linnie em seu colo e oferecendo a ela o que parece ser um saco de tecido reutilizável cheio de pretzels, gotas de chocolate e frutas secas. — O que eu perdi?

A família inicia uma conversa cujo ritmo e rapidez evidencia o quão próximos são, um conceito totalmente além de mim. Eu me viro, encarando o campo e percebendo que o campo está vazio, que elas saíram, presumivelmente se preparando no túnel para serem anunciadas formalmente.

Observo o time sair e depois se alinhar, as jogadoras titulares formando uma fileira organizada, ombro a ombro. Encontro Ziggy e sinto meu coração dar um pontapé terrivelmente irracional no peito.

— Seb. — Uma cutucada no meu ombro me faz olhar na direção de Ren, mais uma vez me lembrando das muitas razões que tenho para ignorar aquela dor que sinto quando olho para Ziggy. Com seu sorriso amável e familiar, meu melhor amigo diz: — Estou muito feliz por você estar aqui.

Não que eu esteja surpreso, mas é uma alegria ver Ziggy Bergman jogar futebol. Eu tenho apenas uma compreensão superficial do jogo, mas sei o suficiente para apreciar que ela é brilhante nisso. Como meio-campista, ela percorre uma grande extensão do campo sem parar, ao contrário das zagueiras atrás dela, que ficam atrás, protegendo sua posição do campo, ou das atacantes de seu time que trabalham por cima, pressionando o adversário.

Ziggy é tão rápida quanto Ren disse que ela era, disparando pelo campo, sua trança como um cometa de fogo contra a grama verde tão vívida quanto seus olhos. Ela é extremamente ágil para alguém tão alta, seus toques rápidos e precisos, seus movimentos tão velozes que ela deixou as jogadoras do Chicago tropeçando em seus calcanhares enquanto voava por elas.

Ela parece trocar de lugar frequentemente com outra meio-campista, movendo-se entre a linha lateral e o centro do campo, que é onde ela brilha, controlando a bola, dando passes com o pé direito, rápidos como um raio, para suas atacantes. Eu a observo dando uma assistência, depois outra, o time se amontoando em comemoração em cima dela e de uma das atacantes que tem cabelo roxo curto e que marcou os dois gols.

Não poderia ser mais óbvio para mim que ela está pronta para ser o coração do time. Espero que eles vejam o que eu ve-

jo. Na Seleção Nacional, cujos Reels do Instagram eu procurei assistir por completo, é óbvio pelas filmagens que incluem ela, que ela é tão vital para o sucesso do time, tornando-se tão fundamental também.

— Isso, tia Ziggy! — Linnie grita atrás de mim enquanto Ziggy rouba a bola de sua oponente no meio-campo, então avança pelo campo. Com uma finta perfeita – bem, é assim que o chamamos no hóquei; quem sabe como é chamado no futebol – ela engana a zagueira, fazendo-a seguir sua falsa ida para a direita, enquanto Ziggy muda de direção agilmente e corta com a bola para a esquerda.

Ela está se aproximando da goleira agora quando a última zagueira corre pelo campo e desliza para cima dela com um desarme maldoso digno de futebol americano. Ziggy é derrubada no chão e aterrissa com um forte golpe em seu ombro, seguido por sua cabeça, que bate na grama.

Meu estômago se transforma em um bloco de gelo. Meu coração está batendo forte. Porque agora, ela não está se movendo.

Cada Bergman ao meu redor prende a respiração.

— Levanta! — Viggo grita. Ele se levanta de seu assento. — Que diabos foi isso? Cadê o cartão amarelo, árbitro?!

— V. — Oliver o puxa de volta para seu assento perto da camiseta. — Senta. O árbitro vai decidir isso.

Frankie agarra sua bengala com força.

— Foi um ataque covarde.

Ren se inclina para a frente, cotovelos sobre os joelhos e suspira pesadamente.

— Sim.

— Ela está bem — diz Elin atrás de nós, as mãos cruzadas entre os joelhos. Ela está olhando para a filha, sua voz uniforme enquanto a treinadora corre para o campo, aqueles olhos azuis como gelo que ela deu a tantas das pessoas ao meu redor fixos em Ziggy, como se, por pura força de vontade, ela pudesse fazer sua filha se mover.

Viggo murmura algo baixinho, puxando o boné para baixo.

— Ela vai se levantar — diz Elin. — Ela sempre se levanta. Além disso... — Ela ergue as sobrancelhas, o olhar ainda fixo em Ziggy. — Ela já recebeu golpes piores de seus irmãos, jogando futebol no Chalé com formato de A.

— Isso — diz Viggo, virando-se e lançando um olhar exasperado para a mãe —, foi há muito tempo. E por que Freya não está incluída neste festival da culpa?

— Uh, por que eu nunca golpeei e derrubei minha irmãzinha com tanta força que a nocauteei? — Freya sugere, pegando o bebê de seu pai e o embalando, o que parece ser mais para seu benefício do que para o bebê, que, eu presumo em parte, graças aos fones de ouvido com cancelamento de ruído, dormiu nos braços de seu avô durante a maior parte do segundo tempo do jogo.

— Ok, quer saber de uma? — Viggo diz, olhando para Freya. — Eu fiz isso uma vez e quase tive um ataque cardíaco porque pensei que tinha matado-a. — Ele se volta para sua mãe. — E eu me desculpei.

Elin acena com a cabeça, ainda observando Ziggy.

— Eu sei que você se desculpou. Não estou dizendo isso para fazer você se sentir mal, *älskling*, estou apenas te lembrando que sua irmã é durona. Dê a ela algum crédito.

— Vamos, Ziggy Estrelinha — Dr. B diz calmamente. — Levante-se, querida.

— Tia Ziggy vai ficar bem? — Linnie pergunta.

A voz de Freya soa um pouco embargada quando ela diz:

— Sim, querida. Ela vai ficar bem.

Eu encaro Ziggy, fechando minhas mãos tão apertadas entre meus joelhos que meus anéis cortam minha pele. Eu tenho que manter o controle de alguma forma, encontrar uma maneira de me manter no meu lugar. Porque estou tendo pensamentos muito irracionais agora, lutando contra a necessidade profunda de pular da minha cadeira, meu pé finalmente curado que se dane, e caminhar – não, correr – para aquele campo e xingar Sigrid Marta para ela se levantar e ficar bem.

Eu *preciso* que ela esteja bem.

No momento em que o pensamento se desenrola em minha mente, Ziggy se apoia nos cotovelos, depois cai de costas, colocando a mão sobre os olhos. O time está por perto agora enquanto ela, para meu alívio, conversa com a treinadora, en-

quanto a capitã, que me disseram ser Gina, a atacante de cabelo roxo curto, dá uma bronca no árbitro. O árbitro levanta as mãos, recuando. Não acho que ele precise ser convencido, pois puxa um cartão amarelo da cintura e o ergue no ar para a zagueira que bateu em Ziggy.

É um jogo em casa, então a resposta da torcida dominante é um aplauso selvagem.

— Malditamente correto — Gavin resmunga. — Foi dentro da área do gol também. Ela pode marcar um pênalti.

— *Se* ela conseguir cobrar o pênalti — Ren murmura, esfregando o lado de seu rosto ansiosamente.

Frankie bufa enquanto coloca a mão nas costas de Ren e esfrega círculos.

— Você conhece o temperamento daquela mulher. Ela está chateada agora. Nada consegue ficar entre ela e um pênalti.

— Gina consegue — diz Oliver, apontando o queixo para a capitão do time. — Ela não vai querer que Ziggy cobre a falta depois dela ter caído feio daquele jeito.

— Quem disse que ela caiu feio? — Viggo pergunta bruscamente.

— Nossos globos oculares? — Aiden diz atrás de mim. — Você viu com que força a cabeça dela bateu no campo?

Lentamente, Ziggy fica de quatro, então se levanta, um pouco menos firme do que eu gostaria, e se submete à inspeção de sua treinadora. Depois que ela parece ter assegurado a ele que está segura para continuar jogando, já que agora estão

saindo do campo, ela se vira e sorri para o árbitro, então respira fundo, descansando as mãos nos quadris enquanto responde a ele em seguida. Sua capitã chega e chama Ziggy de lado enquanto o árbitro caminha em direção à goleira do Chicago em preparação para o pênalti.

Eu observo Ziggy falar com sua capitã, a frustração apertando seu rosto. Ela hesita por um momento, mordendo o lábio, então se aproxima de Gina e aponta para o centro de seu próprio peito. Observo as palavras em sua boca: *vou bater o maldito pênalti.*

Eu sorrio, explodindo de orgulho.

— É isso, Ziggy — eu digo baixinho.

Ela se afasta de Gina, que parece prestes a dizer algo, surpresa arregalando seus olhos enquanto Ziggy se afasta sem olhar para trás, indo em direção à linha do campo onde parece que ela vai bater o pênalti.

O estádio fica em silêncio. Ziggy pega a bola, gira três vezes e a coloca bem na linha. Então ela recua preguiçosamente, devagar, como se não tivesse nada a se preocupar e tivesse todo o tempo do mundo. Ela olha para cima, encara os olhos da goleira e sorri.

Então, depois de uma corrida suave até a bola, ela acerta com tanta força, em um *estalo estrondoso*, e acerta a bola no canto esquerdo da rede.

Cada pessoa a minha volta pula para fora de seus assentos, gritando loucamente. De alguma forma, Linnie acaba subindo

nos meus ombros, agarrando-se a mim, e então me escalando como um macaco em meus braços enquanto ela grita loucamente também.

— Tape os ouvidos, Linnie. — Ela tapa as orelhas com as mãos e sorri, receptiva e animada. Coloco o polegar e o dedo médio na boca e solto um assobio alto e penetrante que faz Linnie gritar de alegria.

— Faça de novo, Encrenca! — Ela grita. — Faça isso de novo!

Solto outro assobio que faz Linnie explodir em gargalhadas, pulando contra a lateral do meu corpo enquanto seguro-a com força.

— De novo, de novo! — Ela grita.

É quando Ziggy se afasta da pilha de suas companheiras de equipe que a cercaram, radiante de orgulho. Seu olhar se volta diretamente para nós, dançando por sua família, até parar em mim.

Enquanto nossos olhares se fixam, o sorriso de Ziggy muda para algo suave e significativo. Algo delicado, perigosamente terno floresce em meu peito à medida que olho para ela, enquanto lhe dou meu próprio sorriso, suave e significativo também.

Um sorriso só para ela.

21

ZIGGY

Música da Playlist: "You Go Down Smooth", Lake Street Dive

Tenho tentado muito, *muito,* não reconhecer um problema muito, *muito* grande: eu gosto de Sebastian Gauthier. Não apenas gosto dele, mas gosto dele mais do que deveria, dado que: 1) nós só deveríamos ser amigos, 2) eu só o conheço realmente há algumas semanas, e 3) nós só deveríamos ser amigos.

Estou sendo repetitiva, mas é que vale a pena repetir o lembrete.

E então eu continuo repetindo isso para mim mesma enquanto o vejo nas arquibancadas cercado por minha família, com minha sobrinha sorridente em seus braços enquanto ela acena e ele sorri para mim dessa maneira doce e gentil, de uma maneira que Sebastian nunca fez antes.

Repito para mim mesma após o final (vitorioso) do nosso jogo, enquanto corro para o vestiário e tomo um banho, depois encontro minha família. Como de costume, quando eles vêm me ver jogar, sou recebida com abraços e parabéns e, claro, perguntas cheias de preocupação sobre meu ombro e minha cabeça, que estão bem. Mas desta vez há outra pessoa esperando, um pouco distante de todos os outros. Alguém que

eu não deveria estar tendo o que parece perigosamente com palpitações cardíacas ao vê-lo.

Sebastian.

Ele ficou por aqui. Ele esperou para me ver.

Porque é isso que amigos fazem, Ziggy. E é isso que ele é, é tudo o que ele quer ser: seu amigo.

Ainda assim, posso ficar feliz. Eu posso aproveitar isso. Claro, meu coração nunca pulou tanto no peito antes ao ver um amigo, mas, novamente, não tenho um vasto histórico de amizades. Talvez seja assim que funciona uma amizade com Sebastian.

Ou talvez seja algo mais.

Não importa se é, não é? Não quando estamos situados permanentemente na friendzone. Não quando ele me disse que isso é o que ele quer, e quando eu sei, racionalmente, que isso é tudo que eu deveria querer também. Mesmo em meus pequenos graus de mudança e bravura que estou alcançando, eu sempre serei *eu*. Por enquanto, Sebastian parece gostar de mim e das minhas bobagens, meus sermões filosóficos, minhas necessidades e preferências sensoriais, como sua amiga, mas isso não significa que ele iria querer algo comigo além disso...

Mas ele te beijou.

Foi mais como *eu* o beijei, embora... ele tenha retribuído. Com muito entusiasmo.

Foi só um beijo. Bem, foram beijo*s*. E bons beijos, como ele disse. Ainda não significa que ele queira mais de mim, ou que eu deva me permitir querer algo mais dele além de amizade.

Amigos. *Amigos*. Vou continuar repetindo isso para mim mesma, como um mantra. Sim, estou atraída por ele. Não, ele não é tão problemático quanto eu pensava. Mas isso não precisa mudar o fato de que concordamos em sermos amigos, e é isso. Eu posso fazer essa coisa de amizade.

Limpando minha garganta, eu ando em direção a Sebastian.

Ele se afasta da grade, com os olhos fixos em mim, e sorri da mesma forma que sorriu depois que marquei o pênalti.

— Esse — diz ele —, foi um jogo e tanto.

Eu dou de ombros, sorrindo de volta.

— Eu sei.

Seu sorriso se alarga em uma bela obra-prima de covinhas que faz coisas engraçadas no meu estômago.

— Você está bem? Você levou um belo de um golpe.

— Estou bem, sim. Eu apenas me senti um pouco atordoada por um minuto. Isso me tirou o fôlego. Por isso não me levantei.

— Então sua cabeça está bem? — Ele pergunta, se aproximando. Sua mão vem em direção ao meu rosto, mas ele para no meio do caminho, então a enfia no bolso. — Deram uma olhada nela?

— Sim, a treinadora deu uma olhada antes de me liberar. — Minha cabeça está bem.

Seus olhos dançam entre os meus.

— Bom.

Sorrindo, puxo minha bolsa mais para cima no ombro.

— Obrigada por ter vindo.

Sebastian enfia a outra mão no bolso e olha para a calçada, cutucando uma pedra com a ponta do tênis. Percebo que seus sapatos são do mesmo tom rosa do logotipo do Angel City.

— Fiquei feliz por poder estar aqui — diz ele.

— Belos tênis.

Ele olha para cima, franzindo a testa.

— Não me diga que você acha que eu não fico bem de rosa, porque nós dois sabemos que eu fico.

— Eu nunca sonharia em dar ao Sr. Riquinho um feedback de moda. — Meu olhar percorre seu corpo – ele está vestindo jeans preto desbotado e uma camiseta cinza de aparência simples, mas claramente de alta qualidade, que abraça os braços tatuados e combina com as listras prateadas ao longo de seus sapatos rosa. Tudo acontece dessa maneira, tudo o que Sebastian usa sempre se encaixa inexplicavelmente. Parece que ele saiu do set de uma sessão de fotos de moda.

Eu limpo minha garganta, odiando que eu consiga sentir um rubor aquecendo minhas bochechas.

— Como está o pé? Você disse que esperava que o Lars fizesse você sofrer ontem.

— Ahh. — Ele dá de ombros novamente, as mãos ainda nos bolsos. — Sim, ocorreu tudo bem. Estou um pouco fora de forma, mas estou me recuperando. Estarei de volta ao gelo amanhã. Espero estar pronto a tempo para o nosso primeiro jogo da pré-temporada.

— Oh. — Sinto uma pontada de tristeza meio egoísta. Agora que ele está totalmente recuperado, significa que ele ficará ocupado novamente, com a volta de seus treinos para a pré-temporada – exercícios fora do gelo, fisioterapia, treinos no gelo, entrevistas com a imprensa na pré-temporada com o time novamente. Eu sei o quanto essa agenda é desgastante. Eu observei Ren viver isso por anos. Eu sei que isso significa que nossos encontros espontâneos e aleatórios para publicidade que só precisavam acomodar minha agenda menos exigente virarão passado. Eu sei que isso significa menos tempo com ele. E estou excessivamente triste com isso.

É exatamente por isso que essa mudança é uma coisa boa. Você não deveria ficar tão triste por vê-lo menos. Você não deveria sentir tantas coisas por Sebastian Gauthier.

Bem, tem uma coisa que eu posso sentir livremente, sem culpa ou preocupação, e ela é felicidade por ele, pois ele vai voltar a fazer o que ama.

— Estou feliz por você — digo a ele. — Tenho certeza de que você está ansioso para voltar ao gelo.

Ele balança a cabeça, olhando para seus sapatos novamente.

— Obrigado, eu estou. Eu... — Ele passa a mão pelo cabelo e puxa. — Na verdade, eu queria falar com você sobre isso. Te avisar previamente, na verdade... Eu estarei muito ocupado com isso esta semana, então não tenho certeza se estarei por perto por muito tempo para... — Ele olha para cima e para além de mim, acho que para avaliar se estamos longe o suficiente de outras pessoas para falar abertamente. Seu olhar desliza para onde minha família está, conversando em seu círculo barulhento, no qual Linnie está no centro, driblando com sua pequena bola de futebol do Angel City que eu trouxe para ela depois do jogo. Seus olhos encontram os meus. — Não estarei muito por perto para sair e sermos vistos para nossa publicidade.

Para nossa publicidade. Certo. Eu sou ruim em ler nas entrelinhas, mas não é difícil perceber o que ele não disse – nem uma única palavra sobre nos vermos como *amigos.*

— Mas, uh... — Ele encolhe os ombros. — Eu pensei que talvez pudéssemos...

— Seb! — Ren chama, caminhando em nossa direção. Engulo um gemido, frustrada por termos sido interrompidos. — Por que você não fica por aqui? Estamos indo para a casa dos meus pais para jantarmos em família. Junte-se a nós.

— Adoraríamos receber você para o jantar — acrescenta mamãe.

Sebastian abre a boca, depois a fecha.

— Oh, uh... Obrigado, mas não posso. Eu tenho... eu tenho planos.

Ren franze a testa, o que é raro.

— Tem certeza disso?

— Sim. — Sebastian mostra um sorriso na direção da minha família, algo que eu percebi ser um disfarce, como uma estrada belamente asfaltada para esconder um terreno muito mais rochoso abaixo. — Eu realmente aprecio isso, no entanto. Foi bom ver todos vocês.

— Tchau, Encrenca! — Linnie grita.

Uma risada seca o deixa, mas é um pequeno deslize, como uma nota errada em uma música que eu não consigo identificar direito. Sebastian acena para Linnie, depois se vira para mim.

— Eu tenho que ir agora, então...

Seu olhar encontra o meu. Então, de repente, seus braços estão ao meu redor, me puxando contra ele. Reflexivamente, deixo minha bolsa cair no chão e envolvo minhas mãos em volta da cintura de Sebastian.

— Sebastian, o que você estava tentando me dizer...

— Você foi brilhante para caralho no campo — diz ele, rapidamente, baixinho em meu ouvido. — Não apenas a forma como você jogou, mas como você se defendeu. Eu vi você se manter firme e dizer a Gina que você quem iria cobrar o pênalti, mesmo quando ela não queria. Estou orgulhoso de você.

Engulo quando um caroço se forma na minha garganta.

— Obrigada, Seb...

Ele se foi antes que eu pudesse dizer outra palavra, me soltando tão abruptamente que quase tropeço para trás, então acenando por cima do ombro enquanto corre em direção ao carro.

Eu o encaro, com a testa franzida, e sinto Frankie se juntar a mim enquanto ficamos lado a lado, sua mão dançando em sua bengala.

— Ele está agindo de forma estranha — digo a ela.

Frankie olha para Sebastian também, por trás de seus grandes óculos escuros, e acena com a cabeça.

— Sim, Ziggy. Ele definitivamente está.

— Então... — Ren enfia o telefone no bolso e se inclina para dar os retoques finais em sua torrada Skagen, delicadamente decorando a sua *skagenröra,* um tipo de salada sueca.

— Então...? — Eu limpo o balcão com uma toalha para que fique limpo e pronto para quando colocarmos todos os outros alimentos que temos na geladeira e no fogão.

— Acabei de receber uma mensagem de Andy. Ele está botando as tripas para fora.

Eu torço meu nariz.

— Aí, credo. Mas também, pobre Andy. É horrível.

— De fato. — Ren limpa as mãos e dá um passo para trás, franzindo a testa para a torrada Skagen. Ele mexe novamente e ajusta uma parte da folha de endro. — É menos do que ideal, já que eu queria que ele interpretasse o Benedicto. Achei que vocês dois se dariam muito bem juntos.

— Ah, droga. — Estou interpretando a Beatriz, a outra personagem principal e inimiga de Benedicto que se torna seu interesse amoroso. — Bem, é por isso que mantemos tudo discreto e pedimos a todos que leiam a peça inteira com antecedência. Não será difícil ter outra pessoa interpretando. Ainda temos pessoas suficientes para ler todas as partes, certo?

Ren acena com a cabeça.

— Nós temos. Mas, você sabe, Benedicto é o papel principal e, embora eu ame todos os membros do clube, nem todos vão tirar o máximo proveito do humor e da sagacidade das falas de Benedicto.

— Verdade. — Eu borrifo em uma mancha gordurosa no balcão com mais limpador em spray e, em seguida, passo a toalha. — Então, quem você acha que deveria ocupar o lugar de Andy?

— Bem. — Ren se afasta da torrada Skagen novamente, e desta vez parece satisfeito com os resultados obtidos depois de tanto mexer na comida. — Estava pensando que Seb poderia fazer isso.

Eu deslizo para o lado com a toalha com tanta força que quase voo para fora da borda do balcão. Girando, ignoro meu

deslize literal – pelo menos, espero que sim – e jogo a toalha sobre o ombro enquanto me inclino contra o balcão e pergunto casualmente:

— Ah, é?

Ren está de costas para mim agora, mexendo nas almôndegas suecas, que, se não levarmos, Tyler vai literalmente chorar.

— Achei que seria uma boa maneira de trazê-lo para o grupo – mostrar a eles que ele tem algumas habilidades de atuação na manga, que pode se comprometer com um papel como esse e fazer justiça a ele.

Minhas bochechas estão rosadas quando tiro a toalha do ombro e começo a torcê-la entre as mãos. Benedicto e Beatriz têm *muita* tensão sexual. Criar esse tipo de dinâmica com Sebastian parece uma péssima ideia, considerando como as coisas têm se desenrolado desde nossa conversa depois do meu jogo.

Passei os últimos cinco dias tentando não me concentrar no que ele estava prestes a dizer quando Ren o interrompeu. Eu tentei ignorar a falta que sentia dentro de mim, com saudade da sua voz e de seus abraços; da simples proximidade do seu corpo; de quando não conseguimos nem fazer ioga raivosa esta semana, devido aos nossos horários serem tão conflitantes. Eu tentei muito não refletir sobre como sinto falta de nossas conversas provocativas, tanto quanto dos momentos mais calmos e gentis em que parecemos nos deparar às vezes.

Não acho uma boa ideia passar duas horas criando uma tensão sexual – mesmo que seja apenas fingimento – com meu *amigo* por quem estou definitivamente caidinha.

Mas se eu reclamar da escolha dele, Ren não só vai ficar chateado, como também pode suspeitar dos meus verdadeiros sentimentos quando se trata de Sebastian. Porque tenho certeza de que Ren iria se perguntar, se eu apenas visse Sebastian como um amigo, qual seria o problema de interpretarmos Benedicto e Beatriz juntos?

— Ziggy?

Pisco, sendo puxada de meus pensamentos.

— Huh?

Ren olha para mim, um sorriso curioso levantando sua boca.

— Você ficou calada sobre o que falei. Tudo certo?

Olho para a toalha que está tão torcida que está quase dobrada sobre si mesma. Eu solto-a e ela se desenrola com um floreio.

— Sim — eu digo a ele, forçando um sorriso. Eu coloco a toalha no balcão e jogo um polegar sobre meu ombro. — Eu só estou uh... Vou molhar meu rosto antes que todos apareçam. Fiquei com calor trabalhando na cozinha.

Ren ainda está sorrindo quando saio correndo da sala.

— Bergman! — Tyler grita. — Essas almôndegas. Elas me trazem de volta à vida.

Ren sorri para ele.

— Fico feliz em ouvir isso, Tyler. Coma o quanto quiser.

— Não diga isso a ele — Millie resmunga, afastando a mão de Tyler quando ele estende a colher para outra porção. — Ele vai comer a porcaria da panela elétrica inteira.

Millie é a ex-assistente administrativa do LA Kings e uma das mais velhas em nosso grupo. Pequena e ágil, com cabelos curtos e grisalhos, e óculos que ampliam um pouco seus olhos, ela está vestindo uma camiseta branca de mangas compridas com uma citação de Shakespeare de *Como Gostais*, em letras pretas em estilo de máquina de escrever que diz: "Embora minha aparência seja a de um velho, ainda sou forte e saudável".

Tyler faz um beicinho para Millie.

— Eu não como *tanto*.

— Eu tive duas míseras almôndegas depois que você causou seu estrago de gula da última vez, seu saco sem fundo — ela murmura, olhando para ele de lado. — Agora vaza. Você pode voltar para sua terceira porção mais tarde.

Tyler se afasta com o rabo entre as pernas e se joga no sofá ao lado de Mitch, o namorado de Millie. Mitch também é uma espécie de vovô para o namorado do meu irmão Ollie, Gavin, que joga pôquer com Mitch e um grupo de idosos barulhentos há anos. Gavin normalmente se junta a nós no Clube do Shakespeare também, mas este mês ele foi acompanhar

Oliver, que está viajando para os amistosos internacionais da Seleção Masculina. Oliver sente muita ansiedade ao voar, então Gavin sempre vai com ele nos jogos quando há um avião envolvido. Vamos falar sobre o namorado perfeito. É de suspirar.

Mitch pode estar sem seu melhor amigo de sempre, Gavin, mas está conversando e rindo com Tyler, à vontade entre os membros do clube. Ele está vindo há meses, embora prefira recitar papéis menores – acho que ele vem principalmente para ver Millie ser fabulosa e teatral. Ele é doce, com sua vibe de avô muito bem-vinda em um grupo que, além de alguns amigos de Millie que aparecem periodicamente, é mais jovem. Dependendo dos horários de jogo do time, temos em média um punhado de atletas profissionais a cada vez, então há as amizades de teatro de Ren, que ele fez no colégio quando nos mudamos para LA, que tendem a levar isso um pouco mais a sério e não se socializam muito com o resto de nós.

É uma equipe heterogênea, mas eu gosto disso. Nunca me sinto estranha ou deslocada, porque... bem, todos nós somos um pouco estranhos e deslocados. Está tudo bem ser desajeitado ou não falar com as pessoas sem se preocupar se você ofendeu alguém ou entendeu algo errado. Por exemplo, ninguém se importa que eu fique sozinha na cozinha, me empanturrando de torradas Skagen e sem falar com ninguém, enquanto olho para o relógio, ficando cada vez mais ansiosa à medida que nos aproximamos da hora de começar a leitura.

Porque Sebastian não está em lugar nenhum.

A porta da frente de Ren se abre, e meu coração pula, depois despenca.

— Olá, Zigs. — Viggo fecha a porta com um chute atrás de si, uma bandeja gigante de assados equilibrada em uma das mãos.

Meus ombros caem.

— Ei, V.

— Uau, que bela recepção. — Ele tira os sapatos, ainda equilibrando a bandeja de assados. — Você parece tão emocionada em me ver.

Coloco minha torrada Skagen na mesa e tiro as migalhas de pão de minhas mãos.

— Você simplesmente não era quem eu esperava ver.

— E quem você estava esperando? — Ele pergunta docemente.

— Cuide da sua vida. — Pego a bandeja dele, inspecionando-a. — Espere, onde estão os...

— Relaxa. — Viggo tira uma mochila do ombro e a abre. — Me lembrei dos *chokladbiskvier*[5].

— Sem glúten?

Muitas outras coisas saem de sua mochila – alguns romances de época, uma pequena luminária de leitura, uma barra de granola de aparência antiga, agulhas de tricô, um novelo de lã

[5] Biscoitos de merengue de chocolate suecos.

e um maço de papéis que parecem meio oficiais e intrigantes, mas que Viggo rapidamente pega e enfia no bolso de trás antes que eu tente lê-los – até que ele finalmente pega um recipiente transparente com os biscoitos de merengue de chocolate que eu sabia que Sebastian iria adorar.

— Feitos sem glúten — ele me tranquiliza. — Super fácil. Apenas troquei por migalhas de pão sem glúten.

Tiro duas notas de vinte do bolso de trás do meu short jeans – aquelas que Sebastian pegou e amassou para mim – e as ofereço a Viggo.

Mas meu irmão não arranca as notas de vinte da ponta dos meus dedos como fez em qualquer outra vez em que pedi guloseimas suecas feitas por suas mãos divinas. Desta vez, ele enrola seus dedos gentilmente ao redor dos meus, dobrando-os sobre meu dinheiro.

— Fique. Descobrir uma nova receita sem glúten que funcionasse foi um pagamento suficiente. Rooney vai amar.

Eu franzo a testa.

— Tem certeza disso? Não me importo de te pagar...

— Eu disse para ficar com o dinheiro. — Viggo coloca o recipiente de *chokladbiskvier* em minhas mãos. — E eu quis dizer isso.

— Obrigada, Viggo.

Ele dá um tapinha no meu ombro gentilmente enquanto olha para Ren.

— Claro, irmã. Agora, se me der licença, ao contrário de você, Ren vai precisar desembolsar um pouco de grana.

Eu sorrio, abrindo a tampa do recipiente para dar uma olhada. Os *chokladbiskier* estão lindos, com uma cobertura de chocolate brilhante cobrindo o creme de manteiga de chocolate e o biscoito de merengue de amêndoa por baixo. Eles têm um cheiro incrível também, o mesmo cheiro que eles têm todas as vezes que minha mãe os faz.

— Tudo bem! — Ren chama com uma das mãos formando uma concha, oferecendo a Viggo um grosso maço de dinheiro com a outra. — Vamos nos sentar e começar.

Já fizemos isso tantas vezes que tendemos a começar sem um preâmbulo. Ler uma peça inteira de Shakespeare é um compromisso que dura a noite inteira, e Ren sempre começa, às sete em ponto, para não nos atrasarmos.

Eu olho ao redor, esperando por algum sinal de Sebastian. Ele prometeu a Ren que estaria aqui.

Ele prometeu isso a mim também.

Suspirando, coloco o *chokladbiskvier* na geladeira para mantê-lo longe de mãos sorrateiras – também conhecidas como as mãos de Tyler – e rapidamente termino minha torrada Skagen enquanto eles começam a ler. Eu bebo um gole d'água, então corro para o meu assento logo antes da minha primeira fala e me deixo cair no conforto familiar de ler as falas de Beatriz – uma heroína rabugenta e espinhosa que sempre admirei, cujo diálogo mordaz eu sempre amei ler, por anos.

Quando a primeira fala de Benedicto está prestes a começar, Ren levanta as sobrancelhas para um de seus amigos de teatro do ensino médio, Gabe. Gabe acena com a cabeça e olha para baixo em seu roteiro, me fazendo pensar que ele e Ren tiveram uma conversa rápida antes sobre ser o substituto se Sebastian não aparecesse.

Mitch diz suas falas como Leonato, um papel maior do que ele normalmente prefere ler, mas que ele já parece estar gostando muito, inclinando-se para Millie, que segura o roteiro compartilhado no colo. Após a rápida réplica de Gabe com Mitch como Leonato e Tyler, que está lendo o Príncipe, eu lanço minha primeira fala para Benedicto, cuja próxima piada acaba porque Leonato e o Prince mudam para outra conversa.

— "Admira-me o senhor ainda estar falando" — digo a Benedicto – bem, Gabe – assim que ouço a porta se abrir —, "Senhor Benedicto, ninguém está lhe prestando atenção".

Gabe abre a boca, mas antes que ele possa falar, Sebastian entra como uma brisa fresca noturna.

— "Ora, minha cara Lady Desdém!" — Sarcasmo perfeito e penetrante ata sua voz. A porta se fecha atrás dele. — "A senhorita continua viva?"

22

ZIGGY

Música da Playlist: "Bad Things", Meiko

— Você foi *perfeita* — Millie diz, apertando meu braço.

Eu sorrio.

— Bem, obrigada, mas olha só quem fala.

— Oh, psh. — Ela acena com a mão, rindo baixinho enquanto Mitch a ajuda a enfiar um braço no cardigã, depois o outro. — Eu não fui isso tudo.

— Você foi! — Eu digo a ela, entregando-lhe um recipiente de sobras consistindo apenas os assados que Viggo fez. Millie adora doces. — Nunca vi uma Margaret melhor.

— Bajuladora — diz ela, piscando. — Boa noite, querida. Até o mês que vem.

— Boa noite, Millie. — Eu abraço-a, depois abraço Mitch. — Boa noite, Mitch. Dirija com cuidado, ok?

Mantenho a porta aberta, acenando enquanto os dois, os últimos membros do clube a sair, vão em direção ao carro.

Uma risada que não ouço há uma semana, rouca e baixa, me assusta quando me viro e fecho a porta atrás de mim.

Sebastian está parado na cozinha, os braços lindamente tatuados na água, com sabão até os cotovelos, trabalhando em uma pia cheia de panelas e frigideiras.

A risada profunda e estrondosa de Ren, como a de papai, ecoa no espaço, e a risada rouca de Sebastian se mistura à dele. Isso me faz sorrir reflexivamente.

— Eu não estou mentindo — diz meu irmão com a voz rouca. — Juro!

— Isso é uma merda nerd de níveis elevados — Sebastian diz a ele.

Ren suspira alegremente, enxugando os olhos.

— Oh, Cristo, eu estou chorando.

Eu mordo meu lábio e empurro a porta.

— Estão se divertindo?

Outra risada estrondosa deixa Sebastian.

— Seu irmão é um grande idiota.

— Bem, obviamente — eu concordo. — Embora eu não ache que você tenha um lugar de fala sobre isso, Sebastian, agora que você entrou no clube de maneira espetacular através do papel principal em *Muito Barulho por Nada* com um bando de colegas idiotas, não é?

Um sorriso suave levanta sua boca enquanto eu olho para seu perfil, sentindo aquele friozinho na barriga.

— Minha verdadeira face foi revelada.

Ren bate de ombros gentilmente comigo enquanto eu passo ao lado dele e puxo a prateleira da máquina de lavar louça para começar a preenchê-la com pratos.

— Você não precisa fazer isso, Zigs. Você treinou cedo hoje, deve estar exausta.

— Você também — eu o lembro.

Ren dá de ombros.

— Eu estou esperando por Frankie de qualquer maneira. Eu não me importo.

— Onde ela está? — Sebastian pergunta. — E quando ela vai voltar? Vou ter dado o fora antes mesmo disso.

Ren franze a testa para Sebastian.

— Na hidroginástica. E chega em cerca de meia hora. Mas por que você vai embora antes?

— Porque ela ainda está com raiva de mim — diz Sebastian.

— Ela não está — Ren diz a ele, inclinando o quadril contra o balcão. — Ela só tem muita coisa na cabeça agora, estressando-a, mas você arrasou esta semana. Ela ficou nas nuvens com aquele artigo da ESPN cobrindo seu retorno.

— Bem, isso é bom. — Sebastian enxágua uma panela e a coloca no escorredor. — Eu ainda não estou abusando da minha sorte com ela, no entanto.

Termino de colocar os pratos e pego a bandeja de talheres sujos, mas Ren a puxa para longe.

— Já deu para você — diz ele, sorrindo. — Vou terminar isso. Vá para casa. Durma um pouco.

— Eu sou uma garota crescida, Ren. — Eu cutuco meu irmão nas costelas, fazendo-o chiar. — Eu vou para a cama quando eu quiser.

— Sem cócegas — Ren diz severamente.

Sebastian olha para cima, nos observando.

— Ela é implacável com essa merda de cócegas.

— Ela é — diz Ren, dando um passo para longe de mim. — Uma vez ela fez cócegas em Viggo com tanta força que ele fez xixi e começou a chorar histericamente.

Eu sorrio diabolicamente.

— Foi um dia lindo.

— Se fosse qualquer um, menos Viggo — Sebastian murmura —, eu diria que me sinto muito mal por ele.

Ren ri.

— Sim, como costuma acontecer, Viggo realmente mereceu. Aquele homem vive para irritar os outros.

Sebastian fecha a torneira e seca as mãos, depois dobra a toalha cuidadosamente e a coloca sobre o balcão.

— Posso te levar para casa, Ziggy?

Meu coração salta em meu peito. Depois de nossa semana cheia, que mal tivemos tempo para conversar, estou tão surpresa com sua oferta quanto emocionada com ela. O que é patético, mas não parece importar que eu saiba cognitivamente o quão ridículo é ficar tão animada com uma oferta de carona para casa – meu corpo simplesmente não recebeu o memorando.

— Claro — eu digo a ele, encolhendo os ombros. — Se você não se importa.

— Não me importo. — Sebastian bate a mão nas costas de Ren. — Obrigado por me convidar para isso. Foi nerd para

caralho... — Ren o empurra gentilmente e Sebastian ri. — E a porra de um bom passatempo.

Ren segue Sebastian enquanto ele pega sua cópia de *Muito Barulho para Nada*, um livro de bolso gasto cuja lombada está rachada, o que eu acho deliciosamente atraente. Nenhuma nova compra de livraria para Sebastian. Seu exemplar de *Muito Barulho para Nada* parece ter sido bem-amado.

Sorrindo para mim mesma sobre isso, eu me viro em direção à porta e tiro meu suéter do cabide. Estar ali me lembra de quando Viggo entrou com todos os assados, perturbando minha memória. Deixo cair meu suéter e volto para a cozinha.

— Merda. Eu esqueci totalmente!

Sebastian e Ren franzem a testa quando passo por eles, então abro a porta da geladeira. Pego o *chokladbiskvier*, depois corro de volta para Sebastian, quase empurrando o pote contra ele.

— Aqui. Para você.

Sebastian olha para o recipiente. Sua testa franze enquanto ele espia pela tampa.

— O que é?

— Apenas os melhores biscoitos de chocolate de todos os tempos — explica Ren.

— Feitos sem glúten. Esqueci deles. Eu os mantive na geladeira para que ficassem a salvo de Tyler. Bem, e de Millie.

Sebastian pisca para mim lentamente, aquela carranca ainda apertando seu rosto.

— Obrigado, Ziggy. Eu... — Ele limpa a garganta. — Eu agradeço.

Eu sorrio.

— Vamos. Quanto mais cedo você me deixar em casa, mais cedo poderá apreciá-los.

Ren dá um abraço em Sebastian, depois em mim, nos observando da porta enquanto caminhamos para o carro de Sebastian. Este é um elegante e esportivo. Não o Bugatti, mas ainda um que parece rebaixado e perigosamente divertido de dirigir – se alguém gosta de dirigir, o que eu não gosto. É tão desesperador.

Como se tivesse acabado de ler minha mente e vivesse para me atormentar, Sebastian segura as chaves na minha direção.

— Que tal você nos levar, Sigrid?

Eu dou um passo para trás.

— Oh. Não acho que seja uma boa ideia.

Ele arqueia uma sobrancelha e se inclina contra o capô de seu carro, balançando as chaves em torno de seu dedo como ele balançou minha calcinha em torno de seu dedo naquela noite no casamento.

Isso me lembra – onde *está* minha calcinha? Ele ainda a tem?

— E por que não? — Sebastian pergunta, me arrastando de volta ao momento presente. Ele chacoalha as chaves na minha frente.

— Isso é... — Eu engulo nervosamente, colocando outro pé entre mim e o carro. — Isso é uma máquina de matar.

— Não é. Na verdade, é um carro realmente relaxante de dirigir. É rebaixado no chão, muito responsivo. Só pensei que você poderia querer tentar.

— Mas eu não gosto de dirigir — digo a ele.

Ele olha para mim, os olhos piscando à luz das estrelas. Quando ele se afasta do carro e caminha até mim, seu olhar procura o meu.

— Talvez não seja que você não goste de dirigir. Talvez você simplesmente não tenha encontrado um carro que te faça se apaixonar por dirigir. Eu só estou supondo. Não há pressão para você dirigir se não quiser, Ziggy.

Eu mordo meu lábio, dividida.

— Bem — acrescenta ele, fazendo uma careta desse jeito bobo que me faz sorrir apesar de tudo. — Talvez só um pouco de pressão. Eu quero sentar no carro e comer uma boa quantidade desses biscoitos de chocolate enquanto você dirige. Eles cheiram bem para car... — Ele limpa a garganta. — Incrivelmente bem.

Olho para ele e bato o pé na calçada, debatendo comigo mesma. Uma grande parte de mim quer dizer a Sebastian Gauthier exatamente onde ele pode enfiar as chaves de seu carro chique e dessa propaganda ambulante de carro esportivo. Mas outra parte de mim se pergunta se talvez ele esteja certo. Talvez este carro, dessa vez, seja diferente do resto. Talvez

algo pelo qual passei minha vida adulta até agora lutando contra durante meu caminho até aqui possa realmente se tornar algo que eu goste. Não saberei até tentar, e que melhor momento para tentar do que durante esse tempo de Projeto Ziggy Bergman 2.0?

— Tudo bem — murmuro, arrancando as chaves de sua mão. — Mas não diga que não avisei.

— Jesus Cristo, Ziggy! — Sebastian agarra a *alcinha puta que pariu* do lado dele enquanto eu faço a curva, pisando no acelerador.

Eu sorrio, animada. Isso é *incrível*. O carro parece uma extensão minha. Como disse Sebastian, ele *é* responsivo – rápido como um raio e fácil de controlar. A dois quarteirões da casa de Ren, senti o quanto amava este carro, então me afastei da minha casa e peguei um grande desvio de rota.

— Eu te avisei — digo a ele contra o vento.

Ele olha para frente, com os olhos arregalados, enquanto eu paro em um sinal vermelho, seu cabelo despenteado e desgrenhado pelo vento. Parece que ele acabou de ter uma experiência de quase morte.

Lentamente, ele olha na minha direção.

— Puta. Que. Pariu.

Ele parece tão desgrenhado e de pernas para o ar, um pouco como o Sebastian que surpreendi em sua varanda no mês passado, com aquele cabelo bagunçado e expressão atordoada. Isso faz algo agridoce e borbulhante estalar dentro de mim, e depois transbordar. Quero rir. E eu quero chorar. E eu quero rir um pouco mais.

Felizmente, pelo menos por enquanto, o riso vence, explodindo quando o sinal fica verde e eu piso no acelerador novamente.

Sebastian olha para mim como se pensasse que eu poderia ter alguns parafusos soltos.

— Do que está rindo?

— Eu nem sei! — Eu grito ao vento, o absorvendo nessa noite amena do sul da Califórnia em pleno setembro.

Sebastian parece relaxar quando eu desacelero um pouco, acomodando-me confortavelmente na velocidade do carro enquanto eu sigo pela estrada.

— Sigrid.

— Sim, Sebastian.

Ele arrasta os nós dos dedos pela boca.

— Você... uh... — Ele deixa cair a mão. — Você gostaria de ir a uma livraria comigo?

Eu desvio o olhar um pouco, piscando em sua direção, então volto a prestar atenção na estrada.

— Agora?

Ele olha para seu elegante relógio de prata cuja marca eu me lembro dele sendo o garoto-propaganda em uma capa de revista.

— Não está tão tarde, está? Que horas é o seu jogo amanhã?

— Sem jogo amanhã. Nenhum até terça-feira.

— Melhor ainda. — Ele pega o celular e começa a digitar. — Bem, então, motorista... — Ele toca na tela do carro e digita um endereço, fazendo aparecer uma rota de GPS. — Leve-nos para Culver City.

23

ZIGGY

Música da Playlist: "Somewhere Only We Know", rhianne

— Está fechada. — Franzo a testa para minha livraria independente favorita, que venho há anos. Eles têm uma seção de romance muito impressionante, o que não costuma acontecer no acervo da maioria das livrarias. Desde que a frequento, faço pedidos especiais de vários títulos de romance de fantasia, tanto que eles alegremente ampliaram seu estoque ainda mais.

— Tenha um pouco de fé em mim, Sigrid — Sebastian me lança um daqueles sorrisos devastadores cheio de covinhas por cima do ombro quando ele abre a porta. Ele está na metade do caminho para sair do carro quando se inclina de volta para dentro e pega o pote de *chokladbiskvier*. — Agora sim posso comê-los sem correr o risco de me engasgar — ele murmura.

— Ei! — Abro a porta e a fecho, seguindo-o. — Foi você quem balançou aquelas chaves na minha frente. Eu te avisei.

Ele contorna o carro parando ao meu lado e pega minha mão, apertando-a suavemente.

— Você avisou. — Seu polegar varre as costas da minha mão. Eu arrepio quando olho para ele e o calor inunda minha pele onde ele está me tocando. O vento aumenta, fresco e um

pouco úmido, felizmente me dando um motivo além do real para o meu deslize.

Sebastian me puxa gentilmente em direção à porta.

— Venha. Vamos entrar e te aquecer.

— Mas está...

— Fechada — diz ele, de costas para mim enquanto me puxa junto. — Você já disse.

Eu tento muito não olhar para sua bunda em seu jeans escuro, mas é uma causa perdida. As bundas dos jogadores de hóquei – com exceção da do meu irmão, é claro – são realmente uma beleza.

Com a mão livre, Sebastian puxa o telefone do bolso e digita algo. Nem dez segundos depois, seu telefone toca. Ele se inclina, lendo sua tela, então se agacha, digitando um código na fechadura da porta, que brilha em vermelho. A fechadura emite um bipe e depois pisca em verde. Sebastian se levanta e gira a maçaneta, então abre a porta.

— Damas primeiro.

— O que está acontecendo?

Sebastian coloca a mão nas minhas costas e me empurra para frente.

— Os donos são grandes torcedores do Kings.

Eu dou uma olhada quando ele fecha a porta atrás de mim.

— Espera, eles simplesmente te deram o código da livraria deles?

— Quero dizer, eu posso ter lhes oferecido ingressos de cortesia muito bons para nosso primeiro jogo em casa na temporada para incentivá-los, mas... sim.

Eu olho ao redor enquanto Sebastian se afasta e liga um interruptor, depois outro, iluminando a loja com as fracas luzes noturnas que nos recebem. Ele não acende as luzes totalmente, deixando o espaço levemente iluminado, as lanternas sobre cada corredor esmaecidas com um brilho suave.

— Sebastian, isso é incrível.

Ele se vira na minha direção e coloca o pote de *chokladbiskvier* no caixa.

— Eu sei que você ama livros.

Às vezes, se estou no Chalé com formato de A no período certo para a primavera, aproveito aquele dia em que o vento derruba as flores da primeira grande árvore velha na trilha de caminhada da casa. Parece mágica, como um momento de outro mundo – tão perfeitamente adorável que meu coração não consegue se conter. É assim que me sinto agora – como se aquelas pétalas delicadas e perfumadas estivessem flutuando não ao redor, mas dentro de mim, me preenchendo com algo adorável demais, maravilhoso demais para ser possível.

— Depois do seu jogo — ele diz, passando a mão pelo cabelo e o puxando —, eu ia ver se você queria vir aqui, mas então...

— Meu irmão entrou atropelando a conversa, embora de forma doce e sorridente, e convidou você para um jantar em família. Então você fugiu.

Sebastian abaixa a mão, concordando com a cabeça.

— Então eu fugi. — Ele solta o ar lentamente e olha para cima, enfiando as mãos nos bolsos. — Eu não queria ser um inconveniente com minha nova dieta e...

— Sebastian! Temos anos de prática, cozinhando comidas sem glúten para Rooney, facilmente poderíamos ter cozinhado para você também. E mesmo que parássemos no supermercado para comprar alguns itens, nunca seria algo inconveniente garantir que você pudesse comer conosco.

— Isso é novo para mim, Sigrid. Não sei como pedir isso sem me sentir um babaca.

— Mas é a minha família — digo a ele. — Nós nunca veríamos dessa forma.

— É isso. Ziggy, o que você tem, com sua família, está muito além do que estou acostumado. Eu não tenho... — Ele olha para longe, balançando a cabeça. — Nenhuma referência desse tipo de proximidade, desse tipo de bondade... desse tipo de *amor*.

Meu coração erra as batidas nessa palavra. *Amor.*

— No entanto — ele diz, cruzando o espaço entre nós, roçando os nós dos dedos nos meus, entrelaçando nossos dedos. — Eu gostaria de tentar. Porque, Ziggy, no seu jogo, com a sua família, foi a melhor coisa que já presenciei, com exceção,

talvez, da visão de você com sua toalha de dragão enrolada na cabeça.

Eu cutuco sua costela, mas ele pega minha mão antes que eu possa fazer cócegas. Ele une aquela mão com a dele também, olhando para nossos dedos enquanto os emaranha.

— Eu sei que eles não são perfeitos — diz ele. — Sua família. Eu sei que eles não prestaram atenção no que você precisava de algumas formas, mas você tem uma coisa boa e rara em sua vida.

Eu concordo.

— Minha família é incrível.

— Eles são — diz ele em voz baixa, seus polegares à deriva em minhas mãos. — E eu... estou tão longe disso. Eu não fugi naquele dia apenas por causa da porra da doença. Eu fugi porque tudo que eu conseguia pensar enquanto estava lá depois do seu jogo era em todos vocês olhando para mim com... — Ele suspira. — *Expectativa.* Esse é o problema. Não tenho me saído bem, dado o meu histórico, com expectativas. E se eu quiser, tenho muito trabalho pela frente antes de poder conhecê-los e não ser uma decepção.

Lágrimas brotam dos meus olhos.

— Sebastian, você não iria nos decepcionar.

— Ah, eu decepcionaria. Se eu continuasse fazendo o que tenho feito. E eu venho fazendo isso há tanto tempo que está intrínseco na máscara que venho usando. — Ele me olha. — Eu tenho muitos problemas, com meu pai, com meu padras-

to, com minha mãe. E não estou dizendo isso para tirar a responsabilidade de meus atos; estou dizendo isso para assumi-la. Meu pai foi embora quando eu tinha seis anos e nunca olhou para trás. Minha mãe se casou com um maldito sociopata que me maltratava bem debaixo de seu nariz, ela vendo ou não, e eu pensei que a diferença nas alternativas importava, mas quanto mais penso nisso, mais percebo que realmente não importa. O que importa é que eu era uma criança com raiva e magoada que só se sentia no controle de sua vida quando usava essa raiva e mágoa para deixar outras pessoas com raiva e magoadas. Eu fazia birra e sofria, e não conseguia irritar ninguém – não conseguia chamar a atenção da minha mãe, não conseguia provocar uma explosão de raiva do meu padrasto até que isso se tornasse algo que mamãe notaria e se importaria. Meus professores eram subornados e persuadidos a pegarem leve comigo. Meus treinadores toleravam minhas besteiras porque eu era bom demais no hóquei para sair do time.

— Eu não me meti em encrenca ou levei uma surra como deveria. Apenas me foi dito... — ele hesita, antes de engolir em seco —, *sem parar,* que eu era uma decepção. Então, deixei que se tornasse uma profecia. E eu venho fazendo isso há muito tempo. Para punir meu pai idiota e, com sorte, manchar seu legado no hóquei profissional com o meu histórico sórdido. Para humilhar meu padrasto e mostrar a ele que não dou a mínima para sua aprovação, para sua insistência inflexível de que ele iria me quebrar, me controlar, que ele teria a palavra

final. Para talvez, apenas *talvez*, finalmente, fazer minha mãe ver como tudo isso era uma bela de uma merda.

Ele balança a cabeça e, finalmente, olha para cima, suspirando quando encontra meus olhos.

— É disso que eu venho. É assim que tenho funcionado todos esses anos. Aprendi há muito tempo a viver sabendo que decepcionei pessoas que eram importantes para mim. Então, controlar como e quando decepciono as pessoas ao meu redor se tornou um ato de recuperar o poder que nunca senti que tinha.

"Ficou complicado quando comecei a trabalhar com a Frankie, e eu a respeitava muito, com a sua visão de usar a influência de um atleta profissional para construir uma vida e um legado que sejam significativos e generosos. Eu avisei a ela quem eu era, como eu era, mas ela não estava com medo de mim – inferno, ela foi quem colocou medo em *mim* para virar um cara decente, para fazer coisas que eu adiava e que eram boas, coisas que eu queria fazer, isso me fez sentir um pouco melhor comigo mesmo, ainda que eu as mantivesse em segredo. Então Ren me arrastou aos trancos e barrancos para criar uma amizade com ele, e aquela culpa afundou suas garras em mim, começando a me roer, me fazendo querer ser mais cuidadoso, querendo que eu não fizesse coisas tão terríveis que iria decepcioná-lo muito ou fazê-lo se arrepender da nossa amizade. Tentei cometer pecados perdoáveis, cometer deslizes pequenos. Fiz as pazes com o fato de ter avisado a ele e a Fran-

kie que eu era um caso perdido, que eles sabiam no que estavam se metendo e que eu decepcionaria os dois ocasionalmente, o que aconteceu."

Ele suspira, movimentando nossas palmas juntas, para frente e para trás. Lentamente, ele arrasta seu olhar para encontrar o meu.

— Mas, Ziggy, a ideia de decepcionar *você*... eu não suporto. Eu me senti tão fundamentalmente indigno de compartilhar o mesmo ar e espaço, e até mesmo este pequeno fragmento de tempo com você, e pela primeira vez eu apenas me permiti aceitar esse sentimento, absorvê-lo, e isso me transformou. Você brigou comigo quando eu merecia, me acolheu quando eu não merecia. Você viu partes de mim que ninguém mais viu, e não apenas ficou comigo de qualquer maneira, mas também viu possibilidades em mim – você acreditou em mim quando não tinha motivo para isso.

Pisco para conter as lágrimas e aperto suas mãos com força.

— Sebastian...

— Estou quase terminando — diz ele em voz baixa. — Eu prometo.

Lentamente, ele começa a andar para trás, levando-me com ele, em direção ao corredor de romance, o que me faz sorrir, embora minha visão esteja turva com a ameaça de lágrimas.

— Estou lhe contando tudo isso porque quero que saiba que você é a melhor pessoa que já conheci, Sigrid Marta

Bergman, e sou a pessoa mais sortuda no mundo por chamá-la de minha amiga.

Ele olha por cima do ombro, então nos faz parar.

— Essa farsa publicitária que estamos fazendo, eu sei que foi sua ideia, que está funcionando, e que você está conseguindo o que quer com isso, mas consegui algo muito mais significativo com isso, por sua causa, e eu queria... — ele solta minhas mãos, então enfia as suas nos bolsos, mantendo seus olhos nos meus —, eu queria te mostrar minha gratidão.

Eu inclino minha cabeça, sorrindo enquanto tento muito não chorar.

— "Me mostrar" sua gratidão?

Ele dá de ombros.

— *Dizer* obrigado é bom, mas não é o suficiente para isso, para você. Eu queria te *mostrar*. Então aqui estamos nós. O lugar é nosso até a hora que quisermos, bem, até que eles cheguem amanhã às oito da manhã para se prepararem para abrir a loja. E, não que eu ache que você tenha um centímetro livre de espaço na estante, mas o que você quiser aqui, é por minha conta.

— Sebastian — eu sussurro, meu coração doendo enquanto bate, aquelas borboletas mágicas flutuando dentro de mim, muito, muito maravilhadas, muito encantadas. — Obrigada. — Eu me aproximo dele, minhas mãos indo até seus pulsos, apertando suavemente.

— Ziggy, não...

Eu coloquei um dedo contra sua boca.

— Sebastian, não. Não me diga para não te agradecer. Eu irei agradecê-lo. — Lentamente, eu abaixo minha mão, certificando-me de que ele não está prestes a começar seu costumeiro discurso autodepreciativo. Satisfeita por ele estar me ouvindo, deslizo meu toque por seus antebraços nus – pele quente, as sombras de suas tatuagens, que finalmente me permito olhar de perto – estrelas e planetas, plantas e flores, criaturas místicas e pequenas palavras, fragmentadas, perdidas, espalhadas por sua pele. Gentilmente, eu subo minhas mãos, sobre as mangas arregaçadas nos cotovelos, até os ombros.

Ele exala rudemente enquanto eu coloco minhas mãos em seu peito, até que ambas fiquem bem sobre seu coração.

— Obrigada — eu sussurro, mantendo contato visual com seus olhos. — Por me contar, por confiar em mim tanto de você e do seu passado. Eu não consigo... — Balançando minha cabeça, eu mordo meu lábio. — Não consigo imaginar passar pelo que você passou, quando era pequeno. Você devia estar tão assustado, tão solitário, tão ferido.

Ele desvia o olhar, olhando para baixo, mas eu abaixo minha cabeça até que meus olhos encontrem os seus novamente. Lentamente, ele levanta o olhar e fixa o meu.

— Eu lamento muito — digo a ele —, por todas as maneiras que as pessoas que deveriam te amar e te proteger falharam com você. Lamento que a forma como você aprendeu a sobreviver tenha sido machucar a si mesmo e as pessoas ao seu

redor. E eu estou... tão orgulhosa de você por querer algo mais. É preciso coragem, Sebastian, para querer ser algo mais do que você já foi, para buscar uma vida além da segurança e do controle que você construiu para si mesmo. Tenho sorte de ser sua amiga enquanto você faz isso.

Sebastian coloca a mão sobre a minha e aperta, forte e demorado, enquanto olha para mim.

— Obrigado, Ziggy.

Eu sorrio, puxando uma de minhas mãos que está sob sua palma e a levantando até seu cabelo.

— Minha péssima direção meio que arruinou seu penteado perfeito.

Ele sorri também.

— Bem, conserte o dano que você fez, então, mulher.

Levanto minhas mãos até seu cabelo, arrumando as ondas selvagens até que fiquem como ele gosta, um pouco penteado para trás, repartido à esquerda, enrolado ao longo de sua mandíbula. A mandíbula que passo o polegar, apreciando a aspereza de sua nuca até o queixo e a pequena covinha ali. Eu a pressiono com a ponta do meu dedo e sorrio.

— Boop.

Ele estreita os olhos.

— Você acabou de fazer *boop* para minha covinha no queixo?

— E se eu fiz? — Eu encaro sua boca, implorando ao meu corpo para se comportar, para não estragar este momento per-

feito entre nós fazendo algo tão imprudente quanto beijá-lo.
— O que você vai fazer sobre isso?

Sebastian se inclina, pressionando um dedo indicador na minha bochecha, bem na minha covinha, então ele bate suavemente na ponte do meu nariz e acima da minha sobrancelha.

— Vou fazer *boop* em cada maldita sarda do seu corpo em retaliação.

Eu arfo.

— Oh, eu sei o que você está pensando — diz ele, se aproximando e fazendo-me dar um passo para trás com ele até que minhas costas batam nas estantes. Suas mãos me envolvem a tempo e suavizam o impacto contra a prateleira, protegendo-me da borda dura da madeira. — Existem muitas dessas sardas, mas eu juro para você, Sigrid – e já aviso de antemão, eu realmente falo sério, já que, graças a você, eu me tornei um homem de palavra – faça isso de novo em minha covinha no queixo e apenas *veja* onde isso vai te levar.

Eu o encaro, com o coração acelerado, procurando seus olhos.

— Um homem de palavra? — Eu sussurro. — Tipo honesto? Você vai ser honesto comigo?

O riso em seus olhos morre. Ele olha para mim enquanto seus polegares esfregam suavemente ao longo dos meus lados.

— Vou ser honesto com você. Farei o que você quiser, Ziggy. Você apenas tem que perguntar.

Eu mantenho meus olhos nos seus, deliberando, ponderando, quão imprudente e quão corajosa eu serei.

— Onde está minha calcinha daquela noite? No casamento?

A expressão de Sebastian se transforma em surpresa.

— É *isso* que você quer perguntar?

Eu dou de ombros, então coloco minhas mãos em seus ombros, entrelaçando-as atrás de seu pescoço.

— Para início de conversa, sim. Agora, por favor, me responda.

— Ela está... na minha mesa de cabeceira.

— Na sua *mesa de cabeceira.* — Eu levanto minhas sobrancelhas. — Por que ela está lá?

Ele pressiona a língua em sua bochecha.

— Próxima pergunta.

Eu franzo a testa para ele.

— Você disse que seria honesto.

— E eu fui. Eu não disse que responderia a todas as perguntas que você fizesse.

— Você disse que responderia *tudo* o que eu perguntasse.

Ele hesita, então diz:

— Havia uma cláusula secreta que você não percebeu – é uma nota de rodapé. Se você olhar a transcrição, teria que apertar os olhos bem de perto, mas ela diz, "dentro do razoável". Essa pergunta está fora do razoável.

Eu suspiro, derrotada.

— Tudo bem.

Suas mãos deslizam suavemente pelas minhas costas.

— Próxima pergunta.

— Hmmm. — Eu procuro seus olhos, reunindo minha coragem. — Você me disse que só quer ser meu amigo. Você me disse para não pedir mais.

Um músculo em sua mandíbula salta. Seu aperto nas minhas costas aumenta como se fosse um reflexo.

— Essas não são perguntas.

— Estou chegando lá.

Ele engole em seco.

— Ok.

Lentamente, enrolo meus dedos nas pontas de seu cabelo, o olhar fixo no dele.

— Você só quer ser meu amigo porque é tudo o que quer de mim? Ou por que é tudo o que você acha que *deveria* querer de mim?

Sebastian fica quieto por um momento, mãos suavemente fazendo círculos em minhas costas.

— Eu só quero ser seu amigo porque você é muito importante para mim, Ziggy. Porque só agora estou aprendendo a fazer isso direito e tentar ser mais do que isso soa como pura petulância, como Ícaro voando direto para o sol. Porque é assim que posso... *mostrar* o que você significa para mim sem te machucar ou decepcionar. Porque se eu te machucasse ou te decepcionasse, acho que não conseguiria me perdoar.

— Mas e se não for petulância? — Eu sussurro, meu coração doendo. Nunca conheci alguém mais duro consigo mesmo, alguém que acreditasse tão pouco em si.

— Mas *é* petulância — ele sussurra de volta.

Eu pisco, com os meus olhos marejando. Como faço para que ele veja a bondade que vejo nele? Como faço com que ele acredite que está seguro para ser mais do que um amigo para mim, *se* ele quiser, tentar, arriscar e se permitir falhar às vezes e se recompor, sabendo que estarei bem aqui, a cada passo do caminho?

Seu rosto se contrai quando ele registra as lágrimas não derramadas deixando meus olhos marejados. Eu mantenho meu olhar no seu, e suas palavras vagam pela minha mente:

Dizer obrigado é bom, mas não é o suficiente... eu queria te mostrar.

Essas palavras... elas são um lembrete importante e me dão um pouco de esperança.

Sebastian é alguém que precisa experimentar as coisas, *senti-las*, não ouvir palavras sobre elas.

Vou ter que mostrar a ele que isso não é petulância – é a vida, e é assustador tentar conhecer alguém, cuidar de alguém, fazer o que é certo por esse alguém, quando você é humano e imperfeito, com suas próprias necessidades, medos e inseguranças, e você está fadado a falhar algumas vezes.

Eu não sou uma pessoa muito paciente. Eu gosto de ter minha mente em algo e ir atrás disso. Sempre fui assim com

todos os times de futebol que quis entrar, todas as metas acadêmicas que estabeleci, minha checklist dos marcos da vida adulta – faculdade em três anos, finalmente tirar minha carteira de motorista, alcançar independência financeira, garantir meu próprio apartamento. Mas por Sebastian, eu posso ser paciente. Por Sebastian, posso esperar até que talvez, apenas talvez, um dia ele perceba que está seguro comigo para querer mais, *se* ele quiser mais.

Eu espero que ele queira mais.

Porque eu com certeza quero.

— Ziggy. — Sua voz falha. Ele levanta a mão, enxugando minhas lágrimas. — Por favor, não chore. Eu odeio quando você chora.

— Que pena. Você me trouxe para uma livraria depois do expediente sem ninguém para me incomodar e me deu todo o tempo do mundo. Você se abriu para mim e confiou em mim. Você me mostrou gratidão, muito, muito bem, Sebastian. Eu tenho permissão para chorar.

— Qualquer coisa menos lágrimas — ele sussurra, enxugando meus olhos enquanto novas lágrimas caem pelo meu rosto. — Por favor.

Mordendo meu lábio, eu coloco minha cabeça para trás contra uma prateleira, nossos olhares fixos.

— Bem... se me fosse permitido mais um *boop* no seu queixo, acho que talvez eu parasse de chorar.

Ele olha para mim com o olhar brincalhão, a sobrancelha arqueada, e então suspira.

— Tudo bem.

Eu me desencosto da estante, até que nossos peitorais se toquem, até que nossos rostos estejam a centímetros de distância. Lentamente, levanto meu dedo, sorrindo enquanto o pressiono em seu queixo.

— *Boop.*

Ele bufa uma risada, e eu abaixo minha mão, até que caia em seu peito. Meus dedos roçam a pele em seu colarinho aberto, a borda de uma gravata borboleta descansando em seu pescoço.

O ar escapa de Sebastian enquanto seu aperto nas minhas costas aumenta. Eu olho para cima e nossos narizes se encostam, nossos olhos se encontram.

Seja corajosa, Ziggy. Seja corajosa.

— Pergunta — eu sussurro.

Seu pomo-de-adão se move.

— Diga.

— Você quer me beijar agora?

Ele olha para mim, seus olhos suaves enquanto dançam em meu rosto.

— Todos os dias desde que te vi. Agora. Amanhã. Quando estiver no meu leito de morte. Sim, Ziggy, mas somos apenas...

— Amigos.

Ele balança a cabeça lentamente, seu nariz roçando o meu, o ar deixando-o instável enquanto suas mãos deslizam pelas minhas costas.

— Apenas amigos.

— Que tal "apenas amigos"... que se beijam?

Ele geme.

— Isso soa como uma péssima ideia.

— Engraçado — eu sussurro, esfregando meu nariz contra o dele —, eu tenho tentado mudar minha reputação ultimamente. Uma péssima ideia parece ser a minha cara.

— Mas eu... — ele exala rudemente, colocando sua têmpora na minha, sua boca roçando minha orelha —, estou mudando minha reputação para melhor. Péssimas ideias são as últimas coisas que um condenado deveria estar procurando.

— Um condenado busca a absolvição — digo a ele.

Ele balança a cabeça, suspirando quando meus dedos deslizam em seu cabelo.

— Então deixe-me absolvê-lo. Me permita dizer que este beijo pode ser algo entre dois amigos que se preocupam um com o outro, que querem manter um ao outro seguro e fazer o outro se sentir bem. Me permita dizer-lhe que de forma alguma você vai me decepcionar ou me prejudicar com isso. Desfrute de mim. Me deixe desfrutar de você. Pode ser simples assim, eu prometo.

— Ziggy — ele suspira, me puxando contra ele. Sua respiração é instável. Eu sinto seu coração batendo rápido e forte

em seu peito. — Você me promete? Nada vai mudar depois disso?

Eu envolvo meus braços em volta de seu pescoço, meus lábios roçando sua orelha.

— Eu prometo.

Ele não hesita, não me dá tempo, e eu amo isso. Ele segura meu rosto e devora minha boca.

Suspiro ao prová-lo, enquanto seus lábios roçam os meus, primeiro de forma suave, depois de forma bruta e desesperada. Eu agarro seus ombros enquanto suas mãos deslizam para baixo da minha cintura, depois mais para baixo. Ele espalha as mãos na curva da minha bunda, me puxando para mais perto.

Um suspiro me deixa com o alívio extraordinário de seu corpo preso contra o meu. Ele está duro dentro de sua calça jeans, esfregando-se contra meu clitóris por baixo do meu short. Formando ondas de prazer quentes e ansiosas, uma pulsação suave e constante. Cada centímetro de mim se funde com ele.

Eu puxo seu cabelo, e agora *ele* arfa. Eu o beijo com mais força, nossos dentes batendo, até que ele estabeleça nosso ritmo – quadris grudados, roçando juntos, bocas se movendo, lentas e depravadas, carícias de língua quentes e famintas.

Eu poderia fazer isso para sempre – beijá-lo, ouvi-lo, abraçá-lo – absorver cada sensação de seu corpo tão conectado ao meu. A mão de Sebastian vai para o meu cabelo e mergulha na minha trança, segurando minha cabeça.

— Ziggy — ele ofega. — Deus, você tem um gosto tão bom. Você me faz tão bem.

Eu sorrio contra seu beijo.

— Você também me faz, Sebastian.

Ele move seus quadris e apalpa minha bunda, nos puxando para mais perto. O prazer se transforma em uma dor aguda e doce entre minhas coxas, nas pontas dos meus seios enquanto roçam contra ele. Minha cabeça cai para trás. Minhas pernas cedem.

Minha mão dispara reflexivamente para me segurar, mas Sebastian me pega primeiro e me ajuda a descer. Ainda assim, consigo derrubar meia estante de livros no chão. Eu guincho de horror.

— Os livros...

— Que se fodam os livros, Sigrid.

— Eles vão amassar! Ficar danificados!

— Vou comprar todos eles — ele murmura contra a minha boca, puxando um livro grosso no chão, em seguida, colocando-o sob a minha cabeça como um travesseiro.

Eu rio disso, puxando-o para perto. Sebastian rasteja sobre mim e acomoda seu peso entre minhas coxas, derrubando uma nova coleção de livros de outra prateleira. Eles caem sobre nós, mas ricocheteiam em suas costas enquanto ele me protege, pressionando beijos pacientemente em meu pescoço.

— São muitos livros para comprar — eu sussurro em seu cabelo, antes de beijá-lo.

— Vale cada centavo. — Ele pressiona beijos molhados e quentes de volta no meu pescoço e encontra minha boca, roçando seus quadris nos meus.

E então o tempo simplesmente... desacelera. O ar entra em ação, um zumbido reconfortante. As luzes acima lançam um feixe de luz, como uma auréola, em torno deste homem que está tão convencido de que é o pior tipo de pecador. Gentilmente, eu levanto minhas mãos para seu cabelo, alisando-o para trás.

Seu olhar procura o meu. Então, lentamente, ele inclina a cabeça e me beija, suave e lentamente.

Eu envolvo meus braços em torno de suas costas e o puxo para mais perto, até que seu nariz roce o meu, até que nossos peitos se rocem. Ele suspira em minha boca enquanto eu deslizo minhas mãos até sua bunda, puxando-o para mais perto.

Apoiando-se nos dois cotovelos, Sebastian alisa meu cabelo para trás, emoldurando meu rosto com a mão.

— Tão linda — diz ele em voz baixa.

Eu inclino minha cabeça enquanto seu olhar dança sobre meu rosto.

— Isto vindo da pessoa mais bonita que conheço.

— Calada — ele murmura, me beijando.

— Como se você não soubesse disso — murmuro de volta, mas ele me silencia com outro beijo doce e sedutor em minha boca, seguido de um golpe bruto e perverso de sua língua. Ele sussurra meu nome enquanto mais pressiona seu corpo no

meu, e eu o sinto duro e pesado, exatamente onde eu preciso dele.

Envolvendo meu braço em torno de suas costas, eu o puxo para mais perto, até que nossos peitos se toquem. Nossas bocas se fundem em beijos profundos e lentos. Nós nos movemos preguiçosamente no início, Sebastian com a mão emaranhada no meu cabelo, sua boca com a minha; eu com minhas mãos patinando sobre os músculos firmes de suas costas, até a espessura sedosa de seus cabelos caindo em seu rosto.

— Sebastian. — Eu chamo seu nome baixinho enquanto o prazer tece por meu corpo, se construindo e se enrolando. Eu absorvo seus sons, seus gemidos falhados e doloridos, cada respiração profunda e irregular.

— Ziggy — ele sussurra.

— Melhor. Beijo. De. Todos.

Ele sorri contra o nosso beijo.

— Melhor beijo de todos.

Eu envolvo minha perna em torno dele e a deslizo para baixo de sua panturrilha, aproximando meu quadril. Sua testa cai na minha, e um gemido escapa dele, baixo e falhado. Seu eco cru e necessitado, o empurrão perfeito dos quadris, puxa aquele fio de prazer que me percorre até que ele se parta e se desfaça em mil pedacinhos dentro de mim. O orgasmo me atinge, de forma aguda, me deixando trêmula, me dando o doce alívio que me arrebate em meu ventre, entre minhas coxas, nas pontas dos meus seios, subindo pela minha garganta

até as bordas das minhas orelhas, onde sinto sua respiração, áspera e quente.

Eu arqueio para Sebastian novamente enquanto outra onda de prazer me atinge e absorvo seu gemido rouco, sua mão apertando meu cabelo, enquanto ele acalma seu corpo, pesado sobre o meu. Eu sinto cada centímetro dele, duro e insistente em seu jeans, e digo a mim mesma que assim que eu tiver me recuperado o suficiente deste orgasmo avassalador para lembrar o que são minhas mãos e como elas funcionam, eu vou fazer este homem sentir isso também.

Lentamente, ele se afasta, olhando para mim, alisando as mechas finas e agora suadas do meu cabelo. Seus dedos roçam minha bochecha quente, corada de tanto gozar.

Eu o observo, atordoada, com todos os meus membros moles e necessitando de toque. Jogando meus braços em volta de seu pescoço, eu sorrio quando ele se inclina e me beija, de forma doce e suave.

— Isso — eu sussurro —, é capaz de ter me arruinado para todas as futuras visitas a livrarias.

Os olhos de Sebastian se enrugam. Seu torso começa a tremer. E então ele solta a gargalhada mais alta e adorável que eu já ouvi.

24

SEBASTIAN

Música da Playlist: "I Wish I Was", The Avett Brothers

Minha risada se torna um suspiro quando Ziggy me empurra de costas e desliza a perna por meu estômago, sentando bem sobre meu pau que está tão duro que não sei como não estourou o zíper da minha calça jeans.

— Ziggy. — Coloco a mão em sua coxa, parando-a.

Ela congela, apoiada no cotovelo, olhando para mim.

— O quê?

Lentamente, eu me endireito e ela se senta comigo. Levando a mão ao rosto dela, traço meus dedos por suas sardas, depois afundo-os em sua trança gloriosamente desgrenhada.

— Estou bem.

Ela espia minha virilha, onde aparenta que estou, ao que tudo indica, nada bem.

— O quê?

— Eu... — Soltando um suspiro, eu acaricio sua bochecha rosada com meus dedos novamente, então pressiono um beijo gentil direto em uma das minhas sardas favoritas, localizada em sua covinha. — Estou bem.

Sua cabeça se inclina daquele jeito que ela sempre faz, enquanto ela se afasta, não duramente, apenas curiosa, seus olhos procurando os meus.

— Mas você foi muito bom para mim...

— Não bom o suficiente.

— Sebastian. — Ela arqueia uma sobrancelha. — Fui eu quem acabou de ter um orgasmo tão intenso que vi o espaço sideral inteiro. *Eu* posso te falar se foi ou não bom o suficiente, e estou lhe dizendo que foi.

— Fico feliz. — Eu me inclino e pressiono um beijo suave e lento em sua bochecha, respirando-a. — Então foi bom o suficiente para mim também. Isso é tudo que preciso.

Ela franze a testa quando me levanto e fico de pé, embora não tão graciosamente quanto gostaria, devido à dor latejante em meu pau. Ela acha que viu o espaço sideral? Eu estava a cerca de duas roçadas de distância de explodir como um foguete. Tive que lembrar da última vez que comi um calzone e literalmente pensei que estava morrendo, estava com tanta dor na época, me vejo capaz de me acalmar completamente agora e ofereço minha mão a ela.

Ziggy a pega, um pouco hesitante no começo, antes de me deixar ajudá-la a se levantar. Ela levanta com um salto, puxando para baixo sua adorável camiseta verde-escura que subiu até a metade de seu torso durante nossa pequena sessão de amassos no chão. Quando ela a coloca de volta na cintura do short jeans que cortei para ela, eu o vejo novamente, o rosto

sorridente e inteligente dos anos 1970 adulterado com o icônico penteado e cavanhaque de Shakespeare estampado. Abaixo do Shakespeare Sorridente está escrito: "Que seja uma boa peça".

Ela olha para mim por um segundo, nossas mãos juntas, os dedos emaranhados. Sua testa está franzida, seu olhar me checando, como um raio-X, fazendo diagnósticos.

Eu sorrio, porque não consigo evitar. Eu costumava ter pavor daquele olhar. Agora eu acho que só poderia desejar tê-lo sobre mim. Porque isso significa que ela está tentando me entender. Isso significa que Ziggy pode não gostar do que estou fazendo ou compreender, mas ela está disposta a ficar comigo de qualquer maneira.

Lentamente, ela se vira para os livros espalhados pelo chão e se curva. Quando ela pega o primeiro livro, empinando sua bunda em toda a sua glória dentro daquele short jeans, ela deixa escapar um som satisfeito, baixo e rouco em sua garganta.

Eu me agacho e começo a pegar os livros também, talvez olhando demais para a bunda dela que derrubo alguns livros que tento pegar. Chego muito, *muito* perto de implorar para que ela tire aquele short, me deite no chão e se sente na minha cara, mas de alguma forma me mantenho forte, limpando nossa bagunça ao lado dela.

— Bem — Ziggy suspira. Ela se vira, carregando uma pilha enorme em seus braços. — Acho que é hora de dar uma olhada em alguns livros.

— Então. — Ziggy mastiga um dos biscoitos de chocolate, incríveis para caralho, que ela me deu, afastando as migalhas que caem sobre o livro aninhado em seu colo.

Eu olho para cima do livro que estou folheando, um de seus romances de fantasia favoritos. Trocamos nossos gêneros favoritos. Ziggy me entregou esse "romantasia" como ela chama; eu lhe entreguei um dos meus livros favoritos de ficção científica distópica.

— Então?

— Por que você deu sua parte para Gabe no meio do Ato Três esta noite?

Eu coloco o livro de lado e me inclino em direção a ela, roçando sua perna na minha onde estamos sentados no chão, encostados em estantes opostas.

— Parecia a coisa mais ponderada a se fazer. Eu deveria ter estado lá na hora de interpretar Benedicto, cheguei tarde e o interrompi com minha entrada.

Ela sorri.

— E foi uma entrada muito dramática.

Eu faço uma reverência teatral.

— Mas Gabe chegou na hora, pronto para ler a parte de Benedicto, e eu sei que o Clube do Shakespeare é um grande negócio para os amigos de teatro de Ren. Achei que seria justo dividir o papel, considerando isso.

Ziggy inclina a cabeça e enfia o último pedaço de biscoito na boca.

— Entendi. Bem, isso é legal da sua parte.

Também não é toda a verdade. A verdade é que eu conheço essa peça. Eu a conheço muito bem. E eu sei que Beatriz e Benedicto têm uma declaração de amor muito boa no Ato Quatro, e no Ato Cinco também, aliás. Eu não poderia... eu não poderia fazer isso. Eu não podia olhar para Ziggy, mesmo que estivéssemos interpretando papéis, e dizer a ela que a amo. Eu não poderia dizer isso a ela e não significar nada.

Não... que eu planeje dizer essas palavras para Ziggy no futuro, sendo sincero. Mas ainda assim, ela é alguém que significa muito para mim depois de apenas algumas semanas na minha vida. Ela é alguém que eu quero cuidar e ser bom e aproveitar ao máximo. Ela é minha amiga.

Sua amiga, hein? Com quem você acabou de beijar e dar uns amassos até a beira de um orgasmo cheio de tremedeira?

Sim, bem. Isto é verdade. Mas Ziggy e eu fizemos uma promessa. Nós nos divertimos assim, e agora nada vai mudar. Como ela disse, existem amigos com benefícios. E enquanto eu originalmente esperava manter minhas mãos longe dela completamente, isso foi por ralo abaixo desde a noite na minha varanda, quando eu a apalpei completamente, quando ela me beijou tão bem que minhas pernas cederam.

Consegui, no entanto – e pretendo continuar conseguindo – manter esse novo nível de contato físico unilateral. Posso

dar a ela o que ela precisar, quando ela me mostrar que precisa, fazê-la se sentir incrível, sem tomar nenhum proveito para mim.

Eu posso ser bom para ela. Isso é tudo que eu quero ser – tão bom para ela.

Mas talvez não tão bom a ponto de deixá-la comer todos os meus biscoitos de chocolate sem glúten.

— Vamos com calma aí, gracinha. — Eu arrasto o recipiente de biscoitos de volta para mim.

Ziggy me olha boquiaberta.

— Apenas comi *três*!

— Três? — Eu mastigo outro biscoito. Jesus Cristo, isso é a porra de um sonho. Como eles são sem glúten está além da minha compreensão. — Sim, esse número é preciso se você o multiplicar por um *expoente* de três.

— Seu idiota. — Ela me empurra no quadril com o pé. — Eu comi três.

Eu sorrio, colocando o livro de volta no meu colo enquanto coloco o resto do biscoito na minha boca.

— Se você diz, querida Ziggy.

Ela suspira, jogando o livro de volta no colo também. Fica quieta por alguns minutos, com nada além do *ruído* suave do papel enquanto viramos as páginas, o som ocasional de mastigação quando mordo outro biscoito.

Mas então, em um movimento de pura furtividade, Ziggy agarra o recipiente, rouba outro biscoito e enfia ele todo na boca.

— Mulher! — Eu me jogo na direção dela, rindo enquanto ela grita com a boca cheia de biscoito e se levanta, correndo pelo corredor. — Esses são meus biscoitos sem glúten!

— Que *eu* encomendei especialmente para você! — Ela grita com a boca cheia, fazendo a curva do corredor bruscamente e virando.

Eu quase a pego, contornando o corredor apenas um segundo depois.

— Você privaria um doente crônico da simples alegria de comer três dúzias de biscoitos de chocolate recheados com cobertura de creme de manteiga e biscoito de merengue de amêndoa? Que vergonha.

Ela gargalha enquanto viramos a curva do corredor de novo indo de encontro com o meu lado do corredor, onde meus biscoitos esperam, como uma deliciosa presa indefesa, prontos para ela roubar todos eles.

— Juro por Deus, Ziggy, se você os roubar... eu amo esses meus biscoitos de chocolate.

Ela pula sobre o recipiente, então se vira, corada e sorrindo quando ela encontra meus olhos. Eu a encaro, quente e excitado, ansioso para puxá-la em meus braços novamente e tocá-la, aprender sobre ela, fazê-la corar e sorrir por um motivo ainda melhor.

Lentamente, ela se curva e os pega, então fecha a tampa.

— Estou feliz que você amou os biscoitos. — Sua voz é baixa enquanto ela olha para mim. — Porque há muito mais de onde eles vieram.

Eu pego o recipiente dela, olhando para os biscoitos através da tampa, então volto a olhar para cima.

— Onde você os conseguiu, afinal?

— Com Viggo — ela diz.

Eu franzo a testa.

— Droga.

— O quê?

— Eu não quero gostar dele. Mas acho que vou ter que gostar, se foi ele quem assou isso.

Ela sorri.

— Viggo dá trabalho, mas todo mundo sempre acaba amando-o. Você também irá.

— Eu não amo nada, exceto hóquei — eu a lembro.

O sorriso de Ziggy se alarga quando ela pega meu cabelo e passa os dedos pelas minhas têmporas. Então ela gira o pulso, abrindo a mão. Um biscoito de chocolate está em sua palma. Ela pega, então me oferece uma mordida.

— Diz o homem que acabou de admitir que ama esses biscoitos.

Eu dou a ela um olhar sério, suavizado por um sorriso. Me inclinando, mordo o biscoito.

— Parece que algumas outras coisas podem ter encontrado um lugar em seu coração. — Ela diz e então coloca o resto na boca.

Fora de seu apartamento, Ziggy se vira e me encara.

— Obrigada, Sebastian. Esta noite foi realmente... — Ela cora, sorrindo. A luz das estrelas torna seu cabelo ruivo em um tom frio, faz seus olhos brilharem como esmeraldas em uma caverna profunda. — Foi realmente adorável.

Eu pego a mão dela, então a aperto como ela gosta, como ela sempre aperta a minha.

— Foi.

Nossos olhos se fixam por um tempo longo demais. Ziggy pisca para longe.

— Então — diz ela. — Esta semana, sua agenda... — Agora temos um calendário compartilhado no Google, porque ficou mais fácil planejar as saídas publicitárias — está uma doidice. Assim como a minha.

Eu concordo.

— Sim. Não há tempo para ioga raivosa.

— Nuh-uh. — Ela mexe em seu celular. — Pobre Yuval.

— Pobre Yuval, por quê?

Ziggy lança um olhar incrédulo para mim, antes de se concentrar novamente em seu telefone.

— Elu têm uma queda enorme por você. Eu sou autista – nunca noto essas coisas, e até *eu* percebi. Como você não notou?

Porque eu não dou a mínima para o que alguém quer ou sente por mim, a menos que seja você.

Reviro os olhos.

— Você viajou na maionese.

— Não viajei, mas tanto faz. — Ela guarda o telefone no bolso. — Ok, nossa semana está muito ocupada. É só isso. Mas vamos pensar em algo em breve. Aguente firme enquanto Lars te faz sofrer. Coloque gelo nesse pé, ok?

Ela me envolve em um abraço, o habitual, doce e platônico abraço tão típico de Ziggy que ainda me deixa louco, esmagando seus seios no meu peito, fazendo cócegas em meu rosto com seu cabelo, me inundando em seu cheiro suave e limpo de água.

— Ziggy?

— Sim, Sebastian. — Ela ainda está me abraçando, ou talvez seja mais correto dizer que eu estou segurando seu abraço como um refém, com meus braços em volta dela, apertando-a, porque é mais fácil ser corajoso quando não estou olhando para ela, quando sinto seu coração batendo junto ao meu, sua presença reconfortante pressionada contra meu corpo.

— Você... — Eu limpo minha garganta, irritado comigo mesmo com o quão nervoso estou. — Eu chequei o calendário e vi que você não tem jogos esses dias, então eu estava pen-

sando... Nossos três primeiros jogos da pré-temporada são fora de casa, mas você poderia vir ao meu jogo em casa? O primeiro jogo em casa no próximo domingo?

Eu sinto seu sorriso erguer sua bochecha contra a minha, antes que um suspiro a deixe, fazendo cócegas em meu pescoço.

— Seu idiota. Como se você tivesse que sequer perguntar. Eu já ia estar lá.

25

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Eagle Birds", The Black Keys

— Gosto do que estou vendo, Gauthier. — A Dra. Amy Howard, nossa médica da equipe, enrola o estetoscópio no pescoço e sorri para mim. — Seu peso voltou. O relatório dos treinadores sobre a recuperação do seu pé é brilhante. Seus sinais vitais estão excelentes, com exceção da pressão arterial elevada, que estou atribuindo ao nervosismo.

Minha pressão arterial aumentou devido ao nervosismo, certo. É meu primeiro jogo em casa depois de quase afundar minha carreira na lama, e muitos olhos estão em mim, me observando para avaliarem se valho a pena o aborrecimento, se sou bom o suficiente para merecer permanecer no time. Eu tenho muito a provar. Depois, há o fato de que Ziggy está vindo, que ela estará me assistindo.

Entre todas, essa é a maior causa do nervosismo.

— Você tem seguido estritamente aquela dieta sem glúten? — Dra. Amy pergunta.

Eu pisco, sendo arrancado dos meus pensamentos.

— Sim. Totalmente.

— Como está sendo?

— Fantástico. Eu sinto como se por toda a minha vida, eu estivesse tentando enxergar por meio de lentes borradas e embaçadas e essa dieta me fez ver tudo com clareza. Meu estômago quase nunca dói. Essas dores que eu teria, estão se dissipando. Estou seguindo essa dieta à risca, devido ao quão bem faz eu me sentir.

Ela sorri.

— Estou muito feliz em ouvir isso. Dê mais tempo para ver mais resultados. Você vai se sentir ainda melhor. E mantenha este bom autocuidado.

— Farei isso, doutora. — Deslizo da mesa de exame e visto minha jaqueta de aquecimento. — Então, tudo certo?

Ela acena com a cabeça.

— Tudo certo. Boa sorte esta noite. Marque alguns gols como você sempre faz.

— Pode deixar. Até mais.

Eu atravesso os corredores da instalação, de volta para a sala de treinamento, onde todos estão com roupas esportivas casuais, fazendo seus exercícios típicos antes de entrarmos no gelo para o jogo.

— Seb! — Ren acena para mim, parado no corredor e segurando o telefone.

Eu corro em direção a ele, então paro. Ren se vira para que eu possa ver a tela e eu sorrio.

— Oi, Linnie.

— Ei, Encrenca! — Ela grita. Eu pensei que ela estava apenas gritando quando estávamos no estádio porque estava barulhento, mas estou começando a pensar que talvez Linnie apenas grite por tudo. — Boa sorte! — Ela grita. — Não pude ir hoje à noite, porque estamos todos vomitando.

Eu faço uma careta.

— Oh-oh. Todos vocês?

Linnie acena com a cabeça solenemente.

— Eu fui a primeira. Na verdade, o Cade na pré-escola foi quem começou. Ele vomitou no meu livro de colorir, aí eu cheguei em casa e vomitei no papai. Então papai vomitou no banheiro, mas ainda assim fez mamãe vomitar. Agora meu bebê Theo está vomitando... — ela se inclina, grandes olhos azuis pálidos arregalados dramaticamente —, *em todos os lugares.*

Ren coloca o punho na frente da boca. Ele parece um pouco enjoado.

— Linnie, podemos não falar mais sobre vômito? Está fazendo meu estômago embrulhar.

— Claro — ela diz alegremente, descansando uma bochecha em sua mão aberta, piscando para nós como uma coruja. — Sobre o que mais vocês querem falar?

Eu dou uma risada. Essa garota é muito engraçada.

— Bem... — Ren franze a testa. — Não sei. Talvez sobre quantos feitiços você lançou hoje?

— Dez! — Ela grita, ambas as mãos levantadas para nos mostrar, o que significa que ela deixou cair o telefone. Temos a visão do teto dela, que está coberto de estrelas que brilham no escuro, antes que a tela se mova e depois se vire para Linnie novamente. — O feitiço anti-vômito não funcionou. Theo vomitou por toda a parede. Parecia um sorvete de baunilha escorrendo.

Ren fica com náuseas, prestes a vomitar.

Pego o telefone enquanto ele se inclina, com as mãos nos joelhos, e respira fundo.

— Como você lança feitiços? — Eu pergunto.

— Sou uma bruxa. — Ela franze a testa para mim com uma clara preocupação porque eu sequer tive que perguntar.

— Ahhh, uma bruxa.

Ren se levanta e respira devagar e profundamente, balançando a cabeça. Ele pega o telefone de volta da minha mão e gesticula com a boca sem emitir som de: "*obrigado*".

— Como você se tornou uma bruxa? — Eu pergunto a ela.

— Fácil. Eu apenas sou. Como a tia Frankie. — Ela sai da tela e retorna com uma versão do tamanho para Linnie da bengala de Frankie. — Ela me mostrou como lançar feitiços para me livrar de coisas assustadoras.

Ren sorri daquele jeito que sempre faz quando alguém fala de Frankie. Isso costumava me irritar para caralho, quando eu estava mal-humorado e chateado com a vida, mas agora eu

apenas sinto uma estranha afinidade com aquele olhar de cachorrinho.

O que... eu não deveria sentir. Eu sou um babaca com tanta bagagem, tantos medos, eu sou muito covarde para pedir mais do que amizade da mulher que eu estou tão de quatro, eu não consigo fazer porra nenhuma em um dia sequer sem pensar nela.

Parece que algo está apertando minhas costelas desde que levei Ziggy à livraria na semana passada, desde que despejei minha bagunça emocional nela e ela foi tão boa para mim, desde que nos beijamos e nos tocamos daquele jeito.

Eu tenho estado muito confuso.

Em um momento eu quero correr para o apartamento dela, bater em sua porta e dizer-lhe que eu quero tudo o que ela vai me dar. No próximo instante, aquele medo profundo de que eu ainda sou um desastre e posso sabotar qualquer coisa boa que eu venha a ter com ela, toma conta de mim e me faz congelar.

Eu tenho que ser paciente comigo mesmo. Continuo me lembrando do que Ren disse sobre sair do lugar de merda em que me meti, quando tudo isso começou – quando bati aquele carro, então Ziggy entrou na minha vida:

Vai levar tempo. Coisas boas, coisas curativas, que levam ao crescimento, muitas vezes são assim. As vitórias são conquistadas com paciência, resistência e pequenos passos de formiguinha.

Aqueles momentos em que estou vulnerável, deitado na cama à noite lendo, pensando em Ziggy com aquelas migalhas de biscoito caindo em seu livro; cozinhando refeições com todos os ingredientes que ela me ajudou a comprar; fazendo ioga com o Lars e a equipe, desejando estar fazendo ioga raivosa com Ziggy em vez disso, penso que haverá um dia em que sentirei que arrumei as coisas dentro de mim e estou bem o suficiente para ser digno de pedir mais a Ziggy.

E então penso em como eu poderia perdê-la completamente se tivesse a sorte de tê-la como mais do que uma amiga, e então estragasse tudo. Se um dia ou uma escolha ruim pudesse arruinar o relacionamento mais precioso e saudável que já tive.

— Parece que você está um pouco assustado, Encrenca. — Linnie se inclina para a frente, até deixar apenas seus olhos azul-claros e um cacho de cabelo castanho-escuro caindo na testa aparecendo na tela. — Você precisa de um feitiço para te ajudar a enfrentar o medo?

Eu engulo em seco, então limpo minha garganta.

— Claro, Linnie. Vou aceitar toda a ajuda que conseguir.

Ren sorri quando Linnie apoia seu telefone, agarra sua pequena bengala e se apoia nela, como Frankie faz, dizendo algum tipo de encantamento que soa notavelmente como palavras em sueco que ouvi Ziggy murmurar baixinho quando estou esgotando sua paciência. Eu sorrio também.

— Aí está! — Ela bate palmas enquanto a bengala sai de tela. — Tudo certinho.

— Você é a melhor.

— Boa sorte, Encrenca. Boa sorte, tio Ren. Faça um gol para mim. Não, dois. Não, três é melhor!

— Faremos o nosso melhor! — Ren diz a ela. — Tchau, Linnie. Amo você.

Ela se inclina e pressiona os lábios na tela, transformando a imagem em um borrão rosa com um som alto de estalo.

— Te amo, tchauuuuuu.

A chamada termina.

— Ela é doidinha. — Ren guarda o telefone no bolso e se vira para mim. — Obrigado por se juntar à ligação. Ela estava perguntando sobre você.

Meu estômago dá uma cambalhota.

— Ela estava?

— Oh, Linnie é discretamente obcecada por você. Ela fica perguntando quando o Encrenca vem para o jantar de domingo em família.

Eu sorrio.

— Não vou mentir, adoro que ela me chame de Encrenca.

Ren ri.

— Ziggy ri toda vez que ela diz isso.

Meu sorriso desaparece. Penso em Ziggy, sentada ao redor da mesa com a família, o quão boa ela provavelmente é com a sobrinha, se ela é tão boa como foi com as crianças na arrecadação de fundos do rinque de patinação. Como Ren, ela se

abaixava ao tamanho de cada um deles, enxergava eles, envolvia-se nas conversas, genuinamente gentil e atenciosa.

Penso no quanto eu realmente gostaria de sentar naquela mesa com Ziggy e todos aqueles Bergmans barulhentos, o mesmo caos que me cercou no jogo dela enchendo uma sala de jantar.

— A propósito, obrigado por mantê-la entretida com as perguntas sobre feitiços — diz Ren. — Se ela falasse em vomitar de novo, acho que *eu* teria colocado para fora todo o meu almoço. — Ren estremece. — Eu realmente não aguento vômito. Falar sobre ou sequer pensar...

— *Zenzero*! — Frankie grita do fundo do corredor, caminhando em nossa direção na sua versão fodona de sempre, com sua bengala batendo no chão. Ela está com uma longa jaqueta preta, seus tênis pretos e prateados de sempre, calças pretas e um suéter cinza com decote em V. Cores de nobres. — Eu estive procurando por você.

Ele sorri, com os olhos de cachorrinho para ela. Esqueci o significado do apelido que ela usou, mas sempre que ela o chama assim, ele vira uma manteiga derretida.

— Ei, docinho de coco.

— Não venha com essa porcaria fofa para cima de mim agora. Carl Clayton da ESPN – *o* Carl Clayton acabou de me encontrar e disse... Oi, Schar. — Ela acena para Kris, que passa por nós, encarando uma segunda vez para se certificar do que vê.

Ele se endireita como um soldado que acabou de encontrar seu general comandante, então sorri para ela. Nem todos os ex-funcionários podem passear por aqui, mas mesmo que ela não fosse casada com Ren, a nostalgia coletiva dos dias de Frankie aqui como coordenadora de mídia social dos jogos, antes dela se tornar uma agente e antes também de eu ser contratado pelo time, seria motivo suficiente para que ela ainda se misturasse aqui de vez em quando.

— Frank, a general. Que bom te ver. — Kris dá uma cotovelada em Frankie. Ela bate nas costas dele com as dela.

Eu olho entre eles, confuso com o gesto.

— Temporada de gripes e resfriados — Kris explica, apontando para Ren. — O Bergman aqui disse que se visse qualquer um de nós tocar as mãos de sua esposa com nossas patas sujas entre agora e os playoffs, ele não seria responsável por suas ações.

Frankie e eu nos viramos para Ren ao mesmo tempo, com os olhos arregalados. Ren cora espetacularmente enquanto esfrega a nuca.

— Brutal, mas necessário, Francesca. Não teremos mais repetições do problema estomacal da última temporada.

— Oh, faça-me o favor! — Frankie retruca.

Kris percebe os sinais da ira de Frankie como a deixa certa para vazar. Começo a recuar também, mas Frankie me agarra pela jaqueta.

— Não tão rápido, Gauthier. Eu quero trocar palavras com você. — Ela se volta para Ren. — Eu *não* peguei aquele resfriado do time.

— Sim, docinho, você definitivamente pegou. Você veio comer hambúrgueres depois que ganhamos e deu um tapa na mão de Tyler, Arneaux e Valnikov, que começaram a vomitar no dia seguinte.

— Uau, você se lembra exatamente quem ela cumprimentou com um tapinha na mão?

— Um dia você vai entender — Ren me diz, depois diz a Frankie: — Vomitando as *tripas*, para ser mais específico. Então, dois dias depois, você estava exatamente na mesma situação, vomitando a torto e a direito. Quero dizer, você fez espaguete com almôndegas e, dez minutos depois, colocou para fora os biscoitos – bem, a comida italiana, na verdade – bem no sofá, tivemos de jogá-lo fora. — Ren gagueja. — Oof, falei um pouco demais sobre isso. Estou ficando enjoado.

Eu esfrego minha garganta, tentando desfazer o nó criado por uma onda de náusea.

— Você acha?

Agora é a vez de Frankie parecer um pouco enjoada.

— Ren, podemos parar de, uh... falar sobre... isso? — Ela enxuga a testa, que agora está úmida de suor.

Ren franze a testa, seu olhar percorrendo-a com preocupação.

— Tranquilamente. Odeio falar sobre vômito.

Ouvir essa palavra uma última vez parece liberar o vômito dela, porque de repente Frankie agarra o braço de Ren e prontamente esvazia seu estômago no chão.

Depois do meu mini surto emocional durante a ligação de Linnie e o drama do vômito, estou eufórico para caralho por estar no gelo, minha mente em branco, meu corpo leve. Este é o lugar mais fácil para eu existir. Só eu e meus patins, meu taco, um disco e a rede para balançar, repetidamente. Claro, há meus companheiros de equipe. Há a diversão de jogar uma partida realmente bonita com eles. Mas nada supera essa sensação – de estar em meus patins, voando pelo gelo, o disco e meu taco como uma extensão de mim.

O ar está perfeitamente revigorante enquanto brinco com o disco, depois o jogo em direção a nosso goleiro, Valnikov, o que o faz gritar quando ele pega o disco com as luvas em suas mãos, bem na frente de suas bolas, antes de acertá-las.

— Calma aí, Gauthier. Estou tentando começar uma família!

Alguns dos caras riem enquanto nos contorcemos.

Ren patina em minha direção, parecendo um pouco pálido, mas em sua maioria, normal. Eu vou de encontro a ele e paro derrapando um pouco no gelo.

— Você está bem?

— Sim. — Ele pigarreia, então olha por cima do ombro, procurando a parte onde sua família está sentada, mas nenhum sinal de sua esposa. — Estou preocupado com Frankie. Ela não costuma simplesmente vomitar.

— Não comece essa merda de novo. — Eu patino de novo, me afastando e colocando dois metros entre nós em meio segundo.

Ele levanta a mão enluvada que não está segurando o taco.

— Desculpe.

Arneaux me passa o disco e eu o viro para cima do taco, brincando.

— Ela vai ficar bem, Ren. Sei que se preocupa com ela e sei que ela tem problemas de saúde, mas tem que confiar nela. Se ela disser que está bem, ela está bem.

— Ela costumava mentir para mim sobre isso — ele murmura, pegando o disco quando eu o passo para ele e movendo-o para frente e para trás enquanto ele muda o lado do taco —, sobre estar bem.

— "Costumava" parece ser uma parte muito importante dessa frase.

Ele olha para mim, olhos claros estreitos. Ele olha para o disco e suspira.

— Sim, você está certo. Ela não faz mais isso. Ela me prometeu que não o faria, e não o fez desde então. Eu preciso confiar nela.

— Além disso — eu aceno em direção à área reservada onde sua família está sentada, Frankie agora localizada entre eles —, ela não está sozinha. Eles estão com ela. — Frankie coloca na mesa o que eu sei que agora é um refrigerante de raiz com um canudo – é sempre a bebida preferida dela quando nos encontramos periodicamente para falar de negócios durante uma refeição – e acena para Ren.

Ren levanta a mão com a luva, olhando para ela.

— Sim, eles estão.

Meu olhar percorre os rostos de sua família. Seus pais, que sorriem e acenam, para quem eu sorrio e aceno de volta. Viggo, para quem eu faço cara feia quando ele mostra a língua para mim como a criança que ele claramente é. Um casal do qual me lembro vagamente do casamento – o homem tem cabelo loiro escuro e barba, a mulher, com ondas encaracoladas que saem de um coque na cabeça – acenam quando Ren sorri para eles. Frankie, que sorri com o canudo de sua bebida em sua boca, olhos fixos em Ren, e então...

Ai, Jesus. Meu coração bate contra minhas costelas.

Ziggy, com suas covinhas e sardas, com um sorriso largo enquanto acena. Ela está usando os protetores de ouvido pretos mais fofos que eu já vi.

Levanto minha mão com a luva e aceno de volta, tentando me lembrar de como funciona respirar.

— Que tal você fazer um gol ou dois hoje à noite? — Ren diz enquanto dá a volta ao meu redor, puxando o disco com

ele. — Só pelo prazer de ouvir minha irmã assobiar. Você acha que sabe assobiar? Espere até ouvir Ziggy assobiando.

26

ZIGGY

Música da Playlist: "You You", Odetta Hartman

Bem. Isso vai ser um problema.

Assistir Sebastian jogar hóquei é muito excitante. Ele é um jogador brilhante, algo que eu já sabia por ter assistido aos jogos de Ren desde que Sebastian foi contratado. Mas conhecendo-o agora, um mês depois do que começou como uma farsa publicitária mutuamente benéfica, e que se tornou muito mais, sinto esse profundo sentimento de orgulho e felicidade, uma conexão com essa pessoa patinando sobre o gelo que eu não tinha antes.

É o terceiro período, com dois míseros minutos restantes, e o LA perde por um ponto, graças a alguns deslizes da defesa e uma falta de sorte por parte de Valnikov, o goleiro dos Kings. Ainda assim, Sebastian parece calmo e composto, imperturbável diante da pressão que está sobre ele enquanto ele se curva, seu cabelo escuro enrolado dentro do capacete, observando Ren se inclinar para um confronto direto, logo após o último gol de Anaheim.

Observo Ren ganhar o disco, que ele manda direto para Sebastian.

Sebastian *voa* pelo gelo, driblando, ziguezagueando, rápido como um raio enquanto move o disco, vencendo um jogador após o outro. Ren não é tão rápido quanto Sebastian, mas está bem perto disso, alcançando-o rapidamente. Isso me faz sorrir, assistindo ambos jogarem juntos. Eu mexo a perna nervosamente em meu assento, minhas mãos cruzadas em meu colo.

Seja pelos dois anos jogando juntos ou por algum tipo de conexão profunda entre eles, Ren e Sebastian moveram o disco pelo gelo perfeitamente a noite toda, encontrando-se nos momentos mais improváveis, de uma maneira que faz qualquer um perder o fôlego.

Quando Sebastian se aproxima do gol, o zagueiro do Anaheim patina até ele, balançando o taco, tentando roubar o disco. Mas Sebastian é muito rápido, driblando entre os patins e depois entre as pernas do defensor – uma caneta, como diríamos no futebol – que faz a arena explodir de emoção. Enquanto o zagueiro gira, realmente derrotado, e o goleiro se inclina em sua direção, Sebastian joga o disco na área do gol para Ren, cujo taco faz um som delicioso de *slap* ao acertar o disco, enterrando-o na rede.

Eu grito – todos nós gritamos –, pulando e berrando quando a campainha soa e a luz sobre a rede ganha vida, piscando em vermelho. Frankie e eu nos abraçamos com força, empurrando uma à outra enquanto observamos os Kings se aproximarem de Sebastian e Ren como um enxame enquanto eles patinam na direção um do outro e se abraçam.

Por cima do ombro do meu irmão, Sebastian olha para cima, e meu coração dispara. Seus olhos encontram os meus, e ele sorri, um sorriso largo e doce, sem nenhuma sombra daquele sarcástico que apareceu tantas vezes quando começamos tudo isso.

Eu sorrio para ele também, explodindo de orgulho. Eu sei que ele não é meu para sentir esse orgulho, mas ele ainda é meu amigo. Eu não posso evitar.

Me virando para Frankie, eu bato no ombro do meu irmão Ryder. Ele olha para mim, intrigado.

— Fica ligado — eu digo a ele.

Depois de perder a maior parte de sua audição devido a meningite bacteriana, Ryder usa aparelhos auditivos, e o que estou prestes a fazer o deixará infeliz se eu não o avisar. Ele sorri, lendo minha animação e sabendo o que eu quero fazer. Depois de uma rápida alteração em seus aparelhos auditivos, ele acena na minha direção, me dando o sinal verde.

Colocando dois dedos na boca, solto um assobio que reverbera pelo estádio, fazendo todos gritarem e rirem.

— Droga, isso foi lindo — diz Frankie.

Eu sorrio para ela enquanto nos acomodamos em nossos assentos.

— Eles funcionam muito bem juntos.

— Eles sempre funcionam. Mas Seb, esta noite, há um fogo sob ele que eu nunca vi antes.

— Acho que ele está se sentindo melhor — digo a ela. — Desde que recebeu o diagnóstico da doença celíaca, ele está comendo direito e não bebendo tanto. Ele se curou e está se alimentando. Isso faz uma grande diferença.

Frankie passa a mão na boca e olha na minha direção.

— Eu acho que certamente grande parte se deve a isso, sim.

— E o que mais seria?

De repente, há um tumulto nas arquibancadas, fazendo-me olhar para o gelo. Meu estômago revira.

Um dos jogadores do Anaheim está atacando Sebastian, que está... fazendo muito menos do que eu gostaria para se defender. Eu já vi Sebastian brigar antes. A coisa fica feia – para a *outra* pessoa. Ele é tão rápido com as mãos quanto no gelo. Mas esta noite, não há sinal desse homem.

O jogador do Anaheim vira novamente e tenta acertar Sebastian na lateral da cabeça. Felizmente, Sebastian deslizou habilmente, bem quando o árbitro patinou e puxou o jogador do Anaheim, mandando-o direto para o banco de penalidade.

— Bem — Frankie reflete, sentando-se com os braços cruzados sobre o peito. Suas sobrancelhas estão quase na linha do cabelo. — Há uma primeira vez para tudo.

— O que você quer dizer?

Ela levanta a mão apontando na direção de Sebastian.

— Seb não revidou. Nunca o vi fazer isso antes.

Sebastian gira e patina em um amplo semicírculo, com a testa franzida, exalando pesadamente.

Meu estômago dá um nó.

— Ele está bem?

Frankie franze a testa para o jogador do Anaheim entrando na grande área do banco, então olha para trás na direção de Sebastian.

— Sim, ele está bem. Ele tem uma cabeça dura.

— Verdade — murmuro.

Fechando o círculo, Sebastian patina até onde sofreu a falta, inclinando-se com o taco, pronto para o confronto direto.

O jogador do Anaheim patina, inclina-se também e o disco é jogado no gelo. Sebastian vence a disputa, gira em um pé e dá uma tacada forte, direto para a rede. A campainha soa, a luz fica vermelha e então, gloriosamente, a próxima campainha soa, anunciando o fim do jogo regulamentar. O jogo acabou. Os Kings venceram.

Todo o estádio vai a loucura.

Depois de finalmente me afastar do grupo da minha família, que está pulando e se abraçando, comemorando como um bando de idiotas, algum sexto sentido me faz voltar a olhar para o gelo, procurando por ele.

Sebastian desliza por sua superfície, tirando o protetor bucal, o taco ao lado do corpo, sem capacete, segurando-o com sua luva. Ele está observando a área reservada, um pequeno sorriso torto puxando um canto de sua boca. Nossos olhos se encontram e eu sorrio tanto que minhas bochechas doem.

Seu sorriso também se alarga, revelando aquelas covinhas ridiculamente profundas e longas, um vislumbre de dentes brancos. Levanto as mãos e imito palminhas. Seu sorriso se torna uma gargalhada que sacode seu peito enquanto ele patina para mais perto, então para e faz uma reverência teatral.

Eu dou uma risada.

Um dos jogadores do Kings se aproxima e o cutuca no ombro, fazendo Sebastian se virar, antes disso ele olha para trás e encontra os meus olhos. Ele gesticula para onde o time está saindo. Ele está me pedindo para encontrá-lo onde os jogadores saem.

Eu aceno com a cabeça.

Quando eu desvio meu olhar, toda a minha família está olhando para mim, seus rostos são uma mistura de curiosidade e diversão.

— O quê? — Pego meu casaco, um novo casaco de lã verde-escuro que, depois de um tempo caçando na internet, encontrei online um do meu tamanho. Pela primeira vez, tenho um belo casaco que não para na metade dos meus antebraços.
— Nunca viram dois amigos compartilharem um momento após uma vitória incrível?

Todos voltam a pegar suas coisas, conversando entre si.

Minha mãe está sorrindo quando se vira para meu pai e diz:

— Bem. Acho que isso pede uma sobremesa de comemoração e bebidas em casa, não é?

Sebastian está corado e brilhando quando aparece com Ren, recém-saído de uma entrevista pós-jogo que Frankie já está meticulosamente assistindo online, escondida em um canto longe de nós, resmungando para si mesma.

Seu cabelo está puxado para trás mais do que o normal, molhado pelo banho, revelando aqueles olhos cinzentos arregalados, as belas linhas de suas maçãs do rosto e mandíbula. Ele sorri quando me vê, como fez no gelo – dentes brilhantes e covinhas profundas. Meu coração rodopia como um pião.

Envolvendo meus braços ao redor dele enquanto ele deixa cair sua bolsa, eu o deixo me girar.

— Você foi incrível.

— Eu sei — diz ele, rindo contra meu pescoço.

Eu bufo quando ele me coloca no chão e levo a mão à sua cabeça.

— Você está bem?

— Sim. — Ele dá de ombros. — Isso provavelmente vai chocar você, mas tenho alguma experiência com brigas. Eu sei como me certificar para não ficar muito machucado.

— Podia ter me enganado nessa última parte — diz Frankie, caminhando até ele. Ela aperta o braço dele e lhe dá algo surpreendentemente próximo a um sorriso. — Você foi ótimo.

Seu sorriso vacila, como se ela o tivesse atordoado. Ele pisca para ela.

— Eu, uh... Obrigado.

Frankie franze a testa e então bate em seu braço.

— O que você tem? Por que você está agindo assim?

— Você me elogiou! — Ele dá um passo para trás, fora de seu alcance. — Não sei o que fazer com isso.

— Aceite o maldito elogio, Gauthier, Jesus. Não sou *tão* dura com você, sou?

Ren envolve um braço em volta do ombro de Frankie e beija sua têmpora.

— Francesca. Como está se sentindo?

— Bem — ela murmura, olhando para Sebastian. — Exceto que este aí está me fazendo pensar que o traumatizei.

Sebastian sorri para Frankie, sua expressão suavizando.

— Você não me traumatizou, Frankie. Só estou... me acostumando a realmente ter conquistado palavras gentis vindas de você.

A expressão de Frankie se suaviza.

— Bem, ótimo.

— Você foi maravilhoso, *älskling* — minha mãe diz, puxando a cabeça de Ren em sua direção e beijando sua têmpora.

Ren sorri.

— Obrigado, mãe.

— E você também, Seb. — Minha mãe envolve seus braços em torno de Sebastian.

Ele pisca para mim por cima do ombro dela, os olhos arregalados, então lentamente a abraça de volta.

— Obrigado...

— Belo jogo, filho. — Meu pai fala em seguida, dando um abraço de urso em Ren, então apertando Sebastian em seus braços, assim que minha mãe o solta.

O ar sai de Sebastian.

Eu mordo meu lábio e dou de ombros enquanto seus olhos fixam os meus, ficando enrugados com o que eu acho que é uma risada reprimida.

— Deixe o homem respirar — Ren diz, dando tapinhas nas costas de nosso pai.

Meu pai solta Sebastian.

— Vocês dois. — Ele aponta entre meu irmão e Sebastian. — Foi um belo jogo de hóquei.

— Obrigado, Dr. B...

— Sebby!

Uma voz que nunca ouvi antes interrompe nossa conversa. Os ombros de Sebastian se erguem e sua mandíbula trinca. Ele se vira. Uma mulher que parece estar na casa dos quarenta, alta e magra, com corpo de bailarina. Seria a mãe dele?

Seu cabelo é escuro como o de Sebastian, mas seus olhos são azuis profundos, nada parecidos com os dele. Um homem está ao lado dela, de cabelos brancos, usando óculos de aro de metal, sua postura tão ereta quanto a dela. Ele usa um sobretudo de lã de aparência cara. Ele não nos reconhece de forma

alguma, embora a mulher nos dê um olhar de soslaio, antes de correr em direção a Sebastian.

— Você foi incrível, meu filho querido. Estou tão orgulhosa de você.

Sebastian fica rígido em seus braços. Eu observo essa troca com um desconforto crescente.

— Acho que já vamos indo — minha mãe diz para mim, antes de levantar a voz. — Seb.

Ele olha para ela, ainda preso no abraço de sua mãe.

— Você vem conosco, não é? — Minha mãe diz. — Vamos comemorar.

Ele engole em seco, então acena com a cabeça.

— Eu adoraria.

— Ah, mas, Sebby...

— Vocês são bem-vindos, também — minha mãe diz, sorrindo educadamente. — Isto é, se Seb quiser que vocês venham.

Eu coloquei uma mão sobre minha boca, sugando uma respiração. Minha mãe é tão foda.

Com isso, minha mãe enfia o braço no de meu pai, então se vira para Ren e Frankie, movendo-se com o resto da minha família que está parada um pouco mais adiante no corredor. Ren olha para trás em direção a Seb, com o olhar disparando entre ele e sua mãe, sua sobrancelha franzida com preocupação.

Eu aceno para ele. Eu fico com Sebastian.

— Mãe. — A voz de Sebastian está tensa, como se ele estivesse sendo estrangulado. Quando eu me viro, meio que parece que ele está. Sua mãe ainda está agarrada a ele, sussurrando algo em seu ouvido.

— Catherine — diz o homem. Se eu achava que a voz de Sebastian era fria, a deste homem é como o polo ártico. Ele ainda não olhou para mim ou para minha família, ou o mais importante, nem mesmo cumprimentou Sebastian. — Já basta, você não acha?

— Oh, Edward, estou simplesmente feliz em vê-lo. Estou tão orgulhosa dele. — Ela se afasta, dando tapinhas na bochecha de Sebastian. Ele se encolhe. — Você finalmente deu certo na vida, não é?

O olhar de Sebastian fica frio enquanto ele olha para ela. Eu o sinto se esvaindo, como o sol se arrastando atrás de nuvens escuras e pesadas.

Não sei explicar, só sei que ele não pode voltar para este lugar, que ele não quer voltar. Neste momento, ele está cercado por duas pessoas que o deixaram infeliz, lembrando-o de coisas miseráveis, de como *ele* costumava ser miserável. Mas eu sou a amiga que conhece a pessoa em quem está se tornando, vivendo a vida mais feliz e saudável que deseja, cercado de pessoas que elevam a saúde e a felicidade.

Envolvo minha mão na dele e fico ao lado de Sebastian, oferecendo a sua mãe minha mão livre.

— Eu sou a...

— Ziggy — ele diz baixinho, me puxando para mais perto dele, quase como se estivesse me protegendo. — Minha amiga. Ziggy, esta é minha mãe, Catherine, e seu marido, Edward.

Seu marido. Ele nem chama Edward de padrasto.

Eu expiro lentamente, forçando um sorriso educado.

— Oi.

— Olá... Ziggy. — Catherine olha entre nós, mas seu foco está em Sebastian. — Querido, pensamos em jantar com você agora. Seus planos com... eles — ela olha para minha família, sua expressão apertada —, não podem esperar? Até uma próxima vez?

Sebastian aperta minha mão com força. É quando eu sinto. Ele está tremendo. Eu mudo meu aperto dentro de sua mão, até que ele relaxe, o suficiente para eu entrelaçar nossos dedos. Acariciando sua mão com o polegar, eu me aproximo um pouco mais. Eu quero confortá-lo do jeito que ele me confortou. Quero que ele saiba que estou aqui – e não vou a lugar nenhum.

— Não esta noite, mãe. Eu nem sabia que você vinha. Eu já tinha planos e não vou mudá-los.

Isso é uma mentira. Não havia planos. O convite da minha mãe surgiu de uma ideia nascida no final do jogo. Mas sorrio mesmo assim, porque sinto isso – Sebastian escolhendo o que quer, o que o faz feliz, o que é bom para ele. Porque sair com sua mãe e padrasto com certeza não é.

A expressão de sua mãe esfria. Ela funga, olhando para o suéter de caxemira, que puxa até os pulsos.

— Bem, tudo bem. Fica para a próxima, então...

— Por que vocês estão aqui? — Sebastian pergunta.

Ela parece surpresa com a pergunta dele, piscando, com os olhos arregalados.

— Bem, essa é uma pergunta boba...

— Não é não — diz ele de forma calma, paciente. — É uma pergunta muito razoável, visto que você não vem a nenhum dos meus jogos desde...

— Desde que você se tornou uma vergonha para nós? — Edward diz friamente. — Ou devo dizer, uma vergonha *maior ainda*. Considere seu comportamento, Sebastian...

Eu estremeço. Edward o chama de Sebastian. Edward é a razão de Sebastian odiar seu nome completo.

Me sinto mal do estômago. Eu quero chorar. Eu tenho chamado ele pelo nome usado por esse canalha.

— Seu comportamento tem sido vergonhoso — continua ele. — Por que nos sujeitaríamos a esse tipo de proximidade com você, quando tudo o que você fez foi nos decepcionar...

— Já chega — eu digo a ele, puxando Sebastian junto a mim. Ele se vira para mim, engolindo em seco enquanto olho em sua direção. Nossos olhos se encontram e eu pisco para ele. Um pequeno sorriso levanta sua boca.

— Como é que é? — Edward olha para mim.

Eu me viro para ele e dou a ele meu próprio olhar frio.

— Você não vai falar com ele desse jeito, não na minha frente.

Edward lança um olhar gelado para Sebastian, as sobrancelhas levantadas.

— Bem. Vou indo, então.

— Edward — Catherine se vira para ele, pegando sua mão, que ele ignora, saindo pisando furioso. Ela se vira para nós, girando em minha direção, depois de volta para Sebastian. — Eu só queria melhorar as coisas...

— Não há como melhorar as coisas conosco, mãe. — Sebastian aperta minha mão, como se estivesse se protegendo. — E embora eu... ame você, eu não... eu não sei como ver você e ele sem sentir dor. Muita dor, realmente. Eu preciso de espaço e de um tempo de você. Eu preciso lidar com um monte de merda que ele fez e que você sabia e ignorou ou optou por não ver.

Seus olhos se enchem de água.

— Sebby...

— Por favor, não — diz ele com firmeza. — Por favor. Me deixe em paz agora. Entrarei em contato quando estiver pronto para conversar, mas já aviso, você não vai gostar do que tenho a dizer. E se você não me ouvir quando eu estiver pronto para falar, então estaremos acabados, mãe, eu juro. Não estou mais fazendo isso, fingindo que foi tudo culpa minha, que *eu* fui o único problema durante todos esses anos. Foi preciso nós três para estarmos onde estamos hoje, e nem fodendo vou

continuar me culpando e mentindo para fazer você se sentir melhor. Adeus.

Ele se vira, me arrastando com ele.

Olho por cima do ombro. Sua mãe o observa enquanto nos afastamos, seu rosto duro, lágrimas brotando de seus olhos.

— Seb...

Ele balança a cabeça, me silenciando. Com ele guiando, viramos em um corredor, depois rapidamente cruzamos outro. Sebastian abre uma porta com um empurrão, me arrasta para dentro e a fecha com força.

Eu nem tenho a chance de olhar em volta, para entender onde estamos, antes que ele envolva seus braços em volta de mim e enterre o rosto no meu pescoço.

— Só... — Sua respiração é rápida e instável. Ele me aperta com tanta força que minha respiração também não está muito estável. — Apenas me abrace, por favor.

Eu envolvo meus braços ao seu redor enquanto ele pressiona seu rosto com mais força no meu pescoço. Ele não emite nenhum som. Ele mal se move.

Mas sinto lágrimas quentes e úmidas em minha pele.

Dele.

Cuidadosamente, esperando por qualquer sinal de que essa demonstração não é bem-vinda, começo a esfregar suas costas em círculos grandes e suaves. Sebastian se desmorona contra mim, me dando mais de seu peso, sua cabeça mais pesada no meu pescoço.

Fico em silêncio porque ele precisa que eu fique e porque às vezes não há nada a dizer. Às vezes, tudo que podemos dar é apenas um conforto silencioso, tempo e espaço para segurar a dor que palavras tranquilizadoras e soluções insignificantes não conseguem fazer.

— Eu preciso da porra de um terapeuta — ele murmura contra a minha pele. Endireitando-se, ele enxuga os olhos com as palmas das mãos. — E uma nova família, porra.

Eu olho para ele com uma feição de coragem, tentando segurar minhas próprias lágrimas, para ser a pessoa firme enquanto ele desmorona. Minhas mãos se acomodam em seus ombros, apertando suavemente. Ele se aproxima de mim novamente, deixando cair sua bochecha contra minha testa. Um suspiro pesado o deixa.

— Eu acho que um terapeuta é uma ótima ideia — digo a ele baixinho, unindo nossas mãos. — E embora eles não sejam o grupo de pessoas mais dóceis para se estar por perto, e eles provavelmente – não, definitivamente – vão te irritar em algum momento, você já tem uma nova família te esperando lá fora, ansiosa para amar você, para ser sua família tanto quanto você precisa que eles sejam.

Ele olha para mim com curiosidade, a testa franzida.

Eu escovo o cabelo para trás daquelas bochechas molhadas de lágrimas e sorrio.

— A minha família.

27

ZIGGY

Música da Playlist: "Beige", Yoke Lore

Se você tivesse me dito um mês atrás, enquanto eu estava sentada à mesa dos meus pais, frustrada, solitária e presa, que eu estaria aqui esta noite, as luzes das velas dançando sobre os rostos da minha família, com migalhas (de comida sem glúten) espalhadas pela toalha de mesa de linho branco em que descansamos nossos cotovelos, eu teria rido na sua cara.

No entanto, aqui estamos nós.

Eu sorrio enquanto olho ao redor da mesa, para meus pais sorrindo em nossa direção, com as cabeças unidas. Willa sorrindo com a boca na taça de vinho, enquanto tenta, e não consegue, tomar um gole sem bufar uma risada. Frankie, com a cabeça jogada para trás enquanto ela gargalha. Meus irmãos rindo *tanto*. Ryder, enxugando os olhos enquanto dá risada. Ren com a mão na barriga, um sinal de que ele realmente achou graça. Viggo rindo enquanto se inclina para trás na cadeira e esfrega o rosto.

E à minha direita, Sebastian, com os cotovelos sobre a mesa e a cabeça baixa enquanto ele ri, tão profundo e com tanta intensidade que todo o seu tronco treme. Ele olha para mim e

me pega olhando. Eu sorrio, minhas bochechas quentes devido a taça de vinho tinto que tomei... e talvez de outra coisa.

Talvez pelo prazer de sentar ao lado de Sebastian na casa dos meus pais nas últimas duas horas, com nossos joelhos batendo embaixo da mesa, comendo sobremesa, bebendo café (para ele) e vinho (para mim). Talvez pela curiosa alegria de ver minha mãe puxar Sebastian para outro abraço quando chegamos aqui, depois arrastá-lo para a cozinha, mostrando-lhe todos os biscoitos sem glúten que tínhamos, o *kladdkaka*, um saboroso bolo de chocolate sem farinha, que ela *sempre* prepara para o que na suécia chamamos de *fika* – uma pausa para tomar um cafézinho –, que é naturalmente sem glúten, antes de levá-lo para a sala de estar e mostrar-lhe fotos embaraçosas após fotos embaraçosas de todas as crianças crescendo, demorando-se nas minhas, até que um sorriso largo e encantado iluminou o rosto de Sebastian e ele olhou na minha direção, fixando seus olhos nos meus como ele está agora.

— E aí, Sigrid?

— Estou bem, Sebastian... — Eu mordo meu lábio, fechando meus olhos.

Ele bate no meu joelho com o dele embaixo da mesa.

— O que há de errado?

— Eu... — Abrindo os olhos, encontro os dele. — Eu te chamava pelo seu nome completo. Eu estive te chamando assim por semanas, e... *ele* te chama assim. — Encontro sua mão

sob a mesa e a aperto. — Desculpa. Eu não sabia. Eu nunca teria...

— Ziggy. — Sebastian se inclina, a voz baixa, suave, olhos prateados segurando os meus. — Você me chamando assim, me irritou para caralho no começo, mas durou uns cinco minutos. Então percebi que adorava que você me chamasse de Sebastian. Você... — Ele dá de ombros. — Era como se você tivesse apagado, a voz dele, aquelas memórias de como ele costumava falar meu nome, apenas escrevendo por cima com esse rabisco bonito e torto seu que ofuscava o rabisco de merda dele. — Seu olhar procura o meu. — Lembre-se, eu disse que estava tudo bem você me chamar assim. Não se preocupe.

— Tem certeza? — Eu sussurro. — Porque, Seb, eu nunca...

— Sebastian — ele sussurra de volta. — Me chame da maneira como você me chamava. Não mude isso. Não mude só porque eu me desmoronei naquele lugar e chorei como um bebê.

— Você não chorou como um bebê. — Eu pressiono uma junta em sua coxa. — Você se permitiu sentir seus sentimentos. Foi bom. Saudável. Natural.

— Bem, então não mude o que é natural entre nós, o que você tem feito, ok?

Eu mantenho meus olhos nos seus enquanto seus dedos encontram os meus e os emaranham.

— Ok.

— Tudo bem, crianças. — Frankie se levanta lentamente, bocejando. — Atingi minha cota.

— Vamos para casa, Francesca. — Ren leva a mão para trás de sua cadeira, onde a bengala dela está apoiada na parede, e a coloca na frente dela. — Amo vocês, família.

Frankie pega e sorri para ele, antes de mandar um beijo para todos nós.

— Amo vocês, seus arruaceiros. Boa noite.

— Boa noite! — Nós respondemos. — Amamos vocês!

Minha mãe se levanta da cadeira enquanto meu pai também se levanta, um pouco lento, seguindo Ren e Frankie para se despedirem deles.

— Vamos, lenhador. — Willa bebe o último gole de seu vinho. — Devemos ir para a cama também. Eu voo cedo para casa amanhã.

Ryder acena com a cabeça, inclinando-se para a frente, começando a recolher os pratos sujos.

— Deixa aí, Ry. — Viggo se levanta e pega os pratos dele. — Vocês dois vão para o quarto e durmam um pouco. Eu não tenho onde estar de manhã.

— Mas foi você quem preparou tudo — digo a ele.

— Algumas fornadas de biscoitos. Não foi nada...

Sebastian se levanta, pegando os pratos de Viggo antes mesmo de meu irmão registrar o que aconteceu. Habilmente passando por mim, Sebastian percorre a mesa, rápido e efici-

ente, empilhando os pratos e pegando as taças de vinho. Eu sigo o exemplo.

Viggo olha para as costas de Sebastian enquanto ele leva sua enorme pilha de pratos sujos para a cozinha, coloca-os cuidadosamente no balcão e abre a máquina de lavar louça para enchê-la.

Eu me inclino sobre a mesa, segurando as taças de vinho em uma das mãos, e cutuco o peito do meu irmão.

— Por que você está carrancudo assim com ele? Ele está apenas lavando a louça.

— Exatamente — ele murmura, franzindo a testa enquanto junta as últimas xícaras de café. — Eu não quero gostar dele. Mas acho que vou ter que fazer isso, *se* ele for realmente tão dedicado.

— Com os pratos?

Ele passa por mim para pegar a última xícara e suspira pesadamente, franzindo a testa para Sebastian.

— Entre outras coisas.

Eu torço meu nariz.

— O que você está...

— Boa noite, Ziggy. — Willa abre os braços para mim.

Eu a abraço de volta com um braço só, segurando as taças de vinho com o outro, antes de Willa começar a subir as escadas para o antigo quarto de Ryder com um bocejo alto.

Ryder me dá um abraço de lado em seguida, então gentilmente puxa meu rabo de cavalo.

— Boa noite, Zigs.

— Boa noite, Ry.

— Bem. — Minha mãe fica ao meu lado e apaga um trio de velas na mesa, apagando as chamas com os dedos. Eu costumava vê-la fazer isso quando criança, convencida de que ela era uma feiticeira, e que era apenas uma questão de tempo até que ela me contasse sobre meus poderes mágicos também.

Virando-se para mim, ela coloca a mão nas minhas costas e esfrega suavemente.

— Esta foi uma noite agradável.

— Foi. Obrigada, mãe. — Eu aceno sutilmente para Sebastian na cozinha, onde ele lava os pratos, pegando as xícaras de café de Viggo e o enxotando. — Eu realmente sou grata por isso.

— Claro, *älskling*. — Ela sorri suavemente, com a cabeça inclinada enquanto olha para mim. — Não foi nada demais.

— Não é verdade — eu sussurro contra o nó na minha garganta. — Foi para mim.

Seu sorriso se intensifica.

— Aqueles que meus filhos amam, eu também amo. Aqueles que se tornam sua família são minha família. O que fizemos esta noite, é exatamente o que a família faz.

Eu aceno, sorrindo.

— Sim. Mas não diga que isso não foi nada. Isso é algo especial. E bom. — Inclinando-me, coloquei minha cabeça contra a dela. Minha mãe é apenas um centímetro mais baixa do

que eu, então nossas têmporas descansam juntas facilmente. Ela se vira e dá um beijo na minha testa.

— *Eu te amo* — ela sussurra em sueco.

— Eu também te amo.

— Falando em coisas boas, Sigrid. — Minha mãe beija minha têmpora novamente. — E especiais. Ele é uma dessas coisas. Mantenha-o por perto, *förstått*[6]?

Eu sorrio enquanto vejo meu pai se juntar a Sebastian na cozinha, abrindo caminho para ajudar, enquanto Viggo embala os biscoitos e bolos que sobraram.

— *Förstått* — digo a ela.

Sebastian está do lado de fora do meu prédio comigo, as chaves balançando em seu dedo. Eu preciso parar de ver minha calcinha girando nesses dedos e corar toda vez que ele faz isso.

— Esta noite foi... realmente maravilhosa — diz ele. — Obrigado.

— Obrigada digo eu — eu digo a ele.

Ele franze a testa.

— Pelo quê?

— Por vir, por passar um tempo com minha família. Eu sei que eles são muito barulhentos.

---

[6] Expressão em sueco que significa "Entendeu?".

— Eles são — ele concorda. — Mas o melhor tipo de "barulhentos". — Lentamente, ele se aproxima, apertando minha mão, seu polegar roçando minha palma. — Obrigado por me defender esta noite.

— Sebastian, você não precisa me agradecer por isso...

— Sim, eu preciso. Isso... — Ele muda o peso de um pé para o outro. — Significou muito para mim.

Eu mordo meu lábio, então aceno.

— Ok.

Seu olhar dança sobre mim.

— Eu queria ter dito que você estava muito bonita esta noite, Ziggy. O casaco verde. O top cinza ombro a ombro. Bem na moda.

— Bem, eu aprendi com o melhor.

— Não, você descobriu do que gostava sozinha. — Ele inclina a cabeça e dá um passo para trás, ainda segurando minha mão. Seu olhar desliza pelas minhas pernas. — Droga, esses jeans ficam bem em você.

Ele está falando sobre o meu jeans. Bem colados, cintura média. Apenas a quantidade certa de elástico. Exatamente como meus velhos e favoritos que ele cortou em shorts, cuja etiqueta ele leu com tanto cuidado na primeira noite em que veio à minha casa por motivos que estavam além da minha compreensão na época. Quando voltei da minha corrida pouco antes do jogo de hoje à noite, esses jeans e dois outros pares

em lavagens escuras e pretas estavam esperando por mim em uma caixa encostada na minha porta.

— Ah. — Eu me viro um pouco, de um lado para o outro, inspecionando-os. — Essa coisa velha? Pare com isso.

Ele ri.

— Eu não acho que irei.

Eu olho para cima, encontrando seus olhos.

— Você quem mandou eles, não foi?

— Quem? Eu? — Ele faz uma careta. — Eu nunca faria algo assim...

— Algo atencioso? Bem pensado? Generoso? — Eles não são baratos, esses jeans. Lembro-me de ver a etiqueta de preço quando minha mãe comprou para mim e quase engasguei. Também não consegui encontrá-los *em lugar nenhum*.

— Shh. — Ele coloca um dedo na boca. — Você pode acabar espalhando por aí a notícia de que sou capaz de tais coisas, então o que eu faria?

Eu sorrio.

— Você seria exposto. Brutalmente. Pela boa pessoa que você é.

— Ah, não force. — Ele dá de ombros. — Não foi um grande favor pedir. Essa é uma das parcerias de marca que consegui não estragar. Eles ficaram muito felizes em trazer de volta esse estilo de jeans para mim. Levaram apenas algumas semanas para fabricarem.

Meus olhos se estreitam. Isso significa que ele está trabalhando nisso há algum tempo. Desde... bem, desde quando eu realmente não achava que ele se importava comigo. Isso faz aquelas borboletas no meu estômago vibrarem perigosamente.

— Foi muito gentil da sua parte, Sebastian. Obrigada.

— Não foi nada — diz.

— Ei. — Eu puxo a mão dele. — Você apenas me infernizou por minimizar o que eu fiz quando você me agradeceu. Não se vire e faça a mesma coisa. Você, de maneira cuidadosa e sozinho, tornou possível para mim ter esses jeans, os únicos que encontrei que funcionam para mim, foi fofo e você merece ser agradecido por isso.

— Eles são apenas jeans. Você enfrentou minha família terrível.

— Porque você merece ser defendido, ser protegido disso, daquela família de *merda*.

— Sigrid! — Ele arqueja.

Eu cutuco a cintura dele.

— Seja sério.

Ele suspira.

— Eu devo?

Dando-lhe um olhar, eu deslizo meus dedos ao longo dos dele.

— Por um momento, sim. Vamos combinar que não vamos mais subestimar o que somos ou fazemos um pelo outro, ok? Eu só quero que sejamos nós. Eu quero que sejamos ho-

nestos. Você viu como estivemos ocupados nas últimas semanas, o quão menos nos vimos. Não quero qualquer outra coisa como meias-verdades e omissões nos afastando ainda mais. Ok?

Um sorriso levanta sua boca.

— Sim, Sigrid. Ok. — Guardando as chaves no bolso, Sebastian se aproxima e entrelaça seus dedos nos meus. Seu olhar flutua até o meu cabelo, que ele alisa suavemente para longe do meu rosto antes de encontrar meus olhos. — Eu vou sentir a sua falta.

— Minha falta?

— Sigrid. — Ele ergue as sobrancelhas. — Você acabou de dizer como estivemos ocupados. Isso não é nada perto do que está por vir. Você já olhou para o nosso calendário do Google para os dias planejados?

— Oh. — Eu limpo minha garganta. — Eu posso estar evitando isso.

Porque eu sei o que está por vir. A temporada regular do Angel City está acabando, mas a Seleção Nacional tem amistosos internacionais agendados ao longo do mês, e minha agenda está repleta de reuniões, entrevistas e sessões de fotos novas e com potencial para garantir patrocínios de marcas. A ironia é que essas oportunidades, que em parte são possíveis porque eu me expus aos olhos do público com Sebastian e fui notada, são exatamente as coisas que vão me manter longe dele.

— Bem, quando você desistir dessa tática de evitar olhar, você entenderá o que quero dizer. — Ele suspira pesadamente, me puxando para ele. — Vamos lá. Me dê um abraço de despedida.

Meu queixo bate em seu ombro enquanto eu caio contra ele, enquanto ele envolve seus braços em volta de mim com força e enterra o rosto no meu pescoço. Eu o sinto inspirar profundamente, depois segurar o ar, antes de expirar lentamente. Deslizando meus braços em volta de sua cintura, eu descanso minha bochecha em seu ombro. Ele já parece mais sólido, mais forte, mais saudável. Lágrimas picam meus ouvidos.

— Também vou sentir sua falta.

— Uma merda — ele murmura em meu cabelo —, é isso que esse cronograma de hóquei profissional é.

Eu aceno contra seu ombro.

— Uma merda total.

— Dois xingamentos em uma noite. — Ele faz o som de *tsc*. — Você realmente se transformou em uma garota má.

Eu rio, piscando para afastar as lágrimas.

Sua mão vem para as minhas costas, circulando suavemente.

— Teremos alguns dias livres que coincidem — diz ele. — Ainda nos veremos. E existem essas engenhocas modernas e sofisticadas chamadas de telefones que podemos usar para

manter contato. Você pode enviar mensagens de texto *e* ligar com eles. É incrível.

Eu solto uma risada, me afastando. Eu não consigo deixar de sorrir.

— Como se você fosse me ligar.

Seus olhos seguram os meus.

— Eu ligaria para você todos os dias se você quisesse, Sigrid.

Meu sorriso vacila.

— Você faria isso?

— Claro que sim.

— Oh. — Eu mordo meu lábio. — Bem, então... considere isso... algo desejado.

Seus olhos brilham como o brilho do verão.

— O mesmo, Sigrid.

— Ok.

— Cuide-se, está bem? — Ele me abraça com força, sua mão segurando meu pescoço, sua boca contra minha têmpora, onde ele pressiona o beijo mais suave. — Não seja *tão* malvada, pelo menos, não sem mim.

Eu sorrio contra seu ombro.

— Não prometo nada.

— Claro que o elegante Sebastian está elegantemente atrasado para sua maldita festa de aniversário — Viggo murmura, reorganizando os biscoitos sem glúten, seis tipos diferentes, que estão espalhados em três bandejas. No mês desde que as agendas de Sebastian e minhas se transformaram em puro caos, quase nunca se alinhando, Viggo tem sido uma máquina de assar alimentos sem glúten.

— Dê a ele algum crédito — digo ao meu irmão. — Ele acabou de chegar de um jogo a, oh... — eu estico meu pescoço, lendo o relógio no forno de Ren —, uma hora atrás.

— Tudo desculpinha. O Ren está aqui!

— É a casa dele, seu idiota. Claro que ele está aqui.

Viggo bufa e puxa a gravata. Ele está vestido – não chocando ninguém, já que é obcecado por romances históricos – como um aristocrata da era da Regência, o visual completo com um fraque azul-pavão e calças marrom-claras escandalosamente justas. Continuo rindo toda vez que ele tenta se curvar ou fazer qualquer coisa além de ficar em pé com uma calça que parece estar comprimindo perigosamente as partes dele nas quais prefiro não pensar. Toda vez que ele tem que se mexer, ele solta um gritinho de desconforto que está me dando anos de vida.

Eu olho ao redor da casa de Ren e Frankie, decorada com lanternas de papel creme e teias de aranha assustadoras, elegantes guirlandas pretas e balões agrupados. Velas cobrem to-

das as superfícies e dançam na brisa do mar que se esgueira pelas janelas abertas e pela porta telada que dá para o deque.

A festa de aniversário de Sebastian no dia seguinte ao Dia das Bruxas está indo bem.

Durante os dois cafés da manhã em nosso local habitual no mês passado (o primeiro, pós-ioga raivosa, o outro após outra visita à livraria, desta vez, durante o horário normal, sem acidentes com livros ou outro comportamento safado, cuja memória *pode* ter me feito corar da cabeça aos pés quando nós visitamos a livraria pela segunda vez), Sebastian admitiu que faz aniversário apenas em 1º de novembro, pouco depois da meia-noite, o que eu argumentei que basicamente significa que ele faz aniversário no Halloween. Depois de algumas conspirações com meus irmãos, Sebastian concordou em deixar os Bergmans organizarem uma festa a fantasia para ele no dia da festa.

Os planos estão em vigor há algumas semanas. Os convites foram enviados (por mim). As fantasias eram obrigatórias (o que não é um grande pedido para essa equipe, que adora se fantasiar e se divertir). E foi decidido um cardápio totalmente sem glúten (graças a Viggo, que domina a cozinha, também adora cozinhar e estava interessado em ser pago por tais esforços).

Agora é só esperar.

E não perder minhas orelhas de elfo no molho de endro novamente.

Xingando baixinho em sueco, arranco minha orelha de elfo mais uma vez e passo por Viggo para enxaguá-la na pia.

Viggo faz o som de *tsc*.

— Eu ouvi essa linguagem chula, mocinha.

Eu o empurro na bunda com meu pé, fazendo-o tombar para o lado e guinchar de desconforto.

— Ei, Viggo, por que você não tenta se abaixar e pegar aquele pano de prato que você deixou cair? — Aponto com o queixo para o referido pano que está tristemente perto de seus pés.

Ele olha para mim.

— Estou no limite. Este foi o único tamanho de calça que Wesley conseguiu pegar do estoque de figurinos da produção de *Hamilton* sem aviso prévio, ok?

Eu dou uma risada.

— Você consegue respirar neles?

— Quase nada. — Ele abre um sorriso enquanto eu rio ainda mais.

— Chegamos! — Oliver fecha a porta da frente atrás dele e de Gavin.

Deixo escapar um assobio elogioso. Ambos estão vestindo smokings que lhes servem como luvas. Oliver está usando uma peruca prateada macia. Gavin está usando uma peruca também, mas a dele é marrom, como uma peruca dos anos 1970, e sua barba está muito mais espessa do que o normal. Eu me pergunto se ele deixou crescer precisamente para isso. Deus

sabe que se Ollie pedisse a ele, ele faria. Aquele homem adora meu irmão.

Viggo e eu inclinamos nossas cabeças em conjunto, tentando entendê-los.

— De que porra vocês se fantasiaram? — Viggo pergunta.

Eu o golpeio no ombro.

— Seja legal.

Gavin revira os olhos e dá a Oliver um olhar fulminante.

— Eu te disse.

— Vamos, pessoal! — Ollie grita. Gavin pega o prato de queijo dele e deixa Oliver parado no corredor. — Sondheim e Bernstein! Como vocês não entenderam isso?

Gavin murmura baixinho, mas há um sorriso à espreita.

Viggo pisca para Oliver, então a compreensão surge.

— O letrista e compositor que você ama.

— Que *todo mundo* com *bom gosto* em musicais adora. — Oliver entra na cozinha, afastando as mãos de Gavin do prato de queijo. — Nem pense em esconder o queijo brie de mim, Hayes.

Gavin sorri, então o beija na bochecha, forte e doce.

— Eu nunca sonharia com isso.

A campainha toca desta vez, o que significa que não é alguém da família.

— Eu atendo! — Ren sai correndo para a sala de estar do corredor, vestindo um terno cinza escuro com listras largas, passando os dedos pelos cabelos.

Seu cabelo *preto*.

Eu olho boquiaberta para ele.

— Oh meu Deus, Ren. Me diga que você não tingiu.

Meu irmão bufa, balançando a cabeça em negação para mim quando ele para na frente do espelho montado na parede de seu hall de entrada. Ele mexe no cabelo, e agora posso ver que é uma peruca, ainda que uma muito boa.

— Frankie disse que se eu sequer olhasse para a tintura de cabelo, ela amarraria minhas mãos na cama, o que... — Ren sorri —, sabe... não é exatamente o desencorajamento que ela queria...

— Eca! — Todos nós colocamos nossas mãos sobre nossos ouvidos.

— Nada disso! — Eu grito.

Ren ri, então abre a porta. O que parece ser a maior parte do time dos Kings entrando. Tyler e Andy estão vestidos como Tweedledee e Tweedledum, os gêmeos de Alice no País das Maravilhas, Kris como o Chapeleiro Maluco. Mais chegam, com as mãos cheias de presentes e contribuições de bebidas, embora eu saiba que Ren disse a eles para não se incomodarem.

Eu aceno um olá, depois volto para a preparação da cozinha, verificando a temperatura das almôndegas suecas de Viggo completas com pão ralado sem glúten, em seguida, mexendo delicadamente o macarrão sem glúten retorcido que vai com ele, que é um pouco difícil de cozinhar. Aprendemos por

tentativa e erro que cozinhá-lo bastante *al dente,* antes de escorrer e misturar ao óleo, evita que grude e se transforme em mingau.

Frankie sai do corredor, o cabelo escuro caindo sobre os ombros e as costas, em um vestido preto de decote em V que abraça seu corpo.

Eu dou a ela um movimento de sobrancelha enquanto ela caminha até a ilha, pega um chiclete de refrigerante-de-raiz de um prato de ônix preto cheio e o enfia na boca.

— Frankie. Uau.

Ela dá de ombros, sorrindo.

— Sim. Eu pareço muito gostosa. O vestido deixa meus peitos fantásticos.

Eu olho para seus peitos. Não que eu tenha prestado atenção especial aos seios da minha cunhada ao longo dos anos, mas eu a conheço há muito tempo e não posso deixar de notar que eles parecem... maiores? Seria extremamente estranho para ela, já que, como eu, ela tem muitos problemas sensoriais com suas roupas, mas quem sabe, talvez ela tenha escolhido um sutiã push-up para a ocasião.

— Você está incrível — digo a ela. — Se sente incrível?

— De jeito nenhum. Eu me sinto como um lixo de lixeira em agosto que o gari esqueceu de recolher. Mas eu vou ficar bem.

— Meu Deus, Frankie. — Eu estremeço. Minha cunhada tem uma linguagem vívida que é ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição. — O que há de errado?

Seu sorriso não desaparece. Ela apenas mastiga seu chiclete de refrigerante-de-raiz e se vira para Ren, observando-o fechar a porta atrás de todos, depois conduzi-los para dentro, para a sala principal.

— Nada.

— Nada? — Estou tão confusa.

Mas então não importa o que estou pensando ou o que está sendo dito, porque a porta se abre novamente. E desta vez é Sebastian.

Vestindo preto da cabeça aos pés, uma coroa de ônix brilhante presa em seu cabelo que reluz prateado quando ele vira a cabeça e fecha a porta.

Meus olhos se arregalam. Eu absorvo os detalhes – a jaqueta de couro e as calças que se ajustam ao seu corpo como uma segunda pele, a costura de estanho tecida que brilha sutilmente quando ele se move, revelando um desenho tão intrincado quanto suas tatuagens. Ele passa as mãos pelos cabelos abaixo da coroa, fazendo aqueles anéis de prata em seus dedos brilharem.

E então seu olhar encontra o meu. Ele sorri, um sorriso lento e conhecedor. É doce, mas também é... sexy, aquela pequena inclinação de sua boca, mais alta de um lado do que do outro, o arquear sutil de uma sobrancelha escura.

Eu o observo caminhando em minha direção, juntando as peças, porque ele parece tão familiar. Não só porque ele é meu amigo. Não só porque agora acho que conheço o rosto dele tão bem quanto o meu próprio. Mas porque ele parece...

Eu suspiro, batendo a mão na minha boca.

Sebastian Gauthier está vestido como um personagem da minha fantasia romântica favorita – um romance de fantasia sueco, épico, sombrio e sinuoso, super obsceno. E não apenas qualquer personagem – o vilão. O vilão irredimível, terrivelmente frio e brutal. Pelo menos, ele parece assim, até que todo o seu passado redentor e uma estratégia secreta e altruísta o revelam como o herói no terceiro livro. Eu lhe dei o *primeiro* livro há uma semana. Ele não pode ter lido todos eles. Cada um tem quase mil páginas. Não tem como.

— Olá, Ziggy querida. — Sebastian inclina um quadril contra o balcão da cozinha, sorrindo perversamente. Não é seu velho sorriso sarcástico, nada frio ou indiferente. É divertido e acolhedor – não, não é acolhedor. É quente como o inferno.

Engulo em seco.

— Olá, Sebastian.

Ele faz um *tsc*, balançando um dedo tatuado com um anel de prata. Oh Deus, eu acho que posso implodir de desejo. Não sei o que farei se ele fizer mais uma coisa sexy...

— Sem Sebastian aqui. — Ele passa as mãos pelo corpo. — Eu sou o Rainer, Lorde Ansgar, para você. — Ele inclina a ca-

beça, olhando para mim, seu sorriso crescendo. — E eu te devo minhas desculpas. O que eu estava pensando, chamando você de Ziggy, quando você está vestida de...

Não diga isso. Eu te beijo se você disser. Eu vou atacar você com beijos se você disser isso.

Seu sorriso se alarga para aquele de covinhas devastadoras e dentes brilhantes que mal consigo sobreviver nos meus melhores dias.

— ... Tindra, a Rainha Guerreira das Fadas, que me dá uma surra no livro dois.

— Oh, Deus — murmuro contra o meu lábio.

O sorriso de Sebastian define aquelas rugas em seus olhos enquanto ele se afasta do balcão, então pega minha mão, apertando-a entre nós.

— Você está bem? Você está muito quieta.

Eu engulo em seco, meu coração batendo forte. Eu concordo.

— Estou bem. — Dando um passo para mais perto dele, coloco minha mão em sua jaqueta e traço a costura de seu torso até às clavículas, até a abertura de sua gola, onde sua pele brilha bronzeada. Mantendo meus olhos nos dele, digo a ele: — Feliz aniversário.

Seu sorriso suaviza enquanto ele fixa seus olhos nos meus também.

— Obrigado.

Impulsivamente, incapaz de me conter, eu me jogo em seus braços e o abraço, pressionando um beijo forte em sua bochecha.

— Ziggy — ele engasga, estrangulado pelo meu abraço apertado em seu pescoço —, cuidado com o...

Poof. O som não muito diferente de um guarda-chuva sendo aberto ecoa atrás dele. Alguém amaldiçoa à sua direita enquanto tropeça na geladeira. Uma bandeja de utensílios cai ruidosamente no chão. Eu me afasto, de olhos arregalados.

Sebastian Gauthier – ou devo dizer, Rainer, Lord Ansgar – está na minha frente, um raro e delicioso rubor aquecendo suas bochechas. Estendidas atrás dele, escuras, ainda que frágeis e finas, tecidas com o mesmo fio de estanho brilhante de suas roupas, estão...

— Asas! — Viggo grita. — Ele tem *asas*!

28

SEBASTIAN

Música da Playlist: "All of Me - Cover", Noah Guthrie

Isso... não foi como eu queria. Ziggy pisca para mim, olhos verdes profundos arregalados, a boca aberta em surpresa.

— Asas! — Viggo solta um grito e dá um soquinho no ar. — Ganhei a aposta. Passa para cá, querido.

Oliver franze a testa para seu irmão, então tira uma nota de vinte e a joga na mão estendida de Viggo.

— Seb! — Ren grita. — Você está aqui! O aniversariante está aqui!

Sou abordado rapidamente por um grupo turbulento de jogadores de hóquei.

— Uau — eu grito. — Cuidado com as asas! — Alcançando as asas, tento guardá-las, mas é difícil. Nas últimas vezes, testei bastante desde que ficaram prontas, abrindo e fechando, mas agora estão bem presas à jaqueta e estou cercado por um time de jogadores de hóquei turbulentos que estão eufóricos com a vitória de ontem e a perspectiva de festejar esta noite.

Com pena de mim, Ziggy se insere com facilidade, passando por entre as mãos esporádicas e os empurrões afetuosos. Sua experiência familiar como caçula de sete irmãos é evidente, sua expressão e toque imperturbáveis pelo caos enquanto

ela calmamente passa por cima dos meus ombros, colocando seu peito apertado contra o meu, expondo seu pescoço a centímetros de meus lábios.

Minha boca está cheia de água. Fecho os olhos e a respiro, seu cheiro como água da chuva limpa e suave. Eu quero envolver meus braços em torno dela e correr minhas mãos sobre sua linda bunda grande. Eu quero enterrar meu rosto em seu pescoço e lamber meu caminho até sua garganta. Eu quero afundar minhas mãos naquele cabelo macio e grosso, pressionar suas pernas bem abertas com as minhas e me perder nela.

As asas se recolhem e Ziggy se inclina para trás.

— Pronto. — Sua cabeça se vira e nossos narizes se encostam. Seus olhos seguram os meus.

Engulo em seco. Ziggy também.

E então sou arrastado de volta pelo time para uma foto que Viggo tira, sorrindo como o idiota satisfeito consigo mesmo que ele é.

Em um intervalo entre as fotos olho por cima do ombro para Ziggy, que sorri para mim, parecendo... Deus, ela parece o paraíso. Um vestido branco perolado pálido caí sobre seu corpo, uma alça de aljava atravessada no peito, flechas saindo por trás dela. Seu cabelo está preso até a metade, entrelaçado com pequenas tranças e revelando orelhas de elfo enganosamente críveis. É tão ela, uma transição tão enlouquecedora entre doce e sexy, nerd e travessa, que nem aguento.

Ela me dá um sorriso mais largo, os olhos fixos nos meus, então leva um biscoito à boca e o mastiga.

Um gemido me deixa quando ela lambe o dedo, em seguida, joga na boca o resto do biscoito, expondo a longa e pálida linha de sua garganta.

Esta vai ser uma noite muito longa.

É desprezivelmente tarde, mesmo para uma coruja da noite que costumava "farrear" como eu. Frankie está desmaiada no sofá, roncando enquanto Ren fecha a porta da frente com as últimas pessoas indo embora, acenando e dando boa noite. Um grande bocejo o deixa quando ele se vira e esfrega os olhos.

— Eu tenho que ir para a cama — ele geme. Deixando cair as mãos, ele vê Frankie desmaiada no sofá. — Pobre Francesca.

Há algo diferente em seu sorriso enquanto ele caminha em direção a ela, então afasta uma mecha de cabelo de seu rosto que está perto de sua boca aberta. Gentilmente, ele a pega e a ajusta em seus braços. A cabeça de Frankie pende em seu ombro.

— Tão cansada para caralho — ela murmura.

Ele pressiona um beijo suave na testa dela.

— Eu sei, *älskade*. Vamos para a cama. — Quando ele começa a andar pelo corredor, ele olha na minha direção e para.

— Sinta-se à vontade para ficar aqui esta noite, no caso de ser mais seguro.

— Eu não bebi nada. Mas obrigado.

Ele franze a testa.

— Você não bebeu?

— Faz semanas que não bebo.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Eu sou um idiota. Eu não tinha notado que você não estava bebendo, Seb. Eu não deveria ter enchido a casa de álcool se você estivesse tentando evitá-lo...

— Não pense muito sobre isso. Eu estava absolutamente bem. — Eu aceno com o queixo em direção ao corredor. — Agora coloque sua esposa na cama e durma um pouco.

Ele acena com a cabeça, sorrindo.

— Tudo bem. Boa noite. Apenas envie uma mensagem de texto quando sair e eu vou ligar os alarmes da casa, ok?

— Pode deixar.

Apenas um minuto depois de Ren desaparecer no corredor, Ziggy entra na sala principal, esfregando as orelhas, que estão vermelhas e parecem irritadas. Ela olha para cima e dá uma segunda olhada, sorrindo para mim.

— Oi.

Eu a encaro, cercada pelos destroços de uma festa verdadeiramente maravilhosa – a primeira que eu já tive na qual me lembro de estar feliz, quanto mais sóbrio. Eu tenho mil memórias fotográficas escondidas em meu cérebro a partir desta

noite – eu me sinto muito grato por ela estrelar a maioria delas.

Eu me sinto tão grato por *ela*.

Mais do que grato, eu me sinto... Porra, o que eu sinto não deveria ter o nome que tem. Eu não me permito nem pensar na palavra. Não posso. Ainda não. Não quando estou tão longe de onde quero estar, do que ela merece.

— Como está? — Ela pergunta, jogando suas orelhas de elfo abandonadas na ilha da cozinha. Ela cai contra o balcão, com braços longos e ágeis e olhos cansados e adoráveis.

— Exausto — eu digo a ela. — E você?

Ela balança a cabeça, bocejando alto.

— Exausta.

— Pronta para ir?

Ela inclina a cabeça, olhando para mim.

— Sim. Eu estou. Você vai me levar para casa?

— Claro.

Suspirando, ela se afasta do balcão e pega as orelhas de elfo da superfície, antes de pegar uma mochila perto da porta, esperando por mim enquanto reúno minhas sobras de assados sem glúten.

Seu sorriso está cansado, mas feliz, quando abro a porta da frente e coloco a mão em suas costas à medida que ela sai. Eu tranco a maçaneta atrás de nós, então mando uma mensagem para Ren dizendo que fomos embora para que ele possa definir seus aparelhos de segurança.

Lentamente, caminhamos até o carro e Ziggy se joga em seu assento.

E então eu nos guio em silêncio, porque eu gosto de silêncio com Ziggy, gosto de como podemos simplesmente estar juntos. Parece familiar e confortável. Seguro.

Quando paro em frente ao prédio dela, olho para ela e sinto meu coração apertar. Ela está dormindo, com a cabeça apoiada no vidro da janela. Gentilmente, afasto uma mecha de cabelo de sua têmpora.

— Sigrid.

— Hum.

Eu sorrio quando ela inclina a cabeça na minha direção, os olhos ainda fechados.

— Em casa.

Ela suspira.

— Não chegamos em casa.

— Se você abrisse esses grandes olhos verdes, veria que chegamos.

Ela balança a cabeça.

— Não pode ser.

Uma risada suave me deixa.

— Bem, eu já a carreguei como um bombeiro antes. Eu posso fazer isso de novo.

— Hum, ok.

Eu abro minha porta, então dou a volta no carro antes de abrir a porta do passageiro e ajudá-la a sair. Ziggy cai sobre

meu ombro enquanto coloco sua mochila no outro. Eu chuto a porta do carro atrás de mim, em seguida, aperto o botão de trancar em minhas chaves.

— Estou de cabeça para baixo — ela murmura, soando um pouco encantada com isso.

Eu sorrio e aperto sua coxa.

— Não, você não está. O mundo que está.

Sinto sua cabeça levantar um pouco, como se ela estivesse olhando ao redor. Ela abaixa a cabeça e me dá um tapa na bunda.

— Mentiroso.

— Tem que se manter no personagem.

Ela suspira.

— Você se vestiu como Lorde Ansgar.

— Ele é um cara totalmente foda. Eu *não* poderia deixar de me vestir como Rainer, Lorde Ansgar.

Eu vasculho sua mochila e encontro suas chaves, então nos deixo entrar em seu prédio. Um mês de dedicação nos treinos e o hóquei já fez meu corpo recuperar os músculos que perdi neste verão; subo as escadas firmemente com ela no ombro, abro a porta do apartamento e entro com as chaves novamente.

Empurrando a porta para fechá-la, tranco o ferrolho com o cotovelo, depois caminho até a cama dela e a coloco sobre ela.

Ziggy suspira enquanto se joga para trás, os braços acima dela, o cabelo ruivo espalhado na cama.

— Tão cansada — ela murmura.

Gentilmente, tiro suas botas, depois afrouxo as fitas estilo espartilho em seu estômago, até as curvas de seus seios, parando antes de tocá-los. Ela solta uma respiração profunda e satisfeita.

— Obrigada, Sebastian — ela suspira.

Parece tão íntimo, tão... certo, tirar os sapatos, afrouxar o vestido. Naquele momento, eu sei que se eu pudesse fazer isso todas as noites pelo resto da minha vida, se eu pudesse ser digno disso, eu faria.

Parece que há um nó em minha garganta. Meu coração troveja em meu peito.

— Durma com os anjos, Sigrid.

Ela lambe os lábios, depois inclina a cabeça sonolenta na minha direção. Seus olhos se abrem em fendas sonolentas enquanto ela olha para mim.

— Sinto sua falta.

Engulo em seco.

— Também sinto sua falta.

Suspirando, ela fecha os olhos.

— E eu vou sentir sua falta cada vez mais.

Eu aperto sua mão, traçando suavemente seus dedos, longos e adoráveis, as curvas suaves de suas unhas.

— Eu também sinto sua falta cada vez mais.

— Muito — ela sussurra.

Eu olho para ela, procurando seu rosto.

— Muito?

Ela acena com a cabeça.

— Ziggy...

Seu ronco é suave e doce. Isso me faz sorrir, dividido. O que ela quer dizer com ela sentindo muito a minha falta? Que é exigir demais, dessa amizade, dessa... dinâmica, enquanto estou ocupado com a temporada? Quero sacudi-la para acordá-la e perguntar, mas para quê? Para que ela possa me dizer algo que vai me esmagar? Para que eu possa pedir a ela algo que não estou preparado para dar?

Lentamente, levo sua mão à minha boca e beijo sua palma, leve como uma pluma. Em seguida, coloco-a na cama e a seguro, acariciando sua pele quente e acetinada.

— Sou egoísta demais para pedir que você pare de sentir minha falta, Ziggy — digo baixinho. — Então... por favor, não pare. Por favor, aguente firme. Apenas espere por mim. Eu prometo, estou tentando. Ok?

Ela suspira, um sorriso suave levantando sua boca.

— Ok.

Respirando pesadamente, estou curvado enquanto deslizo pelo gelo, não porque estou sem fôlego, mas porque estou chateado e tentando não me descontrolar. Estou chateado porque estamos perdendo. Estou chateado porque meu pai

ausente e idiota decidiu, agora que eu limpei minha imagem e estou tendo a melhor temporada da minha carreira, que ele está interessado em estar na minha vida, apesar de eu dizer a ele que ele pode ir se foder até segunda ordem, e ele está no meu jogo de hoje à noite, como já esteve várias vezes nos últimos meses, observando-me naquele camarote chique com os proprietários, rindo e batendo papo com eles, agindo como se fossem os melhores amigos, todos tão orgulhosos de mim; como se ele tivesse alguma coisa a ver comigo chegando onde estou, exceto por despejar metade de seu DNA de jogador de hóquei em minha concepção, então se separando quando ele ficou entediado.

Estou chateado porque já se passaram seis meses desde aquela noite em que deixei Ziggy em casa depois da minha festa de aniversário e implorei a ela para esperar por mim enquanto eu arrumava as coisas, e parece que foram seis anos, pelo quanto trabalhei para fazer eu mesmo ser bom o suficiente.

Eu *ainda* não me sinto bem o suficiente.

Estou chateado com o tanto de autocontrole necessário, mantendo minhas mãos e lábios longe dela, mantendo minha boca fechada para não dizer cedo demais o que estou morrendo de vontade de dizer, antes que seja a hora certa.

E estou realmente chateado porque já se passaram três semanas desde a última vez que a vi. Entre um período difícil de jogos fora de casa e a agenda de Ziggy, que a tem levado por

todo o país, fazendo publicidade com a Seleção e como embaixadora da instituição de caridade de Ren, da qual agora é sócia junto com o namorado de Oliver, Gavin, e sua cunhada, Willa, que também é jogadora de futebol profissional, não fizemos mais do que conversar por mensagens de texto ou falar ao telefone.

Eu sinto muita falta dela. Assim como ela disse naquela noite – muita falta.

Vê-la sempre que posso, fazer ioga raivosa juntos, tomar café da manhã, fazer uma viagem rápida enquanto ela dirige seu carro favorito para uma nova livraria, participar dos jantares de domingo dos Bergman sempre que estou em casa, foram as migalhas que me sustentaram durante os últimos seis meses.

Nas últimas três semanas sem ela, no entanto, a única coisa que me manteve de pé foi conversar e trocar mensagens de texto com ela enquanto viajava com o time, voltando para casa, em meus quartos de hotéis após jogos difíceis e sessões virtuais mais difíceis com meu terapeuta e o hóquei – o alívio físico de me esforçar tão duro no gelo que não sobra nada de mim quando caio na cama depois. Mas está ficando mais difícil conter aquela fúria fria que costumava se instalar em minhas veias quando eu jogava, quando a raiva e a dor não resolvidas pulsavam através de mim, gritando por alívio.

Eu expiro de novo, do jeito que meu terapeuta me ensinou, e levanto minha cabeça, recebendo o disco da vitória de Tyler

no confronto direto, então voando pelo gelo. O defensor do Seattle avança em minha direção, e eu brinco com ele porque posso, conduzindo-o para a direita enquanto giro meu taco para longe com o disco, depois o desloco à minha frente, mais rápido do que ele pode piscar e arremesso.

O maldito goleiro do Seattle salva, entretanto, e eu cerro os dentes, patinando para longe, frustrado enquanto persigo outro defensor do Seattle, que acelera no gelo com o disco. Ele passa para o centro do gelo onde está seu atacante, que passa o disco por nossos caras, então joga para um atacante de Seattle que chuta e manda o disco por cima dos ombros de Valnikov, direto na rede.

Eu rosno no fundo da minha garganta quando a campainha toca e a luz pisca em vermelho, patinando de volta ao centro do gelo, respirando pesadamente, fechando os olhos enquanto tento me controlar.

E então aquele formigamento na minha nuca me faz parar de repente. Eu me endireito, então me viro, olhando por cima do ombro, direto para as arquibancadas. Eu não faço contato visual com os fãs. Geralmente estou muito focado no jogo para lembrar que há pessoas por perto, nos assistindo. Mas esta noite, eu olho exatamente para onde meu sexto sentido me diz, na segunda fileira, no meio do rinque em direção ao goleiro do Seattle, onde atacamos durante dois dos três períodos.

E então meu coração faz algo terrível. Juro por Deus que ele simplesmente para, por um segundo, como um soluço no meu peito.

Ziggy.

Ela está aqui.

Eu pisco para ela, atordoado. E então esse... calor se espalha, direto do meu coração, para cada centímetro do meu corpo, como se ela fosse o sol e só de vê-la, absorvê-la, me iluminasse da cabeça aos pés.

Ela inclina a cabeça, um pequeno sulco na testa. Seu sorriso vacila.

Provavelmente porque estou olhando para ela como um idiota, com olhos arregalados, atordoado, em vez de sorrir para ela, acenando, fazendo uma maldita coisa para mostrá-la como estou feliz em vê-la, o quão além de agradavelmente surpreso estou por ela estar aqui.

Lentamente, finalmente, levanto a mão enluvada. Seu sorriso se ilumina quando ela acena de volta, fazendo seus protetores de ouvidos pretos se mexerem um pouco, sua trança balançando em seu ombro. É quando eu apenas... sinto que tudo me deixa. A raiva, a tristeza fria e dolorosa, como um veneno deixando meu sistema.

Olhando para ela, perdido nela, finalmente eu sorrio.

29

ZIGGY

Música da Playlist: "Trampolim", Kelaska

Sebastian olha para mim, com esse... sorriso que eu nunca vi antes, largo e livre, e tão incrivelmente bonito. Eu costumava achar seu rosto realmente difícil de ler. Ele era bom em esconder o que sentia por trás daquela expressão fria e distante dele, aqueles olhos frios e cinzentos. Mas agora, com meses de amizade em nosso histórico, eu o conheço melhor. Posso dizer quando ele está ansioso, quando está cansado, quando está preocupado, quando está feliz.

Mas isso... isso é novo. Isso é algo para se prestar atenção.

Eu encaro aqueles adoráveis olhos de mercúrio, absorvendo-o enquanto falo sem emitir som: "*Senti sua falta*".

Ele suspira pesadamente e acena com a cabeça, então puxa seu protetor bucal. "*Muita*", ele responde de volta.

Meu coração salta. Dói.

Mas já estou acostumada com isso. Já se passou metade de um ano, seis longos meses, com meu coração pulando e doendo perto de Sebastian. E valeu a pena, porque eu estava bem cansada quando ele me deitou na cama depois de sua festa de aniversário, mas não estava inconsciente. Eu o ouvi – não apenas o que ele disse, mas como ele disse.

Por favor, aguente firme. Apenas espere por mim. Eu prometo, estou tentando.

Quase me sentei, agarrei-o pelos ombros e o sacudi enquanto lhe dizia: "Claro que vou aguentar firme, claro que vou esperar, não conseguiria fazer nada além disso".

Porque o que sinto por Sebastian se espreitou para dentro de mim, mais silencioso e furtivo do que a melhor pegadinha feita por um Bergman, e se enraizou tão profundamente em meu ser que não tenho esperança de me livrar disso, mesmo que eu quisesse.

E eu não quero. Mesmo que seja difícil, querer e esperar por ele sabendo o que sinto. O que é mais difícil – e a cada dia se torna um pouco mais –, é me perguntar se deve ser eu quem finalmente nos dará um empurrão. Se sou eu quem tem que pedir pelo fim da espera, da esperança, do desejo de mais.

Cresci tanto nos últimos sete meses, desde que comecei meu Projeto Ziggy Bergman 2.0, desde que jurei a mim mesma que seria mais corajosa, falaria por mim mesma, que faria as pessoas ao meu redor me verem como eu era. Conquistei maior reconhecimento e respeito – em meus times, em minha família, em marcas que eu sou embaixadora e nas que me patrocinam. Já repreendi as pessoas, me defendi, disse coisas duras quando não era fácil.

Mas esta é a única coisa que ainda não sei fazer. Não sei se ou quando devo dizer a ele o que ele significa para mim, quando ele me implorou para não o ver dessa forma. Eu não

sabia se deveria pedir a ele para seguir em frente comigo quando ele implorou para que eu esperasse exatamente onde estamos.

Mas então tive uma ideia. Mencionei para minha mãe sobre irmos para o Chalé com formato de A na minha época favorita do ano, sugeri que visitássemos os Bergmans residentes no estado de Washington – Ryder e Willa, Axel e Rooney – e passássemos um tempinho para descansar. Poderíamos comemorar meu aniversário, que cairia no fim de semana em que estaríamos lá. Minha mãe sugeriu que ficássemos uma semana inteira por lá.

Foi quando eu soube que tinha que ver Sebastian primeiro. Sebastian, que coincidentemente estava no estado de Washington também, embora antes do que planejamos estar. Sebastian, de quem eu sentia tanta falta que doía, enquanto fiquei por Los Angeles em alguns poucos dias sem nada na minha agenda, esperando que ele voltasse.

Vesti minha coragem de garota crescida e comprei uma passagem de avião. Ele não precisava ter me convidado para me querer ali ou ficar feliz em me ver. Eu poderia me convidar. Eu poderia aparecer e surpreendê-lo e... sei lá, talvez oferecer um pouco de encorajamento. E se isso me ajudasse a sentir menos como se estivesse perdendo a cabeça com a falta dele, seria um bom bônus.

Então peguei um avião para vê-lo jogar. Foi isso. E agora, aqui estou.

Nossos olhos se fixam por apenas mais um segundo, antes que o jogo que nos trouxe aqui o afaste. Ele dá uma olhada rápida quando se volta para seu time e Ren se inclina no centro do gelo para o confronto direto após o gol de Seattle.

Depois, ele fala sem emitir som, pronto para colocar o protetor bucal de volta. *Espera por mim*?

Eu aceno, sorrindo. Ele já não sabe a resposta?

Eu esperaria o tempo que ele pedisse.

Sebastian é uma visão, com o cabelo molhado do banho e olhos brilhantes como mercúrio, sorrindo amplamente enquanto corre em minha direção e me agarra em seus braços. Eu o abraço firme enquanto ele me aperta com tanta força que dou um gritinho, e quando me afasto apenas o suficiente para plantar meu beijo platônico de sempre em sua bochecha, ele se vira, como se fosse fazer o mesmo, o que não é típico dele. Fazemos isso ao mesmo tempo, e nossas bocas se chocam em um estranho beijo sem intenção de ser beijo. Sebastian praticamente me deixa cair, então agarra minha mão enquanto eu me equilibro.

— Desculpe — ele murmura. Sua mão aperta a minha.

— Me desculpe também — Eu sorrio nervosamente. É tão estranho, quase um mês sem vê-lo, quando por meses a fio nos

vimos, mesmo que brevemente, pelo menos a cada dez dias, duas semanas no máximo...

Não que eu estivesse contando.

Sebastian se aproxima, então me puxa de volta para um abraço, descansando sua têmpora contra a minha. Uma expiração lenta e pesada o deixa enquanto eu deslizo meus braços em volta de sua cintura.

— Vamos recomeçar — ele sussurra.

Eu sorrio contra sua bochecha.

— Vamos recomeçar.

— Senti sua falta.

— Senti sua falta também.

— Por que você está aqui?

Eu me afasto novamente, apertando seus ombros, que estão maiores do que costumavam ser. Tudo está maior em Sebastian. Ele ganhou músculos, ficou tão saudável nos últimos seis meses. Seus olhos estão claros, sua pele brilhante, seu corpo alto, reto e forte.

— Para ver você.

Ele sorri, embora um pequeno sulco se instale em sua testa.

— Para me ver? Você só veio me ver jogar?

Eu aceno a cabeça, concordando.

— Você voou até aqui, apenas para isso.

Eu dou de ombros.

— Por que não? Quero dizer, vou para o Chalé com formato de A esta noite e vou tomar café da manhã com os

Bergmans que moram na cidade amanhã de manhã, mas estou aqui para você.

Ele engole em seco rudemente.

— Estou realmente feliz.

Eu sorrio, deixando cair minhas mãos nas dele, apertando suavemente.

— Eu também.

Colocando um braço em volta de mim, Sebastian me guia com ele para que fiquemos longe de outros jogadores e funcionários. Não perco de vista o homem que não poderia ser ninguém mais além de seu pai, visto que ele se parece como um Sebastian com trinta e poucos anos a mais, caminhando à distância, rindo alto com o Sr. Köhler e outros grandes nomes da gestão dos Kings. Eu sigo o exemplo de Sebastian, não dando bola para seu pai, e ando com ele pelo corredor.

— Então. — Ele me puxa para perto, enfiando o nariz no meu cabelo, como faz às vezes quando nos abraçamos, como se estivesse me inspirando. Pelo menos, quando deixo minha imaginação vagar, é o que espero que ele esteja fazendo. Cheirando-me, simplesmente porque gosta do meu cheiro.

— Então.

— Este tal de Chalé com formato de A — diz ele. — Baseado no que Ren me disse, parece bastante paradisíaco.

— Ele é. — Eu me viro e o encaro enquanto ele nos faz parar. — Na verdade, eu queria, uh... — Eu limpo minha garganta e tento manter a calma. — Na verdade, eu queria convi-

dá-lo para passar um tempo lá no Chalé com formato de A, logo após o término da temporada.

Sua expressão muda um pouco, para algo curioso e, se não me engano, um pouco acalorado.

— Oh?

— Para o meu aniversário — explico. — É a minha época favorita do ano, ficar aqui, na primavera. É lindo. E minha mãe disse que daria uma festa para mim. Preparar todos os alimentos suecos. Jogaremos jogos de tabuleiro – Scrabble é minha paixão –, faremos caminhadas, apenas descansar e recarregar as energias.

A expressão de Sebastian muda novamente, e desta vez não consigo ler.

— Então... toda a sua família. Todo mundo vai estar lá?

— Uh-huh. — Eu sorrio. — Grande festa em família.

Demora, mas ele sorri, de forma meiga e carinhosa.

— Isso soa ótimo. Eu adoraria ir. Seu aniversário é no dia 21, vai ser nesse fim de semana?

— Bem, na verdade, minha mãe sugeriu que passássemos a semana lá antes disso, começando no fim de semana anterior, até o fim de semana do meu aniversário. As pessoas podem simplesmente ir e vir conforme for melhor para suas agendas. Dessa forma, torna-se mais acessível para todos.

Seu sorriso se intensifica.

— Eu estarei lá.

— Gauthier! — Alguém grita. — Você está sendo chamado.

Sebastian olha por cima do ombro e suspira.

— Desculpe. Eu tenho que ir, mas posso tentar te encontrar mais tarde...

— Não, vá. E depois durma um pouco. Você tem um voo amanhã cedo, tenho certeza, para aquele jogo de Vancouver. — Eu o abraço mais uma vez.

Ele não parece convencido.

— Mas você veio até aqui...

— Vou apenas dizer oi para Ren, então vou indo. São algumas horas de viagem daqui até o Chalé com formato de A, e não quero pegar estrada muito tarde.

— Tudo bem. — A expressão de Sebastian se torna preocupada. — Toma cuidado, ok? Me manda uma mensagem quando chegar lá?

— Mando.

— Vejo você em breve, então. — Ele me puxa para mais um abraço, falando contra o meu pescoço. — Jantar em família? Não amanhã, mas no próximo domingo.

— Próximo domingo.

Ele se afasta, sorrindo para mim.

— Então, no domingo depois disso, você pode me mostrar esse seu Chalé com formato de A.

Eu mordo meu lábio quando ele se vira e sai correndo. Eu o observo até que ele para na esquina, acenando mais uma vez antes de desaparecer.

Eu aceno de volta, um pouco assustada, porém um pouco *mais* emocionada com o que acabei de fazer.

Não gosto de pensar muito sobre isso, mas não ignoro – sei o que acontece no Chalé com formato de A. Eu sei que Willa e Rooney, em seus próprios caminhos e tempo, foram até lá, sem noção do que estava por vir, e voltaram irrevogavelmente ligadas aos meus irmãos, loucamente apaixonadas. Eu sei que visitas rápidas atrás de certos Bergmans aconteceram quando Frankie e Gavin apareceram lá, com anos de diferença, pelo coração daqueles que amavam, carregando seus próprios corações em mãos. Eu refaço a linha do tempo e descubro exatamente onde Freya e Aiden estavam quando Theo Bergman MacCormack foi concebido. Eu sei que vi Willa e Ryder se casarem lá, Axel e Rooney renovarem seus votos lá, meus pais se beijando e dançando lentamente na cozinha.

Eu sei que coisas boas acontecem no Chalé.

Coisas de amor.

Estou pronta para essa possibilidade. Eu quero abrir a porta com um chute e dar as boas-vindas a Sebastian bem no meio dela.

Só espero que ele queira isso também.

30

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Save Me", Jelly Roll

Saindo do meu carro alugado, fecho a porta atrás de mim e olho para o amado Chalé com formato de A dos Bergmans. Eu sorrio. É tudo o que imaginei e, de alguma forma, ainda melhor. A estrutura original é alta e inclinada, com janelas de vidro do chão ao teto. Uma varanda sólida e resistente. Em seguida, uma adição generosa de aparência mais nova à esquerda. Ardósia e madeira escura e úmida. Musgo e samambaias. As árvores formam um dossel sobre ele, lançando sombras frescas sobre mim enquanto eu levanto mais alto a mochila que carrego sobre meu ombro.

Ziggy abre a porta e meu coração dispara no peito. Ela usa um vestido de verão azul-claro salpicado de minúsculas flores laranjas, e seu cabelo está trançado – cobre, ruivo e vermelho fogoso entrelaçado em seu ombro. Sorrindo, ela desce os degraus.

— Você chegou!

Corro até ela e a abraço com força, inspirando-a, tentando acalmar meu coração acelerado.

Eu posso fazer isso. Eu posso ser corajoso. Por ela.

Afastando-me, seguro seu rosto e sorrio para ela. Eu quero tanto beijá-la que tenho que morder minha bochecha para me impedir.

— Feliz aniversário.

— Ainda não — diz ela alegremente, tentando tirar minha mochila do meu ombro.

Eu a agarro.

— Eu levo.

— Me deixe ajudar. Você já insistiu em dirigir até aqui, como um esquisito. Eu disse que iria buscá-lo.

Ela disse. E eu era um covarde que precisava de cada maldito segundo entre o momento em que disse a ela que iria vir e agora para encontrar minha coragem, para falar comigo mesmo da maneira que meu terapeuta me ensinou – afirmações, lembretes positivos.

Progresso, não perfeição.

Eu sou suficiente como sou.

Meu passado não define meu presente nem meu futuro.

Eu acredito em mim, e ela também.

Essa última, essa é a mais difícil. Não que eu duvide da crença de Ziggy em mim – eu não duvido. Eu só tenho que acreditar em *mim*, acreditar que isso é o suficiente. Que eu sou o suficiente para ela acreditar, exatamente como eu sou.

Envolvendo um braço em volta do seu ombro, sorrio para ela enquanto caminhamos até a casa.

— Eu não queria que você me buscasse, quando deveria estar relaxando.

— Dirigir um pouco pode ser relaxante — diz ela.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— É mesmo?

— Quero dizer... — Ela sorri timidamente. — Não é necessariamente para mim...

— Isso foi o que eu pensei...

— ... A menos que seja aquele seu carro chique.

— Desculpe desapontar. — Eu aceno por cima do ombro. — Era o melhor que eles tinham.

Os olhos de Ziggy brilham quando ela registra o carro esportivo chique alugado que eu gastei, sabendo que é exatamente o tipo de carro que ela gostaria de dirigir.

— Oh, nós *definitivamente* estaremos dando uma volta nele.

— Inferno, sim, nós iremos dar uma volta.

Algo de repente me atinge quando olho além do meu carro alugado, ao redor da clareira vazia. Não há outros carros.

— Onde está todo mundo?

— Não estão aqui, ainda. — Ela dá de ombros. — Alguns deles deveriam estar, outros não estavam planejando vir aqui até esta noite. Meus pais aparentemente dormiram e se atrasaram. Eles partiram dias atrás, fazendo toda essa viagem romântica pela costa, parando em vinícolas ao longo do caminho e sendo fofos.

Eu sorrio.

— Eles são muito fofos.

— É quase insuportável — ela concorda. — Willa e Ryder moram bem perto, disseram que estariam aqui, mas agora, aparentemente, seu antigo Subaru está causando problemas para eles, então eles estão resolvendo isso. Freya, Aiden e as crianças voam amanhã. — Ela olha para cima, fazendo uma lista.

— Ah, Ax e Rooney moram bem pertinho dali. — Ela aponta para um caminho estreito perto da casa que leva a um prado, flores silvestres balançando na brisa do final da manhã. — Eles vão aparecer quando quiserem. Às vezes Rooney cochila ao meio-dia, então eu os espero para o jantar. Ren e Frankie têm uma consulta médica de Frankie, então eles estão voando hoje à noite. E... Viggo, Oliver e Gavin estão esperando seu voo para embarcar enquanto conversamos, foi o que disseram. — Ela bufa. — Apenas imaginar os três juntos em uma fileira me faz sorrir. Ollie terá reforços duplos para sua ansiedade de voos.

Assim que subimos os degraus da varanda, o telefone dela começa a tocar em seu bolso. Franzindo a testa, ela o puxa para fora.

— Desculpe. Só quero ter certeza de atender caso...

— Vá em frente — eu digo a ela, colocando minha mochila no chão, em seguida, caminhando pela varanda, apoiando-me no corrimão enquanto olho em volta. As árvores estão repletas

de folhas verdes exuberantes da mesma cor dos olhos de Ziggy, muitas delas com flores suaves e esvoaçantes cujo exuberante rosa pêssego rivaliza com seu melhor blush.

Inspiro e sorrio. Tem o cheiro dela aqui. Como água limpa, ar livre e novos começos.

— Viggo, sério? — Ziggy estala. — Por que eu preciso procurar isso *agora*?

Eu olho por cima do meu ombro, franzindo a testa em preocupação. *Tudo certo?* Eu falo sem emitir som

Ela revira os olhos, depois balbucia, *Apenas Viggo sendo Viggo*.

Eu bufo, então me viro, absorvendo a vista – água azul fria se estende ao longo do outro lado da propriedade, uma trilha larga e sinuosa que parece ter sido tão apreciada que está gasta, uma árvore antiga curvada cujas flores brancas flutuam pelo caminho...

Ziggy rosna de frustração, então entra pisando duro, batendo a porta atrás de si. Eu olho para a porta, com uma meio careta e um meio sorriso divertido. Me sinto mal por ela estar aborrecida, mas a Ziggy rabugenta vai sempre me fazer rir. Eu amo o lado mal-humorado dela.

Assim que estou voltando, algo me atinge bem no lado da cabeça. Eu olho para baixo. Uma bola de futebol.

— Que *porra é essa*? — Eu ando até aquele final da varanda. Desta vez, pego a próxima bola que vem direto para o meu

rosto com um estalo entre minhas mãos. Eu coloco a bola ao meu lado e olho na direção que ela veio.

Isso não faz sentido.

Curioso e aborrecido, pulo com facilidade a grade da varanda e me jogo no chão, seguindo o caminho que acho que as bolas fizeram. É quando outra vem direto para o meu rosto. Eu me esquivo. Por muito pouco.

— Viggo! — Eu ouço uma voz sibilar. — Pare de mirar na maldita cabeça dele!

— Você não manda em mim — Viggo sibila de volta.

— Alguém deveria mandar — diz uma voz que reconheço vagamente.

Chega dessa besteira. Eu paro de andar e grito:

— Ei!

Uma mão bate na minha boca. É surpreendentemente forte. Eu o empurro e giro. Ryder. Ele leva um dedo à boca.

Eu balanço minha cabeça, tão confuso.

— Sebastian, tão elegante. — Viggo se revela no topo do caminho, apontando por cima do ombro. — Gostaríamos de ter uma palavrinha.

— Sai fora.

Ele suspira.

— Tive a sensação de que você diria isso. O que não me deixa escolha a não ser...

— Ok. — Axel, o irmão mais velho e mais alto, com sua expressão séria, que se parece um pouco com Viggo, mas com

os olhos verdes penetrantes de Ziggy, sai de trás de uma árvore. — Chega dessa merda de *O Poderoso Chefão*. Apenas diga ao pobre homem o que você quer dizer.

— Você se tornou um molenga — Viggo diz a ele, claramente exasperado.

— Jesus Cristo, Viggo. — Oliver marcha até mim. — Você poderia gentilmente se juntar a nós no galpão de armazenamento?

Oliver aponta por cima do ombro para uma estrutura um pouco mais abaixo na colina.

Suspirando, deixo cair a bola de futebol aos meus pés.

— Tudo bem.

— Bem-vindo — diz Viggo —, ao seu primeiro, e provavelmente único, Bergman Brothers Summit[7], Seb.

Oliver, Ryder e Axel estão sentados, caídos sobre caixas e baldes virados para cima, parecendo tão descontentes com esse acontecimento quanto eu. Isso me faz sentir um pouco melhor.

— Eu diria "feliz por estar aqui", mas virei uma nova página e não fico puxando o saco de ninguém mais. Então, vou ser sincero: na verdade, não estou nem um pouco satisfeito por

[7] Summit é um tipo de conferência, reunião, ou congresso.

estar sentado em um galpão mofado com vocês, idiotas, e não com a mulher que am...

Eu paro, apertando minha mandíbula. Eles não ouvirão essa palavra de mim antes de Ziggy.

Os olhos de Oliver se arregalam. Ele se senta e bate no peito de Viggo.

— Eu te disse! Eu te *disse*! Agora *você* me paga, querido.

Viggo faz cara feia para o irmão.

— Eu não apostei dinheiro com você nisso.

— Eu sei! — Oliver diz. — Quero dizer, me paga com sua *dignidade*. Você vai pagar com a sua dignidade, porque isso é ridículo. Ele está aqui porque a ama, porque passou a metade do último ano tentando ser uma pessoa que sente ser digna de ficar com a Ziggy, o que, você sabe, é muito tempo para a pobre Zigs, que realmente não gosta de esperar, mas ainda assim, parabéns a ele por se esforçar – faça uma vez e faça bem feito, certo? — Ele diz para mim, antes de se voltar para Viggo. — Depois de tudo isso, ele *finalmente* está aqui, e o que você faz? Você bate na cabeça dele com uma bola de futebol e o atrai para este maldito galpão para lhe contar algo que ele já sabe. Não é, Seb?

Engulo em seco, com medo de ser tão transparente. Aliviado por ser tão transparente. Que alguém que ama Ziggy veja como eu também quero amá-la.

— Sim — eu digo baixinho, sinceramente —, isso mesmo.

Oliver cai contra a parede do galpão em um *hmph*, cruzando os braços sobre o peito enquanto olha para Viggo.

Viggo olha boquiaberto para seus irmãos restantes, como se estivesse em busca de apoio moral.

— Vamos, rapazes. Me ajudem.

Axel balança a cabeça.

— Não. Eu era contra isso. Existem ótimos usos para os Bergman Brothers Summits. Este não é um deles. — Ele se levanta, limpando as coxas. — Vou voltar para casa, para minha esposa e para o *sossego*. Você fala muito alto.

Com isso, Axel abre a porta do galpão e sai.

Ryder se senta em seguida, cotovelos sobre os joelhos, olhando para mim.

— Sinto muito pela performance de *O Poderoso Chefão* de antes, mas eu só queria ter a chance de dizer, antes de você entrar lá, que toda vez que eu falo com Ziggy, ela fala sobre você. Com tanto amor. Ela ama você.

Meu coração pula contra minhas costelas.

— Não sei que tipo de amor é esse — acrescenta, encolhendo os ombros, levando a mão ao aparelho auditivo enrolado em volta da orelha e parecendo fazer algum tipo de ajuste. — Mas eu sei que todos os tipos de amor importam e são lindos. Seja o que for que vocês dois compartilham, eu só quero saber que você será bom para ela, do jeito que eu sei que ela será boa para você.

Agora *isso* eu posso respeitar. Eu concordo.

— Eu posso prometer isso.

Ryder sorri, um sorriso brilhante por trás de sua barba loira escura.

— Excelente. Então eu vou indo.

— O que... — Viggo olha boquiaberto para ele.

Oliver se afasta da parede e se levanta também.

— Eu disse minha parte. Estou fora.

A porta do galpão se fecha, balançando um pouco nas dobradiças conforme o vento a move. Deixando apenas eu e Viggo aqui. Apenas nós dois.

Sentado contra a parede, cruzo os tornozelos, os braços cruzados sobre o peito.

— Então aqui estamos nós. Sinto que estamos trabalhando para isso há algum tempo.

— Não, você não sente nada. — Viggo se levanta e começa a andar. — Você não pode conduzir esta reunião.

Eu olho ao redor, sobrancelhas levantadas.

— Você vê mais alguém aqui? Só estou falando.

Viggo joga o boné para trás e puxa o cabelo, girando e me encarando enquanto o coloca de novo. Seus olhos estão apertados, seu rosto duro.

— De uma pessoa assumidamente volúvel para outra, eu realmente não aprecio o quão arrogante você está sendo.

Sento-me lentamente, me animando com isso. Ele não está errado – pelo menos, ele não está errado sobre quem eu costumava ser – ignorando o que importava para as pessoas, para

mim, sendo irreverente e sarcástico, me escondendo de sentimentos sinceros e genuínos.

— Ok.

Viggo parece murchar um pouco com isso. Ele se vira e chuta um balde sem muita convicção.

— Provavelmente não sou o irmão com quem você pensou que ficaria para conversar. Mas Ren não está aqui, então eu tenho que fazer isso...

— Ren confia em mim. Não estou preocupado com o que ele vai pensar disso.

Não tenho dúvidas de que, se Ziggy quiser o que estou prestes a pedir a ela, e contarmos a Ren, ele ficará feliz por nós, que nos envolverá naquele grande abraço apertado e nos esmagará contra ele.

Viggo cai em uma caixa que solta uma pequena nuvem de poeira.

— Você não está?

— Eu não estou. — Eu me inclino para a frente, cotovelos nos joelhos. — Mas estou preocupado com você.

Viggo funga, olhando para longe. O maxilar dele está duro, posso ver isso, mesmo sob a barba.

— Ela é minha irmãzinha.

Eu sorrio, estranhamente comovido.

— Eu sei.

— Ela é... ela é a melhor pessoa, e se você a machucar, eu juro por Deus... — Ele limpa o nariz, então olha para mim. —

Eu me preocupo com ela, ok? Ela passou por momentos muito difíceis quando era mais jovem.

— Eu sei.

Ziggy me contou na época do Natal, uma noite depois do jantar em família na casa dos pais dela, o fogo crepitando, soltando assobios e estalos suaves, o que ela começou a dizer meses atrás naquela primeira noite em que saímos – como o ensino fundamental e o ensino médio foram difíceis, o quanto sua saúde mental sofreu, até que ela recebeu o diagnóstico, e mesmo um pouco depois. Como Ren a pegou e a levou à Lanchonete da Betty's, comprou para ela quantos milk-shakes e batatas fritas ela quisesse e apenas a ouviu enquanto ela contava tudo o que estava com muito medo e ansiosa para contar a mais alguém. Como Frankie entrou em sua vida naquela época, outra mulher autista com um trabalho que amava e roupas que lhe faziam bem e um senso de humor perverso; alguém que mostrou a ela que poderia ser difícil naquela época, mas ficaria mais fácil, que ela encontraria um caminho a seguir e aprenderia a ser feliz na vida que estava descobrindo.

Eu já amava Frankie e Ren antes disso, mas depois dessa conversa, eu os amei infinitamente mais.

Viggo me encara com aqueles olhos claros e intensos dos Bergman.

— Então você entende por que eu sou protetor com ela. Porque me preocupo com ela. Porque tento protegê-la de tudo o que posso, para que ninguém nunca possa machucá-la

como a machucaram antes. — Ele exala pesadamente. — Eu estava malditamente ali na época da escola com ela, e eu não vi. Eu não vi como eles a intimidaram. Eles fizeram isso tão silenciosamente, tão furtivamente, ou eu juro por Deus, eu teria feito coisas indescritíveis.

— Você se sente culpado.

— Realmente culpado! — Ele brada. — E ela sabe disso. Já me desculpei por falhar com ela. Eu disse a ela o quanto sinto muito por ela ter estado bem debaixo do meu nariz, tão machucada, e eu não percebi isso... — Sua voz falha. Ele enterra o rosto nas mãos. — Eu não percebi.

Eu me levanto, com um nó na garganta, e me sento ao lado dele. Eu coloco uma mão dura em seu ombro.

— Ela te perdoou.

Ele concorda.

— E disse que não havia nada para perdoar — acrescento.

— O que é besteira — ele murmura.

— Claro que parece. É difícil receber perdão quando você acha que não merece.

Viggo deixa as mãos caírem, então olha para mim, com os olhos úmidos. Ele está quieto, seu olhar procurando o meu. Então, eu pego esse raro momento dele realmente calando a boca e digo a ele:

— Você e eu somos praticamente opostos.

Ele ri de forma vazia, olhando para longe.

— Como assim?

— Por muito tempo, recusei-me a carregar alguém comigo – nos ombros, nos pensamentos, no coração. — Eu dou de ombros. — Isso me fez sentir no controle. Seguro. O que... eu não era nenhuma dessas coisas, é claro. Mas eu estava lidando da melhor maneira possível.

Eu aperto seu ombro.

— Enquanto você, Viggo... tenho certeza de que você carrega *todo mundo* em seus ombros, em seus pensamentos, em seu coração.

Viggo abaixa a cabeça e exala pesadamente, tirando o boné e jogando-o no chão do galpão com um *baque*.

— Droga.

— Porque faz com que sua vida caótica pareça um pouco mais sob controle e – aqui é onde você é um humano infinitamente melhor do que eu – permite que você sinta que está mantendo as pessoas que ama seguras. Porque você tem um coração devastadoramente grande, e imagino que seja muito assustador possuir tanto estado emocional.

Seus ombros tremem.

— O que diabos está acontecendo?

— Eu acho que talvez você esteja provando do seu próprio remédio? — Eu soltei seu ombro, então coloquei meus cotovelos sobre os joelhos, inclinando-me para perto dele. — Ziggy fala muito sobre você. Frequentemente, ela fica exasperada, mas há uma linha de raciocínio no que ela diz, algo que percebi.

— E isso seria? — Ele passa as mãos pelo cabelo e puxa.

— Que você ama sua família, seus amigos, seus livros e tudo em que você coloca tanto seu coração. O que eu só posso imaginar que é realmente bonito em algumas maneiras e realmente brutal em outras.

Lentamente, ele olha na minha direção e suspira pesadamente.

— Sim.

Eu o encaro.

— Talvez seja hora de... encontrar maneiras diferentes de cuidar desse grande coração, de protegê-lo. Maneiras que não o esgotam e o distorcem tanto que você nem se reconhece. Maneiras que permitem que você viva *sua* vida, sem se preocupar com a dos outros.

— Ah — diz Viggo —, mas então eu realmente teria que descobrir minha própria vida.

Eu concordo.

— Justamente. É assustador fazer isso.

— De fato.

— Mas... — Eu me levanto, enfiando as mãos nos bolsos enquanto me viro e o encaro. — Como alguém que passou os últimos seis meses tentando fazer exatamente isso, posso dizer que fica um pouco mais fácil. E definitivamente vale a pena.

Viggo olha para mim, os olhos procurando os meus. Então ele se levanta e pega seu boné, limpando-o antes de colocá-lo na cabeça novamente.

— Bem. — Ele joga os ombros para trás, me espelhando enquanto desliza as mãos nos bolsos. — Acho que tudo o que tenho a dizer é... obrigado.

Eu franzo a testa para ele.

— Obrigado?

Ele concorda.

— Por virar o jogo contra mim. Por fazer uma tonelada de trabalho para ser uma pessoa digna de minha irmã, embora sejamos honestos, ninguém é digno dela.

— Fato.

Ele sorri, limpando o nariz, espiando.

— Cuide bem dela, ok? Apenas seja bom para ela.

Eu sorrio.

— Eu vou, se ela me permitir. E se eu estragar tudo, você pode me dar uma surra.

— Esplêndido. — Ele me oferece sua mão. Eu a pego e o puxo em minha direção.

Viggo tropeça em mim como se eu o tivesse surpreendido, mas aceita meu abraço. Na verdade, acho que ele pode me abraçar de volta. Depois de alguns segundos, ele se afasta, ajustando o boné novamente.

— Agora, você vai me desculpar. Eu já estou indo...

— VIGGO! — Ziggy grita, tão alto e estridente que estremeço.

Os olhos de Viggo se arregalam.

— Eu já estou indo correr para salvar minha vida.

A porta do galpão se abre e Ziggy aparece, parecendo uma Valquíria gloriosa e vingativa, o peito arfando, a trança desfeita em mechas vermelhas selvagens emoldurando seu rosto.

— Que *porra* você está fazendo? — Ela grita.

O resto dos irmãos que estavam aqui mais cedo aparecem de repente atrás dela – Ryder, Axel e Oliver, todos parecendo bastante abatidos.

— Nós tentamos segurá-la — Oliver explica entre gemidos de dor. — Mas uh, Ziggy, um. Nós... — Ele aponta para seus irmãos. — Zero.

Ziggy corre em direção a Viggo, o fogo do inferno em seus olhos.

— Ei, você. — Eu a abraço, fazendo-a parar.

— Estou muito brava agora, Sebastian — ela murmura contra meu ombro, seu corpo rígido em meus braços.

Eu esfrego suas costas em círculos suaves.

— Eu sei. Mas tivemos uma boa conversa.

— Ele me colocou no meu lugar — diz Viggo. — Habilmente.

Ziggy se solta do meu aperto e olha para Viggo.

— Eu ainda vou fazer cócegas em você até você fazer xixi mais tarde.

Ele suspira tristemente.

— Não vou mentir e dizer que estou ansioso por isso, mas aceito meu destino.

Ela se vira e olha para seus irmãos que claramente tentaram atrasá-la.

— Não façam isso de novo. Não fiquem entre mim e a pessoa que eu... — Ela fecha a boca, suas bochechas ficando rosadas. — Vocês sabem o que eu quero dizer.

Eles acenam com a cabeça solenemente.

Ela bate o pé, com o rosto corado.

— Estou tão farta disso. Chega de me tratarem como uma bebê. Me amem, mas por favor, me enxerguem como eu sou. Uma mulher adulta que pode fazer suas escolhas. E eu. Escolhi. Ele. Ponto final. Ok?

Todos eles sorriem. Ela pisca, atordoada.

— Essa... não era a resposta que eu esperava. O que está acontecendo?

— Ziggy. — Eu seguro a mão dela, apertando-a. Gentilmente, entrelaço nossos dedos. — O que você acha de darmos uma volta?

31

ZIGGY

Música da Playlist: "Snow On The Beach", Brennan Lynch

Sebastian me puxa gentilmente com ele. Eu olho por cima do meu ombro para meus irmãos uma última vez, intrigada enquanto eles sorriem, então me viro e começo a caminhar na direção da casa de Axel.

Girando de volta, eu sigo Sebastian, minha mão firme contra a dele, nossos dedos entrelaçados. Meu olhar deriva sobre ele, e meu estômago revira. Ele está usando o jeans gasto da noite em que veio à minha casa e comemos bolo em sua varanda, minha favorita de suas camisetas macias, aquela salvia argentea que eu queria roubar desde a primeira vez que o vi usá-la, exceto que isso de certa forma me roubaria o prazer de vê-lo usando-a.

Seguindo para a esquerda, ele me leva para a trilha principal, direto para a árvore.

A *minha* árvore.

Cujas flores flutuam no ar, pequenas pétalas brancas como um monte de neve pousando em um tapete cremoso aos nossos pés. Eu mordo meu lábio, puxando contra ele, tentando detê-lo.

De repente, estou com muito, muito medo.

Não me sinto mais como a grande e corajosa Ziggy 2.0.

E se ele não estiver se virando e olhando para mim debaixo da minha árvore pelo motivo que eu quero? E se, neste tempo em que ele precisou, ele percebeu que mais entre nós não é algo que ele se sente capaz, não é o que ele quer?

Confie nele, Ziggy. Acredite nele. Como você sempre fez.

Sebastian me encara, testa franzida, cabeça inclinada enquanto se aproxima, deslizando a mão pelo meu braço até que seu aperto envolve meu cotovelo.

— Venha aqui, Sigrid.

Eu mordo meu lábio com mais força, tentando respirar de forma constante.

— Eu estou assustada.

— Eu sei. — Ele sorri suavemente, passando a outra mão pelas minhas costas enquanto olha para mim, o olhar fixo no meu. — Eu também estou com muito medo.

— Você... — Minha voz falha. Eu inspiro profundamente, em seguida, expiro. — Você está?

Ele concorda.

— Estou "muito assustado" desde o dia em que te vi.

— Desde o dia em que você me *viu*?

— Oh, sim. Na primeira vez que Ren me recebeu, você estava lá, na casa dele... bem, você estava na praia bem atrás da casa... jogando bola com aquele cachorro demoníaco...

— Minha sobrinha cachorrinha não é demoníaca. Cuidado com o que fala.

Ele sorri.

— Você estava jogando a bola para *Pazza*. O vento estava chicoteando seu cabelo. E a maneira como você sorriu quando se agachou na areia com ela, depois riu quando ela te derrubou, apenas... — Ele solta o ar, batendo com a mão no coração. — Me atingiu. Bem aqui. Então, naturalmente, a partir desse ponto, evitei você a todo custo.

Eu o encaro.

— Você... fez isso de propósito?

Ele se aproxima, os nós de seus dedos roçando minha bochecha.

— Muito de propósito. E eu me segurei muito bem por alguns anos, evitando você. Mas sem sucesso. Mal sabia eu que relacionamento amargo você tem com roupas íntimas ou como você é muito boa em arrombamento e invasão. Antes que eu percebesse, você tinha infestado tanto meus sonhos que eu saí em uma louca viagem noturna só para escapar de você e bati meu maldito carro. Então, quando eu estava de mau humor com a vida miserável que construí para mim mesmo, você escalou minha casa, abriu caminho para dentro da minha vida e, Jesus, Ziggy, foi a melhor coisa que já aconteceu comigo – todo e cada momento desde que eu te conheci.

"Naquele mês, quando tudo o que fizemos foi passar um tempo juntos. Os últimos seis meses que me ensinaram o que é fazer uma promessa e mantê-la, querer e ainda negar a mim mesmo, sofrer e ainda esperar, então eu poderia ficar aqui de

boa fé e dizer a você, eu ainda estou com medo de não ser o suficiente para você, de que *nunca* serei, mas tenho esse terapeuta implacável que me dá essas reafirmações perturbadoramente saudáveis e esperançosas, como: esse é o meu passado falando, não o presente que compartilho com você ou o futuro que eu quero.

"Aprendi, trabalhando em mim mesmo, a acreditar no que o terapeuta diz, que eu poderia deixar meu medo de inadequação me manter congelado, onde estive, onde nos mantive, ou poderia viver com *você* em toda a minha imperfeição, confiando em você com esse medo. Depois de entender isso, foi a decisão mais fácil que já tomei, porque apenas uma dessas opções me permite amar você do jeito que quero, e tudo que quero fazer é amar você. Então... estou aqui para te dizer que todos aqueles medos que já compartilhei com você antes, que estou compartilhando com você agora, eles estão aqui, mas não podem mais se interpor entre nós. Enfrentarei esses medos todos os dias para poder amá-la, para trabalhar para ser digno do seu amor.

"Porque *eu* te amo, Ziggy, mais do que jamais acreditei que pudesse amar qualquer coisa ou alguém. Porque se você ao menos me amasse pelo resto da minha existência, isso seria mais do que suficiente – além dos meus sonhos e esperanças mais loucos. Eu não estou consertado. Eu não sou perfeito. Mas eu te amo com todo o meu coração, Ziggy, com cada parte quebrada que estou juntando novamente. Eu espero... se

você não amar agora, que, um dia, você possa me amar do jeito que eu te amo, mas se você não amar, se você não puder...”

— Sebastian. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Lentamente, seguro seu rosto, meus polegares acariciando as linhas onde nenhuma covinha aparece, mas elas aparecerão, se eu tiver algo a dizer sobre isso. — Eu te amo. Eu te amei de tantas maneiras diferentes desde que você disse sim ao meu esquema estúpido e me mostrou de tantas maneiras pequenas e lindas que você enxergou a pessoa corajosa dentro de mim que eu estava aprendendo a ver, amar e ouvir, desde então você corajosamente se abriu e me deixou entrar e pegou minha mão na sua. Eu te amei, e não vou deixar de te amar. Quero amá-lo como meu amigo, como meu parceiro, como alguém com quem vou descobrir as possibilidades da vida – dentro de nós e por este mundo selvagem e vasto.

“Eu sei que sou pateta e meio chorona e extremamente apegada a personagens fictícios, e nem sempre pensei que haveria alguém que pudesse querer e valorizar esses cantos estranhos e sensíveis meus, mas você quer. Você me mostrou isso, porque é assim que você ama – demonstrando –, e se eu passar o tempo que for, experimentando esse amor, mostrando a você o meu amor também, serei a mulher mais sortuda que existe.”

Sebastian olha para mim, piscando para afastar a umidade em seus olhos, antes que aquele sorriso que eu estava esperan-

do se mostre – o sorriso largo e brilhante, com covinhas longas e profundas. Eu traço meus polegares por suas bochechas.

— Eu te amo, meu doce amigo. Meu Sebastian.

Ele pressiona sua testa na minha e respira fundo, suas mãos subindo pelas minhas costas enquanto ele me puxa para perto. O vento aumenta, agitando meu cabelo ao nosso redor, fazendo-o rir. Flores nevadas caem sobre nós, fazendo-me rir também.

Sob aquela árvore, minha árvore, minha árvore de desejo, esperança, adorável demais para meu coração aguentar, coloco minha mão sobre o coração dele – aquele que eu nunca em um milhão de anos poderia ter sonhado em ter para mim.

Sua boca roça a minha, suave, lenta. Eu respiro quando ele me puxa para perto, enquanto eu envolvo meus braços em volta de seu pescoço, balançando-nos de um lado para o outro.

— Então. — Sebastian sorri em nosso beijo.

Eu sorrio de volta.

— Então.

— O que você acha de me mostrar aquele seu Chalé com formato de A, afinal?

Minha família é um bando de intrometidos arrogantes. Mas desta vez, não estou brava com isso. Porque desta vez, significa

que tenho Sebastian e o Chalé com formato de A, só para mim. Pelo resto do dia e durante esta noite, pelo menos. Isso é o que eu preciso. Só nós dois, aqui. Finalmente.

Sebastian se senta à minha frente, de frente à lareira, que acendi porque ele me pediu, acho que principalmente para que ele pudesse olhar para minha bunda enquanto eu acendia, enquanto comia um sanduíche. Seu *segundo*. O pão grosso, macio e sem glúten que realmente tem um gosto bom, alface crocante, mostarda Dijon, maionese e salada de frango feita com as primeiras ervas da primavera que Rooney trouxe à vida ao longo dos anos nos vasos externos na varanda lá de trás.

Suspiro e afasto meu prato quase vazio, cheia demais para outra mordida. Sebastian olha para o meu prato, mastiga e depois engole.

— Você vai terminar isso?

Eu sorrio, empurrando o prato em sua direção.

— Vá em frente, *älskade*.

Ele faz uma pausa, coloca o sanduíche a meio caminho da boca, então o abaixa.

— O que isso significa? Ren chama Frankie assim.

Um rubor quente atinge minhas bochechas. Eu não queria dizer isso, só pensava nisso toda vez que olhava para ele, durante meses. É uma maravilha que eu não tenha dito isso antes.

Eu cutuco seu quadril com o dedo do pé e sorrio, um pouco envergonhada, muito apaixonada.

— Significa “amado”.

Ele olha para mim daquele jeito que ele tem olhado, que notei algumas vezes, mas disse a mim mesma que estava lendo demais entre as linhas, no meu jeito hiperativo-imaginativo de leitora de romance – com aqueles olhos cinzas com cílios escuros, quentes e famintos. Sebastian coloca o prato na mesa com um estrondo.

— Não estou mais com fome.

— Tem certeza? Você estava com muita fome.

— Eu estava. — Ele pega meu braço e me puxa para ele. — Eu estou.

Eu rastejo sobre seu colo e me acomodo, colocando minhas mãos em seus ombros. Ele olha para mim, me dando aquele cabelo escuro rebelde para passar os dedos.

— Ziggy.

— Hum? — A luz recai sobre seu pomo de Adão quando ele se mexe em sua garganta. Eu me inclino e o beijo também.

Ele engole em seco novamente, suas mãos envolvendo minha cintura, descendo sobre minha bunda.

— Estou nervoso.

Eu me afasto, então inclino minha cabeça.

— Sobre o quê, Sebastian?

— Fazer amor. Eu nunca fiz isso. Eu tive uma tonelada de merda de sexo. Nenhum deles sóbrio. Nunca com alguém que eu amava. Estou... meio que pirando. Mas a única coisa que não me impede é que estou lidando com um caso de oito me-

ses de bolas azuis que podem me fazer perder a cabeça se eu não fizer algo a respeito. — Ele sorri quando eu rio, dentes brilhantes, olhos enrugados, tão satisfeito por ter me agradado. — E... você sabe, toda a parte de querer fazer amor com você. Esse é um grande incentivo para superar meu medo também.

Eu afasto aquelas ondas escuras, traço meu dedo ao longo de sua mandíbula, sobre sua covinha no queixo.

— Boop.

Ele estreita os olhos para mim.

— Você e eu — eu sussurro, antes de beijar sua mandíbula, sua bochecha, a cicatriz em sua sobrancelha esquerda —, nós vamos descobrir isso *juntos*. Eu estou nervosa. Você está nervoso. Estaremos nervosos juntos. Vamos nos tocar e tentar, e, com sorte, rir um pouco, então seremos nós, juntos, da maneira que parecer certa. Isso vai ser lindo. Isso será... mais do que suficiente.

Suas mãos sobem pelas minhas costas. Seus quadris se movem debaixo de mim.

— Acho que devemos descobrir juntos, então.

Eu rio baixinho, então me inclino para mais um beijo lento e saboroso.

— Eu também acho.

Sebastian se inclina para perto, beijando-me mais forte, com as mãos apertadas em meus quadris. Eu pressiono minhas coxas em sua cintura, movendo-me mais perto, contra ele. Ele suspira quando eu faço isso, um sorriso levantando sua boca.

— Você vai abalar meu mundo, não é? — Ele murmura.

— Esse é o plano.

— Excelente.

Eu guincho quando ele nos levanta, me levando até o sofá, através do piso de madeira quente que a luz do sol pinta de dourado e brilhante. Gentilmente, ele me deita, então rasteja sobre mim, pressionando seu corpo no meu.

— Gostei do que fizemos na livraria — diz ele calmamente.

Eu sorrio para ele.

— Eu também.

— Então, novamente, eu vou gostar de tudo com você.

— Por que isso?

— Porque é você, bobinha. — Ele beija meu pescoço, depois inspira. — Deus, você cheira tão bem, Ziggy. Preciso de um frasquinho do seu perfume para poder levar comigo quando estiver na estrada.

Eu sorrio, beijando seu cabelo, passando minhas mãos pelos músculos duros e flexionados de suas costas.

— É só sabonete e minha pele.

— Droga. Bem, acho que terei que levar você comigo aonde quer que eu vá, então. Não há nada a fazer sobre isso.

Ele rasteja de volta pelo meu corpo e me beija, profundo e faminto, seus quadris se movendo contra os meus.

— Sebastian.

— Hum?

— Eu quero ficar nua. Eu quero que você fique nu também.

Ele se afasta tão rápido que eu rio, arrancando sua camisa, revelando este corpo que eu vi curar e se fortalecer, cujas marcas misteriosas eu vou aprender com o tempo, com a ponta do meu dedo traçando em sua pele.

Eu alcanço o botão do jeans e o abro, então puxo o zíper para baixo. Sebastian respira com dificuldade como eu, quando me sento e o puxo para baixo com sua cueca. Ele levanta o quadril apenas o tempo suficiente para eu arrastá-los até os tornozelos, e então tirá-los por completo. Ele me puxa para ficar de pé e estende a mão para o meu vestido, em seguida, levanta-o sobre a minha cabeça.

— Sem calcinha — ele diz asperamente. — Ou sutiã.

— O tecido infernal — murmuro enquanto ele cai de joelhos.

Gentilmente, ele beija minhas coxas.

— Há muito tempo eu queria fazer isso, Ziggy.

Eu deslizo minhas mãos em seu cabelo, olhando para ele enquanto ele olha para mim.

— Eu queria que você fizesse isso também.

Lentamente, ele desliza os dedos entre as minhas pernas. Um suspiro sai dele, antes que ele se incline.

— Posso?

Eu concordo.

— Sim.

Sua boca é macia, procurando, seus dedos me provocando, se curvando por dentro. Eu arqueio, enterrando minhas mãos em seu cabelo enquanto ele me lambe, rápido e habilmente, aprendendo a recuar quando eu me afasto, quando é demais, como girar e sacudir enquanto seus dedos trabalham dentro de mim.

— Sebastian — eu suspiro.

Ele geme, trazendo uma mão até meu estômago, pesando meu peito em sua mão. Seu polegar aperta o meu mamilo e eu grito.

— Não pare. Não pare — eu imploro.

Ele enterra seu rosto contra mim, sem pressa, trabalhando seus dedos com mais força, até que o orgasmo finalmente me atinge, uma enxurrada pulsante e abrasadora que varre através de mim, me faz curvar para trás e gritar seu nome.

Eu desabo muito desajeitadamente no sofá e Sebastian se inclina sobre mim, olhos nebulosos, pupilas dilatadas.

— Vamos fazer isso de novo — ele murmura, beijando meu estômago, em seguida, descendo.

— Nem pense nisso! — Eu ri. — Suba aqui.

Ele rasteja na minha direção e me beija, rindo em minha boca enquanto eu o puxo para mais perto e rosno de brincadeira, quando ele faz um movimento como se fosse rastejar para longe novamente.

Acomodando-se no sofá, que é profundo e aconchegante, um algodão desbotado e gasto macio contra nossa pele, ele se

deita ao meu lado, esticado. Seus olhos dançam pelo meu corpo, suas mãos trilhando suavemente em seu rastro, um olhar maravilhado pintando seu rosto.

— Ziggy, como você é tão linda?

Eu coro, quente e rápido, e sorrio, meus dedos deslizando por seu peito largo, a borboleta sobre seu coração, as flores e constelações costuradas em sua pele.

— Eu estava pensando a mesma coisa sobre você.

— Todas essas sardas — ele diz baixinho, a ponta do dedo traçando-as, conectando os pontos sobre meus ombros, descendo pelo meu peito, até a borda dos meus seios, onde elas desaparecem. Eu arqueio para ele quando seus dedos roçam meu mamilo.

Eu descanso minha mão em seu ombro, deslizando para baixo, minhas pontas dos dedos fazendo sua própria jornada, sobre planetas e palavras espalhadas, livros abertos e símbolos antigos, criaturas torturadas e asas de anjos, pássaros voando e vasos quebrados, caindo de lado...

— Quero aprender sobre elas.

— Eu vou te contar — diz ele. — Só... não agora, se estiver tudo bem?

Eu aceno, enquanto mantenho meus olhos fixos nos seus.

— Agora não.

— Quero tocar em você de novo, Ziggy.

Eu sorrio.

— Eu quero isso também.

Suavemente, Sebastian desce a mão sobre um seio, depois o outro, levantando cada um suavemente, provocando meus mamilos. Eu suspiro em seu beijo, esfregando minhas coxas juntas. Gentilmente, ele arrasta os nós dos dedos pelo meu estômago, então espalha sua mão sobre meu quadril, separando minhas coxas. Seus dedos mergulham em meus cachos, sobre meu clitóris, que pulsa continuamente. Ele acaricia enquanto me observa, leve e terno, então começa a girar em círculos suaves e lentos, cada vez mais para baixo, assim como aprendeu com a língua.

— Assim? — Ele pergunta.

Eu concordo.

— Sim. Assim. — Um suspiro sai de mim, então outra respiração rápida e dolorida.

— Seus sons — ele sussurra. Seus olhos se fecham, sua testa pressionada na minha. — Até os sons que você faz são lindos.

Eu ofego quando ele mergulha seus dedos dentro de mim, onde já estou tão molhada, tão primorosamente perto de gozar, então os arrasta de volta para cima, circulando meu clitóris suavemente. Eu gemo e arqueio meus quadris, jogando minha cabeça para trás enquanto ele enrola um dedo dentro e acaricia em mim, outro juntando-se a ele, esfregando meu ponto G. Ele coloca o polegar sobre meu clitóris e o circula com firmeza.

Eu o encaro, sorrindo, querendo, finalmente livre para ceder.

Prazer me percorre, bem no fundo, onde ele acaricia, através do meu clitóris, onde ele o circunda, sobre minha boca enquanto ela se move com a dele, através das pontas dos meus seios enquanto roçam contra seu peito duro.

Com a próxima estocada de seus dedos, o rebolado de meus quadris, a crescente onda de prazer atinge o ápice e me alcança. Eu arqueio para ele em um suspiro rouco, tremendo enquanto ele continua, enquanto ele sussurra contra meus lábios, me beija.

— Dentro de mim — eu imploro. — Eu quero você... se você quiser...

— Eu quero — ele murmura. — Preservativos?

— Testada e resultado negativo. Usando pílula.

— Testado e negativo também — diz ele, rindo enquanto começo a puxar ele para mim, incitando-o a ficar por cima de mim. — Você está realmente ansiosa, não é?

— Cristo, Sebastian, você não?

— Não. — Ele acena com a mão de brincadeira, enquanto seu pau latejante e duro bate na minha coxa. — De jeito nenhum.

Eu rio e o puxo para perto. Eu levanto meu dedo até sua boca. Ele olha para mim e abre os lábios. Eu coloco meu dedo dentro, e ele chupa, lambendo.

— Um garoto tão bom.

Seu pau se contrai forte contra mim.

— Porra — ele geme enquanto eu puxo meu dedo, molhado e pingando, então esfrego sobre minha entrada, adicionando umidade que eu realmente não preciso, mas quero ter certeza de que será suave e fácil.

Olhando para baixo para seu belo comprimento, grosso e duro, então para ele, encontrando aqueles olhos amáveis e familiares, eu o guio para dentro de mim. Suspiro quando ele balança contra mim, em estocadas lentas e rasas que se tornam um pouco mais profundas a cada vez, seus olhos procurando os meus.

— Meu Deus, Ziggy. — Ele range os dentes. — Deus, você é tão boa.

Um gemido sai de mim quando ele acaricia um ponto que é tão delicadamente sensível que faz meus dedos se curvarem. Gentilmente, ele me vira para ele, então estou aninhada de lado contra o sofá, minha perna sobre seu quadril.

— Está tudo bem? — Ele pergunta.

Eu concordo.

— Muito bem.

Sebastian suspira enquanto volta para mim, seus olhos procurando os meus.

— Você parece um maldito sonho.

Eu sorrio trêmula, envolvendo meu braço em torno dele, puxando-o para perto.

— Você também.

Traçando minha mão por seu quadril, até seu traseiro, eu me lembro do que vi naquela mesinha de cabeceira na noite da arrecadação de fundos do rinque de patinação. Eu sei para que serve. Eu não posso tocá-lo bem agora, dada a nossa posição, mas posso provocá-lo. Se ele quiser que eu faça.

Ele acena com a cabeça quando me aproximo.

— Eu gosto disso — diz ele.

Eu levo dois dedos à sua boca desta vez, e ele chupa, segurando meus olhos enquanto rola seus quadris em mim. Estendo a mão em torno dele, apreciando completamente o presente de membros longos enquanto nos enroscamos e nos movemos, sorrindo e beijando, suspirando, quebrados por risos e suspiros de prazer. Eu o esfrego, bem atrás de onde ele está duro e contraído, então mais para trás, suas pernas tremendo enquanto ele se move comigo.

— Ziggy — ele respira. — Eu não vou durar.

Eu o beijo.

— Eu não quero que você dure.

— Rude — ele sussurra.

Eu solto uma risada, mas então minha risada se torna um gemido quando ele agarra meu quadril e mete mais fundo em mim, forte e rápido.

— Goza comigo — ele implora. — Por favor, Ziggy. Eu preciso de você.

Meus olhos começam a se fechar, mas eu os forço a ficarem abertos para olhar para ele, enquanto ele se move mais rápido, os olhos fixos nos meus.

— Ziggy.

— Sebastian. — Eu respiro seu nome enquanto seus quadris vacilam, enquanto ele me pressiona contra o sofá e me beija freneticamente. Sua boca se abre em nosso beijo, enquanto ele se derrama em mim, enquanto ele se pressiona profundamente dentro de mim de novo, e de novo. Em outro golpe vacilante e desvanecido, eu finalmente vou com ele também, ansiando em voz alta, enrolada nele enquanto me tortura.

Ele se move para dentro de mim ainda, mais devagar, gentilmente. Ofegante, eu o puxo para perto e deslizo de costas para baixo dele. Sebastian recai sobre mim, pesado e quente, e deixa cair o rosto no meu pescoço, seu hálito quente soprando em minha pele.

Seu peito arfa. O meu também. Ele desajeitadamente se apoia em um cotovelo e traz os dedos para o meu cabelo emaranhado, alisando-o para trás do meu rosto. Então, docemente, ele inclina a cabeça e me beija.

— Você... isso... muito bom. — Ele suspira e geme enquanto fecha os olhos. — O que são palavras? Eu costumava usá-las.

— Eu tenho algumas. — Eu sorrio e esfrego o nariz no dele. — Eu te amo.

— Eu tenho essas também — ele diz baixinho, enquanto abre os olhos novamente e olha para mim, bem no fundo de mim, os dedos deslizando pelo meu cabelo. — Eu te amo Sigrid. Muito.

— Não "muitão"?

Ele sorri e acaricia meu nariz também.

— Não tenho essa palavra.

32

SEBASTIAN

Música da Playlist: "Share Your Address", Ben Platt

— Sebastian — Ziggy geme, o rosto esmagado em uma almofada do sofá. Ela pega outra almofada que roubamos do sofá e me bate com ela. — Me deixa, garoto.

Eu beijo suas costas, sarda após sarda, sorrindo contra sua pele.

— Sigrid. Deixei você dormir por três horas.

Ela geme de novo, se virando e se espreguiçando. Sua carranca para mim é adorável. Beijo a parte da sua bochecha amassada pela almofada e uma sarda em seu nariz que perdi na minha última passagem.

— Você fica fofa quando está irritada.

— Você não vai dizer isso quando estiver morto — ela murmura, rolando para o lado. Eu beijo seu ombro, sua cintura, sua bunda.

Sua bunda linda e redonda. Eu aperto e mordo suavemente.

Ziggy grita, depois olha por cima do ombro, com os olhos arregalados. Um sorriso aquecido levanta seu rosto.

— O que você está fazendo?

— Saboreando você. Tenho muito tempo para compensar, Sigrid. Você tem que entender.

Seu sorriso se aprofunda quando ela cai de costas e abre os braços. Eu rastejo sobre ela e a beijo, devagar e profundamente. Meu pau se esfrega contra ela e eu gemo, expirando lentamente.

— Eu posso deixar você dormir mais se você realmente quiser.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Diz ele, *depois* que ele me acorda.

— Progresso, não perfeição, Sigrid. Sou um homem em uma jornada de crescimento. Tenha paciência comigo.

Ela ri, balançando a cabeça.

— Você tem sorte que eu te amo.

— Sim, eu tenho.

Sua risada desaparece, mas seu sorriso não. Eu a encaro, seu lindo cabelo de fogo brilhante como as chamas ao nosso lado, a luz dançando em sua pele, a única luz que resta neste dia enquanto a noite nos envolve.

Ziggy se estica sobre os cobertores e almofadas que jogamos na frente do fogo, depois leva as mãos ao meu rosto. Lentamente, ela passa os dedos pelo meu cabelo. E então ela se senta, as pernas entrelaçadas com as minhas, e me beija. Seus olhos procuram os meus, seu sorriso se aprofundando.

E então ela me empurra de costas.

Eu olho para ela enquanto ela passa uma perna sobre o meu tronco, então se acomoda, montando em mim bem sobre o meu pau dolorido. O ar sai de mim e meus quadris se movem reflexivamente sob ela.

— Sebastian — diz ela com firmeza, arqueando uma sobrancelha. — Seja um bom menino.

Eu sorrio e incisivamente movo meus quadris embaixo dela.

— Impertinente — ela murmura, inclinando-se sobre mim e prendendo meus pulsos acima da minha cabeça no chão. Isso faz seus seios ficarem bem na minha cara. Eu os beijo, dando uma chupada suave e amorosa em cada um de seus mamilos. Ela morde o lábio e se esfrega contra o meu comprimento. Eu persigo a fricção, o prazer vertiginoso disso, movendo meus quadris para que meu pau fique apertado contra ela. Ela engasga contra o nosso beijo.

— Estou em apuros agora?

— Ooh sim. — Ela agarra minha mandíbula, beijando-me forte e profundamente, um pequeno puxão do meu lábio entre os dentes que faz o ar sair de mim.

A mão de Ziggy desce pela minha garganta, sentindo o som que ressoa sob seu toque. Gentilmente, ela aperta, fazendo-me jogar a cabeça para trás. Eu agarro seus quadris.

— Por favor, Ziggy.

Ela aperta com mais força, deixando-me perigosamente perto de explodir com apenas algumas fricções em mim, o

que, considerando como foi as últimas vezes, não é inédito, e não me envergonho disso. Minha namorada é muito boa em tudo o que ela decide fazer, e ela certamente decidiu isso.

Ziggy levanta seus quadris, agarra meu pau com força na base, me fazendo ofegar enquanto ela me empurra para dentro onde ela está quente e molhada e tão malditamente apertada que faz meus molares estalarem juntos.

— Porra — eu gemo.

— Olha a boca. — Ela dá um tapa na minha bunda e então desce, rápida e eficiente. É uma experiência de quase morte.

— *Ah*, merda. Jesus Cristo, Ziggy.

— Impertinente, impertinente. — Ela sorri contra o nosso beijo, então beija meu queixo enquanto gira os quadris, rápido e profundo, tão malditamente bem, que depois de apenas alguns minutos, meus joelhos dobram e eu agarro seus quadris, desesperado com a necessidade de fodê-la.

— Nuh-uh. — Ela pega minhas mãos e as coloca sobre minha cabeça novamente, inclinando-se sobre mim.

— Ziggy — eu gemo, arqueando meus quadris. — Eu tenho que gozar.

— Quem disse?

— *Eu.*

Ela sorri.

— Ainda não, Sebastian.

Eu gemo quando ela desliza a mão na minha garganta novamente e pressiona do jeito que eu mostrei a ela que eu gosto.

— Ziggy, eu não posso...

Ela para, mantendo os quadris imóveis.

Eu ofego, meus quadris pulsando enquanto ela se inclina e morde suavemente seu caminho através das tatuagens do meu peito, sobre meus mamilos.

— Eu disse ainda não, Sebastian.

Um gemido quebrado me deixa, enquanto eu pulso dentro dela, tão perto de gozar, tão desesperado por isso. Eu amo como ela é boa em me fazer esperar, e também estou prestes a não conseguir me segurar.

— Vai ter troco depois disso.

Ela sorri contra a minha pele, então gira suavemente os quadris, uma teste de provocação que me deixa excitado.

Eu suspiro, lutando contra o chão, empurrando contra a mão dela que ainda segura meu pulso. Ela se solta e está totalmente preparada para o que vem a seguir. Virando-a de costas, eu afundo nela, com estocadas duras, rápidas e frenéticas dos meus quadris.

Ziggy bate com as mãos na minha bunda, puxando-me com força para ela antes de passar os dedos pelas minhas costas até meu cabelo e puxar com força. Seu corpo aperta em torno do meu, apertos rítmicos e firmes enquanto ela joga a cabeça para trás. Eu enterro meu rosto em seu pescoço e grito seu nome enquanto eu entro nela e gozo, tanto, que perco minha visão por alguns segundos, estrelas escuras e brilhantes que desaparecem quando eu pisco atordoado, olhando para ela.

O peito de Ziggy arfa, seu cabelo despenteado e emaranhado nos cobertores enquanto ela balança a cabeça, atordoada.

— Isso... — Ela diz. — Foi... Palavras. Eu as conheço. Só preciso de um minuto.

— E ela diz que é a campeã de Scrabble. — Sou cutucado na cintura. Eu agarro sua mão e a prendo de volta, então coloco meu peso sobre ela, beijando-a doce e lentamente. — Amanhã, você vai levar uma surra no Scrabble, Sigrid.

Ela revira os olhos.

— Continue sonhando, Sebastian. Continue sonhando. E além disso, é *hoje*. — Ela aponta para o relógio sobre o forno. A família dela estará aqui às dez em ponto. Ziggy me avisou que se Elin Bergman disser que estará em algum lugar naquele horário, ela estará lá naquele horário, então não haverá erro.

Eu gemo, deixando cair minha cabeça em seu pescoço novamente.

— Ok. Talvez devêssemos finalmente dormir um pouco.

— Você acha?

Eu bocejo alto, então me enrolo em torno dela, enterrando meu rosto em seu pescoço. Acho que vou dormir assim. Ziggy é extremamente aconchegante.

— Definimos um alarme? — Eu pergunto através de outro bocejo.

Os dedos de Ziggy penteiam meu cabelo.

— Eu o faria, exceto que tenho noventa quilos de um Sebastian grande, suado e sexy sobre mim.

Eu sorrio.

— Esse sou eu.

Ela bufa.

— Vai ficar tudo bem. Eu nunca durmo tarde. Vamos acordar com tempo de sobra ainda.

Não acordamos com tempo de sobra. De forma alguma.

O som de pés caminhando pesadamente até a varanda, vozes ecoando quando uma chave desliza na fechadura, nos desperta. Os olhos de Ziggy se abrem ao mesmo tempo que os meus. Por um momento, compartilhamos um olhar mútuo de puro e simples pânico. Porém, mesmo enquanto subimos as escadas com nossas bundas nuas, correndo para nos proteger, estou mais feliz do que nunca.

Não há ninguém com quem eu prefira entrar de cabeça no próximo momento selvagem e incerto da vida do que a mulher que segura minha mão.

33

ZIGGY

Música da Playlist: "It's a Wonderful World", Peggy Lee

— Ziggy estrelinha. — Meu pai envolve o braço em volta do meu ombro, puxando-me para perto, e pressiona um beijo em minha têmpora.

— Oi, papai. — Coloco a mão em suas costas e sorrio para ele. — Pegou o suficiente para comer?

Ele me dá uma olhada.

— Você sabe que sim. Sua mãe tem um forte impulso de cozinhar demais, e eu simplesmente não posso desperdiçar isso.

— Há muitas bocas para alimentar — ressalto. Meu olhar percorre a varanda na parte de trás do Chalé com formato de A enquanto o pôr-do-sol se derrama sobre ele, em seu brilho delicioso e caseiro. A ninhada dos Bergman, e até a doce Charlie, que finalmente deu o braço a torcer a Sebastian, enchem a varanda até a borda com cadeiras, entre a mesa ao ar livre, comendo, conversando, rindo. Alguns de nós lotamos o quintal também, chutando uma bola de futebol, jogando bolas de bocha.

Meu pai sorri, apertando meu ombro mais uma vez e depois me soltando. Colocando as mãos nos bolsos, ele muda o

peso da perna amputada e da prótese. A esta altura eu já sei que é melhor não perguntar se ele quer se sentar. Ele vai sentar se precisar, e permanecerá em pé se não.

— Então, minha astuta filha mais nova...

— *Eu* sou astuta? — Eu levanto minhas sobrancelhas. — Vocês, pessoas intrometidas, foram os que nos prepararam para nosso momento no Chalé com formato de A... um a um.

Eu coro espetacularmente quando meu pai tosse em seu punho, sorrindo. Ele está corando também.

— Bem, Sigrid, foi tudo ideia da sua mãe. Ela disse que às vezes as pessoas precisam de tempo para recobrar o bom senso, mas, às vezes, precisam que o tempo os faça recobrar o bom senso.

Eu ri.

— Soa como minha mãe.

Como se tivesse notado que estamos falando dela, minha mãe olha por cima do ombro e estreita os olhos de um modo brincalhão. Meu pai sorri para ela de um jeito que faz minha mãe sorrir tortuosamente, então se vira para onde ela está sentada ao lado de Rooney, do lado oposto, depois para Frankie do outro lado, relaxando como uma rainha na parte da poltrona, a lata de refrigerante-de-raiz apoiada em sua grande barriga enquanto ela bebe de um canudo gigante.

Vou ser tia novamente daqui a um mês e mal posso esperar. O vômito espetacular de Frankie no jogo da pré-temporada sobre o qual Sebastian me contou, e seu comentário estranho

e seios fantásticos no Halloween fizeram muito mais sentido quando ela e Ren nos contaram a boa notícia: o bebê Zeferino-Bergman está a caminho, em maio.

— Eu gosto muito dele — meu pai diz, quebrando meus pensamentos. — Ele é um bom homem.

Eu olho para meu pai e bato meu ombro com o dele, então olho para o quintal, onde, ao lado de um Ren sorridente, Sebastian está, lindo em uma camiseta cinza suave, um par de shorts de cambraia que abraçam sua bunda fantástica, jogando suavemente uma bocha. Ele está usando um boné azul, puxado para baixo sobre seu cabelo escuro, cujo estado desgrenhado eu sou totalmente responsável. Ele me observa, olhos cinzentos penetrantes e adoráveis, um sorriso satisfeito e faminto aquecendo seu rosto. Eu estou com o mesmo sorriso estampado.

— Eu sei que ele é — eu digo ao meu pai. — Mas... não *muito* bom.

Meu pai me dá um sorriso conspiratório.

— Que graça teria se ele fosse?

— Exato.

— Além disso, ele nunca sobreviveria na família Bergman, se fosse. — Papai acena para o quintal, onde Sebastian está agora em uma chave de braço mútua com Viggo, que solta uma gargalhada enquanto Sebastian acerta seu ponto de cócegas. Ambos caem na grama.

— Tia Ziggy! — Linnie puxa meu vestido de verão macio balançando acima dos meus joelhos.

Eu me agacho para encontrar seus olhos.

— Linnie, o que foi?

— Eu quero música. — Ela salta para cima e para baixo. — Música de swing.

— Oooh. — Eu levanto minhas sobrancelhas. — Música de swing?

— Sim! — Ela grita. — Você pode me girar.

— Eu ficaria honrada. Me dê um segundo.

Correndo pela varanda, pego meu telefone, que está sincronizado com os alto-falantes montados ao nosso redor, e escolho a música favorita de Linnie, rápida e feliz, porém, qual música de swing, não é?

Quando os compassos iniciais atingem o ar, Linnie corre em minha direção e eu a levanto, ganhando sua risada radiante e estridente.

— De novo, tia Ziggy!

— O básico, primeiro! — Eu a coloco no chão e seguro sua mão enquanto fazemos os passos que ensinei a ela

— Passo triplo — ela grita, movendo-se para a minha direita, depois para a minha esquerda. — E passo triplo *de novo*!

Eu rio. Sou sensível a barulho, mas adoro como essa garotinha é barulhenta, sua alegria desenfreada. Espero que ela nunca a perca. Vou fazer tudo o que puder para garantir que ela não perca essa alegria.

— Passo de pedra! — Ela grita, pulando para trás, depois para a frente.

— Ei. — Sebastian sobe correndo as escadas para a varanda, girando seu boné para trás para que ele possa nos ver mais facilmente. — Quem vai dançar swing sem mim?

Linnie olha boquiaberta para ele.

— Encrenca, *você* conhece a dança swing?

— Eu conheço — diz ele.

Eu também olho boquiaberta para ele.

— O quê? — Ele me dá um olhar tímido, então abaixa a voz, inclinando-se. — Você disse que adorava dançar swing. Isso envolveria eu te tocar muito. Assisti a alguns vídeos quando estava em hotéis para jogos fora de casa, porque com certeza estaria preparado para dançar swing se você me pedisse. Eu até tinha planos de convidar *você* para dançar swing, mas esta maldita temporada de hóquei me atrapalhou.

— Bem — eu suspiro sonhadoramente —, você tem um tempinho até voltar para os playoffs. Acho que posso aceitar sua oferta até lá.

Sebastian me dá um sorriso lento e conhecedor, enquanto desliza a mão pelas minhas costas e me puxa para perto.

— Sigrid. Eu pretendo dançar com você por muito mais tempo do que isso.

Enquanto a música da big band aumenta nos alto-falantes, eu sorrio para ele e pego sua mão com a minha.

— Que perfeito. — Eu roubo um beijo, então me deixo girar, livre e segura em seus braços. — Esse era o meu plano também.

O FIM

A história de Seb e Ziggy acabou, mas não se preocupe – você os verá novamente na parte final da série Bergman Brothers, na qual nosso romântico obstinado e amado demônio do caos, Viggo Bergman, finalmente terá seu feliz para sempre, em 2024!